



Nas Asas do Amanhã

Conseguirão encontrar a coragem
de que precisam para enfrentar os seus desafios?



ASAS DE GLÓRIA
LIVRO 3



SARAH
SUNDIN

Ficha Técnica

Título original: Blue Skies Tomorrow

Título: Nas Asas do Amanhã

Autor: Sarah Sundin

Tradução: Dina Antunes

Revisão: Domingas Cruz

Capa: Maria Manuel Lacerda/Oficina do Livro, Lda.

ISBN: 9789897260445

QUINTA ESSÊNCIA

uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Sarah Sundin, 2011

Publicado originalmente em inglês

com o título Blue Skies Tomorrow por Revell,

uma divisão de Baker Publishing Group, Grand Rapids,

Michigan, 49516, EUA.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leva.com

www.quintaessencia.com.pt

www.leva.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico

Em memória dos meus avós. Frederick Stewart, que prestou serviço como ajudante de farmácia na Marinha dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, e Lucille Stewart, que criou o meu pai sozinha e sem a ajuda de máquinas de lavar ou secar roupa. Foi gente como eles que deu nome à Geração Grandiosa.

Antioch, Califórnia

Q uarta-feira, 1 de março de 1944

Helen Carlisle subiu a G Street, tendo o cuidado de manter uma expressão pesarosa. Havia dias em que a representação da dor era mais fácil que noutros, mas era sempre necessária por atenção ao filho.

Apoiou Jay-Jay, o filho de dois anos, mais acima na anca e inspirou a brisa do Delta que soprava fresca vinda da baía de São Francisco em direção ao delta do rio San Joaquin-Sacramento, purificada pela chuva e perfumada pela erva nova que crescia nas colinas.

Abriu a porta da Della's Dress Shop com um empurrão da anca e pôs a agenda na mesinha junto à porta.

Jim Carlisle sorria-lhe de uma fotografia emoldurada sobre a mesa – alto, esguio e atraente no seu uniforme azul da Marinha. O herói da cidade. Envergaria aquela farda quando o torpedo japonês atingira o seu contratorpedeiro ao largo de Guadalcanal?

Encostou os dedos aos lábios e depois ao vidro frio e ao rosto gelado de Jim. Todavia, ao esquadriñar a loja não viu sinais dos sogros. Ouviu passos oriundos da sala das traseiras e a cortina abriu-se com um silvo, por isso Helen repetiu a sua atuação, depositando outro beijo na fotografia e elevando-a à altura do filho.

– Dá um beijinho ao papá.

Jay-Jay encostou a palma da mão à boca, produzindo um som de esmagamento, e passou o beijo a um pai de que não se lembrava.

Um som de esmagamento? As bochechas de Jay-Jay estavam mais redondas que o habitual.

– Querido, o que tens na boca?

O miúdo abanou os caracóis loiros, mantendo a boca fechada.

– Deixa a mamã ver. – Helen ajoelhou-se, seguiu o rapaz no colo e abriu-lhe a boca à força. Ele gritou e agitou os braços. – Vá lá, querido.

Foi invadida por uma náusea. Havia pedaços de casca cinzenta e pegajosa na boca do filho. Colocara-o no chão por um minuto, apenas um minuto, enquanto pendurava um poster motivacional na janela da filial da Cruz Vermelha que dava conta dos progressos da campanha de recolha de fundos para o esforço de guerra.

– O que estás a fazer ao meu neto? – A voz de Della Carlisle parecia flutuar.

– Ele... ele tem um caracol na boca. – Helen tirou um lenço do bolso do vestido e arrancou os pedaços de casca, evitando os dentes brancos e afiados do filho.

– Um caracol? Valha-me Deus. A tua mãe não te deu almoço?

– Claro que dei. Uma sanduíche de pasta de presunto, uma maçã e um copo de leite.

Jay-Jay escapou-se do colo da mãe.

– Avó!

Mrs. Carlisle pegou-lhe ao colo.

– Vamos ver se a avó tem alguma coisa que os meninos gostem de comer.

Helen franziu o sobrolho e ergueu-se. Mrs. Carlisle parecia estar presente sempre que ela cometia um erro. Enrolou o lenço. Lavá-lo-ia depois do seu turno.

– Vejam só se não é o meu neto. – James Carlisle apareceu vindo do armazém com a mesma maneira de andar imponente do seu filho. Num gesto fluido, roubou Jay-Jay dos braços de Mrs. Carlisle e colocou-o às suas cavalitas. – Ora, isso só o vai fortalecer e fazer dele um homem.

Mrs. Carlisle regressou ao armazém.

Jay-Jay gritava enquanto o avô galopava e relinchava em redor de um expositor com vestidos.

Helen sorriu ao ver o carinho entre o homem e o seu homónimo.

– Mistress Carlisle já pode ir para casa almoçar. Eu fico aqui até à uma.

– Até às três.

As agendas junto à porta proclamavam os seus belos planos.

– Só posso ficar uma hora. Tenho de organizar o chá de primavera com Mistress Novak, depositar os fundos da Cruz Vermelha, levar os padrões da malha para que a Dorothy possa tricotar meias para os soldados, tenho a reunião da Cruz Vermelha Júnior às três e trinta...

Ele deixou escapar uma gargalhada.

– E eu tenho de ir cobrar a renda aos meus locatários e assistir à reunião do conselho de administração do banco. Três horas. A família está primeiro. – Soltou um resfolgo, virou costas e saiu.

Como podia ela reclamar? O sogro era o dono da casa onde habitava sem pagar renda em troca de umas quantas horas na loja todas as semanas. Para além disso, tinha um guarda-roupa bonito a preço de saldo. Abriu a caixa registadora e reorganizou o horário mentalmente. Podia encontrar-se com Dorothy e com Mrs. Novak mais para o fim do dia. Os planos para o chá não podiam esperar.

Os caracóis de Jay-Jay saltitavam enquanto o avô galopava pela loja tal como faziam quando dançava com Helen. Naquela noite, ela e Jay-Jay não teriam tempo para danças, nem para ler histórias, nem para se aninharem enquanto rezavam as orações antes de dormir.

Suspirou. Porque lhe eram tiradas todas as coisas boas da vida?

– Mamã, olha. – As gargalhadas de Jay-Jay misturaram-se com a sineta da porta.

– Pareceu-me ter-te visto entrar, Helen. – Victor Llewellyn aproximou-se do balcão num passo curto e rápido.

– Olá, Vic. Ouvi dizer que estavas na cidade. – Estendeu as mãos por cima do balcão. Ele alcançou-as, inclinou-se para a frente e beijou-a no rosto.

– Como está a minha futura mulher?

– Não faço ideia. Não a conheço. – *Oh, Deus. Porque tinha ele de começar com aquilo de novo?* Não estava nada interessada numa repetição do comportamento impertinente que sempre demonstrara na escola secundária. – Disseram-me que a Marinha te enviou para Port Chicago.

– O gabinete do promotor de justiça transformou-me em oficial de ligação. Não é um grande cargo, mas é um começo.

– Armazenam e carregam munições, não é?

– Sim. A minha função é aliviar as tensões. Os homens são todos negros e os oficiais são brancos. Já recebi muitas queixas justificáveis: poucas folgas, más condições de trabalho, colocações indevidas. Têm um licenciado a carregar munições. Se fosse branco, seria oficial. É

a nossa marinha.

Helen sorriu para Vic, cujo cabelo e olhos eram do mesmo tom castanho do iodo.

– Mas só te digo, é um trabalho entediante. – Cruzou os braços sobre o balcão e piscou o olho. – Dava-me jeito um assassínio para animar as coisas.

Ela riu. A universidade de Direito e a Marinha haviam-lhe dado mais confiança.

– Ou uma secretária – acrescentou.

– Desculpa?

– Estou autorizado a contratar um civil. Estás interessada?

– Oh, sim. Só estou envolvida com a Cruz Vermelha, com o Clube das Mulheres, com o Círculo das Senhoras, com a Cruz Vermelha Júnior e com a minha casa. Sobra-me imenso tempo.

– É pena. – A sua expressão tornou-se mais séria. – Mister Carlisle disse-te que tivemos uma conversa?

– Uma conversa? – Helen procurou o cabelo grisalho do sogro por cima dos expositores da roupa.

Mr. Carlisle aproximou-se sem o neto.

– Perguntaste-lhe?

– Ainda não. – A boca de Vic contorceu-se. – Não lhe disse?

– Pensei que tu...

Helen irritou-se.

– Dizer-me o quê? Perguntar-me o quê?

Os homens olharam para ela e depois um para o outro. Vic fez um aceno de cabeça a Mr. Carlisle.

– Devia dizer-lhe primeiro.

Mr. Carlisle olhou para Helen do cimo do seu esguio nariz, projetando o maxilar para a frente.

– Sim. Pelo bem do Jay-Jay, está na hora de pensares no teu futuro. Claro que nunca deixarás de chorar a morte de Jim... – Helen ouviu a sua deusa, baixou a cabeça, examinou as moedas da caixa registadora e deixou que os seus olhos se enchessem de lágrimas.

– Claro que não – continuou com uma voz enrouquecida e firme. – Mas já passou mais de um ano. Tens de pensar no miúdo. Ele precisa de uma presença masculina em casa. Está na altura de voltares a namorar.

Helen dardejou o sogro com o olhar. O que o levava a pensar que uma mulher de vinte e dois anos precisava de autorização? Depois teve uma sensação estranha, talvez a mesma experimentada pelos refugiados da Europa de Hitler: rejubilantes com a liberdade e ao mesmo tempo amedrontados com um mundo desconhecido.

– Desculpa, Helen. – A testa de Vic exibia um V a condizer com o seu nome. – Queria dar-te tempo para pensares sobre este assunto.

– Não faz mal. – De todas as coisas estúpidas que podia dizer, tinha de escolher logo aquela. Sim, precisava de tempo.

– E que tal sexta-feira à noite?

Helen precipitou-se para o cabide dos novos vestidos de primavera. O seu pé esquerdo vacilou, o mais fraco, atingido pela poliomielite, e recorreu ao treino de balé para o fazer comportar-se como devia ser.

– Não... não posso, Vic. Não posso.

Ele assentiu com se entendesse ao mesmo tempo que chupava os lábios por entre os dentes, amuando, como tinha feito quando ela começara a namorar com Jim.

Mrs. Carlisle apareceu na loja vinda do armazém.

– Helen, olha o que eu encontrei no outro... oh! Tenente Llewellyn, que surpresa agradável.

– Obrigado, Mistress Carlisle. Vim visitar a Helen.

– Devia mandar aquela amostra de tecido à tua mãe. Podes levar-lha, não podes? Oh, meu Deus. – O seu olhar oscilou entre o armazém e o objeto que trazia nas mãos. – Oh, meu Deus.

– Eu posso esperar. – Vic endireitou o casaco azul da farda. – O que trazia para a Helen?

– É para o livro do papá do Jay-Jay. – Afagou o objeto que trazia na mão. – Limpei o quarto do Jimmy ontem e encontrei isto no fundo da gaveta da secretária. Sabes como o Jimmy era impulsivo. Esqueceu-se dele, nunca me pediu para lho coser no uniforme.

– Sim? – Helen fez titubear a voz para igualar a da sogra.

Mrs. Carlisle levantou o queixo e entregou-lhe o objeto.

– A insígnia de escuteiro. A de competência como campista.

No quadrado de tecido via-se a tenda branca contra o fundo amarelo. Os dedos de Helen enrolaram-se em torno da cicatriz macia que lhe decorava a palma da mão direita e os seus olhos encheram-se de lágrimas.

– Era um escuteiro tão dedicado, sempre tão ativo, sempre... sempre... Tens uma fotografia do Jimmy com o uniforme de escuteiro, não tens, no livro de recortes?

Helen acenou afirmativamente com a cabeça. Por que razão as lágrimas não mitigavam aquela dor ardente? Trabalhar... precisava de trabalhar, a única cura para a fraqueza, a única cura para a dor.

– Tenho... tenho de...

– Vou indo – disse Vic. – Port Chicago está fechado. Até breve.

Com a visão enevoada, Helen contemplou o seu rosto resignado. Poderia um novo romance ajudar? Gostava de descobrir, mas não com Vic.

– Até outro dia.

*

Base Aérea de Pyote

Pyote, Texas

O tenente Raymond Novak olhou pela janela do lado direito do *cockpit* do *B-17 Fortaleza Voadora* para a lustrosa asa de alumínio que cortava o ar.

– O motor três está a arder.

– O quê? – No lugar do piloto, o tenente Flynn inclinou-se para a frente para olhar em volta de Ray. – A arder? Não vejo nada.

– É um voo de treino.

Flynn deixou cair a cabeça para trás.

– Ora, eu passei nesta matéria. Este é um voo de bombardeamento em altitude. Descolar, lançar o « pickle azul », ir para casa.

A bomba de treino pintada de azul tinha espalhado quarenta e cinco quilogramas de areia e fumo no deserto, quatrocentos e cinquenta metros mais a baixo, mas o trabalho de Ray não estava terminado. Sorriu para o seu formando.

– Esperavas um passeio no parque, era? Sem *flak*, sem caças, sem problemas?

Flynn pestanejou.

– Estamos no Texas.

– Pois estamos, e o motor três está em chamas.

Flynn proferiu um chorriho de imprecações para a máscara de oxigénio.

– Eu sei lidar com um incêndio.

– Ótimo. Então não terás quaisquer problemas – declarou num tom duro. – Em breve entrarás em combate. A minha função é preparar-te.

O rugido dos quatro motores do *Fort* não encobriera o murmúrio de Flynn:

– Um cego a guiar outro cego.

As mãos enluvadas de Ray apertaram-se em torno da alavanca de comando. Um cobarde. Era o que Flynn pensava dele, o que toda a gente pensava.

Deveria ter assumido o cargo de capelão como desejava. As asas prateadas de piloto já não transmitiam o mesmo prestígio sem as condecorações obtidas em combate. Durante quatro anos, Ray adiarda o sonho de ser pastor. Envergara o uniforme da Força Aérea do Exército, treinara centenas de pilotos e vira outros instrutores morrer de forma violenta. Mas era um cobarde porque não combatia. Tretas.

Ainda assim, que tipo de homem treinava pessoas para enfrentar situações que ele próprio nunca enfrentara? Quantos homens treinara ele para matar, para morrer?

Ray expirou profundamente. Por cada homem em combate, dezenas de outros labutavam na retaguarda. Seriam os seus trabalhos menos importantes? Seriam todos eles cobardes? Não, e ele também não o era.

Abanou a cabeça para se ver livre daquela sensação de insignificância, mas em vão. Esta persistia. Persistia sempre.

– O motor três está em chamas, Flynn. Vais perder a asa. O que tens de fazer?

*

– À vontade, tenente Novak

– Sim, senhor. – Ray sentou-se frente à secretária do seu comandante, o coronel Beckett.

O comandante puxou o casaco da farda para baixo, fechando temporariamente o espaço entre os botões de latão. Pigarreou e mexeu nuns papéis.

Ray abriu o fecho do seu blusão de aviador e observou o oficial, o cabelo escuro rarefeito, o maxilar inferior pendido, a expressão ilegível. Porque o havia mandado chamar? Talvez quisesse saber a sua opinião sobre o tenente Flynn. Os outros instrutores haviam perdido a paciência com ele.

O coronel Beckett esboçou um sorriso, boca e olhos escancarados.

– Tenho boas notícias para si.

Boas notícias? Não com aquela cara. O Dr. Jamison tinha aquela mesma expressão quando lhe comunicara que não ia terminar educação física – porque tinha a perna partida. A Dolores Eaton exibira aquela mesma cara quando dissera a Ray que não teria de suportar os seus gostos dispendiosos – porque ia devolver-lhe o anel.

Ray deixou escorregar as mãos até às coxas para agarrar os joelhos.

– Novidades?

– Sabe como vão as coisas no Comando de Treino ultimamente. Já é instrutor há muito tempo, não é?

– Sim, senhor. Há mais de quatro anos.

– Quatro anos. Quatro anos. – O coronel Beckett folheou uns quantos papéis com os seus dedos grossos. – Sim, treino avançado na Base Kelly, treino de transição para *B-17*, agora aqui na Unidade de Treino de Substitutos. Já deve estar mais do que ansioso por sair deste cargo como instrutor.

Sair? Até a guerra terminar, a única maneira de sair dali era por comportamento desonroso, inaptidão ou morte. Por muito que odiasse a vida militar, Ray preferia ficar até ao fim.

O coronel bateu com os papéis na secretária para ordenar a pilha.

– Há milhares de pilotos a regressar das suas missões de combate. Queremos usar a sua valiosa experiência.

– Sim, senhor. Alguns dão excelentes instrutores. – E outros não.

– Ainda bem que concorda. – O sorriso falso estava de volta. – Entende que o Comando de Treino exija agora que todo os instrutores de voo tenham experiência de combate.

Ray apertou as calças da farda por cima dos joelhos.

– Todos?

– É da Califórnia. De Antioch... tive de ir procurar no mapa onde ficava. Arranjei-lhe um cargo muito bem pago no Depósito Aéreo Logístico de Sacramento. Convenci o seu novo comandante a dar-lhe licenças todos os fins de semana. O que me diz? Refeições caseiras, piscar o olho à vizinha do lado?

A vizinha do lado tinha nove anos.

– O que... no depósito logístico?

– Oficial de logística. Não há melhor do que isso. Acabam-se os voos perigosos, deixa de aturar...

– Deixava de voar? Mas eu adoro voar. Adoro ensinar. Não sei nada de logística.

– Irá receber treino. Treino completo. E será bem pago.

– Logística? – Um armazém de caixas e grades, formulários para preencher em triplicado, uma montanha de papelada... nada podia ser pior.

Beckett arrumou os papéis de Ray numa pasta.

– Sejamos realistas. Só pode regressar ao Comando de Treino se fizer uma comissão de combate. E tem... quantos... trinta e um anos? Não quer ir combater.

– Não, senhor – disse Ray por entre dentes cerrados. Na verdade, o combate seria bem pior do que um armazém.

– O Comando de Treino transformou-se numa recompensa para os heróis. Não podemos ser todos heróis.

– Não, senhor. – Ray tentou proteger-se daquela ferroada. Era o único irmão Novak que não encaixava na categoria de herói. O seu irmão mais novo, Jack, pilotara um *B-17* em Pearl Harbor durante o ataque e fazia agora parte da Oitava Força Aérea, colocada em Inglaterra. O seu outro irmão mais novo, Walt, perdera um braço num combate aéreo sobre a Alemanha. E Ray? Bem, Ray escondia-se num cargo de instrutor. Não, na logística.

O coronel Beckett colocou a pasta de Ray ao canto da secretária, o seu destino resolvido.

Ray levantou-se, rodou nos calcanhares e dirigiu-se para o exterior. Retirou o seu pequeno livro de apontamentos, de capa preta, do bolso da camisa e escreveu: « Nunca sorrir ao dar más notícias.» Quiçá pudesse utilizar aquela história qualquer dia num sermão.

Levantou a cabeça para o céu de onde tinha sido expulso, e sem paraquedas. Lá no alto, as nuvens desenhavam traços no azul vivo.

– Senhor, ajuda-me a ver o lado positivo desta situação. – Precisava de ver o lado bom de tudo aquilo, mas, naquele momento, parecia-lhe tudo negro.

Antioch

Sexta-feira, 10 de março de 1944

Helen pedalava pela Sixth Street, fazendo mais força com a perna esquerda do que com a direita, castigando a esquerda pela sua fraqueza, tal como aprendera na ala de poliomielite do hospital e no estúdio de balé de Madame Ivanova.

Já tinha ido ao banco, à mercearia e ao gabinete da Cruz Vermelha. Antioch conseguira angariar apenas mil dólares para a Campanha de Recolha de Fundos para a Guerra daquele mês – estavam ainda bem longe da meta dos dez mil dólares e Helen precisava de motivar as senhoras. Ainda tinha de ir recolher as meias tricotadas por Dorothy Wayne e rever a agenda do Círculo das Senhoras com Mrs. Novak, antes de ir buscar Jay-Jay a casa da irmã.

Uma lufada de ar do Delta agitou as flores de ameixeira da árvore dos Ferguson, que ondearam em torno de Helen numa tempestade de rosa pálido. Correndo o risco de parecer tão insensível quanto Scarlett O'Hara a dançar com os seus trajos de viúva, Helen deixou que uma gargalhada brotasse lá bem do fundo do seu peito. Com a permissão dos Carlisle para namorar, talvez um dia pudesse ver-se livre das pesadas limitações da viuvez, tal como outrora se libertara do aparelho das pernas.

Claro que em tempo de guerra não havia muita escolha. Tal como dizia a canção, « Eles são demasiado novos ou demasiado velhos ». Ou eram o Victor Llewellyn.

As pétalas tocaram-lhe no rosto. Desceu uma pequena inclinação em roda livre, tirou os pés dos pedais e deixou soar outra gargalhada. Porque não? Não havia ali ninguém que a pudesse ouvir.

– Está um belo dia.

Helen recuperou a concentração. Do outro lado da rua, um oficial do Exército caminhava pelo passeio.

Ray Novak tocou no boné que lhe cobria o cabelo negro.

– Olá, Helen.

– Olá. – Tirou uma mão do guiador. Deveria acenar? Fazer continência?

A roda da bicicleta oscilou. Não, devia guiar a direito.

Helen procurou os pedais e o guiador, mas o céu e os ramos e o asfalto rodopiaram em redor. A sua perna esquerda cedeu – a traidora –, depois o pulso esquerdo e espalhou-se no chão. Os muitos anos de experiência impediram-na de chorar.

A coxa e desajeitada Helen,

Feia como uma pescada.

Tropeça em cabelos, cai pela escada,

A coxa e desajeitada Helen.

Gemeu, desviou o cabelo loiro dos olhos e recolocou a saia no seu lugar.

Ouviu passos que corriam em seu auxílio.

– Estás bem? – Ray afastou a bicicleta e ofereceu-lhe a sua mão.

– Estou ótima. – Quando lhe pegou na mão, uma sensação de calor percorreu-lhe o braço, uma réstia ainda daquela tola paixoneta de infância.

Já de pé, voltou a tropeçar, o sapato meio saído do pé. Ray amparou-a pelo cotovelo.

– Cuidado.

– Obrigada. – Voltou a meter o pé na alpergata e fitou-o diretamente. Que rosto tão amável, com uns invulgares olhos cinzentos, suaves como uma nuvem que se dissolve em chuva.

Aqueles olhos estreitaram-se.

– Estás magoada?

A dor no tornozelo direito indicava uma equimose e o pulso esquerdo latejava. Agitou os dedos – conseguia mexê-los bem.

– O pé está ótimo. O pulso sofreu uma entorse, mas não está partido.

Ray soltou um riso abafado.

– Falaste como a filha do doutor Jamison.

– Falei como a sua eterna doente. – Jesus, estava demasiado próxima dele. Não havia ninguém por perto, mas ainda assim recuou um pouco.

– Devia levar-te ao consultório dele. Espera, ele foi recrutado pelos Serviços Médicos do Exército, não é verdade?

– *Hum-hmm*. Foi para Washington DC. E a minha mãe foi com ele.

– E preferes o doutor Dozier ou o doutor Libbey?

– Oh, estou bem. Para além disso, tenho de terminar os meus recados, ir buscar o meu filho a casa da Betty e levar estas mercearias para casa.

– Já tivemos esta conversa uma vez. – Abriu um sorriso. – Que idade tinhas nessa altura? Dez anos?

A boca de Helen escancarou-se ligeiramente ao recordar-se do atraente rapaz universitário a carregá-la ao colo, com o tornozelo magoado, a caminho do consultório do seu pai depois de outro acidente de bicicleta. Não admirava que tivesse uma paixoneta por ele.

– Oh, não. Ainda te lembras disso?

– Claro. Como podia esquecer o dia em que levei a filha do médico ao médico? – Tirou-lhe algumas flores de ameixeira do cabelo. – E como poderei esquecer o dia em que ajudei uma rapariga bonita com flores no cabelo?

Deixou cair os ombros. Ele era tão romântico e ela uma tola desajeitada. Há séculos que não se magoava, desde a noite do casamento do George e da Betty. Quando Jim tivera a sua última licença.

Sacudi as mangas e a saia do seu fato castanho.

– Estou toda enxovalhada.

– Estás ótima.

E para desviar a atenção dele comentou:

– A tua mãe disse-me que tinhas sido transferido. Deves estar satisfeito.

Ray fez uma careta e inclinou a cabeça para um lado.

– Nem por isso. Fui colocado no pasto mais aborrecido do mundo. Não posso voar, não posso

pregar. Ainda estou à procura do lado bom.

Helen sempre apreciara o facto de Ray falar com ela como uma adulta, mesmo quando ela tinha seis anos.

– Vais encontrar. Tenho a certeza.

Atrás deles soaram latidos e rosnadelas.

Helen virou-se. Um *beagle* e um *terrier* cinzento e sarnoso puxavam cada um para seu lado por uma embalagem de papel.

– As minhas costeletas de porco!

– Ei! – Ray correu na direção dos cães, bateu com os pés e agitou os braços. – Larguem já isso!

Com um ganido, o *terrier* fugiu com a carne, o *beagle* no seu encaço.

– Rafeiros irritantes. – Ray desatou a correr atrás deles.

– Ray, para. – Helen riu, apesar da perda de duas senhas de ração. Ao menos, o valor da carne de porco tinha descido naquele mês. – Mesmo que eles largassem o pacote, eu também já não o queria.

Ele virou-se para trás, também a rir às gargalhadas.

– Sim, claro.

– Mas obrigada por tentares.

Voltou para junto dela a abanar a cabeça.

– Sempre me orgulhei das minhas capacidades como pacificador, mas os cães não escutam a voz da razão.

Helen riu e apanhou as mercearias que se haviam espalhado. Pegou numa lata quadrada.

– Ao menos deixaram o *Spam*¹.

– Não digas isso alto ou eles são bem capazes de regressar. – Levantou-lhe a bicicleta do chão e apoiou-a no descanso. – Que pena teres ficado sem a carne.

Helen apanhou a agenda do Círculo das Mulheres.

– Ainda bem. O Jay-Jay e eu não gostamos muito de costeletas.

Ray apanhou uma lata de sopa do meio da rua.

– Então porque as compraste?

– É sexta-feira.

– Sexta-feira?

– À sexta-feira é dia de costeletas de porco para os Carlisle.

Ray caminhou na direção da bicicleta a atirar a lata ao ar como se esta fosse uma bola de basebol, os seus lábios franzidos.

– A rotina é reconfortante, não é?

Ela fitou-lhe o rosto compassivo.

– Bem, sim, até é.

Ele tirou-lhe a carne enlatada e a agenda das mãos e dispô-las no cestinho da bicicleta.

– Podes não gostar de costeletas de porco, mas gostas de as comer às sextas-feiras à noite.

– Creio que sim. Nunca tinha pensado nisso.

– Para onde? – Pegou no guiador. – Eu levo a bicicleta. Não podes pedalar com o pulso nesse

estado. Para além disso, tenho de endireitar o guiador que ficou desalinhado.

– De novo? – Desenhou um pequeno sorriso.

– Bem, ao menos, desta vez o teu pai não se vai zangar contigo.

– Não, graças a Deus.

– Para onde?

Helen massajou o pulso dorido.

– Para casa, se faz favor. – Não podia incomodá-lo com os seus recados. Faria tudo mais tarde, a pé. Dorothy, Betty, Mrs. Novak. *Oh, meu Deus.* Como podia ela visitar Mrs. Novak? Não iria parecer que tinha seguido Ray?

– A casa é onde?

Ela riu.

– Desculpa. Esqueço-me que já te foste embora há algum tempo. Moro na esquina da Seventh com a D.

Ray empurrou a bicicleta pela Sixth Street.

– E tens outras rotinas?

Ela continuou pelo passeio.

– Ora, por onde deverei começar? Tenho rotinas, horários, listas. Não conseguiria fazer nada sem eles.

– És uma pessoa disciplinada.

Helen encolheu os ombros.

– A Betty diz que exagero. Diz que eu sou a Marta e ela a Maria².

Ray fez um sorriso de esquelha.

– E ela tem razão?

– Talvez. Mas sem as Martas deste mundo, nunca nada seria feito.

– Sim, isso é verdade. Se fôssemos todos como a Betty... Ela sempre me pareceu um pouco...

– Olhou para o céu como se procurasse a palavra certa por entre as nuvens.

– Irresponsável?

Ray soltou uma gargalhada.

– Safa, vocês são duras uma com a outra.

– Somos irmãs. Gostamos uma da outra.

– Isso é o mais importante, não é? As relações pessoais. O amor. – Os seus olhos precipitaram-se de um lado para o outro, depois encostou a bicicleta ao corpo e levou a mão ao bolso da camisa da farda de cor caqui. – Desculpa. Tenho de tomar nota de uma coisa.

– Não sabia que era citável.

Ele fitou-a por baixo das suas negras sobrancelhas, exibiu um pequeno esgar e escreveu no seu livro de apontamentos.

– Desculpa. É um péssimo hábito.

– Porquê? Se tens uma ideia, o melhor é tomar nota antes que a esqueças.

– São ideias para sermões. É estúpido. Pelo caminho que leva a guerra, demorará anos até que eu possa fazer um sermão.

Helen elevava-se e descia nas pontas dos pés, eram pequenos exercício de balé chamados

relevé ♦s que fortaleciam a barriga das pernas.

– Por isso mesmo é que deves anotar as tuas ideias. Tens experiências enquanto militar que nunca terás como civil. Quando a guerra terminar, serás dono de um tesouro.

Ele levantou a cabeça e apanhou-a em pleno *relevé* ♦. Helen baixou os calcanhares. O olhar de Ray não se desviou enquanto guardava o livro de apontamentos.

– A Dolores não partilhava da tua opinião.

Dolores. Helen conhecia bem aquele nome e não gostava nada de o ouvir. Como podia uma mulher pôr termo a um noivado, partir o coração daquele homem adorável?

– Não entendo. És pastor. Mesmo em adolescente já eras pastor. Visitaste-me quando eu... estava doente, animaste-me enquanto eu reaprendia a... a andar e, para além disso, tens de manter a tua competência, certo?

Ray conduziu a bicicleta pela esquina com a D Street.

– A minha competência? Sim, também, mas é mais que apenas isso, é mais profundo que isso. Às vezes penso que se não conseguir escrever todos os dias, uma parte de mim irá murchar e morrer. – Soltou um riso abafado. – Bem, isto deve soar um bocadinho estranho.

– Não. É o trabalho do teu coração.

– O trabalho do meu coração. – Olhou para o céu, por entre os ramos das árvores. – É apropriado.

– Não podes negar o trabalho do teu coração. Eu neguei o meu durante anos.

Ray mostrou-lhe um olhar interrogativo. Helen mordeu o lábio inferior.

– O Jim... bem, ele gostava de me ter perto dele e eu desisti do trabalho de voluntariado. Mas senti-lhe a falta. Não era a mesma sem as reuniões e as comissões e algo que desse sentido à minha vida. Não que ser esposa e mãe não fosse...

– Mas não estavas a fazer o trabalho do teu coração.

Soltou um suspiro.

– Não, não estava. Depois, quando o Jim morreu, voltei a fazer aquilo que gostava. – *Oh, não, a sua voz não tremera nem um pouco.*

Ray não parecia chocado.

– Ainda bem. A minha mãe tem-me falado do muito que fazes pela igreja, pela Cruz Vermelha... e deve-me ter escapado mais alguma coisa.

Helen parou no passeio frente à sua pequena casa creme.

– Apenas a minha casa. Já chegámos. – Conduziu-o até à garagem que ficava atrás da casa.

Ray encostou a bicicleta e levantou a porta da garagem.

– Só preciso de uma chave de porcas.

– Oh, não te preocupes com isso. Eu peço ao meu cunhado...

– Não demora nada. – Procurou por entre a confusão da caixa de ferramentas.

Helen soltou o cesto da bicicleta para levar as mercearias para dentro de casa.

– Eu levo isso – disse ele. – Não devias carregar pesos.

– Estou bem. Já nem sequer me dói. – A dor no pulso tinha diminuído e já mal a notava.

Sem dizer palavra, Ray desafivelou a última correia e carregou o cesto em direção à porta da cozinha, na parte lateral da casa.

– Não, a sério. Eu faço isso. – Seguiu-o o mais rápido que o seu tornozelo magoado lhe permitia. *E se alguém os visse?* – Por favor, Ray. Eu levo.

– Não sabes já que os Novak são uma cambada de teimosos? – Subiu três degraus e entrou na cozinha. Helen agarrou-se ao corrimão das escadas, incapaz de respirar. E se alguém o vira entrar? Mrs. Llewellyn, do outro lado da rua, nunca conseguia manter a boca fechada.

– Posso pousar no balcão?

Helen encheu os pulmões de ar, esboçou um sorriso e entrou na cozinha.

– Claro.

Ray tirou as mercearias do cesto.

– Há alguma coisa que precise de ir para o frigorífico?

– Já não – respondeu ela, satisfeita com o seu tom descontraído. Para quê preocupar-se? A janela da cozinha dava para o quintal das traseiras.

– Cães estúpidos. – Fitou-a atentamente. – Escuta, e o que vais agora fazer para o jantar?

Helen pegou na lata de carne e de sopa de tomate com um movimento floreado e um sorriso afetado. Se estivesse com o seu avental de folhos podia muito bem entrar num anúncio da revista *Good Housekeeping*.

– Ora, tenho tudo o que preciso.

Ray aproximou-se e tirou-lhe as latas da mão num movimento estranho e maravilhosamente íntimo.

– Tenho uma ideia melhor.

1 Marca de carne enlatada (*N. da T.*)

2 História bíblica. Marta está mais preocupada em servir o Senho e Maria em escutá-lo. (*N. da T.*)

Um vapor oloroso elevava-se das panelas que ferviam no fogão e cortinas de guingão vermelho emolduravam a janela. No lado de fora, os ramos germinados do pessegueiro oscilavam com o vento. Naquele ano, Ray estaria em casa na altura da colheita.

– Convidados na tua primeira noite em casa. – A mãe estalou a língua e descascou mais uma batata, contudo, as suas faces mostraram um sorriso. Ray encostou-se ao guarda-louça.

– Os cães fugiram-lhe com o prato principal. Pareceu-me o mais correto.

A mãe murmurou a sua concordância. As cascas da batata saltavam do descascador e aterravam de forma acrobática no caixote do lixo.

Ray levou a mão a uma tigela de vidro azul e meteu um morango na boca. A sua língua saboreou o contraste entre a casca macia e as sementes ásperas até não ser capaz de suportar por mais tempo a tentação. Esmagou o morango contra o céu da boca e apreciou a combinação perfeita entre doçura e acidez.

A mãe cortou a batata em quatro metades e deitou-as para a panela.

– A Helen disse que tinha um assunto para falar comigo?

Engoliu relutantemente a polpa. – Qualquer coisa sobre o Círculo das Senhoras.

– É uma trabalhadora tão dedicada. – A mãe passou os espargos por água e lançou um olhar provocador a Ray por cima do ombro. – Para já não falar que é atraente e está disponível.

Ele sorriu e revoltou a tigela dos morangos.

– Estou acima desses comentários superficiais.

A mãe arquejou e arrancou-lhe a tigela da frente.

– Deixa alguns morangos se queres impressionar a viúva Carlisle.

Ray soltou uma gargalhada.

– Isso dito assim até parece que ela é uma velha.

– Não, é jovem. Muito jovem. Mas é viúva, e não te podes esquecer disso. A Helen e o Jim... bem, tu não estavas cá, mas eles estavam muito envolvidos um com o outro. Sabes como os Carlisle podem ser exclusivos. A Helen ainda chora a sua morte.

No bolso das calças, Ray passou os dedos nas flores que havia tirado do cabelo dourado de Helen. A bonita jovem que rira sob uma saraivada de flores já não estava de luto.

A mãe virou-se para o lava-louça e partiu a base de um talo de espargo. Já havia algumas madeixas cinzentas no seu cabelo negro.

– Ela mostra uma cara alegre durante as atividades de voluntariado, mas apenas para encobrir a dor.

Ray roubou outro morango. A sua mãe não reparara no brilho nos olhos de Helen quando falava do seu trabalho, do trabalho que fazia com o coração.

Mais estalidos frescos e húmidos e a mãe atirou uma mancheia de talos para o lixo.

– Tem cuidado. Eu sei como te entusiasmas.

Cuidado? Ray conhecia Helen desde sempre, principalmente enquanto miúda, mas naquele dia vira-a sob uma nova luz. Era atraente e estava disponível, e a mãe não podia estragar o

entusiasmo da descoberta.

– Ray? – Fitou-o com um olhar que dizia « Não me respondeste » .

Empurrou o morango para o interior da bochecha.

– Eu sou sempre cuidadoso. – As palavras soaram abafadas.

O olhar da mãe pareceu atravessá-lo.

Sorriu em redor do morango e lembrou-se que não devia engolir.

A mãe desatou a rir.

– Vocês pensaram sempre que eu não desconfiava que roubavam a fruta nas minhas costas.

Eu sabia. Embora não conseguisse resistir a esses sorrisos.

Ray mastigou, engoliu e mostrou-lhe o mais inocente dos sorrisos.

Os cantos da sua boca elevaram-se, caminhou até junto do filho e fez-lhe uma carícia no rosto com a mão arrefecida pela água.

– Fico muito feliz por estares em casa, querido – declarou numa voz pesada. – Por estares em segurança, por não teres de ver as coisas que os teus irmãos já viram. Não sei se...

A verdade doía, mas Ray recusou-se a estremecer. A mãe não sabia se ele conseguiria aguentar.

Ray também não tinha a certeza.

*

– O interesse está a diminuir, as doações também. É difícil recrutar voluntários. – Helen encontrava-se sentada à mesa de jantar, respeitável e profissional num fato castanho e blusa creme.

Ray levantou o copo de chá gelado. Que comparação perfeita com os olhos de Helen. Não apenas na cor, mas na claridade, na translucidez e no brilho dourado no interior. E o seu cabelo loiro brilhava como mel. Sempre gostara de chá com mel.

– Nós americanos somos impacientes. – O pai serviu-se pela segunda vez. – As baixas são elevadas. Ainda não pusemos o pé em solo francês ou em solo alemão, estamos atolados em Itália, e os progressos no Pacífico são lentos. Como se mantém o sentimento de urgência?

– Estive a pensar. Gostava de fazer um espetáculo com crianças. Não seria capaz de o organizar a tempo de ajudar nesta campanha de recolha de fundos, mas nunca é demasiado tarde para ajudar a causa. – Helen cortou o frango do prato do seu filho.

– Não! Eu faz. – Jay-Jay afastou-lhe o braço.

– Querido, por favor. – Helen olhou nervosamente em redor da mesa.

Ray mostrou-lhe um sorriso tranquilizador. Não lhe invejava a tarefa de incutir maneiras ao mesmo tempo que tentava manter a paz.

Mr. Novak pegou numa perna de frango e inclinou-se na direção de Jay-Jay.

– É frango frito, filho. É para ser comido com a mão. Pega-lhe e morde. – Rugiu para o frango.

Jay-Jay soltou uma gargalhada bem alta e contraiu o seu rosto redondo.

– *Grrr.*

– John, és uma péssima influência – disse a mãe com um sorriso.

Ray pegou numa asa de frango, fitou a mãe com uma expressão desafiadora e acrescentou mais rugidos.

Helen riu.

– Parece a hora da refeição no jardim zoológico.

– Aqui é sempre assim. Desculpa, Helen. – A mãe franziu o sobrolho, mas os seus ombros oscilavam com o riso. – Os rapazes nunca crescem.

Ray deixou escapar uma rosnadela ruidosa e prolongada.

– Estou a ver que não. – Helen brindou-o com um olhar meio severo, meio brincalhão.

Sentiu algo quente agitar-se no seu peito. A mãe estava muito enganada. Helen estava preparada. E a rosnadela não provava que ela necessitava de um homem na sua vida? Todos os rapazes precisavam de uma mão firme, mas também precisavam de alguém que os ensinasse a fazer barulhos com os sovacos. E Helen não gostaria de ter um ombro no qual se apoiar, umas costas fortes que a ajudassem a carregar os fardos?

Ray inspirou profundamente para encher a extensão do seu peito. Nora, Ann e Dolores tinham-se todas apaixonado pela sua sólida constituição. Claro que haviam todas terminado o namoro com ele. E Jim tinha a constituição de um feijão verde. O seu peito esvaziou-se. Sim, ele tinha tendência para se deixar entusiasmar demasiado.

O riso de Helen chamou-o de volta à realidade. Eram risadas soalheiras, com um toque de limão a condizer com o chá.

– Concordo – dizia ela. – O espetáculo não tem de ser nada extravagante. Faixas vermelhas, brancas e azuis, chapéus de papel. Podiam agitar bandeiras coloridas por eles. Não seria fantástico? Com canções, poemas patrióticos, talvez uma pequena paródia.

A mãe cortou o frango com o garfo e a faca.

– Que encantador.

– É essa a ideia. – Helen inclinou-se para a frente. – Lembrar a toda a gente que estamos a lutar pelas crianças, pelo futuro. Depois passamos a folha de inscrições para as dádivas de sangue, vendemos Obrigações de Guerra, recrutamos voluntárias para o Centro Hospitalar Militar.

Ray sorriu. A sua energia, compaixão e capacidade de organização fariam dela a mulher perfeita para um pastor. Já estava mais uma vez a colocar a carroça à frente dos bois, mas talvez precisasse de o fazer. Nora, Ann e Dolores não estavam talhadas para a vida no presbitério. Se tivesse pensado nisso antes não teria suportado três corações partidos e dois noivados terminados.

– Não! Danta! – gritou Jay-Jay.

Ray sobressaltou-se.

– Querido, por favor. Para com isso. – Havia tensão na voz de Helen. Puxou o filho para o colo e beijou-o na testa.

– Não! Mamã, danta.

– Danta? – perguntou Ray por cima dos gritos do rapaz.

– Dança – respondeu ela. – É uma coisa que fazemos.

– Uma das vossas rotinas?

O vislumbre de um sorriso.

– Dançamos ao som da rádio todos os dias depois do jantar. Não é nada, a sério.

Nada? Não para aquele rapazinho a contorcer-se no colo da mãe e que parecia disposto a ir

para casa demasiado cedo.

– Jay-Jay – disse ele num tom baixo o suficiente para lhe chamar a atenção. – Gostavas que eu tocasse piano para ti?

Jay-Jay olhou para Ray com dois dedos na boca e curiosidade nos seus olhos azuis.

– Oh, meu Deus – exclamou Helen. – Eu nunca pediria...

– Não pediste, fui eu que ofereci. Já perdeste o teu jantar de costeletas de porco. Não devias perder também a tua noite de dança

A mãe levantou-se da mesa e começou a raspar os pratos.

– De qualquer maneira, o Ray já ia passar a noite a tocar. E prefere fazê-lo quando tem público. Eu vou ler para o gabinete para fazer companhia ao pastor Novak enquanto ele aperfeiçoa o sermão.

– Não quero abusar – argumentou Helen.

Ray inclinou-se para a frente.

– Jay-Jay, qual é a tua canção preferida?

– Moo...

– Moo?

Helen afagou os caracóis do filho.

– « In the Mood » . Ele gosta de tudo o que seja rápido e alegre.

– Muito bem. – Ray atirou o guardanapo para cima da mesa e dirigiu-se para a saleta.

– Eu devia ajudar com...

– Serás de grande ajuda – disse a mãe – se entreteres o Ray para eu depois não ter de o ouvir lamuriar-se.

– Crianças. – Havia boa disposição na repreensão de Helen e logo as pernas das cadeiras se arrastaram pelo chão.

Na saleta, Ray empurrou a mesinha do café e o tapete para o lado, despiu o casaco da farda verde-azeitona e sentou-se ao piano.

Jay-Jay correu até à sala.

– Danta. Moo.

– É para já. – Após algumas escalas, Ray deu início à música. Quando Helen entrou timidamente na saleta, Ray inclinou a cabeça na direção da pista de dança atrás dele. – Danta.

– Eu fico sentada a ver.

– Não, mamã, danta.

– Força, Helen. Eu não estou a ver. – Não ainda, pelo menos.

Deixou escapar uma gargalhada constrangida e, dali a alguns segundos, dois pares de pés arrastavam-se e chiavam e batiam no chão de madeira. Os gritos agudos de Jay-Jay elevavam-se no ar.

Ray foi aumentado o ritmo à medida que se aproximava do final e olhou para trás. Helen segurava o filho na anca e rodopiava, o cabelo uma asa dourada atrás de si. Movia-se com graciosidade, sem o menor sinal da sua antiga coxeadura.

Ray lembrava-se do seu pequeno corpo paralisado numa cama na sala de estar dos Jamison, lembrava-se da sua luta para caminhar com um aparelho de aço e couro, livrando-se primeiro de um e depois do outro com uma atitude sempre determinada. Era incrível como ela ainda se recordava das suas visitas. Não lhe pareciam grande coisa, mas não suportava a forma como a

Betty Jamison corria pela vizinhança com pernas saudáveis na companhia de Dorothy Carlisle, que fora a melhor amiga de Helen. Um rapaz adolescente não podia substituir uma irmã ou uma melhor amiga, mas Ray podia sempre ler-lhe uma história ou jogar uma partida de damas.

Helen arquejou.

– Disseste que não ias olhar.

– Nada disso. Eu disse que não estava a olhar, não que não o faria. – Ray tamborilou o último acorde e sorriu. – E qual vai ser a próxima?

Helen revirou os olhos.

– E que tal « Não Sejas Assim » ?

Ele riu.

– Vá lá, queremos algo rápido e alegre, não é, Jay-Jay? – Começou a tocar « Beat Me, Daddy, Eight to the Bar ». O ritmo exigia a atenção de Ray, mas de vez em quando deitava uma olhadela para trás, para ver mãe e filho dançar, rir, gritar e corar. Por fim, Jay-Jay deitou-se no chão a gargalhar.

– Tio! Tio! Já não aguentamos mais. – A rir, Helen cambaleou até à parede e apoiou os braços no tampo do piano. – Ray, é fantástico, mas, por favor, deixa-nos descansar.

Ele sorriu ao ver as suas faces rosadas e o cabelo desalinhado e fez uma rápida transição musical para « Taking a Chance on Love ». Não foi subtil, mas não estava com disposição para subtilezas.

– Oh, meu Deus. O que é isto? – Espreitou por entre os pontos do paninho ornamental sobre o piano.

– Acabaste de descobrir o segredo mais obscuro dos Novak – declarou ele num tom intenso e velado.

– Parece uma mancha de tinta.

– Sim. Muito negro e obscuro.

– Suspeito que tenha sido obra de um de vocês.

– Do Jack claro.

– Ele metia-se sempre em sarilhos, não era?

Ray continuou a tocar.

– Desta vez ficámos todos em sarilhos.

Uma cicatriz na face de Helen conferia uma pequena inclinação ao seu sorriso.

– Como foi que isso aconteceu?

– Ora vejamos. O Jack devia ter cerca de cinco anos. Eu não queria que ele apanhasse outra tarefa, por isso disse à minha mãe que tinha sido eu o culpado. O que não sabia era que o Jack tinha convencido o pequeno Walt a confessar a asneira.

– Típico. O Walt a mentir, o Jack a manipular e tu a seres simpático.

– Também menti.

O olhar dela puxou-o como uma linha de pesca.

– É diferente.

A sensação de calor voltou a invadir-lhe o peito. Que estúpido oferecer-se para tocar piano quando o que ele queria era dançar.

– Jay-Jay, queres tocar piano?

– Mim?

– Ray, ele vai martelar nas teclas.

– E como é isso diferente daquilo que eu faço? – Pegou no rapaz ao colo e sentou-o ao seu lado no banco. Jay-Jay bateu com ambas as mãos no teclado.

– De que forma é diferente? – Helen tapou os ouvidos. – Oh, não sei. Tem melodia? Ritmo?

Ray pegou numa das mãos do pequeno e separou um dedo rechonchudo.

– Assim. Um dedo de cada vez. – Ajudou Jay-Jay a tocar « Mary Had a Little Lamb » .

O rapaz desatou a tocar a sua própria composição dissonante.

Ray inclinou-se e sussurrou-lhe ao ouvido.

– Posso convidar a tua mãe para dançar?

Jay-Jay anuiu e sorriu para as teclas ao mesmo tempo que dois dos seus dedos martelavam como um par de pica-paus loucos.

Helen endireitou as costas e separou ligeiramente os lábios, os cotovelos ainda apoiados no piano.

Ray levantou-se e desenhou uma vénia.

– Concede-me a honra desta dança?

Ela soltou uma pequena gargalhada, alta e nervosa.

– Claro, mas isso não exige música?

Ele pegou-lhe na mão, tão pequena e quente, e fê-la rodopiar sob o seu braço.

– Parece a « Woodpecker Song » .

O seu riso soou mais baixo e mais natural.

– Pois, tens razão. Podemos não ter melodia, mas temos batuque.

Ray esboçou um esgar. Há mais de um ano que não dançava, mas não tardou a recordar-se de como se fazia e Helen acompanhou-o, a parceira perfeita. Todos aqueles rodopios, voltas e feminidade conduziram o calor do seu peito para todos os músculos do seu corpo.

Afinal, a sua mudança tinha um lado bom: aquela jovem de cabelo loiro.

Sábado, 18 de março de 1944

Helen prendeu a camisa de noite branca de algodão à corda da roupa e meteu a mão no bolso do avental. Restavam apenas duas molas de roupa, encaixadas uma na outra num combate mortal. Helen gemeu. Precisava de ambas as mãos para as separar. Assim que largou a camisa de noite, o vento arrebatou-a e a peça de roupa ondeou até ao relvado como um fantasma.

– É... sempre... assim. – A cada palavra, Helen tentava apanhar a camisa, o que lhe fazia doer o pulso, mas tinha de contrariar aquela lesão. Não conseguia fazer nada como devia ser, principalmente tratar da roupa. A brisa do Delta soprava da baía de São Francisco, afulilava pelo vale onde os rios Sacramento e San Joaquin se encontravam e varria Antioch e a roupa lavada de Helen.

Que fim de semana tão miserável. Que tolice da sua parte esperar que Ray a fosse visitar na sexta-feira. Na semana anterior parecera-lhe que ele tinha um fraco por ela, mas talvez estivesse apenas a ser simpático. Sinceramente, o que esperava ela?

Prendeu a camisa de noite com as três molas e depois foi à garagem buscar mais. No relvado, Jay-Jay balançava-se para a frente e para trás no velho cesto da roupa de verga que a mãe deixara quando ela e o seu pai se haviam mudado para Washington DC em novembro.

– Oh, não! Uma tempestade no mar. – Helen pegou no filho, pousou-o na relva e colocou-lhe o cesto por cima da cabeça. Ele gritou de alegria. A sua mãe tinha razão: um cesto extra dava sempre jeito.

A garagem cheirava a pó e a óleo e ao Jim. Helen agarrou numa mancheia de molas de roupa e saiu dali o mais depressa que conseguiu.

– Olá. – Junto à entrada, Ray Novak tocou com dois dedos no boné da farda.

– Oh! Olá. – O coração de Helen deu uma cambalhota como a roupa na máquina de lavar. Tirou a mão do bolso cheio para acenar e uma das molas aterrou no asfalto. Tão estúpida e desajeitada. Baixou-se e apanhou-a. – Andas a passear?

– *Hum-hmm*. Está um dia bonito. – Atraente na sua farda de cor caqui, avançou até à garagem.

E Helen envergava um velho vestido de guingão castanho e um casaco de malha cinzento maltrapilho e o cabelo apanhado com um lenço. Nem sequer se preocupara em pôr um pouco de batom.

Ray sorriu como se nem tivesse reparado na sua aparência.

– Pensei em ti a noite passada.

– Ai sim?

– Morte por costeletas de porco.

Helen abriu um sorriso.

– E mesmo assim abandonaste-me à minha sorte.

– Não tive escolha. Sou uma espécie de faz-tudo no armazém de logística e não consegui despachar o carregamento a tempo de apanhar o autocarro. Só cheguei esta manhã.

– Que pena. – No calor daquele sorriso a decepção que sentia evaporou-se. Se ao menos não parecesse a Ma Joad em *As Vinhas da Ira*.

Ray espreitou para o quintal das traseiras.

– *Humm*, o teu cesto está a mexer-se.

O cesto de verga avançava pelo relvado como uma tartaruga sem cabeça.

– E aposto que também se deve estar a rir.

– Sim? – Ray aproximou-se e agachou-se. – Olha, mas que carro de combate tão grande e forte. O que está um carro de combate a fazer aqui?

Uma cara sorridente espreitou.

– Não. Day-Day.

– Não é um carro de combate? É o Jay-Jay? Ufa. Pensei que ia ter de chamar o Exército.

Jay-Jay espetou um dedo por um buraco no cesto de verga.

– *Pum!*

Helen dirigiu-se ao cesto bom e tirou a camisa às riscas azuis de Jay-Jay.

– Ray, também queres um cesto para poderem fazer uma batalha de carros de combate?

– Olha que bela ideia. – Sentou-se na relva de pernas cruzadas. – Sobreviveste às costeletas de porco.

Helen pendurou a camisa na corda.

– Para sofrer uma visita do Vic e da Jeannie depois do jantar.

– Os filhos dos Llewellyn? Pensei que fossem amigos.

Helen sacudiu a sua saia amarela comprida.

– E somos. A Jeannie e eu somos amigas desde... desde que fiquei doente. Adoramos competir uma com a outra. Mas sabes como são os Llewellyn. O Vic insiste para que vá trabalhar com ele em Port Chicago e a Jeannie deixa escapar frases em francês e depois tapa a boca e diz, « Desculpa, *che-drie*. Esqueço-me que só tiveste francês até ao secundário ».

– Ai ela diz isso? Devia ensinar-te umas frases obscuras em alemão, em hebraico ou em grego antigo.

– Falas essas línguas todas?

– Consigo lê-las. Mas falá-las nem por isso.

Helen colocou as molas num ramo como aves amontoadas contra a chuva.

– A Jeannie completa o curso do Mills College em junho. Devíamos ter terminado juntas.

– Não foste.

– O Jim não queria nem ouvir falar nisso. – Inspirou. De onde vinha aquilo? – Estávamos ansiosos por casar.

– O amor dos jovens é impaciente.

– Sim, é isso. – Esforçou-se para estender um lençol, mas este colou-se a ela num abraço húmido e pegajoso.

Ray levantou-se e ajudou-a a esticar o lençol na corda.

– E estás arrependida?

Helen olhou por cima da corda para aqueles olhos sabedores.

– Não quando olho para o meu filho.

Jay-Jay escavava a terra por baixo das sebes que Mr. Carlisle tinha plantado, sebes de oleandro que ameaçavam tapar a vista do mundo exterior. Os malditos arbustos recusavam-se a

morrer, por mais que Helen os privasse de água.

– Ele é um miúdo fantástico – declarou Ray. – Um músico em potência e um grande dançarino.

Helen sorriu e levou a mão ao bolso para tirar mais molas.

– A noite passada – continuou ele, os seus olhos quentes como flanela cinzenta –, preferia ter estado a dançar do que sentado na caserna preocupado contigo e com as costeletas de porco. E nem sequer sabia do tormento dos Llewellyn.

Helen experimentou mostrar-lhe um olhar brincalhão, mas estava destreinada.

– Grande cavaleiro andante que me saíste.

– Não sou nenhum cavaleiro.

– Claro que és. Já por duas vezes me salvaste depois dos acidentes de bicicleta. – Prendeu um soquete, tão infantil, mas com a falta de meias de vidro não tinha outra escolha.

Ray olhou para o céu com o sobrolho franzido.

– Os cavaleiros vão combater e matam os dragões. Eu não. Se encontrasse um dragão, o mais provável era convencê-lo a usar o fogo para o bem e não para o mal.

Helen riu e pendurou o par daquela peúga.

– Espero que nunca encontres um dragão que não saiba escutar a razão.

– Sim. – A voz dele parecia tensa, mas virou-se antes que Helen conseguisse ler-lhe a expressão. – E que tal se eu lidasse com este dragão?

O vento entufou o lençol e Jay-Jay perseguiu-o com as mãos sujas.

Ray agarrou-o pelo meio do corpo, rodopiou-o por cima da cabeça e depois olhou rapidamente para Helen.

– Antes de o excitar, ele ainda... está quase na hora...?

Ela acenou afirmativamente com a cabeça, impressionada por um homem se lembrar das sextas. E ainda por cima um homem solteiro.

– Meia hora.

Olhou para o pequeno rapaz que segurava nos seus robustos braços.

– Ei, *munchkin*³, e que tal uma história?

Helen apontou para o alpendre das traseiras.

– Há livros em cima da mesa.

– Livros. A tua mãe sabe do que eu gosto. – Ray fez Jay-Jay voar com um avião, sentou-se com ele e foi passando os livros. – O que te apetece ouvir? *Make Way for Ducklings?* *The Color Kittens?*

– Pa li.

Ray virou-se para Helen com as sobrancelhas contorcidas de uma forma cómica.

– O livro do pai – informou num tom sóbrio. – O livro de recortes castanho.

Ray encostou-se para trás e foi passando as páginas enquanto Jay-Jay apontava e palavra. Helen foi tirando peça atrás de peça de roupa do cesto e concentrou-se no número de molas que cada uma ia necessitar.

– Fizeste isto tudo sozinha, Helen? Está aqui muito trabalho.

– Era o que eu precisava. – Quando o telegrama chegou, Helen desatara a rir. O pai dissera a

toda a gente que ela estava enlouquecida pela dor. No mês subsequente isolara-se de tudo, colara cantos de fotografias com cola de borracha e emoldurara fotos e recordações de forma a apresentar Jim como toda a gente se recordava dele, como Jay-Jay precisava de o conhecer. Entretanto, Helen foi aprendendo a comportar-se como uma viúva digna. – Fi-lo para o Jay-Jay – afirmou.

– Que excelente trabalho.

Helen inclinou-se para o cesto da roupa para tirar duas meias. Durante quanto mais tempo teria de suportar a paixão e a admiração pela sua coragem? Conseguiria alguma vez voltar a ser ela mesma? Lembrar-se-ia ainda de quem era?

*

– Então...? – Betty Jamison Anello alongou a palavra como se não tivesse fim. – Conta-me tudo.

Helen cortava aipo a um ritmo constante.

– Contar-te o quê?

– Contar-me o que faz o Ray Novak na minha sala de estar.

– O George conheceu-o. – Helen raspou o aipo para uma tigela enquanto a irmã mais velha não fazia nada. Toda a gente gostava dela por ser a Betty. Não precisava de batalhar por isso, como Helen. – O pão, Betts.

Suspirou e esfarelou pão para dentro da tigela.

– Sim, mas porque foi que o meu marido encontrou o Ray todo confortável no teu alpendre das traseiras?

Helen abriu o armário e procurou por entre a salgadeira de latas de especiarias.

– Ele tinha ido dar um passeio.

– Estava um bocadinho longe de casa, não?

Vários quarteirões longe de casa. Helen encolheu os ombros, satisfeita por a porta aberta do armário lhe esconder o sorriso. Por fim lá encontrou a salva.

– Como consegues trabalhar nesta cozinha?

– É tão encantador, e certo. – Betty encostou o quadril roliço ao armário, mãos desocupadas. –

Ele sabe que inventavas histórias sobre Sir Raymond, o *Valente*?

Helen arquejou e brandiu uma colher de pau frente à cara da irmã.

– Não te atrevas a dizer nada ou eu... eu...

– Mexes-me até eu estar bem misturada?

– Bato-te, como o pai costumava fazer.

Betty fez ecoar o seu riso sonante.

– E partes a minha melhor colher? É melhor não.

Ao invés, Helen aplicou a colher na mistura do recheio.

– Corta a carne enlatada em fatias.

– Bem, ele é giro e encantador e terias certamente o selo de aprovação dos Carlisle. – Betty baixou o queixo para tornar a voz mais profunda e grossa. – Na minha masculina superioridade, decidi autorizar-te a namorar. Sinceramente.

– Corta a carne. – Helen examinou com atenção a receita que Betty recortara da *National*

Geographic do George para rolos de *Spam* – fatias de carne enroladas em volta de um recheio e fechadas com palitos.

– Os Carlisle acham que estamos em mil oitocentos e quarenta e quatro e não em mil novecentos e quarenta e quatro. Primeiro o seguro, agora isto.

Helen alinhou a tigela, o tabuleiro de ir ao forno e os palitos. Jim elegera os seus pais como beneficiários dos dez mil dólares do seu seguro de vida de soldado, o que exasperava, contudo, os Carlisle proporcionavam-lhe uma generosa mesada e uma casa onde viver sem pagar renda.

A porta da cozinha escancarou-se.

– Du du? – perguntou Jay-Jay.

Betty riu.

– Espero que ele aprenda a dizer o nome da prima.

Helen agachou-se até ficar ao nível do filho.

– A Judy está a dormir, querido. Ela ainda é bebé e não um menino grande como tu.

O seu rosado e húmido lábio inferior arredondou-se.

– Bincá.

– Eu sei que queres brincar, mas não a acordes, está bem?

Betty deu a Jay-Jay duas tigelas de lata velhas.

– A Judy, à semelhança dos Jamison, é capaz de dormir mesmo que a terra esteja a tremer.

Tal como Jay-Jay. Helen sorriu.

– Vai fazer música para o tio George e para o tenente Novak

Jay-Jay bateu com as tigelas uma na outra e desapareceu a correr.

As irmãs riram e começaram a fazer os rolinhos de *Spam* e Helen dispôs-os no tabuleiro do forno.

– Têm colheres que possamos levar emprestadas? – Ray entrou na cozinha com um brilho nos olhos.

– Colheres? – Apesar de sentir o coração aos saltos, Helen conseguiu meter o tabuleiro no forno sem o entornar ou deixar cair.

Alto e magro, George atravessou a cozinha com passadas irregulares.

– Naquela gaveta da esquerda. Querida, onde guardas os frascos vazios de doce?

– Frascos de doce? – inquiriu Betty. – O que andam vocês os dois a preparar?

Junto à porta, Jay-Jay pulava para cima e para baixo.

– Bincá! Bincá!

– Vamos fazer uma banda. – Ray piscou leve e rapidamente o olho a Helen e abandonou a cozinha.

Helen sentiu um formigueiro na ponta dos dedos.

Betty abriu a porta do frigorífico e agitou um pouco a forma da gelatina.

– Ia sugerir que jogássemos bridade esta noite, mas mudei de ideias. Pomos o « Stardust » a tocar no fonógrafo, dançamos um pouco, criamos um ambiente romântico...

A gaveta dos talheres ficara escancarada. Helen agarrou numa colher e bateu com ela no rabo da irmã.

Helen tentou não olhar para Ray enquanto desciam a D Street, mas ele levava Jay-Jay adormecido no ombro e cantarolava « Stardust » enquanto contemplava a noite. Como podia ela não olhar para ele? Mas o seu silêncio significaria contentamento, fadiga... ou não lhe agradaria a companhia?

– Espero que não te tenhamos cansado esta noite.

– *Humm?*

Helen enrolou o forro do bolso do casaco.

– A Betty e o George falaram tanto, quase não tiveste oportunidade de dizer nada.

– Não precisava. Diverti-me muito, principalmente a dançar. – Puxou o cobertor mais para cima dos ombros de Jay-Jay, mas escorregou.

Helen entalou o cobertor em volta do filho adormecido.

– A música era boa, não era?

– E a parceira também. – Um ressoar na voz dele causou estragos no seu coração. Depois o seu sorriso apareceu. – És uma excelente dançarina.

Sem saber muito bem porquê, fez uma pose de balé saída diretamente de *O Lago dos Cisnes*, com mãos cruzadas e a agitarem-se como asas frente ao peito.

– Graças a oito verões de tortura no estúdio de balé da Madame Ivanova.

Jim teria ficado indignado com a sua exibição, mas o sorriso de Ray cresceu ainda mais.

– Pois é. Tu partias todos os verões, não era?

– Ia para a casa vitoriana e bafienta da tia Olive, na fria e nevoenta cidade de São Francisco. – Um local apropriado para desterrar uma rapariga aleijada.

– Não tens boas memórias desse tempo.

Helen continuou a caminhar pelo passeio.

– Gostava de dançar, da música, da tia Olive, mas detestava estar longe dos meus amigos e detestava o tempo e a chibata da Madame.

– Chibata?

– Era como nos corrigia. – Imitou o movimento vigoroso de pestanas da professora. – És fraca, Helena. Tens de trabalhar com mais afinco. Um *plie* mais fundo, mais amplitude nos pés, estica esses dedos, quero vê-los a apontar para os lados. És fraca.

– Estás a gozar.

Helen virou a sua atenção para Ray. Devia ter parecido uma doida.

– Bem, ela tinha razão. Se eu trabalhasse mais e fizesse as coisas corretamente, não precisava de me dar com a chibata.

A boca dele desenhou uma linha.

– Isso alguma vez aconteceu? Houve algum dia em que ela não te tivesse dado com a chibata?

– Eu nunca era boa o suficiente. Não com este... com este pé.

Brasas flamejaram nos olhos cor de carvão de Ray.

Helen deu um passo atrás.

– Isso não está certo. – Os músculos do seu pescoço eram visíveis. – As crianças devem ser castigadas pela desobediência não pela imperfeição. O que ensina isso a uma criança? O único caminho para a salvação, para a aprovação, é ser bom, fazer as coisas bem.

Helen virou-se para a entrada da casa, para longe da tensão.

– Não foi assim tão mau.

– Contaste à tua tia? – A voz dele assumiu um tom mais ligeiro.

– Ela aconselhou-me a não me queixar e a tentar com mais dedicação. E foi o que fiz – Sorriu para Ray por cima do ombro. – As coisas são mesmo assim. Para além disso, fiquei mais forte e comecei a andar melhor, por isso toda a gente ficou feliz.

– Menos tu.

Subiu os degraus e abriu um sorriso ainda maior.

– A sério, não foi nada de especial.

– O que faço com o *munchkin*?

– Dá-o cá. – Tirou o filho do peito de Ray, o que exigiu um agradável roçar de braços e ombros. As mãos de Jay-Jay tremeram quando ia a passar do colo de um para o outro. Levantou a cabeça, focou o olhar em Helen e relaxou nos braços da mãe.

Ray encostou-se à moldura da porta e cruzou os braços frente ao blusão verde-azeitona da farda.

– E hoje és feliz?

– Sou. Tenho um belo filho, amigos e família por perto e muito tempo para fazer trabalho voluntário.

Ray tinha uma maneira deliciosa de a estudar longamente antes de falar.

– Esta noite pareceste-me feliz.

Helen encostou a face aos caracóis de Jay-Jay e devolveu o olhar intenso de Ray.

– Boa companhia.

3 Personagem da série de livros sobre a *Terra de Oz*, do autor L. Frank Baum. (*N. da T*)

Depósito Aéreo Logístico de Sacramento
Segunda-feira, 27 de março de 1944

Sentado à máquina de escrever, Ray quase conseguia convencer-se de que estava a escrever um sermão e a fazer qualquer coisa de útil. Mas não, tratava-se apenas de mais um estúpido impresso de requisição.

Empurrou o carroto, escutou com agrado o *pling* e escreveu: «LUVAS, VOO, VERÃO, SEM FORRO, MÉDIO, B-3A, CAIXA, 1 EA.» A tecla A estava fraca. Ray teve de lhe bater com mais força para que atravessasse o papel químico.

Olhou em redor do seu gabinete do tamanho de um armário com os seus móveis de arquivos e prateleiras repletas de formulários. O seu lugar. Na Bíblia, Gedeão limpava o trigo no lagar para o esconder da vista dos invasores madianitas. Seria Ray muito diferente? O departamento de Guerra tinha aumentado o recrutamento, reclassificando pais e destacando um em cada vinte homens que desempenhavam trabalhos de guerra civis ou trabalhos de lavoura. Enquanto os pais eram chamados para o combate, Ray escondia-se.

Resmungou e tirou outro impresso, o último da pilha. Fantástico, precisava de fazer uma nova encomenda. Inclinou-se para fora da porta do gabinete e passou uma vista de olhos pelo armazém à procura do cabo Shuster, o seu braço direito. Não, Ray tinha de fazer aquilo sozinho. Havia um impresso, um especial, um impresso de requisição para impressos de requisição.

Passou os dedos pelos montes de papéis nas prateleiras.

– Se os alemães quiserem derrotar o Exército americano basta cortar-nos o abastecimento de papel.

O cabo Shuster entrou no gabinete.

– O carregamento está pronto para inspeção, *sir*.

Ray seguiu-o até ao exterior. O cabo lembrava-lhe um rato com a sua face pontiaguda, olhos brilhantes e movimentos erráticos. Que tipo de homem era aquele? Talvez o seu desígnio ali fosse conhecer os homens.

– De onde é, cabo?

– Originalmente? De uma pequena cidade no Vermont. – Shuster espirrou e limpou o nariz com um movimento rápido e leve que o fez parecer ainda mais um rato.

Ray desviou-se para o lado para deixar passar uma empilhadora.

– E como veio parar aqui?

– Alistei-me, *sir*. – Conduziu Ray por um desfiladeiro de grades de madeira. – Parece que foi ontem que andava à boleia em comboios, não passava de um vagabundo, e o Tio Sam decide testar-me, diz-me que serei de boa valia num armazém, veste-me um bonito uniforme e alimenta-me todos os dias. É uma vida boa.

Ray suspirou. Que pena não partilhar a atitude positiva daquele homem.

Shuster varreu as grades com o olhar. O mais certo era saber o conteúdo e o destino de cada

uma delas.

– É um trabalho bom e metódico – continuou o cabo. – Quando faço bem o meu trabalho, os rapazes na frente recebem o que precisam para lutar.

– Sim. – Porque havia Ray deixado que uma avalanche de impressos enterrasse essa verdade? Aqueles abastecimentos ajudavam o seu irmão Jack em Inglaterra, o seu amigo Bill Ferguson no Pacífico e todos os homens que lutavam na frente de batalha.

Saiu para o sol fresco da manhã. A vibração dos motores dos aviões preenchia o ar. Um avião de carga C-47 apontava o seu nariz arrebitado para o céu enquanto outro se preparava para aterrar. Ray sentiu uma dor crescente no peito e os seus dedos enrolaram-se, sentindo a falta da alavanca de comando.

Ray indagara sobre a possibilidade de ocupar um lugar no Comando de Transporte Aéreo, mas o CTA também servia como recompensa para pilotos de combate quando terminavam as suas comissões. Para heróis.

– Tenente? – Com um sorriso tenso o cabo Shuster estendeu-lhe uma prancheta. Há quanto tempo estava ele ali à espera?

– Desculpe. Onde assino?

Shuster conduziu-o até uma camioneta de carga e apontou-lhe grades e caixas e etiquetas e pediu à Ray que assinasse ali e ali e acolá, e rubricasse ali e ali e... não, acolá. Ray servia como uma espécie de carimbo de borracha oficial, um obstáculo burocrático para Shuster, que conseguiria despachar os carregamentos bem mais depressa sem ele.

– Está pronto para seguir, *sir*? – perguntou Shuster.

Ray soltou um riso abafado.

– Diga-me o cabo.

Shuster fez sinal ao condutor e bateu numa bola imaginária.

– Pode seguir.

A camioneta deslocou-se com ruído e revelou uma vista desimpedida do plano vale de Sacramento até ao monte Diablo, a cerca de oitenta quilómetros para sul. As colinas Diablo tinham um porte desleixado como estudantes preguiçosos sentados nas suas secretárias de ombros caídos, mas o monte Diablo elevava-se a mais de mil metros acima dos outros, o único na sala que sabia as respostas.

Antioch ficava aninhada no sopé das colinas e, algures em Antioch, Helen andaria atarefada de um lado para o outro.

O fim de semana tremeluzia na sua memória. Tinha conseguido despachar o carregamento de sexta-feira a tempo, depois apanhara o autocarro e levava rapidamente Helen e o filho para casa dos seus pais para um jantar seguido de umas músicas ao piano. Depois de Jay-Jay adormecer no sofá, Ray e Helen haviam dançado ao som da rádio.

No sábado, ela convidara-o para se juntar a George e à Betty Anello num jantar em casa dela. Depois de muitos olhares intermináveis e poucas danças, Ray tentou ir-se embora, mas os Anello saíram primeiro. Ray e Helen ficaram a conversar no baloiço do quintal sob os sussurrantes ramos de uma cerejeira até bem depois da meia-noite. De cada vez que ele mencionava que estava na hora de se ir embora, uma nova onda de conversa surgia.

Pegou-lhe na mão com o pretexto de examinar as pequenas cicatrizes resultado de acidentes na cozinha. Podia ter beijado aquelas cicatrizes e as outras no rosto dela, e podia também tê-la

beijado, mas tinha de ser cuidadoso.

Jay-Jay precisava de estabilidade. E Ray queria ter a certeza absoluta dos seus sentimentos antes de atravessar esse limiar.

– Tenente, onde quer esta palete?

Ray pestanejou para o operador da empilhadora. Apontou para um espaço vago do outro lado da porta.

– Coloque ali enquanto eu descubro.

Shuster correu até junto da empilhadora e examinou a fatura.

– Um homem simpático, o tenente – comentou com o operador num tom não suficientemente baixo. – Também é muito inteligente, mas anda com a cabeça nas nuvens.

Sempre fora assim. Ray regressou ao gabinete e aos entediantes impressos. Ao menos, com a cabeça nas nuvens conseguia sempre ver tudo de cima.

*

Antioch

Sexta-feira, 31 de março de 1944

– Excelente trabalho, minhas senhoras. – Helen sorriu para os membros da Cruz Vermelha Júnior na sala de aula da Escola Secundária de Antioch. O desfile das crianças, « *Vaudeville* pela Vitória », entusiasmara-as mais do que preparar gazes e pensos ou recolher fundos. Todavia, a filial de Antioch havia ultrapassado o seu objetivo na campanha de recolha de fundos para a guerra – mais de doze mil dólares – em parte graças a um donativo considerável das lojas Carlisle's Furniture e Upholstery e Della's Dress Shop.

– Vamos rever tudo outra vez. Têm de estar no Teatro El Campanil às...?

– Nove horas – disseram as raparigas em coro.

– Isso mesmo. – Helen observou a lista escrita na caligrafia arredondada de Mary Jane Anello.

– A Nancy Jo, a Rita, a Anne e a Peggy levam os bilhetes e depois fazem passar as pranchetas e as châvenas de coleção. A Evelyn, a Margie, a Carol e a Gina irão colocar as crianças por ordem, verificar os fatos e manter as crianças ocupadas nos bastidores, silenciosamente ocupadas, enquanto a Mary Jane e eu apresentamos o desfile.

Evelyn Kramer pôs a mão no ar. A sua poupa loira erguia-se mais alta do que os penteados tentados pelas Andrews Sisters.⁴

– Mistress Carlisle, posso levar um jogo?

– Sim. Qualquer coisa que os mantenha sossegados.

– Já sei o que vou levar – declarou Margie Peters. – Algemas e mordações.

Quando as risadinhas pararam, Helen virou-se para a presidente da Cruz Vermelha Júnior e disse:

– Obrigada, Mary Jane. Excelente trabalho.

A sua face redonda iluminou-se sob os caracóis negros apanhados atrás com um laço cor de

rosa.

Helen despediu-se das raparigas e olhou para o relógio. Uma hora na butique, uma visita à irmã de Jim, Dorothy Wayne, e ao seu novo bebé, e depois o jantar com Ray e os pais dele.

Havia algo dentro de si que borbulhava. Não se sentia assim desde os primeiros anos com Jim, mas aquilo era diferente, era uma elevação constante sem vales e picos escarpados. Havia algo de estável e firme em Ray que lhe dava uma sensação de estabilidade e de probidade. Não seria um relacionamento apaixonado, mas também não teria o fundo de desespero, o medo constante de que se fizesse asneira o perderia para sempre.

Helen percorreu o corredor que atravessara quatro anos antes como finalista a debater-se com uma decisão. A carta de aceitação do Mills College estava pendurada no seu quadro de avisos, mas a expressão de Jim escurecia a cada dia. Mills podia ser uma universidade para mulheres, dizia Jim, mas tinham eventos sociais com as universidades masculinas. Porque havia ele de esperar por ela quando sabia que ela não esperaria por ele?

Helen abriu a porta, inspirou o ar fresco, fechou aquela página do seu livro de memórias e imaginou um atraente e loiro Jim Carlisle a ir ter com ela naquelas escadas para a convidar para o baile de inverno.

– Estás a brincar. Não a nossa Mistress Carlisle. Ela é velha. – A voz da Evelyn Kramer dobrou a esquina do edifício.

Velha? Helen estacou. Nunca antes lhe tinham chamado velha.

– Sua parva – argumentou Margie Peters. – Ela não é velha. O meu irmão andou com ela na escola.

– Mas é viúva e mãe.

– E depois? – As gargalhadas de Mary Jane Anello ecoaram. – Fico feliz por vê-la alegre, para variar. Não estava radiante?

Helen levou a mão à face. Teria aplicado demasiado *rouge*?

– O meu irmão George diz que eles têm um fraquinho um pelo outro – continuou Mary Jane. – E o pai diz que o Ray Novak é um homem às direitas. É tão romântico.

As pessoas estavam a falar deles? Já? De alguma forma, os mexericos tornavam a coisa mais real. As bolhinhas dentro dela subiram-lhe à cabeça e foi obrigada a agarrar-se ao corrimão das escadas. Desejava aquele relacionamento, não desejava?

Então porque lhe tremiam as mãos?

*

– Boa tarde, Mistress Jeffries. – Helen fez um aceno de cabeça e sorriu para a vizinha do lado enquanto subia a G Street.

Havia dois posters pendurados na janela da Molander Repairs. Um mostrava um piloto a olhar para o céu – «Ajudem-nos a Voar». O segundo dizia: «*Vaudeville* pela Vitória.» As letras desenhadas a lápis de cor pelo pequeno Donald Ferguson começavam direitas e depois o T-Ó-R-I-A encolhia e descaía para a direita. Tão querido.

Na casa seguinte havia um bonito letreiro no relvado da Holy Rosary e, um pouco mais à frente, a Antioch Tire & Electric exibia o poster da pequena Linda Jeffries que anunciava o

«*Vauddeville* pela Vitória» com um enorme *X* no *D* repetido. Helen sorriu. Os erros das crianças tornavam os cartazes mais cativantes. Exatamente o que ela desejava.

– Aí estás tu, Helen. – Victor Llewellyn atravessou a G Street a correr como uma codorniz – Procurei-te por todo o lado. Ena, estás muito bonita.

– Obrigada. – Esperava que Ray concordasse. Adorava o seu novo fato cor de caramelo com o casaco assimétrico e a saia plissada. Uma das vantagens de ser Carlisle.

– Gosto do teu cabelo assim – disse ele. – É perfeito para logo à noite.

– Logo à noite?

– Temos uma reserva no Milan para as sete.

– O quê? – Helen parou frente ao Clube das Mulheres ao mesmo tempo que se formava um enorme nó no seu esterno. – Não podes fazer planos sem me consultares.

– Não consegui encontrar-te. Decidi agir primeiro e perguntar depois

Era típico da arrogância dos Llewellyn. Retomou o seu caminho.

– Lamento, já tenho planos.

– Que tipo de planos? – Havia uma ligeira irritação na sua voz.

Helen atravessou a Fifth Street com o cuidado que uma irritação exigia.

– Mistress Novak convidou-me para jantar. O concurso das crianças é de amanhã a quinze dias.

– O Ray também vai lá estar?

O seu pé esquerdo escorregou na borda do passeio.

– Creio que sim – respondeu num tom casual. – Se sair a tempo do armazém de logística.

– Ouvi dizer que têm passado muito tempo na companhia um do outro.

Ouvira dizer? Da boca da sua mãe, sem a menor dúvida. O que levava os Carlisle a comprar a Jim uma casa do outro lado da rua da bisbilhoteira da cidade? Que pena ela nunca dar conta de nada que interessasse verdadeiramente.

– Pensei que ainda não estivesse preparada para namorar.

– Não estou a namorar o Ray. Somos só amigos. – Helen abriu a porta da loja.

– Ótimo. Sai comigo esta noite. Sei que gostas de dançar.

– Já está mais do que na altura de vocês os dois saírem juntos. – Mr. Carlisle apareceu por trás de um cabide de vestidos.

Helen estacou, demasiado próxima de Vic, a sua respiração esmagada sob um enorme peso de expectativas. Toda a gente esperava que ela prestasse homenagem ao seu heroico marido morto em combate e beijasse o seu retrato. Mr. Carlisle esperava que ela ficasse entusiasmada com os avanços de Vic. Ray esperaria que ela se afastasse de Vic por lealdade a ele e na esperança de um romance.

Vic fez um esgar.

– Temos uma reserva no Milan para esta noite.

– Muito bem – comentou Mr. Carlisle.

A Helen só restava agir com honestidade.

– Já te disse que tenho planos.

– Com os Novak

– Sim, por causa do concurso. – Helen escapou para trás da caixa registadora.

Mr. Carlisle pigarreou e endireitou o cabide das blusas de primavera.

– Passas demasiado tempo com eles.

– Sou a presidente do Círculo das Senhoras.

Vic cruzou os braços frente ao casaco azul da farda.

– O Ray Novak anda de olho nela.

Helen arquejou. Que infantil da parte de Vic.

Mr. Carlisle deixou escapar uma gargalhada e arrumou as blusas.

– Ele que não se ponha com ideias. Nunca deixaria um Novak educar o meu neto.

Principalmente o Ray. Há algo de débil naquele rapaz. Fraco.

Jim também se referia a Ray naqueles termos, chegando a chamar-lhe cobarde.

Helen mexeu desajeitadamente no molho de notas de um dólar e tentou rir.

– Meu Deus. Tanta confusão por nada.

– Ainda bem. É que ele vai acabar como o pai. É o que acontece a todos os rapazes.

Não conseguia contar as notas. Porquê... mas onde estava escrito que os rapazes tinham de acabar como os seus pais?

Mr. Carlisle tirou uma blusa de um cabide, observou-a com o sobrolho franzido e colocou-a ao ombro.

– Há gerações que este nome nos pertence e eu não deixarei que um pastor metediço me afaste. Aquele homem precisa de deixar de meter o nariz nos assuntos alheios. – E marchou para a sala das traseiras com a blusa ao ombro.

Helen ficou a olhar para a cortina ondulante. O pastor Novak intrometido? O que teria ele dito a Mr. Carlisle? E este não veria a ironia de a pressionar para namorar com o filho da mulher mais metediça da cidade?

– Seria bem mais fácil se saíesses comigo. – Vic sorriu e piscou o olho.

Helen cerrou os dentes e baixou a cabeça por cima da caixa registadora.

– Adeus, Vic.

4 Conjunto vocal norte-americano formado por três irmãs que atuou entre o fim dos anos 30 e meados dos anos 60. (*N. da T.*)

Sábado, 11 de abril de 1944

Ray encostou-se à fuselagem do biplano da série « Jenny » no celeiro dos avós e sorriu. A avó e o avô Novak encontravam-se ajoelhados num cobertor na companhia de Helen e de Jay-Jay enquanto pequenos gatinhos andavam de um lado para o outro com as caudas levantadas como pontos de exclamação.

– É isso mesmo, querido. Devagarinho. – Helen segurava um gatinho malhado e guiava a mão do filho ao longo do pelo do minúsculo animal. Na noite anterior, ela parecera-lhe cansada e nervosa durante todo o jantar, embora tivesse relaxado a dançar nos seus braços. Naquele tarde envergava uma blusa amarela com uma saia aos quadrados amarelos e brancos e brilhava com a luz que entrava inclinada pela porta do celeiro. Aquele dia na quinta parecia ser mesmo o que ela necessitava depois de uma longa semana.

Jay-Jay guinchou de alegria e um gatinho cinzento deu três saltitos para o lado. Jay-Jay tentou apanhá-lo.

– Tinho.

– Devagar – aconselhou Helen. – Ele vem se tu fores delicado.

– Olha – disse a avó –, aqui vem a mãe gata. Está na hora do lanche e da sesta.

Helen deixou escapar um longo suspiro.

– E para outra pessoa também.

Uma sesta? Ray não tinha pensado nisso. Lá se iam os seus planos para uma tarde romântica.

– É quando quiseres – disse a avó para Helen. – Fiz a cama do quarto de hóspedes para o pequenito.

O avô gemeu ao levantar-se.

– Pensámos que os dois apaixonados haveriam de querer passar algum tempo sozinhos.

– Avô! – Ray agarrou-se à extremidade do *cockpit* ao seu lado.

– O que foi?

– Não é... não é isso.

– Disseste que ias trazer a rapariga pela qual estavas interessado.

Ray grunhiu a pegou num pano estendido sobre a asa. Sim, aquelas haviam sido as suas palavras, letra por letra.

– Valha-me Deus, Jacob – interrompeu a avó. – Vamos embora antes que tu digas mais alguma coisa que não devas. Podes trazer o pequeno anjo quando quiseres, Helen.

Ray limpou o pó do *Jenny* com afinco. A primeira fase de um relacionamento exigia um equilíbrio meticuloso para evitar revelar muito demasiado cedo. O avô havia inclinado a balança.

– Sentes saudades de voar, não é? – indagou Helen.

Ela ainda ali estava? Ray recomeçou a limpar.

– Sim, bastantes. – Ouviu passos sobre a palha. – É pena não poderes pôr o biplano a voar.

– Não há combustível. – Cerrou os dentes e esfregou uma teimosa mancha junto ao *cockpit*.

– Ainda bem que não sou a única pessoa que é envergonhada pela família.

Ray fitou-a.

– Mas os teus pais estão em Washington.

Um pequeno sorriso fez levantar os cantos dos lábios de Helen.

– E achas que a Betty não os substitui na perfeição?

– A Betty?

– Ainda te lembras da forma como ela me gozou a semana passada por causa das histórias que eu escrevia em criança?

– E o que tem isso de embaraçoso?

Helen passou a mão pela mancha que Ray acabara de limpar.

– As histórias eram sobre ti.

Um pequeno nevoeiro inundou-lhe a mente para redemoinhar logo em seguida e desaparecer. Aquela revelação equilibrava a balança.

– Sobre mim?

– E que tal levores-me, e ao Jay-Jay, a dar um passeio pela quinta, como prometeste, e eu conto-te tudo?

– Está bem. – Ray atirou o trapo na direção da asa do avião. Quiçá ele lhe tivesse feito um favor.

Helen aliciou Jay-Jay a sair do celeiro com a promessa de ver mais animais da quinta e caminharam vagarosamente ao longo da vedação da pastagem. Jay-Jay mugiu à vaca *Flossie* e zurrrou a *Sahara Sue*, o burro árabe preto que Jack havia enviado de uma missão na Tunísia.

Ray pegou em Jay-Jay ao colo, arqueou uma sobrancelha a Helen e escondeu-se atrás da pequena cabeça do rapaz.

– Conta-me uma história, mamã.

Ela riu.

– Põe-o no chão para ele gastar mais alguma energia.

Ray obedeceu.

– E como fui eu parar às tuas histórias?

– Depois do acidente de bicicleta, quando tinha dez anos, tive uma paixoneta por ti. – A saía sibilava em redor dos joelhos enquanto caminhava.

Cada vez mais intrigante. Ray deu-lhe um pequeno encontrão com o ombro.

– Está na hora das histórias.

Ela lançou-lhe um olhar de esguelha.

– Nada de original. Sir Raymond ia no seu cavalo salvar a princesa Helene dos dragões, havia torres de castelo muito altas e rios tumultuosos. Os devaneios típicos de uma miúda daquela idade.

– Um cavaleiro andante. – Era sempre assim. Para agradecer à Dolores, Ray alistara-se no Army Air Corps e não na capelania, mas a farda não era suficiente. Ela queria um impetuoso piloto de combate. Já tivera alguns.

– Vá lá, Ray. Salva-me. – Helen trepou a vedação de madeira, sentou-se na última tábuca e sorriu por entre o cabelo loiro que o vento lhe empurrava para a cara. – Tal como São Jorge cavalgou com a sua lança para matar o dragão e salvar a princesa.

Ray aproximou-se dela. Acreditava que ela era diferente. Se não o respeitasse como ele era,

precisava de o saber naquele momento.

Helen desviou o cabelo da cara e o seu sorriso desfez-se.

Ray parou frente a ela.

– Não sou nenhum herói. Só quero pregar a palavra do Senhor. Se andas à procura de um herói, esse herói não sou eu.

Os olhos de Helen arredondaram-se.

– Não era minha intenção... Não passam de histórias. Tu... tu foste um herói para mim. Eras simpático, atencioso, falavas comigo como uma pessoa, não como uma aleijada. Foi por isso que me apaixonei por ti.

Algo nos olhos dela lhe dizia que voltaria a apaixonar-se por ele se não estragasse tudo. Ray suspirou e colocou as mãos em volta da cintura de Helen.

– Desce daí. Não precisas de um herói para te salvar. Basta um cavalheiro.

Ela passou os braços em volta do pescoço dele. Havia um brilho nos seus olhos.

– Há algum cavalheiro por estas bandas?

Ray soltou uma gargalhada e desceu-a. Depois, pegou-lhe na mão e conduziu-a pela colina que separava a pastagem do pomar.

– Há alguma hipótese de esse fraquinho regressar?

Helen olhou para as duas mãos enlaçadas e pestanejou.

– O que o teu avô disse era verdade? Estás... estás...

– Bastante. – O ressoar na sua voz revelava mais do que as suas palavras.

Ela assentiu e deitou a cabeça no ombro de Ray.

Caramba, a sua vontade era puxá-la para mais perto e beijá-la, mas já tinham dado um enorme passo naquele dia. Tinha de ter calma.

– E quanto tempo durou essa paixoneta? – perguntou ele num tom provocador. – Até o Jim parar de te empurrar da bicicleta e começar a empurrar-me do meu fiel corcel?

Helen levantou a cabeça e fitou-o.

– Ele nunca fez isso.

Ray soltou um riso abafado.

– Eu estava lá. Vi-te ganhar-lhe naquela corrida de bicicleta, vi-o atirar aquele pau para os raios da tua bicicleta.

– Ele nunca faria tal coisa. Nunca o fez. – A mão dela ficou tensa. – Foi um acidente. Eu caí.

Ray franziu o sobrolho. Nunca se esqueceria do olhar de fúria no rosto de Jim. Mas a verdade era que o amor pregava belas partidas à memória.

As faces de Helen estremeceram e ela retirou a mão.

– Ei, espera. – Ray olhou-a nos olhos, pegou-lhe de novo nas mãos e esperou que ela o fitasse novamente. – Estive apaixonado por três vezes, três namoradas sérias. Fiquei noivo duas vezes. As três mulheres deixaram-me. Isso faz parte de quem eu sou e não posso mudá-lo. – O olhar dela tornou-se mais dócil. – Amaste o Jim durante bastante tempo. Casaste com ele, tiveram um filho, ele faleceu e tu fizeste o luto. O Jim faz parte de quem tu és. Não posso mudar isso e não quero fazê-lo. Não te obrigarei a negar o teu passado de modo a ter um futuro.

Os olhos de Helen dilataram-se, cor de chá salpicados com dourado. O cabelo tapou-lhe a cara e tentou desviá-lo com um riso nervoso. Ray soltou-lhe uma das mãos e penteou-lho para trás.

– Vamos devagar. Preciso de me certificar que o meu passado não me empurra para decisões

apressadas, e tu tens coisas para resolver. Depois há o *munchkin*.

Helen olhou para um lado e depois para o outro.

– Oh, meu Deus.

– Por falar no *munchkin*... Onde foi que ele se meteu?

*

Helen arquejou e esquadrinhou a quinta. O que tinha ela vestido ao Jay-Jay naquela manhã? Porque não conseguia lembrar-se? Que tipo de mãe era ela? Que tipo de mulher perdia o seu único filho?

– Jay-Jay! – Levou a mão à testa. – Oh, não, o que foi que eu fiz? Jay-Jay!

– Jay-Jay! – A voz grossa de Ray parecia ter maior alcance.

Helen correu até à vedação onde tinha estado a namoriscar, rapariga egoísta, a pensar só nela como de costume.

– Não faço nada como deve ser. Jay-Jay!

O pasto. Oh, não. E se ele tivesse passado por baixo da vedação e sido escoiceado ou pisado? Subiu à vedação de madeira.

– Como fui eu capaz? Oh, meu Deus! Jay-Jay!

– Helen. – Ray colocou-lhe uma mão firme no braço, o seu rosto calmo e regrado. – Temos de ter calma e pensar. Vamos a casa chamar os meus avós, assim serão mais dois pares de olhos.

– O meu bebé. – A sua visão enevoou-se. – Como pude perder o meu bebé?

– Não há necessidade de alarme. – Desceu-a da vedação. – O mais provável é ele ter regressado a casa para comer mais tarte. Ou para ver os gatinhos.

– Os gatinhos. – Aquele pensamento clareou-lhe a visão.

– Vamos. – Ray agarrou-a pela mão e correram em direção ao celeiro.

Quando abriu a cancela do cerrado, Helen esgueirou-se pela porta aberta do celeiro e estacou, perscrutando a escuridão enquanto os seus olhos se adaptavam à mudança de luz.

– Jay-Jay?

Lá estava ele.

A mãe gata encontrava-se deitada num cobertor castanho com os cinco gatinhos agarrados a ela como os dentes de um pente. Jay-Jay havia-se enroscado junto deles, olhos fechados, boca a desenhar um círculo, e a mãe gata lambia-lhe o rosto com vigor. A tensão desapareceu de imediato do corpo de Helen.

Ray deixou escapar uma gargalhada bem sonora.

Ela virou-se para trás, colocou a mão sobre os lábios de Ray, empurrou-o para fora do celeiro e encostou-o à parede, sem nunca lhe destapar a boca.

– Nunca, mas nunca, acordes um bebé. Nunca. A menos que haja um incêndio. E só se for um grande incêndio.

– Xi, xenhora – murmurou com os olhos esbugalhados. Depois esvaziou o peito e os seus olhos desenharam dois quartos crescentes. – Viste? A gata a lavá-lo?

– Chiu. Chiu. – Mas também não conseguiu conter o riso. – Ele comeu... atum ao almoço.

Ray desatou a rir às gargalhadas e Helen enterrou o rosto no peito dele, puxando-lhe a cabeça para o seu ombro para assim lhe abafar o riso.

– O Senhor protegeu-o – disse ele por entre as gargalhadas. – E até se certificou que ele tomava banho.

– Atum. – Enterrou-se ainda mais no peito dele e o seu riso chocava contra o dele. Qual seria mais adorável: a segurança do seu filho ou o abraço sorridente daquele homem que estava interessado nela? Bastante, dissera ele.

As gargalhadas amadureceram para risos abafados e depois para suspiros satisfeitos. Os braços dele continuavam em redor da sua cintura. E a mão dela continuava em concha atrás da nuca dele.

Ray encostou-lhe o nariz ao cabelo.

– *Hum*. Cheiras a erva e a luz do Sol.

Helen derreteu-se naquele abraço, sólido ao invés de forte. Ele tinha a altura perfeita. Nem sequer tinha de se esticar para o alcançar.

– Ainda bem que não tenho hálito de atum.

Ray endireitou-se, olhar enamorado, e inalou.

– *Hum*, não. Tarte de morango.

Oh, meu Deus, aquilo estava mesmo a acontecer. O hálito a morango de Ray envolveu-a e Helen aproximou-se para cobrir as suas memórias de encanto gregário com a tranquila força de Ray.

Algo tremeluziu no cinzento dos olhos dele, a batalha do autodomínio, e ela tinha de se certificar que ele perdia. Estendeu o rosto para o calor.

Ray inclinou a cabeça para trás e encostou-a à parede do celeiro

– Helen, querida, é melhor esperarmos.

– Porquê? – Enrolou os dedos nos seus caracóis negros, tonta pela proximidade. – Não está ninguém a ver.

Um pequeno sorriso estremeceu-lhe nos lábios.

– Ainda há cinco minutos te prometi que ia levar as coisas devagar.

– Então beija-me devagar.

Ray esbugalhou os olhos, a batalha já perdida, e encostou os lábios aos dela num beijo lento e sensual.

Ela não estava preparada para a paixão.

Paixão?

A paixão provinha da ira. Queria soltar-se, mas ele puxou-a de novo com aquela paixão mais terna, diferente. Tudo o que conhecia do carácter de Ray transparecia no seu beijo e ansiou por mais do seu cuidado, da sua atenção e da sua força, e um dia, talvez, oh, por favor, do seu amor.

– Oh, Helen – murmurou ele e estreitou-a ainda mais nos seus braços.

Aquilo era o que sempre desejara. E pelo qual sempre deveria ter esperado.

Ray soltou-a e esboçou um adorável sorriso assimétrico.

– É melhor levar-te a sair.

– Um encontro? – A ideia paralisou-a.

– O meu pai ensinou-me a nunca beijar uma mulher antes do terceiro encontro e nós... a menos que queiras contar aqueles jantares.

– Claro. Claro que contam.

Voltou a colocar os braços em volta da cintura de Helen.

– Para a semana vamos jantar fora.

Jantar fora? Onde toda a gente podia vê-la, julgá-la e falar dela? Helen forçou uma gargalhada.

– E o que fazemos? Vamos ao White Fountain, partilhámos um gelado e dançamos ao som da *jukebox*? Não somos um bocadinho maduros para isso?

– Sim. O Milan é mais apropriado.

Credo, não. Apesar de todos os seus músculos terem ficado tensos, afagou-lhe a face.

– Não precisas de me impressionar. Já o fizeste. Para além disso, o objetivo de um encontro é que as pessoas se conheçam. Não estamos já a fazer isso?

Ray deu-lhe um beijo na ponta do nariz.

– Está certo.

Sábado, 8 de abril de 1944

Ray segurou a porta do Milan's Restaurant e o grupo saiu para o ar fresco da noite – George e Betty Anello, o irmão mais novo de Ray, Walt, a sua noiva, Allie Miller, e Helen.

Uma saída em grupo parecera-lhe uma excelente ideia aquando da chegada de Walt e Allie de Seattle na noite anterior com o intuito de fazerem uma surpresa ao pai e à mãe pela Páscoa. Mas estava enganado. Colocou-se ao lado de Helen.

– Foi uma péssima ideia.

– Péssima? Que disparate. Estou a divertir-me muito. A sério que sim. – A tensão na voz dela negava cada palavra.

Ray soltou um grunhido afirmativo. Não queria chamar-lhe mentirosa.

– Estive muito calada? Desculpa, mas, meu Deus, com o George e o Walt a trocarem novidades... eles sempre foram muito amigos, sabes. Claro que sabes. E depois a Betty e a Allie a discutir recordações da faculdade e planos de casamento e...

– Tudo bem. Não devia ter-te surpreendido.

– Não, não tem problema. Estou a divertir-me.

Se o jantar tinha sido divertido, então porque agira como a namorada de um gangster, de alerta, o seu olhar a saltitar por toda a sala? Como se tivesse medo de ser apanhada.

– Olá, Mister Anello. – Um grupo de rapazes adolescentes passou por eles a furta-passo na Second Street.

– Ei, vocês não deviam estar em casa a estudar? – A brincar, George lançou-lhes um olhar indignado. Dirigiu-se a Walt que seguia atrás de si. – A cada dia se torna mais difícil ensinar. A turma de quarenta e quatro não quer estudar história. Quer sair daqui e fazer história.

Walt soltou um riso abafado.

– Esperemos que nunca tenham oportunidade.

– Sim? Eu gostava que me dessem uma oportunidade.

– Nós é que ficamos a perder. Se te deixassem entrar, a guerra já teria terminado. – Walt deu uma palmada nas costas de George com a mão esquerda, a sua única mão.

Ray cerrou os dedos nos bolsos das calças. George e Walt andavam à civil, porém, George tinha o coração de um guerreiro, apesar da perna defeituosa, e Walt tinha a marca do seu heroísmo no gancho de metal que usava no lugar do braço direito. Ray usava a farda, mas era um impostor.

– Desculpa. – Helen meteu a mão enluvada na curva do braço de Ray, o seu olhar mais brando. – Serei uma melhor companhia.

Ele suspirou e sorriu-lhe. Coitada, pensava que ele estava zangado com ela e não com ele próprio.

Na bilheteira do El Campanil, Ray comprou os seis bilhetes, já que a estúpida noite na cidade havia sido ideia sua. A alguns metros do resto do grupo, Helen conversava com Jeannie

Llewellyn.

Era impossível não ver Jeannie com o seu gigantesco chapéu vermelho empoleirado na cabeça, um chapéu atrás do qual Ray não desejava sentar-se.

Helen estava elegante num fato do mesmo tom dourado que as colinas em redor de Antioch no verão. E apanhara o cabelo por baixo do chapéu. Ray pousou-lhe a mão no ombro.

Ela deu um salto.

– Meu Deus! Assustaste-me!

– Desculpa. – O que esperava numa multidão daquelas?

Jeannie arqueou uma sobrancelha fina.

– Vieram os dois?

– Viemos com um grupo. – Helen estendeu a mão na direção dos outros. – O George e a Betty, o Walt e a sua noiva. Já conheces a Allie?

– Sim, conheço. – Mas Jeannie não tirava os olhos de Ray.

– Então vem cumprimentá-la. – Helen pegou no braço de Jeannie e arrastou-a dali.

Ray ficou sozinho, o seu estômago numa bola. As mulheres costumavam gostar de ser vistas com ele, contudo, Helen comportava-se como uma mulher casada apanhada com um amante.

Porquê? Pensaria que as pessoas esperavam que ela permanecesse fiel a Jim um ano e meio depois da sua morte? Ou teria vergonha de ser vista com Ray?

Walt olhou para o lado e esboçou um sorriso largo.

– Tens os bilhetes?

Ray lá conseguiu devolver o sorriso.

– Seis bilhetes para *Cover Girl*.

– Não quero perder isto por nada – comentou George. – Com a Rita Hayworth, o Gene Kelly e a orquestração de um filho de Antioch.

– Andaste na escola com o Carmen Dragon, não foi, Ray? – inquiriu Walt.

Entregou os bilhetes à rapariga que indicava os lugares.

– Estava um ano à frente dele no Riverview High.

– Riverview? – A voz da Jeannie flutuou por cima do grupo. – Isso fechou faz séculos. A Antioch High está aberta *depuis longtemps*.

– Estás a ver o que eu queria dizer? – sussurrou Helen.

O sorriso confidente dela aqueceu-o por dentro.

– *Oui, oui*. Consegui, na mesma frase, dar um golpe mortal na tua educação e na minha idade. – Encostou-lhe a mão ao fundo das costas para a guiar pelo átrio ornado e pelo corredor certo da sala.

– Olá, Mistress Carlisle. – Uma arrumadora acenou-lhe e os pompons do seu *sombrero* em miniatura agitaram-se. O seu olhar pousou em Ray e depois deixou escapar uma risadinha.

– Olá, Evelyn – cumprimentou Helen num tom tenso.

Ray suspirou, seguiu Helen e sentou-se no seu lugar. Numa cidade de sete mil habitantes como podia ela achar que conseguiria manter o relacionamento deles em segredo? E porque havia de o querer? Como podia beijá-lo de forma tão apaixonada numa semana e ser tão retraída na seguinte? Estaria arrependida daquele beijo?

Ele estava. Apesar das suas nobres intenções, tinha avançado demasiado depressa. Ela não estava preparada e ele deixara-se levar, tal como a mãe dizia. Mas, oh, meu Deus, como podia

ele ter resistido à forma como ela o convidara?

Assim que as luzes diminuíram e as cortinas se abriram, o Pateta demonstrou « Como Ser um Marinheiro» e o documentário mostrou a Oitava Força Aérea dos Estados Unidos a regressar às bases inglesas após um raide de bombardeamento aos campos de aviação nazis.

Ray procurou o irmão Jack ou algum dos seus antigos alunos. Um dos homens retirava o equipamento de voo e sorria para a câmara. Sorria porque gostava do que fazia, porque tinha sobrevivido ou para impressionar os restantes homens e os seus familiares em casa? Lá bem no fundo, seria aquele aviador um cobarde?

Se era um cobarde, ao menos tinha enfrentado os seus medos. Ao contrário de Ray.

Por fim, o filme lá teve início, os créditos de abertura começaram a passar e, quando o nome de Carmen Dragon apareceu no ecrã a cores, a audiência aplaudiu e deu vivas ao filho da terra.

Mas Helen não o fez. Tinha os olhos fechados e a boca ligeiramente aberta.

Entre o trabalho de voluntariado e o trabalho e o cuidar do filho e da casa, devia esgotar-se com tantos afazeres. Estava exausta. Isso explicava o seu comportamento. Ray sentiu uma pontada de alívio e instinto de proteção. Sorriu e abanou-lhe levemente o braço.

Helen arquejou e agitou ambas as mãos na frente do rosto como se um monstro dos seus pesadelos tivesse ganho vida.

Ray encostou-se.

– Um pesadelo?

Ela pestanejou e ajeitou o cabelo, o seu peito subindo e descendo apressado.

– Sim, um pesadelo.

Ele mostrou-lhe um sorriso caloroso na pouca luz da sala. No fim de semana planearia uma noite mais calma.

*

Ray cantarolava « Long Ago and Far Away» por entre dentes e rodopiou Helen por baixo do braço ao mesmo tempo que viravam para a D Street.

– Que pena eu não cantar como o Gene Kelly.

– Ou dançar como ele.

Puxou-a para o seu peito.

– Ei, também não sou assim tão mau.

À luz do luar os olhos dela brilharam.

– Pois não, estás apenas certo.

Sim, podia beijá-la naquele momento, mas esperaria até que Mrs. Carlisle regressasse a casa depois de ter ficado a fazer de *babysitter* e então ele e a Helen podiam encostar-se ternamente no balaço do alpendre protegidos pelos ramos da cerejeira.

Subiram os degraus, a porta da frente escancarou-se e Jay-Jay saiu a correr.

– Mamã!

Helen pegou no filho ao colo.

– Querido, o que fazes acordado? Meu Deus, são dez e trinta.

– Ele queria esperar por ti. – Mrs. Carlisle estava à entrada da porta e lançou um olhar gélido a

Ray .

Ele sorriu e tocou na beira do boné da farda.

– Boa noite, Mistress Carlisle. – Nunca percebera muito bem por que razão os Carlisle não gostavam dos Novak, mas suspeitava que tinha a ver com a Grande Discussão dos Trajes do Coro de 1928.

Helen passou a mão pelos caracóis do filho.

– Ele já devia estar na cama. Amanhã é dia de Páscoa. Temos de ir à igreja e depois temos o jantar de Páscoa.

– Ele não queria ir para a cama.

– Não cama – disse Jay-Jay .

– Vá lá, querido. Tens mesmo de ir para a cama.

– Não! – Jay-Jay deu uma palmada na cara de Helen.

Ela virou a cabeça para o lado.

– Por favor, querido? Por favor?

Ray franziu o sobrolho. Porque não o repreendia por lhe bater? Porque pedia permissão a uma criança de dois anos? Para evitar uma cena na frente dele?

Mrs. Carlisle cruzou os seus finos braços frente ao peito.

– Qual o problema de o miúdo se deitar uma noite mais tarde?

Havia agitação no rosto de Helen e Ray tinha de fazer alguma coisa. Sussurrou-lhe ao ouvido:

– Tens um cestinho da Páscoa para ele?

Ela anuiu e embalou o pequenito.

Ray inclinou-se para ele.

– Ei, *munchkin*, sabias que o coelhinho da Páscoa não vem enquanto não estiveres a dormir?

Os seus olhos azuis arregalaram-se.

Helen fitou Ray com uma expressão agradecida.

– Meu Deus, Jay-Jay . Se ele te vê acordado, é bem capaz de se ir embora e já não voltar.

– Cama. – Jay-Jay deslizou dos braços da mãe e correu para dentro de casa com a avó a cacarejar atrás dele.

Ray pegou nas mãos de Helen.

– Eu espero aqui. Demora o tempo que for necessário.

Helen espreitou para dentro de casa e recuou pela porta.

– Obrigada por me acompanhar até casa, tenente. Talvez o veja amanhã na igreja.

Tenente? Talvez o visse? Sentiu calor a expandir-se no seu peito.

– Sim. Quem sabe. Até qualquer dia. – Marchou pelos degraus e fez um aceno por cima do ombro.

– Ray... – A voz dela chegou-lhe em ondas calmas e suplicantes, mas estas não foram seguida por passos.

– Tenha uma boa noite, Mistress Carlisle. – Uma espécie de ira preencheu-lhe a mente. Ele detestava a ira. Tinha de a apagar e sabia o local ideal para o fazer.

As roupas de Ray colaram-se-lhe ao corpo. As águas do rio San Joaquin estavam frias e o ar pouco mais quente e, se secasse ao ar, corria o risco de ser preso por exposição indecorosa.

Virou para a D Street. O mais provável era Helen já estar a dormir, mas tinha de fazer aquele esforço.

Uma físga de luz brilhava em redor das cortinas da sala de estar de Helen. Ray parou no passeio. Teria preferido esperar e rezar mais um pouco, mas pelos vistos o Senhor queria aquilo resolvido o mais rapidamente possível.

Bateu à porta. Momentos mais tarde, abriu-se uma físga, depois completamente.

– Ray? O que fazes aqui? Meu Deus, estou toda desarranjada.

Desarranjada? Longe disso. Envergava um roupão comprido de seda cor de alfazema por cima de uma camisa de noite a condizer e o cabelo caía-lhe em ondas por cima dos ombros. Tinha retirado a maquilhagem, porém, a falta do batom não reduzia a atração daqueles lábios.

Mas não era por isso que ele estava ali.

– Espanta-me que ainda estejas acordada.

– Não conseguia dormir. Estava a trabalhar no desfile das crianças. É já para a semana. – Passou a mão pelo cabelo e a sua testa enrugou-se. – Voltaste.

– Precisava de te pedir desculpa.

– Porquê? – O olhar dela desviou-se para o lado. – É melhor entrares antes que Mistress Llewellyn me veja à porta nestes propósitos. – Fez-lhe sinal para que entrasse.

Ray encostou-se à porta fechada e colocou as mãos nos bolsos.

– Tenho muito porque pedir desculpa. Primeiro, disseste que não querias sair e eu fui logo arranjar um jantar com o Walt e com o George.

– Desculpa ter sido má companhia. Não me importei nada de sair. Gostei de ver o antigo grupo reunido.

Ray inclinou a cabeça e sorriu. Talvez tivesse gostado, mas não em público.

– Avancei demasiado depressa. O fim de semana passado na quinta foi espetacular, mas avancei muito rápido.

– Estás esquecido? – Helen enrolou os braços frente à cintura. – Eu fui uma participante ativa.

Foi invadido por uma sensação de calor.

– Lembro-me muito bem, mas hoje fui demasiado longe.

– Não, não foste. Desculpa. Não sei o que me deu. Só que... há anos que não saía e senti-me como se...

– Como se toda a gente estivesse a falar de ti?

– Bem, sim. – Mordeu o lábio inferior.

Ray olhou para o teto.

– Talvez estivessem, mas, quiçá, se sentissem felizes por ti.

Helen soltou um suspiro.

– Desculpa. Não faço nada como deve ser. As coisas estavam a correr tão bem. Porque tenho de estragar sempre tudo?

Ray franziu a testa ao ver tanta aflição no rosto dela.

– Não está nada estragado. São apenas dores de crescimento. É compreensível, não achas?

Helen pressionou as mãos sobre os olhos.

– Sou uma idiota.

– Idiota? – Ele riu. – Eu ganho esse prêmio. O teu filho precisava de ti, a tua ex-sogra pairava sobre o teu ombro e eu fiz beicinho porque não consegui um beijo de despedida.

Helen espreitou por trás de uma das mãos.

Ray acenou afirmativamente com a cabeça.

– Sim, fiz beicinho. Já tens um rapazinho pequeno na tua vida. Não precisas de dois.

Ela sorriu e baixou as mãos.

– Por falar em rapazinhos pequenos, o que aconteceu à tua camisa? Os botões... há bocado não estavam assim

Fantástico, tinha apertado mal os botões.

Ela riu.

– A tua gravata... onde está? E o teu cabelo! O que aconteceu?

– Fui nadar. – Deu umas palmadinhas na gravata enrolada no bolso do casaco e alisou o cabelo desalinhado. – Saí daqui, dei um mergulho, falei com Deus e aqui estou.

– E tomaste banho com o quê? – Tapou a boca com a mão e deixou escapar uma gargalhada.

– Não!

Observou a sala de estar com um sofá, um rádio e uma mesa de jogo coberta de papéis.

– Nome, posto e número militar. É tudo o que conseguirá arrancar de mim, minha senhora.

O riso dela penetrou bem dentro dele e fez-lhe cócegas em locais de cuja existência ele já se esquecerera.

Piscou-lhe o olho.

– Parece que vais ter de te contentar com outro rapaz pequeno.

– Eu gosto de rapazinhos pequenos. – Sugou o lábio inferior. – Ainda queres o tal beijo de boa noite?

Oh, se queria, mas como haveria de ser com ela naquela camisa de noite? Aproximou-se, mantendo as mãos nos bolsos e inclinou-se para lhe depositar um beijo rápido sobre os lábios.

– Podes ser um rapazinho pequeno, mas eu não sou a tua mãe. – Enrolou os braços em volta do pescoço dele. – E não está ninguém a ver.

Ela saberia? Saberia o que lhe provocava? Estreitou-a nos seus braços e mergulhou num beijo demorado e insinuante. Podia não ser um herói, mas sem dúvida que era um homem. A cada dia que passava, o Exército e a sociedade esgotavam-lhe a masculinidade, mas recuperava-a sempre que estava com Helen Carlisle.

Todavia, ela estava demasiado próxima, demasiado sugestiva, demasiado disposta. Embora fosse quase dez anos mais nova que ele, já tinha sido casada. Estava habituada a mais do que apenas beijos.

Soltou-se.

– É melhor ir andando.

– Porquê? Isto é tão bom.

– Demasiado bom. – Beijou-a na testa e recuou. Ela ficava ainda mais atraente com o cabelo despenteado e aquele olhar sonhador.

– Ainda bem que voltaste. – A sua voz aspirada tornava a partida ainda mais agonizante.

Ray soltou uma lufada de ar.

– Tenho de ir. – Abriu a porta e saltou pelos degraus até se encontrar a uma distância segura.

– Vejo-te amanhã na igreja.

– Espero que tenhas um bom jantar com os teus pais.

– Preferia estar contigo.

Helen encostou-se à moldura da porta e suspirou.

– Eu também.

Aquela voz enroscou-se nele e puxou-o de volta. Subiu novamente os degraus e rodopiou-a, a rir e a protestar por causa dos vizinhos, contra o seu peito para mais um beijo apaixonado.

Quiçá na próxima Páscoa já pudessem jantar juntos como uma família.

Domingo, 9 de abril de 1944

– Ovo! – Jay-Jay segurava o seu tesouro bem alto e correu para Helen.

Ela estendeu-lhe o cesto.

– Muito bem, querido. De que cor?

– Melo. – Fugiu a correr. – Mais ovo.

Helen inalou o aroma da primavera apenas ligeiramente alternado pelo cheiro das sebes de oleandro que rodeavam o quintal das traseiras dos Carlisle.

– Olha ali – disse Mr. Carlisle para o neto. – Mas é melhor ir a correr. Eu adooooo ovos de Páscoa. – Esfregou a barriga e fez estalar os lábios.

Jay-Jay riu.

– Não. Meu.

Helen agitou os dedos dentro dos sapatos cremes. Ray dissera que ela estava muito bonita a subir o corredor da igreja naquela manhã, mais bonita do que nunca, mas também, ele achava isso de cada vez que a via. Tocou no bolso lateral do vestido que continha o papel com essas palavras.

Que romântico da parte dele perguntar-lhe se precisava de outro hinário e depois passar-lhe um com o papelinho a espreitar por cima.

Helen fez uma pirueta no meio do relvado, girando a saia florida do seu vestido. Riu. O que haveriam as pessoas de pensar?

– Jay-Jay, onde estás? – chamou para encobrir.

Retirou um ovo do meio da plantação de tomate da horta da vitória⁵.

– Zul ovo.

– És um menino muito esperto.

E encantador no seu fato cinzento com um lacinho azul-claro. Os seus joelhos redondos e rosados apareciam por baixo dos calções ao correr para entregar o ovo a Helen.

– Já não há mais – informou ela.

Mr. Carlisle levou as mãos à cabeça.

– Oh, não. Não encontrei um único ovo. O Jay-Jay ganhou-me.

– Para o ano já terá concorrência. – Helen sorriu para a cunhada, Dorothy Wayne, que se encontrava sentada numa cadeira de verga com a filha Susie de três semanas, aninhada sob o seu queixo.

Mr. Carlisle pegou em Jay-Jay e rodopiou-o por cima da cabeça.

– Nem pensar. Ninguém ganha ao meu rapaz.

– Está na hora de ir para casa. – Dorothy levantou-se com um olhar magoado. – Prometi ajudar a mãe Wayne na cozinha. Despeço-me da mãe ao sair.

– Eu vou contigo. Também sou precisa na cozinha. – Helen seguiu a amiga pela porta das traseiras. – Não te preocupes, Dorothy. Os homens não são muito ligados aos bebés, mas assim

que a Susie começar a correr de um lado para o outro e a fazer olhinhos bonitos com esses enormes olhos castanhos, o avô derrete-se logo.

Dorothy mostrou-lhe um pequeno sorriso e entrou na cozinha.

– Adeus, mãe. Tenho de levar a Susie para casa.

Mrs. Carlisle continuou a esmagar batatas. Envergava um vestido azul com motivos florais seguindo a última moda, o que contrastava com o seu penteado desatualizado.

– Obrigada por teres vindo, querida.

Helen sorriu para Dorothy apesar do sabor amargo que sentia na boca.

– Eu passo por tua casa amanhã para levar as faixas para o desfile. Agradeço muito a tua ajuda.

Um curto aceno de cabeça fez agitar os caracóis castanhos de Dorothy e esta dirigiu-se para a porta da frente.

Helen suspirou. Embora os seus pais preferissem a Betty e a sua vivacidade, Helen nunca se sentira não amada. Graças a Deus que os Wayne haviam recebido Dorothy no seio da sua família e na sua casa, uma vez que o marido, Art, estava coloca-do em Itália.

Helen guardou o cesto dos ovos no frigorífico.

– Em que posso ajudar?

Mrs. Carlisle encontrava-se em bicos de pés para fazer força suficiente para esmagar as batatas.

– Não preciso da tua ajuda.

Helen estremeceu com a frieza da resposta. Não precisava de ajuda? A carne estava por rechear, a mesa ainda não tinha sido posta, a tarte de cereja ainda tinha de ir para o forno e o tacho das ervilhas estava a deitar a água por fora.

Desligou o bico do fogão, enrolou a toalha da cozinha em volta da pega e levantou o tacho até a fervura baixar.

– Não me importo de ajudar. Afinal também sou da família.

– Não, não és. – A voz dela vacilou.

Que diabo? Desde o dia do casamento que os Carlisle haviam insistido que ela era uma Carlisle e os Jamison tinham concordado.

– Desculpe?

– Não depois do que ouvi. Reza para que Mister Carlisle não venha a saber. – Esmagava com tanta força que a tigela se virou sobre o balcão. – Credo. Oh, meu Deus.

Um receio antigo e frio apertou o peito de Helen.

– O que quer dizer com isso?

– Não te faças de inocente. Esse tipo de comportamento. Devias ter vergonha.

Vergonha? Não lhe ocorria nada de que devesse envergonhar-se. A menos...

Helen agarrou na tampa e dirigiu-se para o lava-louça.

– Não sei do que está a falar.

– Ainda por cima com um Novak E com o pequeno e doce Jay-Jay no quarto ao lado. Não tens vergonha? – Mrs. Carlisle despejou leite para a tigela, demasiado leite.

– Não estou a perceber. – As mãos de Helen tremiam de tal forma que deixou escapar algumas ervilhas para a pia.

– Oh! Não estás? Mistress Llewellyn viu o Ray Novak entrar em tua casa e sair já bem tarde.

Bem tarde. E tu de camisa de noite, numa coisa fininha e coleante como as modelos agora usam, a beijá-lo para toda a gente ver.

– Não foi nada disso. – Helen andava às voltas com o tacho na mão à procura de uma tigela.

– Então como foi? Diz-me. – Raspou as batatas para uma tigela fazendo saltar respingos para a mesa.

Helen limpou o vapor da testa.

– Depois... depois de a senhora sair, não conseguia dormir e por isso comecei a tratar de uma papelada para o desfile. Ele regressou para pedir desculpa por algo que tinha dito. Falámos... talvez durante cinco minutos, mesmo à porta. Ele nunca... nós nunca...

Mrs. Carlisle virou-se, os olhos semicerrados.

– Seduziste-o?

– Credo, não!

– Beijaste-o?

Abriu e fechou a boca.

– Bem, sim, mas Mister Carlisle disse que eu podia namorar.

– O Victor! Ele disse que podias namorar o Victor Llewellyn.

– Eu não gosto do Victor. Não dessa forma.

– E não é suposto gostares. Disseste que amavas o meu Jimmy.

– Claro que amava. – Helen rodopiou e agarrou na primeira tigela que viu.

– Se amasses verdadeiramente o Jimmy, nunca conseguirias amar outro homem. Não estarias envolvida num tórrido caso amoroso. Casarias para teres amparo e companhia, nada mais.

Helen deitou as ervilhas para a tigela e estas transformaram-se numa mancha verde. Não procurara a paixão com Ray. Esta fora apenas uma agradável surpresa. Deveria desistir daquela deliciosa relação só por causa das aparências?

– Eu... eu... – Voltou-se e ficou espantada com a expressão nos olhos da sogra: dor profunda.

Como se sentiria Helen se Jay-Jay morresse e a mulher seguisse com a sua vida? Seria como se o seu filho estivesse a morrer uma vez mais, como se a sua memória estivesse a desaparecer.

Enquanto Helen chorasse Jim, uma parte dele continuava viva.

Mrs. Carlisle fungou.

– Não contarei uma palavra disto a Mister Carlisle. Disse a Mistress Llewellyn que só podia estar enganada. Mas tu... tu tens de agir como uma viúva digna.

Helen encostou as costas da mão à testa. Agira como uma viúva respeitável durante dezassete meses, mas agora tinha um outro papel para desempenhar, um papel resplandecente e novo que não exigia fingimentos. Durante quanto tempo esperavam que ela mantivesse o antigo? Durante quanto tempo até a sua máscara começar a rachar?

*

O aroma a galinha assada enrolou tentáculos fumegantes em redor de Ray e atraiu-o para a cozinha onde encontrou Walt a puxar a pele de uma pata.

Ray inspecionou a segunda ave e encontrou um pedaço na panela da cozedura.

A mãe entrou vinda da sala de jantar e arquejou.

– Desapareçam daqui, seus abutres.

– Não podemos abandonar a cozinha nem para pôr a mesa? – Allie Miller empurrou Walt para longe da galinha. – Xô.

Ele puxou-a para dançar e cantou:

– Xô, xô, xô, querida.

Allie riu e os seus caracóis castanhos saltitaram ao mesmo tempo que ele a abanava.

Ray aproveitou a distração e roubou um pedaço de coxa de galinha.

A mãe agarrou-o pelo braço e empurrou-o para fora da cozinha.

– Fora daqui, os dois.

– Não sei como aguenta, Mistress Novak – Ainda a dançar, Allie conduziu o noivo até à porta e correu com ele.

Walt fez beicinho.

– Não me amas?

– Com todo o meu coração, querido. E para te mostrar o meu amor, quero servir o jantar... intocado. – Sorriu e fechou a porta.

Walt franziu o sobrolho e um caracol negro pendeu-lhe sobre a testa

– Quase consegui roubar uma perna de galinha.

Ray lambeu os dedos agora que a mãe não estava a ver.

– Podias ter conseguido. Estávamos em superioridade numérica em relação à mãe, mas tu tinhas de trazer reforços femininos.

Walt esboçou um esgar.

– Ela é fantástica, não é?

– Sim, isso é verdade. – Ray estava admirado com as mudanças operadas em Walt, em parte devido ao amor de Allie e em parte devido... bem, às suas experiências enquanto piloto de um *B-17* na Europa ocupada pelos nazis. – Falta menos de um mês para o casamento. Como te estás a aguentar?

– Mal posso esperar. – Walt dirigiu-se para a sala de jantar e lançou um sorriso a Ray. – Estás a pensar casar ao mesmo tempo que nós?

Ray soltou uma gargalhada.

– A Helen e eu só começámos a ver-nos há um mês.

– Sim, é melhor não apressares as coisas, depois de tudo o que ela passou.

– Claro. – Na mesa da sala de jantar, Ray investigou o conteúdo de um cesto tapado com um pano de linho. – Ei, olha, pãezinhos de massa fermentada. Claro que não há manteiga. Maldito racionamento. – Retirou dois e atirou um a Walt.

Ele debateu-se com ele e por fim lá conseguiu segurá-lo contra o peito.

O estômago de Ray contraiu-se.

– Desculpa.

– Não tem importância. Ainda estou a aprender a ser canhoto. – Deu uma dentada no pãozinho. – A Helen estava bem a noite passada? Parecia... inquieta.

Ray encolheu os ombros e puxou uma cadeira para junto do cesto do pão.

– Não gosta muito de sair. – Falava com a boca cheia. Os pãezinhos de massa fermentada da mãe eram fantásticos, quentes e macios por dentro e com a cõeada estaladiça. E, ah, o aroma que soltavam.

– É bom que a mãe ensine a Allie a fazê-los. – Walt usou a prótese para puxar uma cadeira para trás e depois sentou-se. – Faz sentido.

– Os pãezinhos?

– Não, a Helen. Ela e o Jim eram bastante reservados. Reuniam-se com o grupo, mas poucas vezes. Preferiam a privacidade.

Ray mastigou o último pedaço e sentiu o peito tão leve quanto o pãozinho. Gosto pela privacidade? Seria apenas isso? Parecia estranho para uma mulher jovem e enérgica, mas se queria privacidade com Ray, ele não iria reclamar.

Ainda bem que o pedido de desculpas da noite anterior tinha resultado. A Helen parecia mais calma na igreja. E os olhares que lhe lançara... oh, Jesus. E o papelinho que lhe devolvera no hinário, aquele que se encontrava agora escondido na sua Bíblia: « Perguntas como eu estou? Dividida entre os pastores Novak. A minha mente diz-me que devo prestar atenção ao mais velho, mas o meu coração anseia por observar o mais jovem. Se ao menos estivesse no púlpito, ficariam ambos satisfeitos.» Estar de volta ao púlpito com aquele bonito rosto a adorá-lo do banco... o que poderia ser melhor?

Walt levantou a mão.

– Atira-me outro pãozinho.

Ray preparou-se para lançar.

– Atenção. Sabes que a minha bola curva é potente.

– Raymond Novak! – A mãe encontrava-se à porta com uma travessa na mão, Allie vinha logo atrás.

Ele virou-se para a encarar.

– Quer um? Apanhe.

A mãe pestanejou profusamente.

– Allie, querida, reza para teres filhas.

Ela riu.

– Eu rezo.

A mãe colocou a travessa com a galinha na mesa.

– Rapazes, por favor, chamem o vosso pai para jantar.

Ray e Walt sorriram um para o outro e gritaram:

– O vosso pai para jantar!

– Pelo amor de Deus – censurou a mãe. – A sério, Allie, eu ensinei-lhes maneiras. Criei-os com educação.

– Eu sei. Mas mais importante do que isso, criou-os com amor.

Piscou os seus enormes olhos verdes e colocou as tigelas de servir à cabeça da mesa.

Walt deu-lhe uma palmadinha ao fundo das costas.

Ray suspirou. Se ao menos conseguisse falar com os pais de Allie e convencê-los a não boicotarem o casamento por Walt não ser o cavalheiro de sociedade que desejavam para a sua única filha. Walt era um bom homem. O que poderiam ter contra ele?

– A Citação de Distinção de Unidade – dizia o pai para o avô Novak quando entraram na sala de jantar. – E era o Jack quem pilotava o avião líder.

– Uma grande honra. – O avô puxou uma cadeira para a avó se sentar. – Ele nunca se irá vangloriar pela CDU, mas foi obra dele.

Walt soltou um riso abafado.

– O comandante ia com ele. Não foi o Jack quem tomou as decisões.

O pai levantou a faca de trincar para realçar a sua frase.

– Se estava lá, de certeza que deve ter dito alguma coisa.

Ray anuiu e passou o dedo pela acetinada côdea do pãozinho. O orgulho de Jack ter-se-ia certificado disso.

A mãe colocou uma tigela de espargos fumegantes sobre a mesa.

– Quem me dera que ele não estivesse lá. Uma segunda comissão de combate em Inglaterra?

Depois de todas as missões no Pacífico?

– O que querias que ele fizesse, Edie? Que aceitasse um trabalho de secretária? – O pai mergulhou a faca na primeira galinha.

Ray sentiu como se aquela faca tivesse penetrado nele. Os trabalhos de secretária eram para homens de pouca importância ou coragem.

O avô sacudiu o guardanapo.

– Um trabalho de secretária era capaz de matar o Jack mais depressa do que os Hunos⁶.

– Sugava-lhe a energia por completo. – O pai começou a trincar, fatia após fatia, revelando os pálidos ossos.

A côdea do pãozinho estalou na mão fechada de Ray. Identificava-se com Gedeão quando disse ao Senhor, « Eu sou o mais jovem da casa de meu pai! ».

– Foi mais que isso. – Walt passou um prato cheio à mãe. – Ele queria compensar os erros que cometeu, compensar pelas pessoas que magoou.

– Compensar-se a si mesmo – afirmou Ray. – Por vezes, a pessoa mais difícil de perdoar somos nós.

– Essa é uma grande verdade, rapaz – concordou o avô. – Ninguém se martiriza mais do que o próprio.

– Sim. O Jack não gostava do que via por dentro. – Ray enterrou os dedos no pãozinho dourado e abriu-o. – Queria transformar-se num homem melhor, provar a si mesmo que podia ser um homem melhor.

Os comentários voavam em torrentes e os pratos iam passando de um lado para o outro, mas Ray olhavam fixamente para os picos e para os buracos na massa do pão.

O que haveria no interior de Ray Novak? Picos altaneiros de raiva ou buracos profundos de cobardia? Um aroma agradável ou uma trivialidade sensoriosa?

« Ámen » soou em redor da mesa.

Ray sobressaltou-se. O pai havia dado graças e ele não escutara.

A mãe cortou os seus espargos.

– Nunca entendi muito bem por que razão acham os homens que têm de ir a correr para a frente do perigo para mostrarem o seu valor, mas obrigada por tentares explicar, Ray.

Este mostrou-lhe um sorriso triste.

– O meu irmão é assim – disse Walt. – Sempre a tentar facilitar as coisas.

O pai lançou a Ray um olhar severo por baixo das sobranceiras grisalhas.

– Não podes fazer sempre isso. Às vezes os pastores têm de ser duros.

Ray engoliu um pedaço de galinha.

– « Falar a verdade com amor », pai.

– Sim, mas fala a *verdade*. Como Jesus fez.

– Ele veio como o Príncipe da Paz.

– E como fogo consumidor.

– « Felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus. »

– « Felizes sereis, quando vos insultarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o género de calúnias contra vós, por minha causa. » – O pai inclinou-se para a frente. – Isso significa que faremos inimigos. Jesus também os fez.

– Meu Deus – comentou Allie. – Nesta casa, a Palavra de Deus é mesmo uma espada.

Todos riram.

– Não lhes liguês – afirmou Walt. – Eles adoram um debate.

A mãe lançou um olhar apaziguador entre o pai e Ray.

– E sabem ambos que Jesus veio simultaneamente como o Leão e o Cordeiro, cheio de graça e verdade.

– Estão a ouvir esta sabedoria? – Ray fitou Allie com uma sobranceira arqueada. – Eu saio a ela.

Allie sorriu. Com o tempo, a cerimoniosa herdeira habituar-se-ia àquela família barulhenta.

– Raymond – disse o pai num tom de voz baixo e firme. – Já alguma vez confrontaste um membro da tua congregação?

Ele pestanejou algumas vezes.

– Só estive dois anos numa igreja e como pastor assistente. Fiz visitas a doentes, funerais...

– Um pastor deve confrontar o pecado antes que este destrua a pessoa e a igreja.

– Eu sei disso.

– Não podes andar em volta dele em bicos de pés. Tens de o enfrentar. Quando o fazes, nem sempre manténs a paz. Crias conflito. Fazes inimigos.

– Pelo amor de Deus. – O avô franziu o sobrolho. – Porque tens sempre de tentar moldar os teus filhos à tua imagem? O Ray é o Ray, tal como o bom Senhor o criou. Sê tu mesmo, rapaz.

Fez um aceno de cabeça e deu uma dentada num espargo, o talo era azedo como as palavras do pai e o reconhecimento de que precisava da proteção do avô. Ambos os homens achavam que ele era fraco.

Os músculos do pescoço do pai tornaram-se visíveis.

– Ser ele mesmo, sim. Mas ele necessita de estar disposto a acarear, a enfrentar a oposição.

Ray puxou os ombros para trás e levantou o queixo. Se os modos bruscos do pai eram assim tão bons, porque continuavam os Carlisle zangados com ele? Porque não conseguia ele consertar essa brecha?

– E de que forma esses teus confrontos se resolvem? – A sua voz soava um pouco tensa.

O pai brincou com as batatas assadas e as suas faces estremeceram.

– Alguns arrependem-se. Outros não. Isso é entre eles e o Senhor e as pessoas que magoam.

Tal como Ray pensava. Iria manter-se fiel aos métodos que conhecia melhor e que funcionavam para ele. Contudo, nem o copo de água conseguiu remover o gosto amargo que prevalecia na sua boca.

5 Também chamadas as Hortas da Guerra ou Hortas de Alimentos para a Defesa. Eram pequenas hortas cultivadas em residências particulares durante a Primeira e a Segunda Guerra Mundial para reduzir a pressão que o esforço de guerra exercia sobre o fornecimento de alimentos à população. (*N. da T.*)

6 Termo depreciativo para alemão (*N. da T.*)

Sábado, 15 de abril de 1944

– « Let freedom ring.» – As vozes dos alunos da escola primária encheram a sala do Teatro El Campanil seguidas por uma salva de palmas.

Nos bastidores, Helen compôs os laços vermelhos nas pontas das tranças de Connie Scala, depois empurrou Connie e o seu irmão Alfie para mais perto das pesadas cortinas e fez sinal ao coro de crianças. Graças a Deus, a azáfama dos preparativos do desfile desviara-lhe o pensamento do romance com Ray, da desaprovação dos Carlisle e dos rumores que pairavam no ar.

Depois de Mary Jane Anello ter conduzido o coro para os bastidores, Helen alisou a sua saia vermelha e o casaco de linho azul e branco e avançou até ao microfone.

Por cima das luzes do palco, sorriu para os borrões negros na audiência.

– Já de seguida teremos o Alfredo e a Constance Scala a fazerem *tap dance* ao som de « Stars and Stripes Forever.» – Fez um aceno de cabeça para a banda do Liceu de Antioch antes de se retirar para os bastidores.

Um daqueles borrões sem cara era Ray, que fazia Helen sentir-se como uma colegial tonta. Dois eram os Carlisle, que esperavam que ela ficasse de luto para o resto da vida. No palco, sob aquelas luzes abençoadas, Helen conseguia ser uma competente e enérgica voluntária da Cruz Vermelha, o único papel que parecia agradar a toda a gente.

Deu uma vista de olhos na sua prancheta. Seguindo o horário estabelecido, Mary Jane trouxe Donald Ferguson para junto das cortinas.

– Estás pronto, Donald? – indagou Helen num sussurro.

– Não me lembro de nenhuma palavra. – As sardas do aluno do quinto ano pareciam salientarem-se sob o seu cabelo ruivo.

Helen alisou-lhe os ombros do fato.

– Com aquelas luzes, a única coisa que vais conseguir ver é um mar de borrões negros. Escolhe um borrão, bem lá no fundo, faz de conta que é a tua mãe e recita como recitaste para ela toda a semana.

Ele esboçou um sorriso.

– A minha mãe disse que se voltasse a ouvi-lo ficava doida.

Helen soltou uma gargalhada.

– Então vai enlouquecê-la.

Helen virou-se para ver o final da dança de Alfie e Connie e agitou os dedos aconchegados nos seus sapatos azuis e brancos. As crianças terminaram com um movimento floreado e depois correram para fora do palco sem sequer esperarem pelos aplausos.

Helen deu uma palmadinha nas costas de Donald, conduziu-o até ao microfone e regressou ao seu lugar.

– Mary Jane – sussurrou. – Podes ir buscar o Jay-Jay, se faz favor?

Donald recitou o Discurso de Gettysburg⁷ de Abraham Lincoln num tom firme e emotivo, declarando as verdades para as últimas filas do decorado teatro.

O que pensaria Nora Ferguson de Helen apresentar o seu filho? Nora andava estranha ultimamente e Helen fazia de conta ser demasiado nova na altura para saber que Ray e Nora haviam sido namorados de escola. E o que pensaria Ray ao ver um pequeno rapaz que poderia ter sido seu filho?

Donald levantou a mão bem alto.

– «Cumpre-nos a nós, os presentes, dedicarmo-nos à importante tarefa que temos pela frente – que estes mortos veneráveis nos inspirem maior devoção à causa pela qual deram a última medida transbordante de devoção.»

Helen sentiu que lhe abraçavam os joelhos.

– Mamã!

– Chiu. – Pegou no filho ao colo e beijou-lhe a bochecha macia. – Tive saudades tuas.

Ele deitou-lhe os braços em volta do pescoço e deu-lhe um beijo sonoro. Haveria alguma coisa melhor do que o amor de uma criança?

Mary Jane endireitou o chapéu de marinheiro de Jay-Jay.

– Ele é tão querido. Mal posso esperar por ser mãe.

– Espera. – Helen olhou a rapariga nos olhos. – Espera até encontrares um bom homem.

– Como a senhora.

Helen anuiu, tudo parte da representação. Quando os aplausos a Donald começaram a diminuir, ela deu-lhe um aperto de mão e virou-se para a assistência. Jay-Jay tapou os olhos e escondeu a cara no ombro de Helen e o público respondeu com «aahs».

Helen sorriu.

– O Senhor abençoou-nos aqui em Antioch. A nossa terra nunca foi pisada pelas botas inimigas ou marcada pelas bombas inimigas ou ensombrada pelos aviões inimigos. As nossas crianças vivem em liberdade porque os nossos homens lutam contra a tirania. As nossas crianças vivem sem medo porque os nossos homens enfrentam o perigo. As nossas crianças vivem por causa dos sacrifícios que os nossos bravos soldados e marinheiros fazem todos os dias.

Abanou Jay-Jay para que ele levantasse a cabeça. Aquele silêncio era mais profundo do que o de alguém que escutava educadamente e de alguns lugares ouviu-se fungar. Helen susteve a respiração. Para aquela comunidade, ela e Jay-Jay simbolizavam esse sacrifício. O seu papel como viúva pesarosa era essencial para o esforço de guerra. A cidade precisava da sua dor para continuar a dar e a servir e a lutar. Enquanto a guerra não terminasse, nunca seria livre.

– As crianças – sufocou. – As crianças. São a razão pela qual temos de nos «dedicar à grande tarefa à nossa frente». Tal como nos tempos de Lincoln, a nossa guerra está longe de terminar. Não podemos desistir. Imploro-vos que deem generosamente o vosso tempo e o vosso esforço, o vosso dinheiro e, sim, até o vosso sangue. – Ergueu um dos cantos da boca. – Para terminar, as crianças irão cantar «God Bless America», mas primeiro o Jay-Jay tem uma mensagem para vocês.

Ele inclinou-se de tal forma para a frente que Helen teve de o segurar.

– Deem! – gritou.

– Com educação, querido.

Por entre as gargalhadas, nascia uma estrela. O pequeno mostrou um sorriso largo.

– Pu favô.

Se aquilo não comovia a cidade, nada o faria. Helen desviou-se para o lado. As crianças entraram a marchar no palco, os rapazes nos seus melhores fatos e as raparigas com caracóis e tranças e saias de crinolina. Envergam todos fitas vermelhas, brancas e azuis, um dos muitos donativos dos Carlisle para o desfile.

O público juntou-se ao coro e Helen ficou com pele de galinha nos braços. O espetáculo fora um sucesso, mas levaria o impacto emocional a mais ação?

Assim que a música terminou, os pais aproximaram-se do palco para levarem os seus filhos, os rapazes da banda arrumaram os instrumentos e as raparigas da Cruz Vermelha Júnior começaram a trabalhar nas mesas que lhes tinham sido atribuídas ou nas operações de limpeza.

Helen olhou para a sua prancheta e passou umas quantas folhas.

– Mistress Carlisle? – chamou Peggy Lindstrom. – Posso brincar com o Jay-Jay?

Helen sorriu para a rapariga alta e loira.

– Isso seria de uma grande ajuda.

Peggy guinchou e sentou Jay-Jay na sua anca.

– Vamos brincar.

O que fariam as mães sem as raparigas adolescentes? Helen sorriu e deu uma palmadinha no ombro de Evelyn Kramer.

– Espera cerca de dez minutos antes de ires buscar a vassoura mecânica para tapetes.

Os olhos de Evelyn acenderam-se.

– Eu sei onde está. Trabalho aqui.

– Foi por isso que te ofereceste para o fazer.

– Olá, Helen. – Ray encontrava-se junto aos degraus que davam acesso ao palco.

O coração dela deu um salto mortal.

– Olá.

Os seus pais vinham logo atrás.

– Foi um belo espetáculo – elogiou o pastor Novak

– E um discurso muito comovente. Não havia quem não tivesse uma lágrima no olho. –

Mistress Novak soltou um riso abafado e mostrou o seu lenço.

– És uma oradora talentosa. – Ray sorriu, mas a sua pálpebra estremeceu.

– Obrigada. – Engoliu com força. O discurso tinha-o magoado, não era? Pensaria que ela não o respeitava porque a sua contribuição se centrava atrás das linhas inimigas e não na frente de batalha?

Ray colocou um pé no primeiro degrau.

– Posso ajudar?

– Oh, sim. – Sorriu pela oportunidade de lhe mostrar o quanto o admirava. – Davam-me jeito alguns músculos masculinos para retirar o cenário.

– Estás a procurar no local errado, mas eu farei o que puder. – Piscou o olho, desabotoou o casaco da farda e atirou-o à mãe. – Vejo-vos em casa.

Helen despediu-se dos Novak, apontou a Ray na direção de um escadote e olhou para a multidão que diminuía. Os Carlisle. Os Llewellyn. Uma agitação nervosa cresceu no seu

estômago. Precisava de se manter ocupada e longe de Ray para não alimentar os mexericos.

Dirigiu-se para o extremo oposto do palco.

– Carol e Gina, podem começar a tirar a decoração, se fizerem o favor.

– Ah, encontrei a minha futura mulher.

Helen estremeceu, olhou para Vic e mostrou-lhe um sorriso forçado.

– Fico feliz de ouvir isso. Conheço-a?

Ray aproximou-se com um escadote, Vic pegou-lhe na mão, beijou-a na face e o coração de Helen parou. O que iria Ray pensar dela?

– Olá, Vic. – Ray abriu o escadote e sorriu como se não visse a forma como Vic lhe agarrava a mão. – Vieste ajudar? Isto é trabalho para dois homens.

– Se puderes passar sem mim. – Vic olhou para Helen com o afeto proprietário de um homem para a sua namorada. Como se atrevia? Ray haveria de pensar que estava a enganá-lo, tal como Jim o pensara.

– Sem o menor problema. – Soltou a mão e desceu os degraus, sentindo as faces a ferver. Precisava de trabalhar e o quanto antes. Ajudou Carol e Gina a dobrar o pano que decorava a parte da frente do palco.

O que haveria de fazer em relação a Ray? Gostava tanto dele, mas agora ele devia pensar que ela era dissoluta. E, se mesmo assim a perdoasse, os Carlisle e a cidade precisavam que ela continuasse de luto. Poderia ter um romance secreto ou teria de terminar tudo com Ray? Porque tinha de ser tudo tão complicado?

Ele encontrava-se no cimo do escadote a arrancar o cenário de contraplacado, enquanto Vic segurava a escada. Apesar da expressão inflexível de Vic, Ray sorria e conversava.

Não tinha ciúmes. Seria porque não notava? Ou porque não se importava?

Helen sentiu um aperto na garganta. Não, claro que se importava. Havia demasiadas provas nesse sentido. Não sentia ciúmes porque sabia que o coração dela lhe pertencia. E era com essa confiança que estendia a sua amizade a Vic. Como podia ela não se apaixonar por um homem assim tão amável e perspicaz?

– Mistress Carlisle? – Gina bateu no ombro de Helen. – Onde arrumo a caixa?

– Eu arrumo. – Pegou na caixa cheia de decorações e subiu os degraus para o palco.

– Fascinante – disse Ray para Vic. – É um excelente trabalho o que estás a fazer em Port Chicago.

– Tento. – A expressão de Vic passou de inflexível a neutra.

– Okay, Llewellyn, agarra nesse canto. – Ray levantou uma das secções do cenário. – Para onde, chefe? – gritou para Helen e piscou-lhe o olho.

– Sigam-me – dirigiu-se para os bastidores, o seu coração tão leve quanto aquela caixa. Oh, sim, ele importava-se.

– Sabes, Helen – disse Vic –, dava-me jeito uma secretária.

Ela riu e mudou a posição da caixa.

– A mim também.

Ray resmungou.

– É difícil acreditar, não é? A Califórnia sempre foi um estado livre, no entanto, Port Chicago, e todas as bases militares, são tão segregacionistas como o Sul mais profundo.

– Cuidado com a cortina – alertou Vic. – Imagina como deve ser para os negros do Norte. Não

estão habituados a uma discriminação tão evidente.

– Está errado. A escravidão terminou há oitenta anos.

– Sim, e estes homens lutam pela liberdade no estrangeiro quando não a têm em casa.

Ray soltou uma gargalhada abafada e forçada e pousou o seu canto do cenário.

– « Liberdade e justiça para todos » ?

– Ainda não, mas estamos a trabalhar para isso. – Vic conduziu Ray de volta ao palco para irem buscar outra secção do cenário.

Helen pousou a caixa e riu. Ray Novak tinha mesmo o dom da pacificação.

Na meia hora que se seguiu, Helen foi riscando afazeres da sua lista, orientou as suas voluntárias e acartou acessórios. No átrio, recolheu as folhas de inscrição e os donativos.

– Veja só quantas senhoras se inscreveram para fazer ligaduras – disse Nancy Jo. – Talvez consigamos atingir a nossa cota. E nunca antes tanta gente se inscreveu para dar sangue.

O pensamento de Helen recuou aos tempos após o ataque a Pearl Harbor, quando recusavam dadores de sangue porque já não havia espaço nos frigoríficos. Ainda assim, comoveu-se. As pessoas tinham respondido de forma favorável. Mal podia esperar para escrever ao pai – ele orgulhava-se tanto das suas realizações.

– Já acabámos de tirar o cenário. Mais alguma coisa? – Ray e Vic fizeram continência a Helen.

Esta riu. Teria Ray conquistado Vic?

– É tudo. Obrigada pela vossa ajuda.

– Ei, Helen – disse Ray. – Será que a Betty se importava que o Vic viesse jantar connosco esta noite?

O queixo de Helen caiu. Com aquela pergunta, Ray dava a saber a Vic em que pé se encontrava com Helen ao mesmo tempo que lhe estendia o ramo da oliveira. Mas ela não queria que Vic lhes estragasse a noite. Para além disso, Betty não suportava os Llewellyn.

– Ela iria adorar.

Vic baixou o queixo e puxou a boca para o lado.

– Obrigado, mas já tenho planos.

– Então fica para outra altura. – Ray apertou a mão de Vic. – Foi bom trabalhar contigo.

Vic saiu, segurando a porta a Nancy Jo e a Rita.

Ray sorriu para Helen.

– Já estás despachada?

– Sim. – Contemplou todas as tarefas já riscadas na sua prancheta. – Só preciso de encontrar a minha mala, o meu casaco, o meu guarda-chuva e o meu filho.

– Não sei da tua mala, nem do teu casaco, nem do teu guarda-chuva, mas o teu filho anda a correr pelos corredores com a filha dos Lindstrom.

– Esta noite vai dormir bem. – Dirigiu-se para a coxia do lado direito.

Ray fez-lhe sinal com o cotovelo.

– Gostei de te ver fazer o trabalho do teu coração. Brilhavas.

Ela também lhe deu um pequeno toque com o cotovelo.

– Tu também. Mataste o meu dragão.

– O Vic? Ele não é nenhum dragão. Não passa de um homem apaixonado, e eu entendo porquê.

O sorriso dele deixou-lhe as pernas a tremer.

– És um homem fantástico.

– Nah. Mas, se queres que mate dragões, talvez deva começar pela mãe do Vic.

Helen gemeu e fechou os olhos com força. Teria ele ouvido também o mexerico?

– Desculpa. – Ray pegou-lhe na mão. – A minha mãe contou-me o que ela disse. A culpa é toda minha.

– Tua? Não foste tu que espalhaste o mexerico.

– Não, mas na semana passada entusiasmei-me demasiado. Não pensei e tu pagaste o preço.

Helen mordeu o lábio inferior.

– Está tudo bem. Estive ocupada.

– Compreendo se não quiseses voltar a ver-me. – A sua expressão alongou-se, resignado.

Ela sentiu um aperto no peito. Pouco lhe importava o que os Carlisle pensavam ou o que os outros pensavam. O que tinha com Ray era precioso – o afeto e, sim, a paixão. Deveria deixar de o ver porque se sentia atraída por ele? Que disparate.

Na privacidade do corredor, ela virou-se para Ray e encostou a face ao ombro dele.

– Não te livras dos planos para jantar assim tão facilmente.

Ele suspirou e colocou os braços em volta dos ombros de Helen.

– Serei mais discreto.

Ela anuiu e aninhou-se mais. Poderia a discrição apaziguar os Carlisle? E deixaria Ray satisfeito?

7 Discurso proferido pelo 16º presidente dos Estados Unidos da América no Cemitério Nacional de Gettysburg, no dia 19 de novembro de 1863, quatro meses após a vitória na batalha de Gettysburg. (*N. da T.*)

Sábado, 29 de abril de 1944

Ray escorregou mais para baixo na cadeira de verga no alpendre das traseiras de Helen, os pés apoiados noutra cadeira. Cirros listravam o céu, lá bem no alto, caudas reviradas à medida que Deus assinava o seu trabalho manual. O sol não tardaria a aparecer por trás da amendoeira e atingiria Ray em cheio no olho, mas naquele instante a cena respirava esplendor: o céu azul como o ovo do tordo, as sebes verdes e Helen a pendurar roupa com um vestido azul-claro, o seu cabelo encaracolado.

Comparado com a forma como estava vestida da última vez que a vira a estender roupa, naquele dia tinha-se esmerado. Para ele. Sorriu e desenhou formas na condensação do seu copo de água.

Helen falava do seu último projeto para a Cruz Vermelha e Ray ia fazendo interjeições. Quando sozinha com Ray, ou com a família dele ou dela, Helen florescia.

Uma noite na cidade com ela seria ótimo, mas as refeições caseiras sabiam-lhe bem melhor após uma semana de comida do Exército, do barulho do clube de oficiais e dos gracejos sacrílegos nos alojamentos.

Helen olhou por cima do ombro para Ray.

– O que achas?

O dedo dele parou a meio do desenho.

– Parece-me fantástico.

– Ai sim? – Ela encarou-o com o cesto da roupa apoiado na anca. Um sorriso elevou-lhe os cantos da boca. – Parece-te fantástico que o arrufo da Evelyn e da Peggy por causa de um rapaz ameace acabar com a Cruz Vermelha Júnior quando mais preciso delas?

Ele tentou mostrar um sorriso inocente.

– Sim, fantástico. A tua melhor ideia até à data.

Ela riu.

– Não ouviste uma palavra do que disse.

– Claro que ouvi. Não todas, mas algumas.

– Ai é? – Caminhou vagarosamente para ele, o cesto a abanar nos quadris.

– Estou demasiado arrebatado pela música da tua voz para ouvir as palavras.

– Falinhas mansas. – Empurrou-lhe as pernas com o joelho, um sorriso nos lábios. – Aborreço-te?

– Nunca. – Desviou os pés para o lado para que ela pudesse sentar-se. – Tu consegues simultaneamente relaxar-me e fortificar-me.

– Então quer dizer que te faço adormecer e depois volto a acordar-te?

Soltou um riso abafado e bateu com o pé contra a anca dela.

– Queria dizer que posso ser eu mesmo contigo. Não tenho de ser pastor, sempre sábio e profundo. Posso ser apenas um homem.

– Um homem que sonha acordado?

– Contigo? Absolutamente. – Fez-lhe sinal com o dedo para que se aproximasse. – Perdoas-me?

– Nunca conseguiria ficar zangada contigo. – Pegou-lhe na mão e sentou-se ao colo dele. A cadeira de verga chiou em protesto, mas aguentou. Ray e Helen riram.

Acariciou-lhe a maçã do rosto e puxou-a para um beijo. Cheirava a erva e a roupa lavada e ele não se fartava daquele aroma.

Reprimiu o desejo de lhe confessar que a amava, porque o seu amor estava ligado ao desejo de casar com ela e queria fazer o pedido em junho assim que acalmasse a agitação do casamento de Walt e de Allie.

Emoldurou-lhe o rosto com as mãos, libertou-a do beijo e olhou fixamente para os seus olhos cor de chá. Desta vez não haveria um noivado longo. Tinha de casar com ela rapidamente, o mais tardar no Natal.

– Estás a pensar em quê? – perguntou Helen com uma voz rouca e perigosa.

Ele sorriu para quebrar o encanto.

– Em detergente para a roupa e chá.

– O quê? – Ela deu-lhe um encontrão com o ombro. – A sério, Ray.

– A sério? Não entendeste. Não tenho de ser sério contigo. Gosto disso.

– Porque eu sou uma menina pateta? – Apesar do tom ligeiro na sua voz, havia uma centelha de desafio nos seus olhos.

– Tu? Nunca foste pateta, nem em menina. – Passou-lhe os polegares pelas maçãs do rosto. – Não tenho de ser sério contigo a toda a hora porque tu és uma pessoa equilibrada. Gosto de aconselhar as pessoas, mas às vezes é bom estar perto de alguém que não está dilacerado.

Helen enterrou o queixo no peito.

– Acho... acho que estou a ouvir o Jay-Jay. Deve ter acordado da sesta.

A cadeira chiou quando ela se levantou e Ray suspirou ao sentir o colo mais leve e mais frio.

Deu um gole na água, já não estava gelada, apenas bem fresca.

No próximo fim de semana dariam um grande passo juntos. Ray e Helen seriam vistos juntos no casamento de Walt e Allie, mas não como um verdadeiro par. Veria nessa altura como toda a gente desejava a sua felicidade. E, assim que estivessem juntos, o fluxo de felicitações ajudá-la-ia a aceitar a sua aprovação.

Os Carlisle, por outro lado, exigiriam algum trabalho. Talvez encarassem o namoro como uma chapada na memória do seu filho. Fosse como fosse, não podiam fechar Helen no cemitério para sempre. Ela era uma jovem mulher, cheia de vida, com um filho que precisava de uma figura paternal.

Com tempo e benevolência, Ray erguer-se-ia acima do feudo que tinham com o pai dele, mostrar-lhes-ia que era um homem de valor e merecedor de criar o neto deles e conquistá-los-ia.

Ouviram-se gritos vindos do interior da casa. Pelos vistos, Jay-Jay não gostara do que a mãe o mandara fazer. O grito de uma mulher atravessou o ar.

Ray sentou-se muito direito. Era Helen! Teria sofrido um acidente?

– Não! Por favor? Por favor, para.

Mais berros de Jay-Jay, um ruído surdo e Helen gritou.

Estava alguém na casa! O coração de Ray disparou. Teria de ser o herói. Como conseguiria? Examinou o alpendre em busca de qualquer coisa que pudesse usar como arma, mas tudo o que tinha eram os seus punhos.

Meu Deus, ajuda-me. Correu até à esquina da casa em direção à porta lateral.

Da última vez, a única em que usara os punhos, partira o nariz de Bill Ferguson e Bill caíra e batera com a cabeça no chão. Bill estava bem, mas Ray conseguia ainda ver o sangue a pingar da sua cara e via o terror nos olhos dos outros alunos da primeira classe.

Naquele dia jurara nunca mais ceder à ira.

Contudo, naquele dia tinha de proteger a mulher que amava.

Ray escancarou a porta dupla e estacou. Helen encontrava-se encostada à parede, protegendo o rosto, e Jay-Jay estava sentado no balcão aos gritos. Não era nenhum ladrão. Era apenas mãe e filho, uma cadeira encostada ao guarda-louça e uma caixa aberta de bolachas araruta.

Jay-Jay guinchou e atirou uma maçã à mãe. Ela soluçou.

– Para. Por favor, para.

Que diabo. Quem mandava ali?

Jay-Jay pegou noutra maçã.

– Não. – Ray tirou-lha da mão. – Não trates a tua mãe assim.

O rapaz fitou-o com os olhos arregalados e vermelhos.

Ray agarrou nele, levou-o para o quarto e colocou-o sobre a cama.

– Não saias daqui até a tua mãe mandar. – Fechou a porta e ficou de guarda no corredor. Mas a criança ficou em silêncio, como que atónita, como se nunca tivesse sido castigada daquela forma.

Talvez fosse isso.

Ray contorceu-se e cruzou os braços. Sim, claro, Helen cedia às birras do filho em público para evitar uma cena, mas cederia sempre? Quando casassem, teria de ensinar umas quantas coisas ao pequeno.

O que se passava com Helen? Porque agia como se se sentisse ameaçada? Jay-Jay tinha apenas dois anos.

Outra razão para casar com ela e quanto mais depressa melhor. Helen precisava de ajuda. O miúdo estava a agir de acordo com a sua idade, porém, se ela não controlasse o seu comportamento, nunca mais o conseguiria dominar.

Da cozinha vinha o barulho de passos e de pernas de cadeira a arrastar.

Ray encostou a orelha à porta do quarto de Jay-Jay. Silêncio. Se o pequeno saísse dali, Ray levá-lo-ia de volta. Dirigiu-se para a cozinha, onde Helen apanhava uma maçã, desviava o cabelo do rosto vermelho e engolia um soluço.

Recusou-se a encarar Ray.

Ele encostou-se à moldura da porta.

– Excedi os limites?

– Não, foste de uma grande ajuda. Obrigada. – Colocou a maçã no cesto, mas desequilibrou-o e as maçãs espalharam-se todas pelo chão. Helen espalmou ambas as mãos na pedra do balcão, baixou a cabeça e tentou engolir outro soluço. – Sou uma péssima mãe.

– Pronto, acalma-te. – Passou por cima das maçãs e abraçou-a.

O corpo de Helen tremia e enterrou o rosto no ombro de Ray.

– Sou um fracasso. Não sei lidar com ele. Não consigo.

– Pronto, calma. Estás apenas cansada. Trabalhas muito e tens de fazer tudo sozinha. Não admira que te sintas dominada. Sim, é possível que cedas demasiado aos caprichos dele, mas acabarás por perceber a melhor forma de agir.

– Ele às vezes é tão... tão violento, tão parecido com... Não! – Escondeu ainda mais o rosto.

Ray franziu o sobrolho àquela reação que lhe pareceu exagerada. Já lhe doía a clavícula e mudou-a para o lado.

– Ele tem dois anos. Está a testar-te. Vai forçar até descobrir os teus limites. Tens de o contrariar, mostrar-lhe os limites, mostrar-lhe quem manda.

– Mas ele... ele... Não consigo lidar com ele.

– Não é assim tão difícil, querida. Ele não pesa mais do que treze quilos. Pegas nele e vais enfiá-lo no quarto até parar de espernear e gritar. Fala com ele com a autoridade que Deus te deu e não permitas que ele te desrespeite. Nunca.

Helen levantou a cabeça, o rosto manchado pelas lágrimas.

– Oh, não. Sou uma das pessoas problemáticas. Desculpa.

Ray limpou-lhe as lágrimas. Por vezes, Helen agia com competência e energia e parecia a pessoa no mundo que menos precisava dele. Outras vezes, como naquele momento, com finas e brancas cicatrizes no rosto e insegurança no olhar, parecia a pessoa que mais precisava dele.

Gostava daquela contradição, daquela força vulnerável.

Helen fungou.

– Desculpa. Gostavas de mim porque eu não era...

Ray depositou-lhe um beijo na cicatriz ao longo do malar.

– Eu sei lidar com as crises.

– Mas eu estrago tudo... Eu estrago sempre tudo...

Silenciou-a com um beijo nos lábios, um beijo salgado.

– Querida, sou louco por ti. Não sabes já disso? É preciso mais do que uma pequena birra para me afastar.

Sábado, 6 de maio de 1944

Espreitando por cima do ombro de Ray, Helen perscrutou a superpovoadada sala de refeições do Belshaw Building.

Embora ninguém pudesse chamar garboso a Walt ou dizer que Allie era bonita, o par parecia brilhar dançando como marido e mulher. Devido à escassez de seda, Allie envergava o antigo vestido de casamento de Mrs. Novak, remodelado pela perícia e criatividade de Della Carlisle. Walt sussurrou qualquer coisa ao ouvido de Allie e esta riu e encostou a face à dele.

George e Betty partilhavam a pista de dança com Ray e Helen e os recém-casados, mas porque não se juntavam os restantes convidados a eles? Porque tinham de ficar a olhar?

– Gosto de olhos verdes – comentou Ray. – Mas prefiro os castanhos.

Helen centrou a sua atenção nos olhos cinzentos que adorava acima de quaisquer outros.

– *Hum?*

– A canção. Não estás a ouvir? – Os lábios dele esticaram-se suavemente, parecendo convidar para um beijo.

Ela escutou «Green Eyes» e sorriu.

– Claro que estava a ouvir. Eu estou sempre atenta.

– Au. Essa foi direta ao coração. – Estremeceu, mas depois estreitou-a mais e murmurou-lhe ao ouvido. – Sim. Direta ao coração.

Tudo dentro dela pareceu derreter, mas a cidade parecia escrutinar cada um dos seus movimentos. Numa mesa ali perto, Mr. Carlisle esticou o queixo. O rosto de Mrs. Carlisle agitava-se tanto quanto as emoções de Helen.

Empurrada para o palco, Helen era bombardeada por vários realizadores que seguiam argumentos contraditórios e gritavam indicações cénicas opostas. Durante toda a vida, Helen sempre soubera qual era o seu papel: criança precoce, sobrevivente determinada de poliomielite, líder estudantil ativa, esposa dedicada, viúva desolada. A única altura em que os seus papéis haviam entrado em conflito fora quando Jim exigira que desistisse das suas posições de liderança.

Naquela altura, a decisão de lhe obedecer parecera-lhe óbvia e vivera com essa decisão, defendendo-a apesar de a lamentar, e assumira esse papel como fizera com o de aleijada. Ninguém imaginava como o fardo era pesado, um fardo destruído por um torpedo japonês.

O suspiro de Ray aqueceu-lhe a face.

– Tenho de ir cumprir o meu dever de irmão, mas regressarei.

Murmurou que compreendia e deu por si a dançar com Walt enquanto Ray fazia Allie rodopiar. Ninguém iria importar-se se Helen dançasse com o noivo, pois não?

Os pares voltaram a mudar e agora dançava com George. Uma pontada no braço esquerdo lembrou-a do que Jim havia pensado quando dançara com o noivo, o seu próprio cunhado.

Mas Ray nem olhava, não parecia importar-se. Nunca se importava. Talvez não fosse ciumento ou talvez não quisesse saber. Teria Jim razão? O ciúme provaria mesmo a intensidade

do amor?

Helen obrigou-se a dançar, a sorrir e a respirar.

Vic bateu no ombro de George e agarrou na mão de Helen enquanto a banda tocava «Perfidia». Puxou-a demasiado para junto de si.

– O próximo casamento será o nosso.

Helen deixou escapar uma gargalhada.

– Só se adormecer e o sonharem. – Todavia, naquele instante, os Carlisle sorriam. Porque tinham de tentar controlá-la?

A música mudou, contudo, Vic não a libertou. Agora o falatório seria diferente. Não só Helen Carlisle andava com o filho do pastor, como também andava a enganá-lo, a grande devassa.

– Posso interromper? – Ray pousou a mão no ombro de Vic.

O lábio inferior de Vic projetou-se para baixo, mas afastou-se como exigia a etiqueta.

Ray envolveu-a nos seus braços fortes.

– Tive saudades tuas.

A cabeça dela andava à roda. As pessoas iriam contar o número de danças que tinham partilhado. Qual era o número apropriado para uma viúva? A sala de receções de um casamento não era lugar para uma criança pequena, mas começava a desejar não ter deixado Mary Jane Anello a tomar conta de Jay-Jay e de Judy na casa de Betty. Assim teria uma desculpa para evitar as danças.

Afastou-se do abraço de Ray e quase se desequilibrou.

– Tenho de... Tenho de ajudar na receção. Sou dama de honor e há coisas para fazer. A Betty não as fará.

Ergueu um sorriso e estendeu a mão.

– Marta, Marta, anda dançar.

– Mais tarde. Prometo. – Helen afastou-se e a sua saia comprida ficou presa na perna de uma cadeira. Sempre a mesma coxa desajeitada. Dirigiu-se para a mesa dos presentes. Trabalhar... precisava de trabalhar.

Ninguém se lembrara de os organizar. Mudou as caixas maiores para trás, colocou as caixas com laços em cima das que não tinham laços e arranjou as etiquetas de modo a agradar ao orgulho dos convidados.

– *Bon soir, chérie*. – Jeannie Llewellyn debruçou-se sobre a mesa num fato creme debruado a vermelho. – Ainda bem que pudeste voltar a usar esse vestido amarelo.

Helen contraiu os ombros. Não tinha o menor desejo de incentivar o mercado negro de São Francisco. E preferia pensar que o seu vestido era dourado.

– Estou apenas a cumprir o meu dever patriótico.

– Claro. Sempre uma formiguinha atarefada, não é?

Helen reprimiu uma careta. A competição entre elas havia sido equilibrada e divertida durante os anos de escola, mas deixara de o ser. Como haveria de lidar com a velha amiga naquele instante?

– Estás a divertir-te?

Jeannie apalçou o laço do presente de Clara Jeffries, que deveria conter toalhas bordadas semelhantes às que Helen tinha na sua casa de banho.

– Tento, mas *c'est très difficile*. É tudo tão triste.

– Triste?

Jeannie debruçou-se mais e Helen sentiu o aroma do seu perfume *Chanel N.º 5*.

– Os Novak tiveram de convidar metade de Antioch porque a pobre Allie não tem amigos.

Helen rangeu os dentes.

– Não sejas injusta. Ela vem de Riverside e viveu em Seattle este último ano, tudo a centenas de quilómetros de distância, e com as restrições às viagens...

– Credo. Não é preciso ficares ofendida. Mas não te perguntas por que razão os pais dela não vieram ou porque não convidou ao menos uma amiga para equilibrar o grupo de convidados? Sei bem que tu e a Allie nunca foram chegadas.

Helen observou a maquilhagem perfeita da Jeannie. Porque nunca antes notara o quanto ela era parecida com a mãe, não apenas fisicamente mas também no carácter?

– A Dorothy não pôde vir e para mim foi uma honra. Estou desejosa de conhecer melhor a Allie.

– Como cunhada? – Jeannie deu-lhe um toque com o cotovelo e sorriu.

Helen cerrou os maxilares e arranjou uma pilha de caixas. Jeannie colocou-lhe o braço em volta do ombro.

– Não dês ouvidos à minha mãe. Eu acho o máximo. O Ray Novak é demasiado velho e aborrecido para o meu gosto, mas tu pareces feliz e darias uma perfeita e amorosa esposa de pastor. Claro que eu esperava que casasses com o Vic, para que pudéssemos ser irmãs de verdade.

– Queres que passe o resto da minha vida como Helen Llewellyn?

– *Terrible*. – Jeannie franziu os lábios. – Creio que isso seria egoísta da minha parte.

Helen mostrou-lhe um sorriso.

– Não esperaria outra coisa. Agora, se me dás licença, tenho de ajudar com o bolo.

Jeannie sorriu e desviou-se. Graças a Deus que a sua jactância não a deixava entender o verdadeiro significado das palavras de Helen.

A saía sibilava em redor dos pés enquanto se deslocava para a mesa do bolo, passando por demasiados olhos focados nela. Porque não olhavam antes para a noiva? Porque não se metiam nas suas vidas? Porque não a deixavam em paz?

*

Quando Walt e Allie espetaram a faca no bolo de casamento, Ray juntou-se aos aplausos, mais sonoros do que o necessário, para expressar a alegria que devia sentir no casamento do seu irmão mais novo.

Ray deveria ter sido o primeiro dos irmãos a casar, não apenas por ser o mais velho, mas porque Jack preferia andar atrás das raparigas a assentar e Walt sempre ficara meio apalermado na presença de uma mulher.

Na mesa do bolo, Helen empilhava pratos e alinhava garfos e atrapalhava o trabalho de Mrs. Anello e Mrs. Lindstrom. Não havia a menor dúvida, Helen estava a evitá-lo.

Na Base Aérea de Pyote, um dos seus camaradas instrutores namorara uma mulher que agia de forma apaixonada em privado e fria em público. À semelhança de Helen. Descobriu mais

tarde que a mulher era casada. O seu amigo sentira-se desrespeitado e usado.

Ray entendia-o.

Ignorara as cartas sem conteúdo que Nora lhe escrevia enquanto se apaixonava por Bill Ferguson. Ignorara as piadas de Ann sobre a vida no presbitério e o olhar errante de Dolores enquanto o enganava com metade dos seus cadetes.

Recusava-se a ignorar aquilo.

Ray ziguezagueou por entre os convidados. *Senhor, ajuda-me a agir de forma calma e diplomática, mas ajuda-me a ver a verdade para que não seja enganado de novo.*

– Olá. – Encostou a mão ao fundo das costas de Helen. – E que tal fazeres um intervalo? Até as Martas deste mundo precisam de descansar.

Helen encarou-o e recuou, desalojando a mão dele da sua cintura.

– Ora, talvez mais tarde. Há tanta coisa para fazer.

Abriu um sorriso e virou-se para Mrs. Anello.

– Está tudo sob controlo? Posso roubar a Helen por uns minutos?

– Faz favor. – O sorriso de Mrs. Anello parecia tão encenado quanto o de Ray, mas havia um vislumbre de gratidão em redor dos seus olhos. Colocou um prato nas mãos de Ray e outro nas de Helen. – Vai descansar, Helen, querida. Bem o mereces.

– Mas...

– Nós ficamos bem. Vocês os jovens devem divertir-se.

Ray agarrou na mão livre de Helen e conduziu-a até uma mesa vazia mais ao fundo da sala.

– Ray, por favor. – Libertou a mão.

Ele fitou-a com a expressão mais calma que conseguiu fazer.

– Porque não? Todos os outros casais estão de mãos dadas.

Helen franziu o sobrolho e Ray sentiu um aperto no peito. Planeava casar com ela, e ela nem sequer os considerava um casal?

Mostrou um sorriso trémulo.

– Combinámos ser discretos, estás lembrado?

Ray pousou o prato na mesa, ajudou Helen a sentar-se e inclinou-se junto do ouvido dela.

– A discrição eu ainda entendo; o que não entendo é o secretismo.

– Secretismo?

– Em privado é tudo fantástico, mas em público trata-me como se eu fosse apenas um conhecido.

Helen encolheu os ombros ao sentir o aperto das mãos dele.

– Eu não... Só que... É tão cedo.

Dois meses era demasiado cedo? Inspirou profundamente, sentou-se e apoiou os antebraços nos joelhos.

– Não queres que ninguém saiba de nós, mas já sabem.

Esmagou um pedaço de bolo com os dentes do garfo.

– Eu sei. Oh, meu Deus.

Sentiu um aperto na garganta. Como conseguiria impedir a sua voz de soar fria?

– Tens vergonha de mim?

Helen virou a cabeça para ele.

– Vergonha? Credo, não. Nunca seria capaz...

– Mas é o que parece. Foste casada com um herói e agora estás presa a um cobarde empregado de armazém.

Susteve a respiração.

– Oh, Ray, eu nunca...

– Preciso de saber. – Fitou-a com um olhar firme. – As minhas intenções contigo são sérias, mas preciso de saber se sou apenas alguém que te vai fazer companhia até esta porcarias de guerra terminar e os heróis regressarem a casa.

Helen escancarou a boca como se tivesse levado um murro no estômago.

– Nunca faria tal coisa. Eu não sou assim.

– Porque não queres ser vista comigo?

A cabeça dela abanava em pequenos tremores.

– Não é isso. A sério que não é.

Estendeu os braços e as mãos.

– Então deixa-me mostrar o quanto gosto de ti. Dá-me a mão. Dança comigo duas, três, quatro músicas seguidas.

Ela tapou a boca com a mão e fechou os olhos.

– Por favor, não.

Ray olhou para as suas mãos. Iriam estar sempre vazias, não era?

– Tenho de ir. – Levantou-se e afastou-se, a sua boca congelada num sorriso educado para esconder a raiva que crescia no seu interior. Precisava mais do que nunca de ir dar um mergulho.

– Por favor, não vás. – Dedos esguios agarraram-lhe o braço. – Ray, por favor.

– Estou cansado. Vou para casa.

As lágrimas afluíram aos bonitos olhos de Helen.

– Lamento muito. Não tenho vergonha de ti. És o homem mais maravilhoso que alguma vez conheci, mas está toda a gente de olhos postos em nós e eu... já não sei como agir.

– Como agir?

Encostou a mão à testa.

– Já não sei o que fazer. Toda a gente na cidade quer que eu seja a viúva corajosa e os Carlisle desejam que eu fique de luto para o resto da vida e tu queres que eu...

Ray ergueu-lhe o queixo com a ponta do dedo.

– Para de te preocupares com os outros. Quando tiveres decidido o que queres fazer, vem falar comigo. – Virou-se para partir, mas ela apertou-lhe o braço ainda mais.

– Desculpa. Quero ficar contigo. A sério que sim.

– Também eu lamento... lamento ter insistido demasiado. Talvez seja melhor que nós...

– Por favor. Podias, por favor, voltar a convidar-me para dançar? Queria muito estar nos teus braços agora. Gostaria muito, sentir-me-ia até honrada, de dançar contigo, toda a noite se fosse preciso.

– Talvez o pai tivesse razão e Ray fosse fraco, mas o olhar suplicante naqueles olhos castanhos comoveu-o e conduziu-a até à pista de dança.

Todavia, a tristeza pesava-lhe no coração. O que se passava por baixo daqueles caracóis pressionados contra a sua face? Porque deixava ela que os Carlisle a controlassem? Até permitia que o filho a controlasse.

No que se tinha ele metido? Apesar do que Helen dizia, ela não sabia o que queria, pois não?
Na sua mente, Ray deitou os seus planos para o caixote do lixo.

A tensão serpenteava como uma cobra e Helen caminhava suavemente enquanto Ray a acompanhava até casa, uma habilidade essencial que aprendera durante o casamento. Por vezes, a cobra afastava-se e outras atacava.

À porta de casa de Helen, o luar iluminou a compreensão nos olhos de Ray e a dor por trás destes. Suspirou.

– Devo-te um pedido de desculpas. Gosto muito de ti, mas apressei as coisas. Não estás preparada para namorar. Preciso de me afastar e de te dar tempo.

Helen sentiu uma pontada no coração. Não, não podia perdê-lo. Tinha de o segurar, custasse o que custasse.

– Ora, que disparate. Disse-te que queria ficar contigo e fui sincera.

– Mas...

– Desculpa. – Aproximou-se dele, enrolou os dedos por baixo das lapelas do casaco da farda e sorriu para esconder o pânico que lhe aflorava aos lábios. – Fui uma pateta. Porque não haveria toda a gente de saber? A sério. O Jim já cá não está e os Carlisle terão de se habituar.

Ray inclinou a cabeça para o lado.

– Não era isso que eu...

– Queres que seja tudo público. Eu entendo. Queres ver? – Puxou-o para um beijo longo e apaixonado. Ele cedeu e deixou-se tentar e prender. Se ela o segurasse ali, talvez ele conseguisse ver o quanto Helen o adorava, o quanto precisava dele. Quicá se o puxasse para ela o suficiente, ele conseguisse expulsar toda a escuridão.

– Uau. – Mostrou-lhe um sorriso sentimental. – Foi fantástico, mas por público eu queria dizer uma noite na cidade, de mãos dadas. Isto... isto pode manter-se privado.

– Então vamos para dentro. – Fitou-o com um sorriso namoriscador e abriu a porta. Ray hesitou, mas acabou por segui-la. Jim acusava-a de levar inúmeros homens para dentro de casa.

Não, não iria pensar naquilo.

Colocou a carteira sobre a mesinha da entrada que lhe havia provocado a cicatriz na face e acendeu o candeeiro. O candeeiro antes daquele tinha-lhe acidentalmente caído sobre a cabeça. Jim descobrira que ela chamara o canalizador para consertar o lava-louça.

Não!

Virou-se e enrolou os braços em torno do pescoço de Ray. Cabelo preto, não cabelo loiro.

– Querida, estás bem?

– *Hum-humm.* – Desapareceu sob o queixo dele e roçou os lábios na aspereza da sua barba. Não deixaria que Jim a afastasse de Ray.

– Devíamos sentar-nos e conversar. – A voz dele ressoava enrouquecida e irresistível, mas colocou as mãos na cintura de Helen para a manter afastada.

– Não me apetece.

– Vamos sentar-nos. – Conduziu-a pela entrada onde partira acidentalmente o braço após o casamento da Betty, quando Jim a viu dançar com George.

Não!

Deteve-se quando chegaram ao sofá para onde ela fora acidentalmente atirada e deslocara o ombro. Não estava em casa naquele dia quando Jim telefonou.

– Não!

Ray virou-se de sobranceiras arqueadas.

– O que foi?

– Nada. Nada. – Sorriu e colocou-lhe os braços em redor da cintura. – Apenas não me apetece conversar.

– Mas a mim apetece. – Fitou-a com um olhar paternal. Pensava que sabia o que era melhor, não era? Por ser mais velho, por ser pastor, por ser homem.

Bem, mas ela também sabia umas quantas coisas. Sabia bem mais sobre o amor do que ele.

Ray acariciou-lhe a face.

– Algo de extraordinário se tem passado entre nós. Mas precisamos de ir mais devagar. Às vezes, penso que és a mulher pela qual tenho esperado e eu...

Helen beijou-o para que ele não completasse a frase.

– Então, do que estás à espera?

Os cantos da boca de Ray arquearam-se para cima.

– Espertinha.

– *Humm*? Do que estás à espera? – Enfiou-lhe as mãos por baixo do casaco e passou-as por toda a extensão das suas largas costas.

Ele fechou os olhos.

– Já não me lembro.

Helen deslizou os lábios pela linha do maxilar até ele começar a gemer e a estreitá-la nos seus braços. Já não havia nada de paternal no seu toque.

Deixou-se beijar, mas manteve os olhos abertos e gravou Ray na sua mente – cinzento suave contra azul cortante, humor tranquilo contra charme gregário, carícias suaves contra bofetadas.

Não! Beijou-o com mais força. Tinha de gravar por cima das memórias. Tinha de o fazer.

Os ombros de Ray ficaram tensos sob as mãos dela e afastou-se, a arfar.

– Está na hora... está na hora de ir para casa.

– Não, não me deixes. – Agarrou-se a ele e beijou-o. Ainda não tinha terminado.

– Helen – disse contra os lábios dela. Emoldurou-lhe o rosto com as mãos e afastou-se. – Acredita, eu não quero ir embora, mas é precisamente por isso que devo ir.

– Não, não, não. – Abanou a cabeça veementemente. Se ele partisse, ela explodiria. Algo explodiria dentro dela, matando-a. – Não vás. Por favor, não vás. Tens de ficar.

– Estás... estás bem?

– Fica. Preciso de ti. Preciso que fiques.

Ray passou a mão pela boca.

– *Hum*, Helen, tenho de ir.

– Porquê? – Uma faisca percorreu-lhe o rastilho. Exigia tanto dela. Porque não lhe dava o que ela precisava? – Disseste que querias beijar-me em privado. Estamos em privado. Mudaste de ideias? Hã? Preferias voltar lá para fora e beijar-me para que todo o mundo visse?

– O quê? Não foi isso que quis dizer.

– Queres tudo em público, não é?

A cabeça de Ray oscilava de um lado para o outro, a sua testa enrugada.

– Não sei... não estou a entender o que se passa aqui.

– Deixa-me ver se percebi. – Helen dirigiu-se para a janela e escancarou as cortinas brancas.

– Lá fora queres que esteja ao teu lado, sempre ao teu lado, apenas ao teu lado, que te dê a mão e te olhe com adoração, mas aqui dentro... é aqui que podes beijar-me, que podes bater-me.

Ray mirou-a com uma expressão de perplexidade.

– Bater... O quê?

– Não! – Tapou os ouvidos com as mãos, metendo-as por entre as madeixas de cabelo. – Eu não disse isso. Não disse.

A perplexidade deu lugar à preocupação.

– O Jim... ele batia-te?

– Não! Não digas isso. Ele nunca seria capaz. Amava-me.

– Eu sei, mas ele...

– Não! – Agarrou o cabelo às mancheias. – Ele era um herói. Toda a gente gostava dele.

Ray levantou a mão.

Ela esticou os braços para se defender, mas merecia-o. Era culpa dela. Fora ela quem começara.

Porém, não houve bofetada, nem socos.

– Oh, Helen. – Foi a voz dele que a atingiu, aquela voz calma e mitigante.

Ela espreitou por entre os braços.

– Oh, querida. Como pôde ele fazer tal coisa? Que tipo de homem bate na mulher?

A compaixão de Ray entranhou-se bem fundo na alma de Helen, mas a verdade, porém, proclamada pela primeira vez, mergulhou mais depressa e com mais força e despedaçou-a. Os fragmentos espalharam-se... na direção de Ray.

Fechou as mãos em punhos enrolados frente ao peito.

– Não. Não digas isso. O Jim era um herói. Um herói!

– Mas ele bati...

– Não, é mentira. Nunca o fez. Como te atreves? Estás a estragar tudo.

– Estou... estou a tentar perceber. Ele magoava-te e tu ainda o defendes?

Deixou cair os braços ao longo do corpo.

– Estou a defender a verdade. Estou a defender o pai do meu filho. E tu estás a atacá-lo.

– Helen...

– Como te atreves? Tu... és um empregado de armazém, um cobarde. És. O Jim já o dizia. Ele dizia que eras fraco, um cobarde. E tinha razão. Recusas-te a combater e agora estás a implicar com o Jim. Ele está morto e tu estás a implicar com ele. É isso que os cobardes fazem. Maltratam quem não se pode defender.

A expressão de Ray tornou-se mais dura.

– Tal como o Jim fazia contigo?

– Não! É mentira. – Agitava os punhos ao lado do corpo. – Ninguém... ninguém vem a minha casa insultar o meu marido, o pai do meu filho. Querias ir embora, não era? Então vai.

– Helen...

– Sai! – A sua voz fazia-lhe doer os ouvidos. Tinha de se ver livre de Ray Novak, tirá-lo da sua vida para sempre. Bateu com o pé no chão e apontou um dedo trémulo na direção da porta. – Sai e não voltes.

Algo tremeluziu naqueles olhos cinzentos. Medo. A ira de uma mulher assustava-o. Jim tinha razão. Tinha sempre razão.

– Seu covarde. Sai da minha casa já!

Os seus lábios desenhavam uma linha ao mesmo tempo que se dirigia para a porta.

– Já estou a sair.

Helen seguiu-o para se assegurar de que ele saía mesmo. Desceu os degraus da frente e ela tentou estancar a dor de o ver virar-lhe as costas, costas essas que ainda há poucos minutos lhe haviam parecido tão fortes sob as suas mãos. Mas estava errada, estava sempre errada. Ray era fraco.

– E não te atrevas a voltar.

Ele olhou por cima do ombro, os seus olhos semicerrados sob o luar.

– Podes ficar descansada.

Helen bateu com a porta, os seus joelhos tremeram e um gemido fraco elevou-se na sua garganta.

Estava sozinha com as suas memórias. Estavam escondidas nos bastidores, sempre presentes, mas nunca admitidas. Agora entravam furtivamente em palco e atacavam-na.

Mergulhou o rosto na palma das mãos.

– Oh, meu Deus, leva-as para longe. Leva-as para longe.

*

– Que raio aconteceu? – Ray caminhava em direção a casa para ir buscar os calções de banho e a toalha. – É doida, meu Deus. A mulher é completamente louca. E pensar que imaginava partilhar a minha vida com ela.

Encheu as bochechas de ar e deixou-o vibrar pelos lábios, como se conseguisse expelir os beijos dela – inicialmente tão apaixonados que ele achara melhor casar com ela o mais depressa possível, depois algo novo, feroz, quase hostil.

Despiu o casaco e pendurou-o ao ombro.

Helen parecia desesperada que ele ficasse, como se a sua sanidade dependesse disso.

Ray exalou uma baforada de ar.

– Demasiado tarde.

*

Helen pegou no livro do papá de Jay-Jay que estava sobre a mesinha de café e tropeçou pelo corredor, o seu pé esquerdo estava a ceder. Tinha trabalho para fazer.

Toda a gente pensava o melhor de Jim Carlisle e era assim que tinha de ser. Jay-Jay nunca poderia saber como era realmente o seu pai e por isso mais ninguém podia saber, incluindo Helen. Tinha de voltar a esquecer.

Claro que Ray agora também sabia. Mas ele nunca diria e também nunca mais voltaria. Um novo caco penetrou-lhe o coração ao mesmo tempo que se agarrava à moldura da porta do seu

quarto em busca de equilíbrio.

Ainda que a perdoasse – e como podia ele fazê-lo? –, ela não podia aceitá-lo de volta. Ele sabia. Pelo bem de Jay-Jay, não podia voltar a abrir-lhe a porta.

Tirou o vestido, que cheirava a Ray, vestiu a camisa de noite lilás que Jim adorava e observou-se ao espelho. Servia-lhe como nos primeiros dias de casamento. Na última licença de Jim, em junho de 1942, estava-lhe justa por causa do peso que ainda lhe restava após o nascimento de Jay-Jay. Jim elogiava-a por certas partes do corpo mais cheias e rebaixava-a por outras.

Fechou os olhos com força. Não, tinha de empurrar o lado negro de Jim de volta para os bastidores, onde pertencia. E para isso precisava de luz.

Tirou duas velas e uma caixa de fósforos da primeira gaveta da cómoda e espetou-as em dois castiçais velhos pertencentes aos Carlisle. Girou cada uma, para que ficassem bem presas.

Jim adorava velas. E também adorava o fogo, não era? Adorava usá-lo, adorava queimá-la, adorava colocar-lhe a mão sobre o bico do fogão se ela estragasse o jantar ou se esquecesse de servir costeletas de porco à sexta-feira à noite.

Helen cambaleou até à cama. Apenas as coisas boas. Apenas as coisas boas.

Deitou-se de barriga na cama, colocou o livro do papá sobre as almofadas à sua frente e abriu-o numa fotografia de Jim com a sua farda de marinheiro e a segurar Jay-Jay com três meses pela primeira vez. Os seus cotovelos estavam espetados num ângulo estranho e o seu rosto brilhava de espanto.

Aquele era o Jim que ela precisava de preservar, o homem com o esgar desarmante e a piada fácil, o homem que cantarolava canções de amor ao seu ouvido e que morreria pelo seu país.

Helen virou as páginas e encheu a mente com o passado escolhido, o passado saneado, o falso passado, mas as memórias recusavam-se a abandonar o palco. Vomitavam-lhe falas abjetas e ensaiavam cada murro e cada pontapé.

– Senhor, ajuda-me. – Afundou-se na almofada, a sua mão na foto de casamento, o seu corpo cheio de cicatrizes enrolado em volta de um livro de mentiras, e entregou-se à sua dor.

*

– Cobarde? – Ray avançou determinado pela praia deserta em redor de uma pequena enseada no rio San Joaquin. A Lua iluminava tibiamente as pequenas ondas cor de carvão.

Depois de ter escondido as roupas e a toalha sob o salgueiro, correu para a água e mergulhou. Ah, aquilo sabia bem. Penteou o cabelo para trás e lavou as carícias de Helen do seu corpo.

– Um cobarde? – Mergulhou novamente e afastou a água com braçadas fortes. *Senhor, disseste, «Felizes os pacificadores» e é isso que eu sou. Como faz isso de mim um cobarde?*

Com batidas de pés enérgicas, avançou mais depressa do que alguma vez tinha nadado. Quantos dragões alemães e japoneses teria ele de matar para ganhar algum respeito? Fazia a sua parte. Usava a farda e contribuía para o esforço de guerra.

Os cobardes temiam a morte e a guerra, mas Ray não.

O seu corpo afundou-se sob o peso da mentira.

Voltou à superfície.

Não tinha medo da morte, mas tinha medo da guerra. Não queria causar dor e destruição,

matar outra pessoa mesmo que por acidente, cheirar o sangue, ver a morte, experimentar a descarga de adrenalina de um ataque. E se não conseguisse aguentar? E se não soubesse lidar com aquilo? E se estivesse a esconder-se atrás da sua idade e do seu chamamento pastoral e do seu posto na logística?

E se *fosse* um covarde?

Do outro lado do rio, uma tira negra de colinas separava o céu do seu reflexo. Antes daquela noite, a visão que Ray tinha de si próprio era tão clara quanto o céu repleto de estrelas, mas, naquele momento, refletida no negrume da acusação de Helen, a sua imagem vacilava como as estrelas no rio.

– Senhor, serei um covarde se não confrontar os meus medos?

Submergiu a cabeça e cuspiu a água do rio, enojado com a pessoa que era e com o que tinha de fazer para a mudar.

Jim segurava a mão de Helen sobre a vela no tampo da cómoda e descia-a cada vez mais.

Ela gritava e contorcia-se, impotente, incapaz de o parar. A chama queimava-lhe a palma da mão. Como haveria de explicar aquela ferida? Outro acidente na cozinha?

– Promete que ficas em casa quando eu estiver a trabalhar. – A frieza na voz de Jim contrastava com o calor que lhe engolia a mão.

– Prometo! Prometo!

– Nada de telefonemas, nem convidados e nada de visitas enquanto eu não estiver, estás a ouvir?

– Sim! Sim! – Com os gritos apagou a vela.

Jim praguejou e atirou-a para a cama. Bateu com a canela na cama e contorceu-se com a dor. Levou a mão enegrecida ao peito e apertou os olhos para os proteger do calor.

Tanto calor. Uma incandescência laranja brilhava através das suas pálpebras. Ouvia um crepitar, um barulho de coisas a partir.

Helen abriu os olhos, ofegante. Era apenas um sonho. Jim estava morto. Abriu a mão direita para revelar a cicatriz com a forma de uma moeda. O calor continuava, o brilho alaranjado, a camada de fumo.

Fumo?

Helen sentou-se e arquejou. As chamas lambiam o papel de parede em redor da cómoda e da moldura da porta. Uma das velas tinha caído do castiçal.

– Oh, não!

Apesar do calor, um tremor frio parou-lhe o coração.

– Jay-Jay! – Saltou em direção à porta, mas as chamas chegaram primeiro. – Jay-Jay, acorda! Foge de casa. – Tinha de ir à volta para o salvar. Do outro lado do quarto, tentáculos laranja tateavam à procura das cortinas. – Não! – Gritou por cima da cama e voltou a fechar as cortinas. – Jay-Jay, fuge para a rua!

Helen abriu o ferrolho da janela, tossiu e sacudiu uma nuvem de fumo corrosivo. Empurrou a janela de guilhotina com toda a força, mas esta nem se mexeu. Gritou de frustração. Jim nunca consertara a porcaria da janela e nunca a deixara contratar alguém para o fazer.

Agarrou no candeeiro de cerâmica e atirou-o contra a janela. O candeeiro desfez-se em mil pedaço, porém, a janela permaneceu intacta.

Helen gritou até ser acometida por um ataque de tosse.

– Senhor, por favor. – Esquadrinhou o quarto com o olhar em busca de algo, qualquer coisa que pudesse usar para partir o vidro.

Não havia nada. Era tudo demasiado grande, muito pequeno ou demasiado macio.

Respirar tinha-se tornado doloroso.

– Por favor, Senhor. Por favor, deixa-me sair daqui. Salva o meu bebé.

Ray limpou-se com a toalha e abanou as pernas para aquecer. Aqueles mergulhos costumavam acalmá-lo, porém, não conseguia deixar de pensar no acesso de fúria de Helen.

Um arrepio percorreu-lhe o corpo e vestiu as calças por cima dos calções molhados.

– Safa, aquilo é que foi um acesso de fúria.

Naquela noite tinha visto um novo lado de Helen Jamison Carlisle. Nunca antes se zangara com ele. Sempre o perdoara rapidamente, como se estivesse disposta a fazer qualquer coisa para evitar o confronto ou uma discussão.

Sentiu um aperto no estômago. Claro que sim. O Jim batia-lhe.

Teria sido por isso que se encolhera face à birra de Jay-Jay? Claro, reagia de forma exagerada porque quando Jay-Jay se comportava como o pai, Helen era atirada de volta para o terror do seu casamento.

Depois, naquela noite, quando tentara tocar-lhe, ela encolhera-se toda.

Ray gemeu.

– Porque não percebi isto antes?

Ela mostrava os sinais clássicos de uma mulher vítima de violência doméstica: evitava o conflito, estremecia ao contacto. E aquelas cicatrizes não eram de acidentes na cozinha nem de quedas tolas, mas sim causadas por um idiota abusador.

Restringiria Jim as atividades da mulher? Só podia. Afinal, não a deixara ir para a faculdade. Ela desistira do seu trabalho voluntário quando casaram e retomara-o apenas após a morte do marido, não para se manter ocupada ou fazer aquilo que mais gostava. Era Jim quem a mantinha afastada de tudo.

E o afastamento da família e dos amigos? Toda a gente dizia que Jim e Helen não se davam muito com as pessoas. Que gostavam da sua privacidade. Balelas. Jim queria apenas controlá-la.

Ray sacudiu a areia da camisa, com mais força do que a necessária.

– Fui tão cego. Que tipo de pastor sou eu? Estava tão concentrado em encaixá-la no meu conceito de esposa que não vi nada!

Meteu o braço na manga da camisa de cor caqui. O seu sonho de um casamento saudável com uma mulher saudável desfez-se em pedaços.

E agora? Ela precisava de ajuda, mas Ray não era o homem indicado para a ajudar e um romance não era a melhor maneira de o fazer. Um romance tornaria as coisas piores.

Suspirou e dirigiu-se para a cidade sem abotoar a camisa.

Uma luz vermelha pulsava sobre os edifícios e sobre a copa das árvores desafiando as regras de *blackout*.

Um incêndio.

Ray soltou um assobio baixo.

– Senhor, ajuda aquelas pessoas a sair. Envia-lhes a tua proteção.

*

Fumo preto e denso rodopiava sobre a cabeça de Helen e as chamas avançavam em direção à janela, a sua única saída.

– Meu Deus, ajuda-me! – Tentou levantar a mesa de cabeceira, mas mesmo em pânico não

tinha força suficiente para a elevar quanto mais partir o vidro com ela. As lágrimas correram-lhe pela cara, agravadas pelo fumo ardente.

Agachou-se para escapar ao fumo e encheu os pulmões com o precioso oxigénio. A gaveta!

– Por favor, Senhor, faz com que isto resulte. – Arrancou a gaveta da mesa de cabeceira e despejou o seu conteúdo. Com ambas as mãos e toda a força que conseguiu reunir, balançou a gaveta contra o vidro. Este rachou.

De novo! Com mais força! A gaveta atravessou o vidro e ficou presa. Helen arrancou-a, meteu a cabeça no buraco e sorveu o ar fresco e doce.

– Fogo! – gritou. – Ajudem! Fogo!

Bateu com a gaveta contra os triângulos de vidro até o seu braço tremer. Restava ainda um rebordo denticulado em redor do caixilho, mas não era tempo para pensar em novos cortes e cicatrizes. Agarrando-se à estrutura da janela, elevou a anca até ao peitoril, girou os pés para fora e saltou.

Uma dor penetrante subiu-lhe pelos pés descalços e caiu ao chão. Retirou pedaços de vidro da sola dos pés.

– Agora não.

Onde estavam todos? Onde estava o carro dos bombeiros? Mrs. Llewellyn passava a vida a espiar os vizinhos. Porque escolhia dormir nas alturas em que a sua bisbilhotice poderia ser útil?

Helen levantou-se e estremeceu com a dor que lhe entorpecia os pés. Correu, tropeçou e gritou.

– Fogo! Ajudem! O meu filho!

Os seus gritos soavam débeis contra o crepitar e o rugir das chamas. Contornou a esquina da casa, correu escada acima e escancarou a porta. O fumo tomava já conta da sala de estar.

Avançou com determinação, mas as chamas consumiam o corredor e ameaçavam entrar na sala de estar.

– Não! Jay-Jay! – O grito queimou-lhe a garganta.

Teria de o retirar pela janela do quarto. Helen correu para a porta, passando pelo espelho onde se arranjava noutra vida, antes do casamento, antes de ir levar Jay-Jay a casa da Betty.

Helen estacou. A casa da Betty?

Levou as mãos à testa. O casamento fora naquela noite... sim, naquela noite, e Jay-Jay...

Sim! Jay-Jay estava em casa da Betty.

– Obrigada, meu Deus. – Olhou para cima. As chamas dominavam o teto. – Não! – Voltou-se e olhou fixamente para a boca de um dragão que se abatia sobre ela com um hálito revoltante, ansiando devorá-la.

Helen precipitou-se para a porta. O dragão seguiu-lhe os passos.

*

Ray correu para sul descendo a McElhenny Road em direção à incandescência pulsante e à coluna de fumo cinzento que se arrastava para leste. Não se ouvia a sirene do carro dos bombeiros, nenhum bombeiro voluntário gritava, não se viam jatos de água no ar.

– Fogo! – bradou. – Fogo!

Virou à direita na Sixth Street. Bateu com o pé no passeio, mas continuou a correr. Se houvesse alguém no interior da casa, poderia ser um herói mesmo sem combater.

Ray gemeu.

– Para com isso, Novak

Passou pelo pequeno hospital na esquina da A Street e o seu coração bateu mais apressado. O fogo parecia ser na sua vizinhança. A sua família? Os seus amigos?

Não era na casa dos seus pais. Atirou a toalha e o casaco para o relvado.

– Fogo! Fogo!

A oeste, as sirenes quebraram o silêncio da noite. Finalmente, alguém os tinha chamado.

As chamas elevavam-se um pouco mais para sul, perto da casa de Helen.

Apesar de o suor lhe correr pelas têmporas, o seu interior transformou-se em gelo. Deixara-a num estado pouco equilibrado. Poderia ter deitado fogo à casa num acesso de loucura?

Desatou a correr com mais velocidade.

– Helen!

Sentia náuseas a cada passada. Era a casa de Helen, sabia-o na sua mente e sentia-o no seu coração e, quando virou à esquerda na D Street, os seus olhos confirmaram-no.

– Helen! – Correu rua abaixo. As chamas dançavam sobre a casa. Ouvia-se um rugido e uma secção do telhado abateu-se, originando uma torrente de fagulhas e chamas. Graças a Deus, Jay-Jay não estava lá. – Senhor, ajuda-me a salvá-la. – Subiu as escadas dois degraus de cada vez, porém, o calor repeliu-o. Que estranha coisa, o fogo – translúcido. A maçaneta encontrava-se à vista a apenas um metro de distância, mas era como se estivesse no condado vizinho.

Ouvia um rangido por cima da cabeça. Ray saltou das escadas ao mesmo tempo que um barrote de madeira se estatelava no alpendre.

– *água*. Talvez pudesse encharcar-se com uma mangueira, tapan a boca com um pano molhado... *a camisa!* Correu para a casa ao lado.

Ao lado da casa viu uma mulher dobrada sobre a torneira.

– Helen! – Na sua alegria estendeu os braços para a abraçar, mas a lembrança do modo como se tinham despedido impediu-o de completar o movimento. – Graças a Deus estás bem.

– Tenho... tenho. – Agarrava desajeitadamente na mangueira. – Fogo... há fogo. Tenho de chegar a... torneira, a mangueira, a agulheta. O... o fogo. Tenho... tenho.

– Eu ajudo-te. – A mangueira do jardim não seria de grande ajuda, mas Helen estava em choque. Precisava de fazer qualquer coisa. Ray tirou a mangueira do apoio e abriu a água.

Helen apressou-se a esticar a mangueira em toda a sua extensão e ergueu um pequeno e mole jato de água. Quando colocou o dedo na ponta, o jato ganhou vida. As gotas mais afastadas salpicaram as chamas.

No seu esforço vão, Helen mantinha-se corajosa e determinada, uma silhueta negra contra as chamas. O seu cabelo pendia emaranhado sobre um ombro apesar de estar preso do outro lado. A luz emitida pelas chamas cintilava nos seus braços nus e em redor das suas curvas naquela perigosa camisa de noite.

Ray ansiava por abraçá-la, mas por certo ela não haveria de permitir.

– Preciso de mais... mais. – Helen atirou a mangueira para o chão e correu até ao quintal das

traseiras.

Seguiu-a, mas o carro dos bombeiros parou frente à casa, os bombeiros saltaram do interior e os vizinhos começaram a aglomerar-se nos seus roupões.

Ray correu para os bombeiros.

– Ela está fora da casa. Está tudo bem. A Helen está cá fora.

– O bebé! – soluçava Mrs. Jeffries.

– Está tudo bem. O Jay-Jay foi passar a noite a casa do George e da Betty Anello. Ele está a salvo.

– Obrigada, Senhor. Obrigada, Jesus.

Deixou a multidão e correu até às traseiras da casa para procurar a Helen. Pobre rapariga. O que pensaria ela que podia fazer? Nem todos os bombeiros juntos conseguiriam salvar-lhe a casa.

Saiu da garagem a cambalear.

– Não tenho mangureira. Não tenho mangureira.

– Está tudo bem. Os bombeiros já chegaram.

Passou por ele.

– Tenho de ir buscar o livro.

Ray correu ao lado dela.

– O livro?

– O livro do papá. Do Jay-Jay.

– Não podes. – Uma secção da parede colapsou e Ray afastou-a de uma explosão de chamas e ar quente.

– Não! – Afastou-o e coxeou até ao jardim da frente. – Preciso dele.

– Não podes entrar. É demasiado tarde.

– Não! Não pode ser. – Estugou o passo, tropeçando, o seu rosto contorcido. – O Jay-Jay precisa dele. É tudo o que temos dele. Tudo o que temos.

Ray acelerou o passo. Acreditaria ela que conseguia entrar?

– Helen, para!

– Tenho de entrar. Tenho de entrar. – Dobrou a esquina da casa. Pelos vistos não planeava parar.

– Helen, não! – Correu para ela e colocou-lhe os braços em redor da cintura.

– Não! – Bateu-lhe com os punhos fechados. – Deixa-me! Não tentes impedir-me.

– É demasiado tarde. Já deve estar queimado, querida. Já não existe.

– Nã-o-o. – A voz dela e as suas pancadas foram perdendo intensidade e aos pouco levantou a cabeça para ver a sua casa e a sua vida serem devoradas pelas chamas. – Nã-o-o.

– Lamento, querida – sussurrou-lhe ao ouvido. – Lamento.

– Desapareceu. Desapareceu tudo. – O corpo de Helen perdeu toda a energia.

Esforçou-se por segurá-la naquela camisa de noite de seda e sentou-a no chão.

Ray ajoelhou-se ao lado dela e afagou-lhe as costas.

– Lamento, querida.

– Desapareceu tudo. Tudo o que tinha dele desapareceu. Ele desapareceu.

Jatos enormes de água arqueavam por cima das suas cabeças enviando pequenas gotas num espécie de chuva que caía sobre eles e sobre a verdade. O tipo batia-lhe. Estava morto. E mesmo assim conseguia controlá-la.

Ray pousou a mão no cabelo cheio de fuligem de Helen. Não podia competir com um fantasma. Não sendo como era.

8 Extinção de luzes em tempo de guerra. (*N. da T.*)

Segunda-feira, 15 de maio de 1944

Na companhia de Dorothy Wayne, Helen arrastava a mala em segunda mão pela Sixth Street. O único aspeto positivo de ter perdido a casa e todas as suas posses era o trabalho. Tivera até de se dirigir ao Office of Price Administration⁹ para pedir uma nova caderneta de racionamento. Havia tanto trabalho a fazer. Mas o trabalho mantinha-lhe a mente afastada das perdas, das memórias que se recusavam a desaparecer, da vergonha pelas coisas que havia dito a Ray, da dor de ter afastado o homem que amava e da preocupação de como haveria de tratar de Jay-Jay e das suas tarefas como voluntária enquanto trabalhava.

A sua vida estava reduzida a cinzas, tão árida quanto o pequeno lote na esquina da Seventh e D.
 – Tens a certeza que queres ir viver com os meus pais? – Dorothy empurrava o bebé Susie no seu carrinho.

– Não tenho outra escolha. – Helen reajustou a pega na mala cheia de roupas doadas, algumas de outra estação, outras pouco lisonjeiras e a maioria fora de moda.

Jay-Jay puxou-lhe pela mão e baixou-se.

– Pau.

– Sim, querido. Larga o pau.

– E os teus pais? – indagou Dorothy.

– Em Washington? Eles estão num alojamento militar, num apartamento com uma assoalhada, e a minha mãe trabalha. Por isso, quem tomaria conta do Jay-Jay? – Para já não falar nas palavras duras do pai quando se casara com Jim apesar das suas objeções: «Depois não venhas pedir favores.»

– Pau, pau, pau, pau, pau.

– Não, querido, larga o pau.

Dorothy franziu o sobrolho.

– Não podes ficar em casa da Betty?

– Sabes que eles não têm espaço. Deixaram-me dormir no sofá a semana passada enquanto o meu pé se recompunha, mas tenho de sair de lá.

– Não há nada para alugar?

Helen suspirou e virou à direita na C Street. Toda as outras pessoas consideravam o seu plano perfeito.

– A minha pensão do seguro de vida cobre as despesas diárias, mas preciso de substituir as mobílias, as roupas, as roupas de cama, os tachos, as painéis, os pratos... tudo. Se trabalhar para o Vic três dias por semana durante alguns meses e ficar com os Carlisle, posso poupar e comprar todas essas coisas.

Dorothy parou frente à casa onde crescera, uma vivenda de dois andares estilo Craftsman.

– Desde que seja apenas temporário.

Helen fitou a amiga. Dorothy parecia feliz por viver com os sogros, mas talvez começasse a ter problemas.

– Porquê?

– Oh, por nada. – Dorothy abanou os caracóis castanhos e riu. – Só porque os meus pais me deixam louca não quer dizer que tu não te dês bem. – Empurrou o carrinho rua acima. – Tenho de levar a Susie para casa. Está na hora do biberão. Diz olá à minha mãe por mim. Vejo-te depois.

– Adeus. – Tentou sorrir à amiga, mas naquela semana sorrir exigia tanto esforço quanto andar durante a sua recuperação da poliomielite. Descobrir os músculos, sentir os músculos, usar toda a sua determinação e força para os fazer mover.

– Pau. – Jay-Jay gargalhou e bateu no joelho de Helen.

– Au! – Encolheu a perna. – Eu disse-te para largares o pau.

– Pau meu. – No seu rosto formaram-se nuvens de tempestade.

– Querido, por favor. – Mas implorar nunca fizera a tempestade desaparecer, pois não? Nem com o pai, nem com o filho.

Sentiu um aperto no estômago. Inclinou-se e mostrou-lhe uma expressão firme. Tal como o Ray dissera, tinha de exercer a sua autoridade.

– Querido, dá-me o pau. – Mas a voz traiu-a, vacilando.

– Não!

– Oh, pobre criança. – Mrs. Carlisle percorreu o pequeno caminho da casa até ao portão. – Perdeste o livro do papá, os teus brinquedos e agora a tua mamã também te quer tirar o pau.

– Estava a bater.

– É rapaz. – Pegou no neto ao colo. – E ainda é bebé. Não sabe o que faz.

Um arrepio percorreu-lhe a espinha. Como poderia o pequeno aprender a distinguir o bem do mal a menos que ela lhe ensinasse, e como poderia ela ensiná-lo quando o seu génio a aterrorizava e os Carlisle o estragavam com mimos? Também tinha sido daquela forma que haviam criado Jim?

– Vamos procurar o teu quarto. – Mrs. Carlisle balançou Jay-Jay na anca e dirigiu-se para casa. Riu quando o rapaz lhe bateu no braço com o pau. – Sim, um pau muito engraçado para um rapaz muito engraçado.

Helen pegou na mala e na sua determinação cada vez mais fraca e seguiu a sogra para o interior da casa escurecida, as cortinas sempre fechadas para controlar a temperatura.

– Tu ficas no antigo quarto da Dorothy – disse Mrs. Carlisle para Helen enquanto subiam as escadas.

Apesar da sua amizade de infância, não conseguia recordar-se do aspeto do quarto de Dorothy. Helen, Betty e Dorothy brincavam na casa dos Jamison ou na rua.

Mrs. Carlisle abriu uma porta.

– Trouxemos a mobília da garagem. Foi para lá o ano passado quando ela se casou.

Helen parou no interior de um quarto estreito. Viu uma cama individual com uma colcha branca encostada a uma parede e uma cómoda ao lado do armário na parede oposta. Era um quarto utilitário que gritava por um tapete ou por um quadro na parede, mas ainda assim Helen sorriu e disse:

– Obrigada. É encantador.

– Agora, Jay-Jay, vamos instalar-te. Tu ficas no quarto do teu pai. – Mrs. Carlisle abriu a porta ao lado.

A imagem invadiu os olhos de Helen. Numa parede viam-se galhardetes do liceu de Antioch a preto e dourado e os casacos de Jim das equipas de futebol americano, de basquetebol e de beisebol. Helen agarrou-se à maçaneta da porta. Ele era finalista quando ela ainda andava no segundo ano. O que teria levado um atleta de sucesso e atraente a prestar atenção a uma rapariga coxa? Helen esforçava-se, indo a todos os jogos, memorizando todas as suas jogadas e namoriscando com ele constantemente.

Se ao menos não o tivesse feito.

– Anda, bebé. Queres ver os brinquedos do teu pai? – Mrs. Carlisle mostrou a Jay-Jay carrinhos e um camião de madeira.

Helen olhou em redor, respirando com dificuldade. Enquanto o quarto de Dorothy era despido, o de Jim era um santuário. Sim, era verdade que muitas famílias preservavam os quartos dos filhos mortos, mas Jim tinha casado três anos antes de Dorothy.

Não era de admirar que Dorothy nunca convidasse Helen para brincar lá para casa.

– Preciso... de ir buscar a outra mala.

– Está bem. Nós ficamos aqui. – Mrs. Carlisle tirou um livro da estante. – Este era o preferido do teu papá.

Helen olhou para o seu pequeno filho no quarto do pai, rodeado pelos objetos do pai e uma sensação de medo tomou conta do seu coração. Fora ali que Jim aprendera a ser quem fora.

Virou as costas àquela cena e desceu as escadas, agarrando-se bem ao corrimão pois o pé esquerdo teimava em arrastar.

Chegada ao exterior, encheu os pulmões com o ar fresco que soprava do Delta.

– Senhor, por favor, não deixes o meu filho ser como o pai dele. – Ao fundo do quarteirão, uma mulher subia a rua. Era Mrs. Novak.

Oh, não. Helen não falava com ela desde o incêndio. Quanto lhe teria dito Ray? Saberá ela das coisas horríveis que Helen lhe dissera? Culpá-la-ia por Ray não ter ido a casa no fim de semana anterior?

A ausência de Ray provocava-lhe um misto de dor e de alívio. Mais cedo ou mais tarde, Helen teria de o enfrentar, mas como? E como iria enfrentar a mãe dele naquele dia? Mas, se virasse costas ou atravessasse a rua, Mrs. Novak ficaria a saber que Helen estava a evitá-la.

Mrs. Novak acenou.

– Olá, Helen. A tua irmã disse-me que te encontraria aqui, em casa dos Carlisle.

– Vim deixar a primeira mala. – Esboçou um sorriso.

Embora os seus olhos fossem azuis e não cinzentos, Mrs. Novak possuía o mesmo olhar doce de Ray.

– Lamento muito o que te aconteceu. Tenho rezado por ti.

– Obrigada. – Sentiu um nó na garganta. Não merecia compaixão.

Mrs. Novak abriu a carteira e as suas pestanas negras agitaram-se contra faces mais vermelhas do que o habitual e manchadas.

– Recebi hoje uma carta de Ray.

– Uma carta? – Porque haveria ele de escrever uma carta quando estava tão perto?

– Ele incluiu um pequeno bilhete para ti. – Estendeu uma folha de papel dobrada. – Por favor, não te culpes.

Helen sentiu arrepios nos braços.

– Culpar-me?

– Vocês os dois tiveram uma... uma pequena desavença depois do casamento, não foi?

Helen acenou afirmativamente com a cabeça.

– Então, por favor, não te culpes. – Mrs. Novak pegou na mão de Helen e entregou-lhe a carta. Mal conseguia mexer os dedos, mas lá conseguiu abrir a folha de papel.

Querida Helen

10 de maio de 1944

Quando receberes esta carta eu estarei a caminho da Europa para uma comissão de combate. Embora isto possa parecer-te súbito, a verdade é que já há algum tempo venho a ponderar esta decisão. No armazém de logística sou um obstáculo ao esforço de guerra, porém, como piloto posso ser de grande valia para o meu país.

Quero deixar uma coisa bem clara – esta decisão foi fruto de muita oração e de muita reflexão ao longo de vários meses e nada teve a ver com qualquer coisa que possas ter dito.

No entanto, é melhor para mim afastar-me durante algum tempo. Empurrei-te para algo para o qual ainda não estavas preparada e por isso peço-te desculpa. Admiro-te muito e tenho o maior carinho por ti e lamento o modo como as coisas terminaram. Por favor, aceita as minhas desculpas.

Rezarei para que Jesus coloque a sua mão protetora sobre a tua vida. Ele irá dar-te forças e confortar-te quando te sentares aos seus pés.

A cabeça de Helen parecia estar cheio de chumbo derretido.

– Combate?

– Eu sei. – Mrs. Novak limpou as lágrimas. – No coração, Ray não é um soldado. Ele não foi feito para isso.

Helen esquadrinhou a carta.

– Porquê? – murmurou, embora as suas próprias palavras acusadoras gritassem a resposta.

– O meu sogro diz que notou isso na Páscoa, que o Ray sente necessidade de provar do que é capaz. – A sua voz vacilou. – Não entendo porquê.

Mas Helen entendia e a vergonha arrancava-lhe o ar dos pulmões.

– Oh, não.

– Não devia ter medo por ele, mas não consigo evitar. O avô Novak garante que teríamos mais a temer se o Ray não fosse. Diz que, se o Ray não fizer isto, nunca mais conseguirá viver com ele próprio.

Pela primeira vez em anos, Helen ansiava pelo seu velho aparelho das pernas para a segurar. Como podiam eles dizer que a culpa não era sua? As suas palavras imprudentes e precipitadas tinham levado um homem gentil a enfrentar um grande horror e um grave perigo.

9 Agência federal cuja responsabilidade era regular os preços e racionar os bens de

consumo essencial durante a Segunda Guerra Mundial (*N. da T.*)

Centro de Substituição de Tripulações de Combate N.º 1

Bovingdon, Hertfordshire, Inglaterra

Quarta-feira, 7 de junho de 1944

Os olhos de Ray ajustaram-se ao interior do barracão, um tubo semicilíndrico de chapa ondulada. Havia duas dúzias de camas alinhadas juntos às paredes e três fogões a carvão ao fundo do corredor.

– Um barracão Quonset – disse o oficial ao lado de Ray, acrescentando algumas imprecisões.

– Novatos – declarou um homem deitado numa cama com a cabeça escondida atrás de uma revista pornográfica. – Se querem fazer figura de parvos, continuem a chamar-lhes barracões Quonset. Aqui são barracões Nissen.

Ray esmagou um pedaço de terra no chão de cimento e atirou o saco para cima de uma cama.

– É melhor que um abrigo subterrâneo nas praias da Normandia.

A revista baixou.

– Ei, *avôzinho*, o que fazes aqui? Precisas de ajuda para te levatares da cadeira de baloiço?

Ray mostrou-lhe um sorriso.

– Aceito. Mas deixa-me primeiro ajudar-te a sair da tua cadeira alta de criança.

As gargalhadas provaram-lhe que havia passado no seu primeiro teste. Se ao mesmo todos os outros que o esperavam fossem assim tão fáceis de ultrapassar.

– O capitão vem aí, novatos. Toca a formar lá fora.

Ray saiu com os restantes onze recém-chegados e formaram sob um céu cor de chumbo.

O capitão, um homem compacto com feições carregadas, parecia-lhe familiar.

– Bem-vindos ao CSTC, homens. Eu sou o capitão Hawkins.

Ray sorriu ao ouvir o sotaque do Maine do capitão. Dois anos antes, o cadete Hawkins havia sido um dos seus melhores alunos no aeródromo de Kelly.

– Querem saber uma coisa, homens? Tudo o que aprenderam no vosso treino em casa está errado. Pensam que podem voar por instrumentos, mas não podem. Pensam que sabem voar em formação, mas não sabem. E pensam que estão prontos para enfrentar a Luftwaffe, pois eu estou aqui para vos dizer que não estão. Entendido?

– Sim, senhor! – Mas Ray estremeceu. O Comando de Treino fazia o seu melhor para se adaptar às sugestões que vinham dos teatros de combate.

– O meu trabalho é preparar-vos antes de serem transferidos para um grupo de bombardeiros.

– Hawkins sacudiu a cinza do cigarro com os seus dedos grossos. – Ontem foi o Dia D, caso sejam demasiado estúpidos para saberem, e a Oitava Força Aérea enviou mais de dois mil bombardeiros. Perdemos apenas um devido à ação inimiga. No entanto, um despenhou-se durante a descolagem, um na aterragem, dois *B-24* colidiram e um novato meteu a asa na fuselagem do *B-17* do seu comandante de esquadra, obrigando o major a amarar depois da

tripulação ter saltado. – Apontou para os homens com o cigarro, como se eles tivessem causado o acidente. – Erros estúpidos de novatos.

Ray começou a franzir o sobrolho, mas depois lembrou-se que estava em sentido. Quando o conheceu, Hawkins era um jovem simpático, mas a guerra tinha-o endurecido.

O olhar de Hawkins abateu-se sobre cada homem como um mestre-escola a bater nos seus alunos com uma régua.

– Vocês não irão cometer erros semelhantes. Entendido?

– Sim, senhor!

Hawkins lançou um olhar de esguelha a Ray e as suas sobrancelhas oscilaram.

Ray retorquiu com um pequeno aceno de cabeça.

Hawkins passou uma página na sua prancheta.

– Muito bem, rapazes. À vontade. Têm meia hora para se instalarem. Apresentem-se na messe às doze, depois às treze são esperados no simulador de voo. Podem destroçar todos com exceção do tenente Novak

Depois dos restantes homens terem entrado no barracão, Hawkins abriu um sorriso de orelha a orelha e apertou a mão de Ray.

– Ena, que bom ver-te. Que diabo estás aqui a fazer?

Ray soltou um riso abafado.

– Sempre quis conhecer a Inglaterra.

– Ora. És o melhor instrutor que temos.

– Agora é necessária experiência de combate para se ser instrutor. Transferiram-me para a logística.

– Estás a gozar. Não admira que tenhas vindo para aqui. Nasceste para voar.

– Sim. – Embora incompleta, a sua explicação satisfazia toda a gente, exceto aqueles que o conheciam bem. As cartas da família tinham-no apanhado no Centro de Preparação para Deslocação para o Estrangeiro. A mãe estava com medo, o pai incrédulo. A carta do avô atingira-o em cheio quando escrevera, « Sei que não conseguirás viver contigo próprio se não fizeres isto, mas lembra-te que não tens de provar nada a ninguém» .

Talvez, mas necessitava de o provar a si mesmo.

– Ei, Novak, o que dizes a vir almoçar comigo para pormos a conversa em dia?

– Parece-me bem, mas primeiro gostava de te pedir um favor, *sir*.

Hawkins riu.

– *Sir?*

Ray fez continência e sorriu.

– És mais graduado que eu.

– Está bem – cedeu revirando os olhos. – Qual é o favor?

– O meu irmão está com o Nonagésimo Quarto Grupo de Bombardeiros. Podes fazer-lhe chegar a mensagem de que estou aqui?

– Claro. – Hawkins fez-lhe sinal com a mão para que o acompanhasse. – Contactamos Bury St. Edmunds.

Dirigiram-se para sul por uma estrada lamacenta, afastando-se dos aquartelamentos e seguindo em direção aos locais mais técnicos – os edifícios administrativos, os armazéns de abastecimentos e de manutenção.

Hawkins mostrou a Ray um sorriso envergonhado.

– Desculpa lá o que eu disse sobre o treino na América. Se não tiro a petulância a estes tipos, nunca sobreviverão à primeira missão, quanto mais a uma comissão de trinta missões.

– Claro. Pode-se trabalhar com a ignorância mas não com petulância. – Ray sorriu quando uma esquadilha de doze *Fortalezas Voadoras* emergiram da cobertura de nuvens. – Lindo.

– A formação está demasiado apertada – comentou Hawkins por cima do ruído dos quarenta e oito motores *Wright-Cyclone*.

– Parece-me bem.

– É uma das diferenças entre o treino e o combate. Apanhamos muita turbulência nos céus da Europa e temos de voar em formações mais abertas para evitar colisões, principalmente sob fogo inimigo.

Ray sentiu um aperto nos pulmões. Se alguém disparasse contra ele, ou se um avião mergulhasse na sua direção, o seu instinto seria mudar de direção, colidir.

Hawkins virou para um caminho paralelo ladeado por mais barracões Nissen e um jipe passou por eles.

– A última vez que te vi, deste-me cabo da cabeça por ter feito uma *rapada* à torre depois do fim do curso. Penso sempre nisso quando faço queixa de um tipo por fazer passagens rasantes. E isso acontece pelo menos uma vez por semana.

Ray deixou escapar uma gargalhada.

– Detestei ter de fazer queixa de ti. Mas, se não estou enganado, creio que foi a única vez. Ao contrário daquele outro tipo da tua turma... o Rivers, não era?

– Sim, o Ted Rivers. Um bomba da Luftwaffe arrancou-lhe a cabeça.

Ray estacou, incapaz de respirar.

Hawkins encarou-o e a sua face estremeceu.

– Desculpa. Esqueci-me que és um novato. As coisas aqui são assim. Depois habituas-te.

Ray anuiu, mas na verdade não queria habituar-se a mortes violentas de jovens promissores.

Hawkins conduziu-o até ao barracão Nissen dividido em gabinetes. Tirou o blusão de voo e pendurou-o num cabide.

– Senta-te. Isto é capaz de demorar. Diz-me o nome e o posto do teu irmão.

– Major Jack Novak. É comandante de esquadra, a menos que tenha sido promovido recentemente. Estava na altura. – O frio do metal penetrou-lhe pelo tecido de lã das calças.

Hawkins falou com a operadora, equilibrou o auscultador entre a orelha e o ombro e acendeu o isqueiro. As chamas amarelas acordaram a memória de Ray. O incêndio em casa da Helen servira-lhe como sinal, tal como o Senhor usara o fogo para consumir a oferenda de Gedeão, triunfar sobre as suas últimas hesitações e enviá-lo para a guerra contra os madianitas.

Tentava pensar em Helen o mínimo possível. Era demasiado doloroso. Rezava por ela, mas de que modo poderia ajudar? Se não tivesse apressado o romance, podia escrever-lhe e aconselhá-la como amigo.

Quando descobrira o que Jim tinha feito, Helen censurara-o acerbamente – não a Jim, mas a Ray. Detestava-o por saber a verdade, porque ela própria não era capaz de enfrentar essa verdade.

Ray encontrava-se envolvido nos fragmentos de outro romance falhado, mas pela primeira vez a culpa era sua.

- Novak? – Hawkins franziu a testa. – Lembras-te de eu ter falado num *Fortaleza* que amaras?
- Ray pestanejou para afastar as suas memórias.
- Sim?
- Era o teu irmão.

*

Ray apoiou os cotovelos nos joelhos e passou as mãos pelo cabelo. Jack parecia tão pequeno e pálido naquela cama de hospital, não o homem destemido a que se habituara.

O médico dissera que ele havia sido resgatado do Canal mesmo a tempo, mas que por pouco não morreria. O pai e a mãe teriam ficado arrasados, tal como Walt, e o próprio Ray.

– Senhor, o que estou eu aqui a fazer? – sussurrou. A sua decisão de se oferecer para uma missão de combate não o afetava só a ele como a toda a sua família. Seria egoísta da sua parte tentar dar provas da sua coragem se no processo acabasse por morrer e magoar as pessoas que amava? Ou a sua preocupação com a segurança mostrava que ele era o pior tipo de cobarde, aquele que se preocupava apenas com a sua própria pele?

Soprou uma lufada de ar e tirou o caderninho de apontamentos e a caneta do bolso da camisa. « O que é a cobardia? », escreveu. « O que é a cobardia? »

O medo não fazia de um homem um cobarde, mas sim a incapacidade de agir devido a esse medo. Seria Ray capaz de encontrar coragem para agir quando fosse necessário? A sua fé seria mais profunda do que o conhecimento adquirido no seminário, profunda o suficiente para o amparar em qualquer situação?

A vida nunca lhe testara a coragem, por isso teria de ser ele a fazê-lo. No fundo da página escreveu, « Irei ultrapassar esta prova, meu Deus? ».

Jack gemeu e a pilha de cobertores agitou-se.

Ray guardou o caderninho no bolso.

– Jack? – O olhar do irmão oscilou em círculos vagarosos até se deter em Ray. – Jack? – Esfregou o braço do irmão, que lhe pareceu gelado. – Olá. Achas que consegues ficar acordado?

– Acordado? – Jack tossiu de forma tão violenta que a sua cama de metal chiou.

– Ora, vejamos só quem acordou. – A enfermeira, a tenente Taylor, aproximou-se rapidamente da cama. – Não posso dar-lhe nada para essa tosse, major. Tem de expelir toda a água salgada, mas posso dar-lhe mais morfina, se quiser.

A boca de Jack contorceu-se sob o seu bigode negro.

– Mas eu estou... Eu não... não morri?

Ray soltou uma pequena gargalhada.

– Foi por pouco. Estavas inconsciente quando a Busca e Salvamento te tirou da água. Sofreste uma hipotermia grave.

Jack esticou o pescoço e fitou a sua perna direita, suspensa em fios, e depois teve outro ataque de tosse.

– O meu pé?

– Oh, tem vários ossos partidos. – A enfermeira tinha um sorriso esprevidado a condizer com a voz – Vai ficar engessado durante seis semanas, jovem.

Jack olhou de esguelha para a janela.

– Que dia é hoje?

– Dia sete – respondeu Ray. – A invasão foi um sucesso. Estamos a fazer progressos.

– A minha tripulação... safaram-se?

– Estão todos em segurança. Assustaram um rebanho de ovelhas, mas estão bem.

– Ótimo. – Jack franziu o sobrolho. – Onde estou?

A enfermeira enfiou-lhe o termómetro na boca.

– Está no sexagésimo quinto hospital geral. Viemos de Redgrave Park em Botesdale, Suffolk

Não ia acreditar nas pequenas e estranhas vilas que existem por aqui. A que fica mais perto é Bury St. Edmunds, que...

– À aqui tie – murmurou ele em redor do termómetro.

Ray sorriu para a enfermeira. Não era a primeira vez que tentava amenizar a falta de paciência do irmão.

– A base de Jack é em Bury St. Edmunds.

Jack semicerrou os olhos ao olhar para Ray.

– O que azes aqui?

– Demoraste a perceber.

– Mas o quê... onde?

– No Centro de Substituição de Tripulações de Combate em Bovingdon... a treinar, à espera de ser destacado para um grupo de bombardeiros.

– Com 'at... – Jack elevou-se na cama, estremeceu com a dor e cuspiu o termómetro para o lado apesar dos protestos da enfermeira. – Mas... mas tu és instrutor. Não, estás no armazém de logística. O que aconteceu?

Explicar a sua decisão exigia habilidade. Se Jack pressentisse o seu verdadeiro motivo, o mais certo era usar o seu posto para tentar interferir.

– Ofereci-me como voluntário – respondeu Ray.

– Tu fizeste o quê?

– Major, preciso de saber a sua temperatura. – A tenente Taylor tentou espetar o termómetro por entre os lábios de Jack

Jack cerrou a boca e fulminou-a com o olhar.

– Mais tarde.

Ela afastou-se, a resmungar com os seus botões.

Com a personalidade convincente e forte do pai, Jack dava um excelente comandante, mas um péssimo doente. O seu olhar parecia atravessar Ray.

– Ofereceste-te como voluntário?

– Sim. – Havia uma expressão determinada no seu rosto. – Precisava de estar aqui.

– Mas porquê? E porquê agora? Pensei que tu e a Helen...

Para Jack aquela notícia foi como um murro no estômago.

– É uma longa história. Conto-te mais tarde.

– As mulheres dão sempre longas histórias.

Ray franziu o sobrolho de forma compreensiva. Jack andava há algum tempo atrás de uma enfermeira.

– Não resultou com a Ruth?

– Não. Categoria E, impossível de reparar. – Deslizou para baixo dos cobertores. – Ainda te lembras daqueles aviões de madeira que o avô punha na nossa meia, no Natal?

Ray inclinou-se para a frente.

– Claro que lembro. Nunca duravam muito, pois não?

– À semelhança dos *macaroons*.

Macaroons? Ray levantou uma mão para parar a tenente Taylor, que se aproximava com uma seringa. A última coisa que Jack precisava era de mais morfina.

– Lembras-te? – continuou Jack – Púnhamo-los a voar uma ou duas vezes, depois partia-se o estabilizador horizontal, colávamos. No voo seguinte partia-se a asa ao meio, e nós colávamos. Depois o nariz, mais cola. Às tantas, a cola pesava tanto que já não voavam.

Ray murmurou:

– Foi assim com a Ruth. Demasiados acidentes, demasiada cola. Já não voa.

De alguma maneira, e apesar de toda a medicação, o discurso de Jack fazia sentido. Mesmo que Ray sobrevivesse à sua comissão de combate e Helen conseguisse resolver os seus problemas e ignorasse os homens que por certo a iriam achar atraente, era demasiado tarde para eles.

Helen Carlisle era a mulher mais maravilhosa que Ray alguma vez conhecera. Tivera a oportunidade de uma vida com ela e estragara tudo.

Depósito Naval de Munições, Port Chicago
Sexta-feira, 9 de junho de 1944

– Não te preocupes, Helen. O depósito de material não está armado. Não pode detonar.

– Eu sei. – Olhou para Vic com um sorriso, embora ele já tivesse dito aquilo uma dúzia de vezes nas duas semanas que trabalhava para ele.

Ainda assim, sustinha a respiração sempre que se deslocavam do gabinete de Vic para o molhe, como se uma lufada de ar mal direcionada pudesse causar uma explosão. Havia centenas de vagões repletos de torpedos, bombas e cargas de profundidade escondidos atrás de revestimentos cor de terra.

Vic estacionou o carro de serviço e abriu a porta a Helen. Ela saiu no seu novo fato cinzento, segurando o seu bloco de apontamentos como se soubesse o que estava a fazer. Não tivera aulas de secretariado pois planeava ir para a universidade com Jeannie, que já terminara o curso e tinha agora um excelente trabalho em São Francisco. Helen nem sequer sabia estenografia. Todavia, era rápida a escrever à máquina, sabia redigir uma carta comercial e tirar notas.

Vic ficou parado à frente dela na sua farda azul.

– Fico feliz por estares aqui. Dás-me esperança.

Helen suspirou. Para um homem tão brilhante, não parava de se repetir.

– Sabes que eu só estou aqui para ganhar dinheiro e assim voltar a montar a minha casa.

– Casa comigo e montamos casa juntos. Nunca mais terás de trabalhar.

– Vais propor-me casamento todos os dias?

– Até tu aceitares.

O estômago de Helen azedou. Todavia, só precisava daquele emprego durante três meses.

– Estamos aqui para falar com o segundo sargento Carver Jones, correto?

Vic bufou com a mudança de assunto.

– Correto. É ele que tem um curso superior tirado na Universidade Howard.

– Já falaste nisso. – Várias vezes.

Conduziu-a até ao molhe, onde um navio de carga se encontrava atracado na baía de Suisun. As águas corriam profundas ali onde os rios San Joaquin e Sacramento se misturavam e uniam esforços para terminar a sua viagem na baía de São Francisco.

– Já acabaram de alargar o molhe – gritou Vic por cima do ruído da maquinaria e dos homens.

– Agora já podemos carregar dois navios ao mesmo tempo e enviar...

– Duas vezes mais material de artilharia para o Pacífico.

Vic arqueou as sobranceiras e sorriu.

– Sim, é isso mesmo.

Na doca de descarga, Vic fez continência a um oficial que mandou um grumete chamar o segundo sargento Jones. Na zona de carga, centenas de homens trabalhavam a bom ritmo, transportando grades de madeira, rolando torpedos, carregando artigos nas redes de transporte e

prendendo-as nos guinchos. Os fuzileiros faziam a guarda e os oficiais navais gritavam as ordens. Eram todos brancos. Já os marinheiros que realizavam os trabalhos pesados eram todos negros.

Era tal e qual como nas fotografias das plantações de algodão nos livros de história de Helen. Algo dentro dela se contorceu. Faltavam apenas os chicotes e os cães.

Um homem negro envergando uma camisa azul de cambraia e calças de algodão grosseiro aproximou-se e fez continência a Vic.

– Bom dia, tenente.

– À vontade. Mistress Carlisle, este é o segundo sargento Carver Jones. Jones, a minha nova secretária.

Helen estendeu-lhe a mão.

– Como está?

– Como está, minha senhora? – Apertou-lhe a mão e baixou e levantou rapidamente o queixo. Tinha a constituição elegante de um intelectual e não a de um estivador.

Vic cruzou as mãos atrás das costas.

– Então, Jones, os homens estão satisfeitos com o novo espaço de recreação?

– Sim, senhor, mas perguntam-se porque demorou a Marinha um ano e meio a satisfazer essa necessidade.

– É vergonhoso. Foi por isso que trabalhei tanto para acelerar o processo. – Vic lançou um olhar rápido a Helen.

Esta tirou a tampa à caneta, pronta para tomar notas.

– Agradecemos os seus esforços, *sir*, mas os homens ainda têm queixas.

– Eles que venham falar comigo.

O segundo sargento Jones sugou os lábios e contemplou todo o comprimento do molhe, que se projetava para montante.

– Temem retaliações, *sir*. Preferem que eu apresente as queixas anonimamente. Esperam que as minhas palavras polidas o convençam.

– A verdade e a justiça convencem-me.

– Sim, senhor. Pode ser que com o tempo eles se apercebam disso e vejam, tal como eu já vi, que está do nosso lado.

Helen esfregou o bico da caneta na ponta da folha para que a tinta corresse e olhou de soslaio para Vic. Apesar do seu carácter irritante, era um homem bom e justo.

– Obrigado, Jones. – Baixou o queixo. – Quem me dera poder fazer alguma coisa sobre as discrepâncias de pagamento, as promoções e a segregação, mas não posso. E não posso mudar a política arcaica da Marinha que vos impede de combater. Mas há alguma coisa que eu possa fazer para vos ajudar?

– Duas coisas, *sir*, que afetam a segurança. Primeira, os oficiais aumentaram a competição entre turnos. Acreditamos que os oficiais estão a apostar em nós. Estamos preocupados que a segurança possa estar a ser sacrificada em nome da rapidez.

Helen escrevia apressadamente, mas o seu olhar desviou-se para a doca. Que tipo de homens fazia aquele tipo de apostas? E queria ela estar perto daquele descuidado manuseamento de munições?

– O segundo assunto prende-se com o treino. – Jones esfregou a parte de trás do pescoço. – Os homens estão nervosos. Nenhum de nós recebeu treino no manejo de munições. Estamos a

aprender enquanto fazemos e ninguém veio falar conosco sobre segurança. Não me admira que mais cedo ou mais tarde alguém se magoe.

– Vou tratar disso imediatamente, ver o que posso fazer.

Os homens voltaram a trocar contências e seguiu cada um o seu caminho.

Vic abriu a porta do carro a Helen.

– Bom homem, o Jones. Um dia será líder da comunidade negra. Sabes, pensei que este trabalho fosse uma perda de tempo, mas mudei de ideias. Tenho a oportunidade de fazer algo de bom e, para além disso, estou a fazer conhecimentos. Não queres mesmo casar com um homem com um futuro tão brilhante? – demandou num tom irónico.

– Não, obrigada. – Sentou-se e cerrou os maxilares. O que levaria os homens que a rodeavam a querer controlá-la? Vic importunava-a para casar com ele, Mr. Carlisle dizia-lhe como educar o filho e Jim... Jim ainda a controlava da sua sepultura aquática.

Vic pôs o carro em movimento e Helen escreveu na folha como se estivesse a organizar as suas notas.

Jim era quem mais a controlava. Por mais que tentasse, não conseguia ver-se livre das memórias. A sua fachada estava feita em pedaços, à semelhança do livro do papá. Mrs. Carlisle queria que ela organizasse um novo livro de recortes, mas Helen seria incapaz de voltar a colar as falsidades. O marido batera-lhe, queimara-a e havia causado dois abortos.

Bebés que arrancara dela ao pontapé.

A dor tomou conta do seu interior e virou a cabeça para a janela para esconder as lágrimas que lhe queimavam os olhos. A primeira vez que lhe batera até ela ficar inconsciente, a primeira vez que matara um bebé dentro dela, Helen ameaçara contar tudo ao pai quando este a examinasse, mas Jim desatara a chorar. Chorara de verdade dizendo que estava arrependido e que a amava tanto que ficava zangado quando ela não se comportava como devia ser e que nunca mais voltaria a acontecer. Nunca mais.

Helen disse ao pai que tinha escorregado na banheira e que começara a sangrar.

Jim saíra incólume. Saía sempre.

A coxa e desastrada Helen.

Vic estacionou o carro junto ao edifício administrativo de madeira.

– Preciso de ir à casa de banho. – Helen saltou do banco e correu para a casa de banho.

Jim dissera que nunca ninguém acreditaria nela. O alegre, encantador e popular Jim. Quem acreditaria que ele batia na mulher?

Ray acreditara nela.

Helen desatou a chorar. Encostou-se à parede da casa de banho e revolveu o interior da carteira à procura de um lenço.

Ray era a única pessoa que descobrira a verdade, a única pessoa que acreditara na verdade embora ela a negasse, embora o tivesse insultado por saber a verdade.

– Oh, meu Deus. – Pressionou o lenço contra o rosto. – Senhor, a verdade dói tanto. – Mas a mentira também era dolorosa, embora de uma maneira diferente, como um veneno que demorava a fazer efeito.

Escorregou para o chão, a face encostada à áspera parede pintada e a verdade atravessou-a como as contrações de um parto. Não conseguia aguentar, não conseguia suportar aquela dor. Pouco importava o que fizesse, o muito que se esforçasse ou o melhor que representasse, a

verdade era que Jim lhe batia.

Batia-lhe. Batia-lhe. Batia-lhe.

Helen deitou a cabeça nos joelhos e cobriu-a com as mãos para se proteger, todavia, aquelas memórias agrediam-lhe a mente da mesma forma que Jim lhe agredia o corpo.

– Senhor, ajuda-me. Não aguento.

Ouviu um sussurro. O sussurro mais suave e doce que alguma vez ouvira. Ele sabia. Jesus sabia o que ela havia suportado. Ele também o suportara. Ele também fora agredido e magoado. Ele compreendia.

Entregava-se pela primeira vez ao seu conforto. Jesus não lhe tirava as lágrimas, recebia-as. Não lhe apagava as memórias, partilhava-as. Não acabava com o sofrimento, sentia a sua dor. De alguma forma, na companhia de Deus, conseguia suportar o seu ordálio.

*

– Dez horas? – Betty colocou as mãos na anca. – O Vic nunca ouviu dizer que a familiaridade excessiva dá origem ao desprezo?

Helen esfregou os olhos tentando assim afastar o peso dos seus globos oculares. Sentia-se exausta, vazia, seca, toda a humidade espremida da sua alma.

– Ele acredita que quantas mais horas eu passar com ele, mais depressa me apaixono.

– A típica arrogância dos Llewellyn.

– Hoje não, Betts. Só quero ir buscar o Jay-Jay e dormir um pouco. – Rodeou a irmã e entrou em casa.

– Tens fome? Queres que te prepare alguma coisa?

– Não, obrigada. O Vic mandou vir comida da messe, o cavaleiro. – Passou pelo cunhado sentado na cadeira de braços. – Olá, George.

Virou uma folha de carta que tinha no colo.

– Olá, Helen.

Entrou no quarto das crianças onde Jay-Jay dormia numa cama temporária, o rabo no ar e a boca a desenhar um pequeno e suave círculo. Helen sentiu uma pontada no esterno, como sempre lhe acontecia quando observava o seu bebé a dormir.

Uma pessoa tão pequenina e dependente apenas dela. Teria tomado a decisão certa ao ir trabalhar? Precisava de lhe providenciar um lar onde pudesse aprender a discipliná-lo longe dos avós e dos seus constantes mimos excessivos. Mas para o fazer passava tanto tempo longe dele. Estaria a ajudar ou a piorar as coisas?

– Assim a dormir parece um anjinho – comentou Betty. – Mas na verdade...

Sim, Betty podia dar-se ao luxo de ser presunçosa. O primeiro aniversário de Judy era só na semana seguinte. Jay-Jay também nunca fizera uma birra nessa idade.

Helen baixou-se e pegou no filho. Os seus músculos adormecidos estremeeceram até voltar a aconchegar-se nela. Ergueu-se devagar, para não cair.

Betty entalou o cobertor azul de Jay-Jay por baixo dos seus ombros.

– Ele tem cá um génio.

Sim, lá isso tinha. Helen tremeu e abraçou o filho com mais força. Os rapazes copiavam os

seus pais. Fora principalmente por causa disso que construíra a sua fachada, para que Jay-Jay copiasse o Jim que ela elaborara, não o verdadeiro Jim.

Mas e se, apesar de tudo isso, ele tivesse a natureza do pai? E se a disciplina não fosse suficiente para lhe arrancar do corpo?

Helen encostou a face ao rosto macio deitado no seu ombro. *Meu Deus, por favor, não deixes que ele seja igual ao pai.*

*

65.º Hospital Geral; Botesdale, Suffolk

Sábado, 24 de junho de 1944

Ray caminhava com grandes passadas em redor do lago que serpenteava por Redgrave Park, a antiga herdade onde o hospital se instalara. Se ao menos pudesse mergulhar naquele lago e arrefecer a sua raiva. Ray havia sido colocado no 94.º Grupo de Bombardeiros, o grupo de Jack. O irmão tinha interferido e continuaria a interferir para garantir a Ray um trabalho seguro no solo.

Como se isso não fosse suficiente, uma nova ira pulsava dentro dele – raiva contra ele próprio.

Lera a carta de George Anello no comboio. Segundo este, Helen estava pior do que quando Jim morrera, parecendo perturbada e exausta.

Ray acreditava ter-lhe feito um favor ao vir embora, mas seria mesmo assim? O seu amor atizara o fogo que lhe devastara a vida e ele nem sequer ficara para ajudar a varrer as cinzas.

O que podia ele fazer? Tudo o que podia oferecer era uma carta, mas iria ela querer voltar a saber dele?

Pegou numa pedra e fê-la deslizar sobre as águas do lago. Como pastor, como homem que a amava, e como a única pessoa que sabia o que Jim fizera, tinha um dever para com ela. Escrever-lhe-ia naquela noite.

– Senhor, mostra-me o que devo dizer-lhe.

O parque estendia-se em seu redor, terra ondulada de um verde luxuriante. A enfermeira de Jack dissera que este viera passear até ao lago com uns amigos. Os doentes deambulavam por entre as árvores, apanhando sol, conversando e fumando. Avistou uma cadeira de rodas vazia sob um antigo carvalho e um doente sentado num cobertor a beijar uma ruiva que exibia uma farda azul-claro.

Era Jack. Não tinha levado muito tempo a esquecer Ruth.

– Ray? És tu? – O melhor amigo de Jack, o major Charlie de Groot, apareceu atrás dele segurando a mão de uma rapariga loira baixinha com a mesma farda que a rapariga de Jack envergava. – Ainda bem que te encontro. E que tal dares um pouco mais de tempo ao *Skipper*?

– Tempo? Parece-me que ele acha que o tempo lhe falta.

A rapariga loira riu.

– E já anda naquilo há um ano.

Um ano? Claro. A farda da loira exibia um caduceu e asas douradas. Era enfermeira de voo...

e Ruth também. Então Jack sempre tinha conseguido colar tudo de volta.

Charlie colocou o braço em redor do ombro dela.

– May, apresento-te o irmão mais velho e melhor do Jack Ray, esta é a minha namorada, a tenente May Jensen.

Ray cumprimentou-a fazendo continência.

– Mais velho, sim. Melhor, não.

– Mas é certamente mais humilde. – O sorriso de May parecia brilhar contra a sua pele de porcelana.

– Ei, parece que fizeram um intervalo – disse Charlie.

Dirigiram-se para a árvore, onde Jack puxou Ruth para outro beijo. Mas Ray não podia esperar. Tinha de regressar ao CSTC às 17 horas e precisava de confrontar o irmão. O mais depressa possível.

– Olá, Jack

Jack olhou para cima e esboçou um enorme sorriso.

– Ei! Olá a todos. Querem saber uma coisa? Vamos casar!

May soltou um guinchinho e ajoelhou-se no cobertor para abraçar Ruth. Ray e Charlie apertaram a mão de Jack e sentaram-se no cobertor castanho do Exército. Jack apresentou a noiva, a tenente Ruth Doherty, uma beleza de cabelo castanho-avermelhado com sotaque de Chicago.

Pela segunda vez no mesmo número de meses, Ray sentia a horrível bicada do ciúme. Os seus dois irmãos iriam casar primeiro que ele. Mas o ciúme destruíra tudo e Ray recusou-se a fazer-lhe a vontade. Abriu um sorriso.

– Então, maninho, isso quer dizer que encontrei um pouco mais de cola?

Ruth compôs o lenço sobre o gesso de uma forma protetora e como que a dizer não-me-perguntem-como-parti-o-braço.

– Decidimos construir com algo mais duradouro e permanente do que a cola.

Ray fez um aceno de cabeça apreciativo. Ao menos a sua futura cunhada não era uma cabeça oca como a rapariga que Jack namorara nos tempos do seminário.

– Então, *Skipper*, já estás arrependido de ter pedido transferência para o Pacífico? – Charlie arrancou uma folha de erva e meteu-a entre os dentes.

– Podes crer. Na segunda-feira a primeira coisa que faço é contactar o coronel Dougher e cancelar o pedido. – Apertou o ombro de Ruth. – Estás noiva do mais recente oficial de operações do Nonagésimo Quarto Grupo de Bombardeiros.

Ray detestava acrescentar tensão a um dia tão alegre, mas precisava de abordar aquele assunto. Inclinou-se para a frente, as mãos apertadas, os cotovelos pressionados contra os joelhos.

– Então isso significa que vamos passar bastante tempo juntos.

Jack brindou-o com um sorriso.

– Já foste colocado.

– Obra tua? – A sua voz soou tensa.

– Claro. O Dougher vai tratar-te bem.

Ray lançou um olhar firme e determinada ao irmão.

– Promete-me uma coisa, não há tratamentos especiais. Espero fazer as missões perigosas, tal como os outros pilotos.

O sorriso de Jack congelou.

– Serás colocado onde possas servir melhor.

Ray imaginou-se a nadar vagarosamente naquele lago gelado.

– Se quisesse uma posição de não combatente, teria ficado na América. Vim para aqui por uma razão: para fazer uma comissão de combate.

– Mas tens talentos que...

– Se eu não fosse teu irmão o que farias? Se não me conhecesses.

– Mas eu conheço-te e farás um melhor trabalho...

– Sou um piloto qualificado. Voei durante quatro anos para a Força Aérea do Exército, mais de um ano e meio num *B-17*, o que é bem mais do que os adolescentes que mandas lá para cima sem a menor hesitação. E eu pedi missões de combate. Não tentes deter-me.

Charlie esticou as pernas à frente dele.

– Cuidado, Jack. És um homem mudado. Não comeces novamente com as manipulações.

Jack fechou os olhos e suspirou.

– Não era minha intenção manipular. A sério.

– Então não o faças – argumentou Ray. – Preferia não ter de falar sobre isto com o comandante.

Jack gemeu e revirou os olhos.

– Prometo não interferir.

– Ótimo.

Ruth levantou o gesso com o desenho de um anel de noivado.

– Iria detestar ter de devolver isto, mas concordei em casar com o novo e melhorado Jack Novak.

As gargalhadas foram gerais. Ray apoiou as mãos no cobertor atrás de si, inclinou-se para trás e olhou por entre os ramos da árvore. Tinha ganho aquela batalha.

Mas aquela fora uma batalha de palavras, o seu ponto forte, e havia exigido apenas um pouco mais de tenacidade do que as suas habituais negociações. O que faria ele quando as balas voassem na sua direção?

Ray soltou um riso abafado. Não podia acreditar que tinha lutado pelo direito a lutar.

Antioch

Sexta-feira, 30 de junho de 1944

Vic abriu a porta do carro a Helen.

– Porque não te vais refrescar? Depois podemos ir jantar, celebrar o teu primeiro vencimento... e o nosso noivado.

A única coisa que Helen desejava comemorar era o facto de ter chegado a casa a horas decentes. Mostrou-lhe um sorriso simpático.

– Boa noite. Até segunda.

Abriu o portão e caminhou lentamente até à porta da casa dos Carlisle. Na sua última carta, a mãe dissera-lhe que a única maneira de lidar com tamanha persistência era ser firme e nunca o encorajar.

Dava o mesmo conselho em relação ao mau génio de Jay-Jay – ser firme e nunca ceder, tal como ela lidara com as birras da filha. Helen aprendera a controlar o seu temperamento. O mesmo não acontecera a Jim.

Mr. Carlisle encontrava-se sentado no seu cadeirão a ler o jornal local. Os títulos declaravam «Progresso em Saipã» e «Época dos Espargos a Terminar». Baixou o jornal e sorriu para a nora.

– Como foi o teu dia?

– Foi bom. Recebi o meu primeiro vencimento. Não é muito, mas é um começo. – Dirigiu-se para a cozinha e para as doces risadas de Jay-Jay. Nos dias em que Helen trabalhava era Mrs. Carlisle quem agora ia buscar Jay-Jay a casa de Betty depois de a butique fechar.

– E então? – disse Mr. Carlisle.

– Então o quê?

Ele estendeu a mão.

– O cheque.

Os dedos de Helen enrolaram-se em volta do precioso pedaço de papel.

– Na terça-feira irei abrir uma conta.

– Tens a conta do Jim.

Um arrepio percorreu os braços de Helen.

– Mas ele deixou-lha em testamento. Não sou titular. Nem sequer posso passar um cheque.

– Sim, claro. Um homem deve gerir as finanças da sua família.

– Eu posso gerir a minha própria conta.

Mr. Carlisle pôs o jornal na mesinha e sorriu de forma branda.

– O que diriam as pessoas se a nora do diretor de um banco estivesse reduzida a tomar conta das suas próprias finanças? Como se eu não pudesse tomar conta de ti.

– Mas...

– E para que queres tu o dinheiro? Sempre te dei uma mesada generosa.

– Sim, mas preciso de comprar mobiliário para ter a minha própria casa.

Mr. Carlisle caminhou com a mesma postura alta e imponente que Jim herdara.

– Eu coloco uma parte do teu vencimento de lado assim que tiveres pago a tua dívida.

Foi como se tivesse levado um murro no estômago.

– Dívida?

– Incendiaste a minha casa. Custará mil dólares a reconstruir e eu não posso usar o dinheiro do Jim. É à conta para sustentar vocês os dois até o Jay-Jay fazer dezoito anos. Estás a ver? É por isso que tenho de ser eu a tomar as decisões financeiras.

– Mas o seguro...

– Seguro? Os seguros são uma aldrabice que espolia os homens que não confiam que Deus proverá.

O rosto de Helen ficou tão frio quanto os seus braços. Sim, o Senhor haveria de prover – com o vencimento dela.

Mr. Carlisle arrancou o cheque dos seus dedos gelados e ela dirigiu-se para a cozinha. Vic pagava-lhe cinquenta dólares por mês. Quanto tempo demoraria a pagar a dívida? Quanto tempo até conseguir uma casa que fosse só sua? Quase dois anos. Aquele pensamento sufocava-a.

Na cozinha, Mrs. Carlisle encontrava-se frente ao fogão e Jay-Jay estava sentado atrás dela a bater-lhe nos gêmeos com uma colher de pau. A mulher estremeceu a cada pancada mas não dizia nada.

Helen arquejou e puxou o filho para trás.

– Jay-Jay! Não batas na tua avó.

Ele gritou em protesto.

– Não faz mal – argumentou Mrs. Carlisle com um sorriso débil. – Ele estava a brincar aos tambores e acabaram-se as panelas. A culpa é minha.

– A culpa é sua? É ele quem está a bater. – Helen arrancou a colher das mãos do filho.

– Não! Minha. – Jay-Jay bateu-lhe no ombro.

O pânico cresceu dentro dela, mas seria firme e não cederia.

– Não se bate.

Jay-Jay uivou e atirou-se para o chão.

– Oh, meu Deus. – Mrs. Carlisle limpou as mãos. – Vais estragar a disposição dele.

Helen estava mais preocupada com o caráter do filho do que com a sua disposição, mas o que podia fazer com aqueles membros moles? A mãe aconselhara-a a não ter medo de o castigar. Mas ela *tinha* medo, não era? Por causa de Jim. Mas, se não vencesse aquele medo, outro maior sucederia e Jay-Jay acabaria por ser tão violento quanto o seu pai.

Helen arrancou o filho do chão, dominou-o e empurrou a porta com o rabo.

– O que estás a fazer ao miúdo? – indagou Mr. Carlisle.

– Vou pô-lo no quarto até à hora do jantar – disse ela por cima dos gritos do filho ao mesmo tempo que se desviava de um punho fechado. Tinha bastante prática nisso.

– Mas já vamos jantar.

– Ele pode comer depois de acalmar.

– Ele precisa de comer. É uma criança em crescimento. – Mr. Carlisle tirou-lhe o filho dos braços com a mesma facilidade com que lhe tirara o cheque.

Jay-Jay agarrou-se ao pescoço do avô e lançou à mãe um olhar mal-humorado.

Helen enrolou os braços à volta da cintura para pôr fim às náuseas. Era de facto um rapaz em crescimento – a crescer para ser igual ao pai.

*

Base Aérea de Bury St. Edmunds, Suffolk

Sábado, 8 de julho de 1944

Por entre a escuridão, Ray esforçou-se por ver a pista parcialmente iluminada. Mantinha o pé nos travões do *One O'Clock Jump*, o seu *B-17G*. O *Jump* exibia sessenta e oito símbolos de bombas pintados no nariz, um por cada missão. Os novatos nunca recebiam *Fortalezas* novos.

Os quatro motores *Wright-Cyclone R-1820* do *Jump* tentavam contrariar os travões, fazendo ribombar todo o avião, e o coração de Ray palpitava em uníssono com os motores. Inspirou profundamente, expandindo o peito sob as pesadas camadas do equipamento de voo – camisola interior, camisa de lã, colete salva-vidas, arnês do para quedas e um novo blusão de voo com penas de pato e tecido de lã.

– Roda de cauda bloqueada? – perguntou.

– Verificado. – O tenente Leo Goldman, o copiloto, lançou-lhe um olhar crítico.

Sim, Ray já tinha perguntado duas vezes, mas não podia dar-se ao luxo de que algo corresse mal na sua primeira missão, principalmente com o irmão mais novo na torre de controlo.

Às 03h37, trinta segundos depois de o avião anterior ter levantado voo, uma luz verde brilhou na carrinha de controlo no início da pista. O coração de Ray pareceu embater-lhe contra a garganta. Quando o Senhor enviara Gedeão para a batalha, dissera, « Vai com toda a tua força ». Mas seria a força de Ray suficiente?

Soltou os travões e o *Fortaleza Voadora* arrastou-se pela pista aos solavancos, pesado com a carga de bombas destinadas aos armazéns de abastecimento alemão em Méry-sur-Oise, a norte de Paris.

Aos cento e oitenta e cinco quilómetros por hora, puxou ligeiramente a alavanca de comando e o *Jump* elevou-se do solo. Depois pressionou um pouco os travões para que as rodas parassem de girar.

– Trem para cima.

Goldman empurrou o interruptor no painel de controlo.

– Verificado.

Ray puxou as manetes para trás até atingir uma velocidade de duzentos e quarenta quilómetros por hora e uma razão de subida de noventa metros por minuto.

– Artilheiro de cauda para piloto. Podemos voltar para trás? – A voz do primeiro sargento Harland Burgess soou queixosa aos ouvidos de Ray. – Preciso de fazer chichi.

Ray sorriu. Não estava sozinho nos seus medos.

– Devias ter pensado nisso antes de sairmos.

– E pensei. Fui oito vezes à casa de banho.

– Usa o tubo mictório, mas faz já, antes que o tubo fique demasiado frio.

Goldman riu.

– Sim. Ouvi falar de um tipo que ficou congelado ao tubo. Tiveram de amputar. Agora faz parte do WAC¹⁰.

Ray tentou mostrar um olhar severo ao seu copiloto, mas acabou por rir.

– Não acredites no que ele diz, Burgess. Sabes que eles contam estas histórias só para assustar os novatos.

Tinham passado dois minutos desde a descolagem, por isso Ray começou a voltar para a esquerda. Perscrutou o céu negro em busca das luzes Aldis que piscavam na cauda de cada avião para ajudar na reunião. A noite estava límpida sobre a Inglaterra, embora o meteorologista tivesse previsto nuvens sobre a França. Se não conseguissem largar as bombas visualmente, teriam de procurar um alvo secundário.

Quando o Sol nascesse, Ray estaria sobre território inimigo. Viveria para ver o pôr do Sol? Soprou o ar para a máscara de oxigénio. *Senhor, livra-me destes pensamentos.*

Durante a meia hora que se seguiu, foi subindo num padrão retangular. A cada meia volta *standard*, os *Fortalezas* cerravam fileiras. Primeiro, Ray juntou o seu *V* de três aviões, depois foi a vez dos doze aviões do grupo *A* com o coronel Dougher na posição de líder e, por fim, a caixa de combate com os trinta e seis aviões.

O grupo fez uma volta apertada e dirigiu-se para a costa inglesa. Os quarenta grupos de bombardeiros da Oitava Força Aérea estavam a dividir forças para atingir múltiplos alvos de transporte e de fornecimento por toda a França.

– Dez mil pés, Goldman – informou Ray. – Iniciar verificações de oxigénio a cada quinze minutos.

O copiloto comunicou com os dez membros da tripulação colocados ao longo do avião. Estavam ligados ao oxigénio desde o início do voo para melhorar a visão noturna, mas a altitudes mais elevadas era essencial à vida.

Ray olhou pela janela no cimo do *cockpit*. À sua esquerda em cima, Draco o dragão enrolava o seu corpo estrelado. Naquele dia, Ray iria enfrentar o dragão nazi que vomitava balas e bombas, mas seria ele capaz de lidar com isso? Conseguiria ele enterrar a espada no dragão da cobardia que se ocultava no seu coração? Teria ele uma espada?

– Artilheiro de cauda a piloto – chamou Burgess pela interfonia. – *Avôzinho*, não me sinto lá muito bem. Acho que não estou a receber oxigénio suficiente.

A alcunha tinha pegado, mas Ray não se importava. Apenas um daqueles rapazes tinha mais de vinte e um anos. Nem sequer tinham idade para votar.

– Fizeste bem a barba, Burge? A tua máscara está bem apertada?

– Sim, senhor.

– Ele barbeou-se a semana passada – disse Goldman. – Aguenta-se até setembro.

Ray sorriu.

– Verifica a ligação, o regulador.

– Foi o que fiz. Parece estar tudo bem, mas sinto-me tonto.

Um caso clássico de nervos.

– Respira fundo, relaxa e reza.

– Sim, senhor. « Avé, Maria, cheia de graça... »

– Mantém a interfonia desimpedida, por favor.

– Tem razão, *sir*. Nada de conversa.

Sim, precisavam de manter a interfonia desimpedida, mas as orações eram mais do que conversa. Tal como a mangueira ondulada da máscara de Ray o ligava ao oxigénio, a oração ligava-o à única fonte de vida e de poder.

Passara bastante tempo aos pés do Senhor em preparação para aquele dia. Estaria também Helen a encontrar conforto e força na sua presença?

Não conseguia parar de pensar nela e no amor que lhe tinha. Teria recebido alguma das suas cartas? Planeava enviar uma ou duas por semana até ela responder ou até George lhe dizer que ela não estava interessada na sua correspondência.

– « There'll be bluebirds over the white cliffs of Dover » – cantava o segundo sargento Hank Hewett, o mecânico de voo, no *cockpit* atrás de Ray.

Sim, aqueles penhascos elevavam-se sobre o Canal, lá em baixo, mas estava ainda demasiado escuro para os ver.

– Amanhã, gatos e qualquer coisa cor de laranja – continuava Hewett a cantar. – Ooh, vejam só as estrelas tão bonitas.

Que diabo... Ray olhou para trás.

Embora estivessem sobre território amigo, Hewett encontrava-se na plataforma da torre dorsal, os antebraços apoiados nos manípulos, a rodopiar na torre.

– Viva!

– Hewett?

– Estrelas, estrelas, tantas estrelas!

Estaria histérico, ou seria o primeiro sinal de anoxia?

– Goldman, vai tirá-lo dali antes que ele mate alguém. Liga-o a uma garrafa de oxigénio portátil. Buffo, faz uma verificação de oxigénio – ordenou Ray ao oficial de artilharia na secção do nariz – Buffo?

Ray e Goldman entreolharam-se com preocupação.

– Radovich, o que está o Buffo a fazer? – perguntou ao navegador.

– Passa-se algo de errado. Ele está a olhar para o vazio.

– Liga-o ao oxigénio. Burgess, como te sentes?

– Tenho formigueiro nos lábios, *avôzinho*.

– Coloca a máquina de oxigénio. – Sentindo-se também tonto, acionou o botão do rádio por cima da cabeça e informou Dougher que ia voltar para trás.

Ray colocou o *Fortaleza* num voo picado suave e olhou para Draco com uma sensação estranha no estômago. O seu dragão viveria mais um dia, mas que outra escolha lhe restava? A vinte mil pés sem oxigénio, um homem podia desmaiar em três minutos e morrer em vinte e as garrafas portáteis tinham oxigénio apenas para quinze minutos.

Uma vez separado da formação, empurrou a alavanca de comando para a frente para descer abaixo dos dez mil pé o mais depressa possível.

Enfrentar o combate poderia ser mais fácil do que regressar à base. Abortar a primeira missão não iria parecer bem. Principalmente a Jack

– Não há nada de errado com este pássaro. – O segundo sargento Bodey, o chefe do pessoal de terra de Ray, saltou para o chão da escotilha do nariz do *Jump*.

Ray gemeu.

– O regulador? As válvulas? Os tanques?

Bodey baixou a cabeça já com cabelo grisalho e esfregou o queixo com os dedos enegrecidos de um mecânico.

– Escuta, filho. O *B-17* tem dezoito cilindros G-1 em quatro sistemas separados para limitar os efeitos dos danos sofridos em combate. O que descreveste seria a falha de três desses sistemas sem terem sido atingidos por uma única bala.

O olhar de Ray desviou-se para o irmão, ao seu lado, apoiado em muletas.

– O que posso dizer é que três homens da minha tripulação evidenciaram sinais de anoxia e outros sentiram tonturas e náuseas.

Bodey passou vagarosamente por Jack em direção ao barracão de reparações.

– Primeira missão.

– Pois – concordou Jack

Ray expeliu o ar com força. Pensariam que a tripulação tinha sofrido histeria em massa? Cobardia em massa?

– Mudaste de ideias em relação às missões de combate?

– Claro que não. Tem de haver algum problema que ele não detetou.

– O Bodey é o nosso mecânico mais experiente. Eu ainda não tinha nascido e já ele trabalhava com aviões. Para além disso, o *One O'Clock Jump* acabou de vir de uma revisão completa e estava em perfeitas condições.

Ray contemplou o avião, desde o nariz de acrílico até à cauda.

– Não me acobardei. Estava preparado.

As muletas de Jack arrastaram na pista alcatroada do aeródromo.

– Faz-nos falta um bom instrutor. Os rapazes precisam sempre de treino e de aperfeiçoamento.

– Da próxima vez farei melhor, prometo.

– Não haverá uma próxima vez.

– Jack..

– Fazes ideia de quanto custa abortar uma missão? Não apenas os custos em combustível e o tempo e o esforço, mas os custos para o grupo? O Nonagésimo Quarto foi para território inimigo sem as tuas bombas, sem o teu poder de fogo defensivo e com um buraco perigoso na formação.

– Não voltará a acontecer.

Jack olhou para a torre de controlo.

– Não entendes? Se te deixares voar, vão pensar que te beneficias por seres meu irmão.

Ray esperou, com um aperto no peito, até que Jack o olhou nos olhos.

– O que farias se outro piloto tivesse abortado?

– Era a tua primeira missão.

– Exatamente. Afastavas um piloto por ter abortado uma missão depois de todo o treino que a Força Aérea do Exército investiu nele?

Jack soltou um suspiro longo e baixo.

– Dá-me outra oportunidade, Jack. Só mais uma. Se voltar a abortar, eu próprio pedirei para ser retirado do grupo.

O irmão começou a afastar-se, manquejando com as muletas.

– Está bem. Mas olha que isto não é nenhum jogo de basebol. É a guerra.

Ray acenou afirmativamente com a cabeça. Algumas guerras eram internas.

10 Women's Army Corps, o ramo feminino do Exército americano. (*N. da T.*)

Antioch

Terça-feira, 11 de julho de 1944

Com um aperto na garganta, Helen examinou a carta sob o candeeiro da mesa de cabeceira. Ray era o homem mais delicado que alguma vez conhecera e tinha-o afastado.

Quando na noite anterior, depois do trabalho, George lhe entregara o papel de carta, quase não conseguia acreditar que Ray lhe tinha escrito. Mas ali estava o nome dela na saudação inicial.

Helen passou o dedo sobre a tinta. Ele deveria ter tido excelentes notas em caligrafia – tão bonita, com uma inclinação elegante e arcos uniformes. Gostava do aspeto do seu nome escrito pela mão dele.

Uma ligeira brisa agitou-lhe as cortinas. Todavia, era demasiado quente para lhe arrefecer o quarto. Sentou-se na cama com a sua camisa de noite de algodão, a almofada quente atrás das costas. A transpiração provocava-lhe picadas no pescoço e colava-se-lhe aos olhos enquanto examinava a carta de Ray.

Ponderara o dia todo, enquanto ajudava no Círculo das Senhoras e fazia os recados acompanhada de Jay-Jay, sobre a melhor forma de lhe responder. Agora que o filho dormia profundamente já podia fazê-lo.

Leu novamente a primeira frase de Ray: « Compreendo se esta carta não for bem-vinda ou se não quiseres responder, mas aprecio muito a nossa amizade e gostaria de me corresponder contigo.»

Aquilo não era nenhuma proposta para um romântico segundo ato, mas um pastor a tentar ajudar uma pessoa com problemas. Helen colocou uma folha por cima da caixa com papel de carta e sobrescritos que tinha sobre os joelhos. Quiçá conseguisse resolver os problemas da sua vida através daquela correspondência, não apenas pela sabedoria de Ray, mas também pelo próprio ato de escrever.

Destapou a caneta.

– Senhor, ajuda-me a saber o que dizer e o que não dizer.

Querido Ray

Muito obrigada pela tua carta. Fico contente por saber que estás a sair-te bem no centro de treino. Que alegria deve ser para ti voltar a voar e ver o teu irmão. Sei que o Senhor irá proteger-te e que estará sempre contigo. Também tenho a certeza que farás o teu melhor nesse teu novo cargo.

Helen suspirou. Se ao menos pudesse escrever, « Por favor, por favor, perdoa-me por te ter chamado cobarde. Falei por raiva e foram palavras precipitadas e inconsideradas. Amo-te tal como és, gentil e amável e atencioso.» Ao invés escreveu:

O meu trabalho está a correr bem, embora sejam longas horas e esteja a descurar o meu trabalho de voluntariado. A cidade provou que pode funcionar sem mim e angariou \$40,000 para o Quinto Empréstimo de Guerra, 126 por cento do nosso objetivo, ao passo que o Norte da Califórnia só conseguiu 39 por cento do seu objetivo. No entanto, a nossa filial da Cruz Vermelha está muito atrasada na preparação de pensos e ligaduras e eu anseio por poder ajudar. Acima de tudo, sinto falta do trabalho que me alegra o coração, aquilo que faço melhor e que melhor serve o Senhor.

Tento não esquecer que tudo isto é necessário para que eu possa ter a minha própria casa. Tento ser firme com o Jay-Jay, mas é difícil com avós demasiado carinhosos e protetores em casa.

Helen encostou a cabeça à parede. Era mais profundo e complicado do que ela podia revelar. Ao jantar, Mr. Carlisle chamara estúpida à mulher por se ter esquecido de pôr pimenta no rolo de carne e ela concordara com desculpas efusivas.

Jim também costumava rebaixar Helen daquela maneira e ela aprendera a pedir desculpa pelas suas falhas na esperança de evitar uma tarefa. Às vezes resultava. Outras vezes não.

Seria Mr. Carlisle violento com a mulher? Seria por essa razão que ela era tão encolhida e patética?

Apesar do calor, Helen estremeceu. Se Jim tivesse escapado ao ataque, estaria também ela encolhida e patética? Haviam estado casados apenas três anos e meio, o último ano abençoado haviam-no passado separados graças à recruta. Helen tinha incentivado Jim ao patriotismo. Não era melhor oferecer-se como voluntário e poder escolher o ramo das forças armadas do que esperar que o Tio Sam o recrutasse e decidisse por ele? Ele escolhera a Marinha e Helen apelidara-o de herói, o seu corajoso marido, dissera, oscilando a foice da Morte, ansiando pela viuvez, pela libertação.

Cruzou os braços em redor da cintura e o suor que lhe escorria pelo tronco ensopou-lhe os braços despidos. Algumas palavras nunca poderiam ser escritas.

*

Sobre França

Sexta-feira, 14 de julho de 1944

– Lá está a fogueira seguinte – alertou o tenente Earl Radovich da sua secretária no lugar de navegador no compartimento do nariz do *One O'Clock Jump*. – Estamos na rota certa.

– Confirmo – disse Ray. Dois mil pés mais abaixo, na escuridão, um ponto laranja pulsava em solo francês, como que a imitar a tira de sol que nascia mais à frente no horizonte.

Deu um ligeiro empurrão na alavanca de comando para descer até aos quinhentos pés para a largada dos abastecimentos destinados à Resistência Francesa. Ao invés de utilizarem ajudas de rádio para a navegação, que podiam alertar os alemães para a sua presença, o 94.º Grupo de Bombardeiros possuía apenas o antigo brilho das fogueiras para o guiar.

As formas negras e alongadas dos trinta e três *B-17* salientavam-se contra o céu avermelhado.

Aquela missão era um teste para Ray, e ele sabia-o. A aproximação a média altitude significava a impossibilidade de usarem oxigênio e a ausência de desculpas para abortar. Não que precisasse de o fazer – não havia cantorias estranhas por parte de Hewett, nenhum devaneio de Buffo, nem formigueiro nos lábios de Burgess. E nenhum medo por parte de Ray. Nenhum. Nada para além de uma paz infinita.

O que Jack não sabia era que a natureza da missão retirava todo e qualquer receio a Ray sobre a possibilidade de matar alguém. A menos que uma caixa de abastecimento atingisse alguém na cabeça.

– Com licença, gentis senhores. – Por entre os lugares dos pilotos, o tenente John Buffo, o artilheiro, meneou o corpo largo pela saída do compartimento do nariz. – Talvez a Força Aérea do Exército não tenha sido a escolha mais apropriada para um homem da minha delicada constituição.

– E quem mais te aceitaria, *Proffo?* – gracejou Goldman.

Ray sorriu com a justaposição do cérebro de um professor de Inglês com o nome e o corpo de um atacante de futebol americano.

Buffo passou pela torre dorsal de Hewett para verificar as caixas de abastecimento no compartimento das bombas.

Quando Buffo regressou, o dia começava a clarear, mostrando o prateado dos aviões. Aos *Fortalezas* líderes cresciam rodas sob a fuselagem, como pássaros prontos para se agarrar a um cabo telefónico.

Ray verificou o altímetro.

– Mil pés. Baixar o trem de aterragem.

Ao seu lado, Leo Goldman acionou o interruptor.

– Verificado.

– Portas do compartimento das bombas abertas – avisou Buffo.

O ruído áspero do trem de aterragem juntava-se ao barulho do motor e a velocidade do *Jump* diminuiu como planeado para aumentar a precisão da largada.

A terra lá ao fundo chamava-os com montes repletos de árvores e extensos prados verdes. A Resistência Francesa havia escolhido para a largada uma área pouco povoada no vale do Ródano, enquanto o restante da Terceira Divisão de Bombardeamento entregava abastecimentos em seis outras regiões e os *B-24 Liberators* da Segunda Divisão atingiam aeródromos como manobra de diversão.

Oitocentos pés, setecentos e as manobras de voo iam-se tornando mais arriscadas ainda que à velocidade reduzida de duzentos quilómetros por hora. Ray mantinha-se atento à formação e ao terreno. Quinhentos pés não era fazer uma *rapada*, mas andava lá próximo.

– Estamos a aproximar-nos da Área 5-A – informou Radovich usando o código para a área secreta. Se fossem abatidos e interrogados, podiam comprometer a Resistência se soubessem demasiado.

– Estou a vê-los. – Buffo tinha o melhor ângulo de visão a partir do nariz cónico e transparente.

O avião líder largou a sua carga, seguido pelos restantes ao passarem pela zona alvo.

– A largar carga. – Buffo largou doze contentores de cento e trinta quilos com comida, medicamentos e munições e minúsculos para quedas pintados de vermelho, branco e azul para o Dia da Bastilha.

– Estão a acenar – disse Buffo. – Creio que... sim, estão a fazer o V de Vitória.

Ray desviou rapidamente o olhar para baixo onde pessoas em miniatura acenavam e atiravam beijos. Voltou a sua atenção para a formação, para o altímetro e para o indicador de velocidade aérea. Sentia o coração a transbordar de alegria. Aqueles homens e mulheres tinham vivido durante quatro anos sob o jugo nazi. Arriscavam as suas vidas para ajudar fugitivos, fazer sabotagens e reunir informações. Eram verdadeiros heróis.

Não conseguiam vê-lo, mas mesmo assim saudou-os com uma continência.

– Espero que possam celebrar o próximo Dia da Bastilha em liberdade.

Ray achava-se tão corajoso por pilotar um avião sobre território inimigo, mas estava lá em cima, nos céus, não lá em baixo a tomar as decisões. Qual seria melhor? Submeter-se à autoridade como ensinava a Bíblia? Ou resistir aos esquemas maquiavélicos como a Bíblia também ensinava?

Com o trem de aterragem já recolhido, Ray ganhou velocidade e altitude e afastou-se com o grupo. Os alemães não tinham enviado a Luftwaffe ou disparado fogo das antiaéreas... ainda. Mergulhou no trabalho árduo que era pilotar um bombardeiro de quatro motores em formação, satisfeito por saber que os seus camaradas de tripulação tratariam do tiroteio caso viesse a acontecer.

– Ei, rapazes, mantenham-se atentos àquela nuvem às duas horas em cima – alertou Hewett, a sua cabeça na bolha de vidro acrílico no teto atrás de Ray. – Vi clarões.

– Buffo, Hewett, observem a área – ordenou Goldman. – Os restantes concentram-se nos seus setores.

O *One O’Clock Jump* possuía doze canhões. Buffo tinha duas metralhadoras calibre .50 na torre de queixo, ao passo que Radovich controlava uma de cada lado e Hewett operava duas na torre dorsal. Na fuselagem, Tucker e Paladino operavam metralhadoras calibre .50 em cada janela e Finley rolava em volta de dois canhões na torre giratória sob a fuselagem. Sozinho, Burgess controlava duas metralhadoras na cauda.

Ray olhou para a direita. Os clarões prateados tornavam-se cada vez maiores e o estômago de Ray contraíu-se. Era reconfortante sentir o para quedas sob o rabo, mas não lhe apetecia exercitar o alemão naquele dia. *Meu Deus, por favor, ajuda-me a ultrapassar isto. Não me deixes fazer nenhuma estupidez.*

Hewett girou a torre dorsal.

– Okay, rapazes, inimigos às duas horas em cima.

Ray inspirou profundamente e o ar ficou preso na sua garganta seca. Não sair da formação. Não executar manobras evasivas. Concentrar-se na pilotagem, deixar os artilheiros fazerem o seu trabalho. Manter a calma. Manter a rota. Rezar.

Os clarões começaram a tomar forma – oito pequenos *Messerschmitt 109*, rápidos e ágeis.

– Lembra-me um poema – disse Buffo pela interfonia. – «Atormentados por balas e canhões, confiantes cavalgaram bem, para a boca da Morte.»

– «A Carga da Brigada Ligeira» – recordou Ray.

– É isso mesmo. Alfred, Lord Tennyson.

– Morreram todos.

– Nem todos.

– Só mesmo o *prof* para nos animar – comentou Goldman. – Já agora porque não nos dás um

trabalho de vinte páginas para fazermos?

À medida que os caças se aproximavam, Ray compreendia um pouco melhor os brigadeiros. A sua coragem era um pouco diferente da dos guerrilheiros da Resistência, investir face ao perigo quando não tinham outra opção.

– « Não lhes cabe responder, nem perguntar o porquê, a eles só lhes cabe morrer, para o Vale da Morte cavalgarem os seiscentos.»

Goldman arqueou os ombros e gemeu:

– Obrigado, *Proffo*. Agora puseste o *avôzinho* a declamar a desgraça e o horror.

Tinha razão. Não devia estar a tagarelar e, como pastor, era seu dever proferir palavras de conforto, mas como podia fazê-lo se o *Me 109* voltava e mergulhava, cuspidando balas em direção à esquadilha?

Alguns homens gostavam da adrenalina, ansiavam por senti-la, mas Ray detestava o seu sabor, o batimento cardíaco errático, os músculos contraídos e a forma como lhe confundia o cérebro.

O segundo *Me 109* descolou-se da sua formação, porém, o *Jump* encontrava-se no elemento mais alto, no interior da caixa de combate. O caça passou pelos *Fortalezas* à direita de Ray, os projéteis cortando o ar.

Do seu lugar na cauda, Burgess gritou:

– Foi atingido! Vai cair.

Menos de um segundo. Tudo se passou em menos de um segundo. A adrenalina gelou num poça de bilis no estômago de Ray.

– Algum para quedas?

– Sim, vejo um. Que pena. Amanhã voltaremos a enfrentá-lo.

Ray soltou um suspiro pouco patriótico.

– Olhos bem abertos, rapazes – alertou Goldman. – Temos mais companhia.

Seis caças precipitaram-se para baixo como vespas, em todas as direções, mas Ray manteve as mãos firmes na alavanca de comando e nas manetes do motor. Não tinha outra opção que não fosse avançar. Para o vale da Morte. « Ainda que atravesse vales tenebrosos, de nenhum mal terei medo porque Tu estás comigo.» *Tu estás comigo. Tu estás comigo.*

As metralhadoras do *Jump* abriram fogo num *staccato* ensurdecedor que agitava o avião. As balas alemãs esfiaparam a ponta da asa direita, porém, não atingiram os *flaps*, nem os *ailerons*, nem nenhum dos cabos dos hidráulicos, ou do combustível ou dos controlos que passavam pela asa. E Ray continuou.

Depois, os caças deram por terminado o ataque, não houve feridos e nenhum dos bombardeiros do 94.º Grupo fora abatido, e entraram na Normandia – território aliado.

– Bom trabalho, homens. Bom trabalho. – Ray deu uma palmada no ombro de Goldman. Doíam-lhe as bochechas do largo sorriso de adrenalina.

Mal podia esperar para contar a Helen, ainda que ela nunca lesse a carta. Mal podia esperar para ver a cara de Jack E, pela primeira vez na vida, apetecia-lhe fazer uma *rapada* à torre de controlo.

Naval Magazine, Port Chicago
Segunda-feira, 17 de julho de 1944

Vic nunca havia retido Helen até tão tarde.

Apoiou os cotovelos na secretária, pressionou os dedos contra os olhos cansados e depois abriu as mãos em leque para os lados. Sim, era verdade, o relógio marcava 10h10. Era um novo recorde.

Fechou os olhos. *Senhor, não posso continuar assim. Preciso de mais tempo com o Jay-Jay, de mais tempo contigo. Por favor, dá-me coragem para falar e sabedoria para saber o que dizer.*

Ray tinha simultaneamente coragem e sabedoria.

Na sua última carta, dizia que Deus lhe daria coragem para enfrentar o combate e a Helen para enfrentar as suas batalhas.

Sentiu uma onda de calor a invadir-lhe os lábios. Ray enviara-lhe três cartas, apesar de não ter recebido as respostas dela. Às vezes, descrevia a beleza do nascer do Sol por cima das nuvens ou as tiradas jocosas dos homens da sua base ou as peculiares aldeias da região, e outras vezes falava de maneira franca e aberta dos seus medos e preocupações.

Quando lhe respondera no dia anterior, declarara que Sir Ray mond, *o Valente*, iria matar o seu dragão, tal como São Jorge fizera noutros tempos.

Helen entrou no gabinete de Vic. Também tinha um dragão para chacinar.

– É tarde. Quero ir para casa.

– Claro. – Vic sorriu e fechou os trincos da pasta. – Hoje adiantámos bastante.

Teriam adiantado? A ela parecia-lhe trabalho inglório. Os papéis andavam para a frente e para trás, mas as queixas dos homens nunca mudavam. Estaria a Marinha apenas a tentar manter as aparências?

Abriu-lhe a porta.

– Depois de ti, minha querida.

Helen passou a alça da mala por cima da cabeça, colocou-a a tiracolo e saiu. Tropeçou na soleira.

– Cuidado – alertou ele. – Podes segurar-te ao meu braço.

Percorreu o corredor e saiu para o ar fresco da noite.

– Não preciso do teu braço. Preciso de ir para casa. É tarde e estou cansada.

– Estás a ver, se casasses comigo, não teríamos de ficar até mais tarde. Podíamos terminar o trabalho enroscados no sofá.

Algo solidificou na mente de Helen. Se era coragem, iria aproveitá-la. Parou ao lado do automóvel e enfrentou Vic sob aquele céu sem lua.

– Vic, isto tem de acabar. Não planeio casar contigo. Nunca. Gosto de ti. Sempre gostei de ti como amigo, mas se continuas com este disparate de me reter até tarde na esperança de que me apaixone por ti... bem, a verdade é que já começo a ter dificuldade em gostar de ti.

A única luz no céu, os projetores acesos para ajudar o turno da noite a carregar dois navios de carga, mostrou a tristeza nos seus olhos e a contração das suas faces.

Magoara-o, mas ele nunca a magoaria, não dessa forma. Para além disso, tinha de agir daquela maneira e a subtileza nunca funcionara com ele.

– Lamento muito, mas tenho saudades do meu filho. Quero poder ler-lhe uma história todas as noites e dançar com ele e ouvir as suas orações e dizer-lhe que o amo. Hoje ainda não o vi.

Vic deslocou o maxilar para o lado.

– Eu levo-te já para casa.

Helen agarrou a correia de couro da mala como se o Senhor pudesse utilizá-la para lhe infundir força.

– Trabalharei das nove às cinco, tal como combinámos. Se não estiveres despachado, eu apanho um autocarro. O Greyhound para na cidade, apenas a alguns quarteirões de casa.

Vic levantou o queixo.

– Não te vou deixar andar de autocarro. Eu levo-te...

Um clarão laranja brilhou junto ao rio, como se os projetores se tivessem transformado no sol.

O som abateu-se sobre os seus ouvidos, atirando-a ao chão, como uma porta a bater, como as portas do céu a baterem.

– Que diabo? – Vic estava caído no chão ao seu lado.

O céu brilhava em tons de amarelo. Helen levantou-se e estremeceu. Os vidros partidos da janela do carro picavam-lhe os pés descalços.

Descalços? Onde estavam os seus sapatos?

Ali, junto ao carro. Tinha sido arrancada deles.

Ouviu-se um enorme e ecoante estrondo que a atirou de novo ao chão. Uma dor aguda latejou na sua face direita.

– Estamos a ser atacados! – Vic apressou-se a levantar-se. – Os japoneses... estão a bombardear-nos.

O ar evadiu-se do peito de Helen. O ataque de um porta-aviões? Como tinha a Marinha deixado um porta-aviões aproximar-se tanto? E a defesa costeira? Nenhum aviso? Nada?

Ignorou a mão estendida de Vic e tentou alcançar os sapatos.

– Preciso dos meus sapatos.

– Esquece os estúpidos dos sapatos. Temos de ir para um abrigo.

– Os vidros. Preciso deles. – Calçou-os.

– Meu santo Deus, ajuda-nos. – Vic permanecia imóvel, em cabelo, os olhos esbugalhados e dirigidos para norte, para o rio.

Helen ergueu-se. Aquela visão dantesca paralisou-lhe o coração.

Colunas de fumo branco erguiam-se até perder de vista. Linhas vermelhas riscavam a escuridão num horrendo espetáculo de fogo de artifício.

– Devem ter... – A voz de Vic soou áspera. – Devem ter atingido o navio... um dos navios. O depósito de material militar. Oh, não, os homens.

– Quantos... quantos são?

– Dois turnos. Trezentos homens.

O coração caiu-lhe aos pés.

– Temos de ir até lá ajudá-los.

– Estás louca? Estamos a ser atacados. – Agarrou-a por um braço e puxou-a em direção ao edifício, mas logo estacou. Uma das paredes do edifício da administração estava deformada, o telhado inclinado num ângulo estranho e todas as janelas rebentadas.

Ouviram-se silvos. Pancadas surdas agitaram o solo.

Vic atirou-a para o chão e precipitou-se para cima dela. Sob o seu peso, Helen virou o queixo para ver. Um pedaço incandescente de metal do tamanho de uma porta mergulhou no chão e fê-la estremecer. Gritou e escondeu a cara no espaço entre o peito de Vic e o passeio. Então era aquilo que os pobres habitantes da Europa e da Ásia sentiam durante os ataques aéreos. Aquele medo desamparado.

Que outros locais estariam a bombardear? Antioch não possuía alvos militares com exceção de um pequeno estaleiro, mas saberiam os japoneses disso? E preocupar-se-iam?

– Oh, meu Deus, o Jay-Jay. Senhor, olha pelo meu bebé.

O silêncio voltou. E a escuridão. Uma enorme escuridão.

– Acho que já se foram embora – declarou Vic.

– Nunca cheguei a ouvir os aviões.

– Eu também não. Que estranho. – Ajudou-a a levantar-se. – Vou levar-te para um lugar seguro.

Helen desviou o cabelo emaranhado da cara.

– Preciso de ajudar. Os homens nas docas de descarga, os navios, as casernas. Olha como ficou o edifício da administração. Imagina como estarão as casernas, mesmo junto ao rio.

– Não sejas tola. Não é seguro.

– Seguro? – Cruzou os braços e deu-se conta de que tinha as mangas do fato rasgadas. – Estamos em guerra. A segurança não existe. Sou uma voluntária treinada pela Cruz Vermelha, sou filha de um médico e tenho bastante experiência com ferimentos.

– Helen...

– Vamos arregaçar as mangas e ajudar. – Dirigiu-se para o carro. – Vamos até ao dispensário buscar provisões... gaze, iodo, talas. Tens uma lanterna?

– No porta-luv... Helen, isso é uma loucura.

Ela colocou as mãos na cintura.

– Não fazer nada é que seria uma loucura. Se não me levares até lá de carro, eu vou a pé, mas só iríamos perder tempo. Há homens feridos lá em baixo, a sangrar, a morrer.

Vic suspirou.

– Está bem. Não tenho tempo para discutir contigo. Também quero ir ver o que se passa.

Depois de terem sacudido os vidros dos assentos do carro, deslocaram-se até ao dispensário. Auxiliados pelos faróis dos carros, uma fila de homens retirava abastecimentos do edifício parcialmente desmoronado. Um homem envergando um casaco de farda azul, calças de pijama e estetoscópio gritava instruções.

Helen abordou-o.

– *Sir*, chamo-me Helen Carlisle. Sou voluntária da Cruz Vermelha com treino em primeiros socorros. Preciso de gaze, de iodo, de talas, de tesouras... tudo o que puder dispensar.

Ele franziu o sobrolho e mirou-a de alto a baixo.

– Ela está comigo, doutor Thompson – disse Vic. – E o pai dela é médico.

O Dr. Thompson anuiu.

– Alguma vez usou o injetor de morfina, jovem?

– Não, senhor, mas vi no filme de treino e observei o meu pai a dar injeções.

O médico dirigiu-se para uma pilha de caixas.

– Trate do que puder lá em baixo e envie os casos mais sérios para aqui. Estão a organizar grupos de trabalho. Pode ser que aqueles negros comecem a trabalhar, para variar.

Helen estremeceu. Daquilo que tinha visto, eram os negros que faziam todo o trabalho em Port Chicago.

Com o automóvel apinhado de abastecimentos e marinheiros, Vic avançou pela estrada escura.

Na bifurcação da estrada, um marine fez-lhes sinal que seguissem para a esquerda.

– Sigam para as casernas. É lá que são mais necessários.

– Muitos danos provocados pelas bombas? – indagou Vic.

– Bombas? Não foi nenhuma bomba. Foi acidente, sabotagem, não sei, mas o *E. A. Bryan* ficou completamente desfeito. Não sobrou nem um bocadinho. Alguns segundos mais tarde, foi a vez do *Quinault Victory* explodir e ficar em pedaços. A doca de descarga desapareceu, o comboio desapareceu. Não ficou lá ninguém. Não há nada que possam fazer. – Fez-lhes sinal para a estrada à esquerda.

Helen encolheu-se no assento, atrás de uma caixa de gaze que levava ao colo, espremida entre Vic e um oficial de pijama que pedia desculpas com sotaque do Sul sempre que esbarrava contra ela. Não sobrara nada? Não ficara ninguém? Quantos teriam morrido? E qual seria o cenário nos aquartelamentos?

Em silhueta, o maxilar de Vic projetou-se para a frente.

– Uma explosão. O Carver Jones avisou-os. Disse que isto iria acontecer. – Bateu com o punho no volante.

– Estaria ele... a trabalhar esta noite?

Vic mordeu o lábio inferior.

– Temos de descobrir.

As casernas permaneciam intactas – dezoito compridos edifícios de madeira com dois andares. Os faróis do carro mostravam janelas partidas, telhados caídos e havia destroços por todo o lado. Os homens saíam a cambalear, apoiados por companheiros, ou corriam lá para dentro com lanternas e pés de cabra.

Vic parou o carro de modo que os faróis iluminassem uma entrada às escuras.

– *Okay*, homens, vocês os quatro no banco traseiro vêm comigo. Vocês os dois à frente, ficam com *Mistress Carlisle*, montem um posto médico.

Helen estendeu cobertores na tira de luz amarela e os homens empilharam caixas e recolheram pedaços de madeira que pudessem ser utilizados como talas.

– Minha senhora? É enfermeira? – Um homem segurava outro como se estivesse preso. – O meu companheiro... tem vidros num olho e não para de o esfregar. Já lhe disse que só vai piorar a situação.

– O seu amigo tem razão. – Helen pousou as mãos nos ombros do homem que se debatia, apesar da sua camisa azul de trabalho estar salpicada de sangue e vidros. – Por favor, *sir*, sente-se. Continue a segurar-lhe as mãos – disse para o amigo.

O paciente sentou-se, a contorcer-se e a praguejar.

– *Sir*, preciso que fique calmo e quieto. – Helen ajoelhou-se à frente dele. Com cuidado, levantou-lhe a pálpebra direita e, com um quadrado de gaze, limpou-lhe os pedaços soltos de vidro. – Não se mexa, *sir*.

O homem fitou-a com o olho bom.

– Nunca nenhuma mulher branca me tratou por *sir*.

Helen brindou-o com um ligeiro sorriso.

– Então esta é uma noite de novidades para ambos. Eu nunca retirei vidros do olho de um homem.

Repetiu o processo na pálpebra inferior. O Dr. Thompson teria de se ocupar do vidro que já tinha penetrado no olho. Quando terminou de colocar a ligadura em volta da cabeça do seu paciente já havia uma dúzia de homens em fila à espera para serem tratados. O sulista de pijama enxaguava as feridas com água de um balde e o outro militar colocava os feridos mais graves numa camioneta. Helen conduziu o seu paciente até ele.

– Helen! Helen! – Vic aproximou-se em passo apressado, amparando um homem em roupas de trabalho rasgadas. – É o Carver. Tirei-o de uma pilha de destroços. Está ferido. Creio que tem o braço partido. Dei-lhe morfina. – Ajudou Jones a deitar-se no cobertor e depois desapareceu a correr nas suas pernas magras.

Helen tirou o batom da mala que trazia a tiracolo.

– Desculpe a afronta, Mister Jones, mas o doutor Thompson precisa de saber a que horas tomou a morfina. – Escreveu «SM 10h45» a vermelho na testa dele, satisfeita por saber a abreviatura do sulfato de morfina de todas as vezes que ajudara o pai no seu consultório.

Jones gemeu e encostou o braço ao estômago. Havia golpes profundos no seu peito.

– Muito bem. Vou ver esse braço. – Helen pegou numa tesoura e cortou-lhe a manga da camisa.

Sob aquela tira de luz inclinada e indistinta, o sangue vermelho brilhava contra o tecido azul.

Jim também usara aquele uniforme.

Teria sangrado muito antes de morrer? Quanta dor suportara? Teria morrido instantaneamente ou agonizara durante horas? Apesar de tudo o que lhe fizera, não merecia morrer daquela maneira. Ninguém merecia.

Helen arquejou com a dor e virou-se para a caixa com material médico. Colocou uma tala de cada lado do braço partido de Jones e fixou-as com gaze.

Tremeu com o ar frio da noite. *Oh, meu Deus, perdoa-me. Queria que o Jim sofresse o mesmo que eu sofri.*

Que tipo de mulher desejava a morte do próprio marido?

Sobre a Alemanha

Terça-feira, 18 de julho de 1944

Ray afagou a alavanca de comando com os dedos enluvados. Baforadas de fumo negro das antiaéreas que explodiam manchavam o céu azul e as densas nuvens brancas mais abaixo e o *One O'Clock Jump* estremeia sempre que uma rebentava mais perto. Os homens detestavam as antiaéreas mais do que os caças porque não podiam ripostar. Para Ray era o oposto. O piloto de caça olhava um homem nos olhos e jurava matá-lo, mas os artilheiros das antiaéreas, a vinte mil pés mais abaixo, faziam mira a pontos no radar, protegendo as suas terras.

Poderia Ray censurá-los? O *Jump* transportava quatro toneladas de bombas para destruir uma refinaria de petróleo em Kiel, no Norte da Alemanha. Sem petróleo, a Alemanha sucumbiria.

A visão de Ray voltou a escurecer e o ar da máscara de oxigénio tinha um sabor borrachoso. Apesar das garantias do sargento Bodey, havia algo de errado.

– Faz uma verificação do oxigénio, Goldman.

O copiloto agitou a mão em círculos largos. As suas pestanas negras pareciam flutuar.

Ray abanou o braço de Goldman.

– Goldman! Leo! Acorda. Hewett, liga-o a uma garrafa de oxigénio portátil. Radovich, quanto tempo até ao alvo?

– Cerca de dez minutos.

– Fuselagem esquerda para piloto. O Paladino desmaiou. Já o pus a oxigénio.

– Obrigado, Tucker. – Voou por uma baforada de fumo negro que serpenteou por cima do para-brisas, os estilhaços batendo contra a fuselagem, e Ray pestanejou.

Não podia voltar para trás com o compartimento das bombas cheio quando as antiaéreas começavam a endurecer. Depois do primeiro abortamento, alguém pintara «Galinheiro» no nariz do *Jump*. Mesmo após a largada com sucesso, Jack iria certamente afastá-lo se não completasse aquela missão.

Ou estaria a pôr dez vidas em perigo – e em nome do quê? Para provar a si próprio que era um homem? Para ganhar o respeito do pai? Para agradar a Deus? Que montanha de tretas. Teria perdido o juízo? Havia pessoas a disparar sobre eles, os seus homens estavam a desmaiar, e em nome de quê? Para quê?

– Novak! – Sentiu um puxão na máscara.

Ray pestanejou ao ver o rosto pálido, sardento e assustado de Hewett.

– O que foi?

– Adormeceste. Inspira profundamente. Liguei-te a uma garrafa portátil.

Adormecera? Durante quanto tempo?

Goldman, bem acordado, tomava conta dos comandos.

– Okay, rapazes, escutem bem. Temos de terminar esta missão. Ninguém nos chama medicas. Toda a gente tem uma garrafa portátil e fica de olho nos companheiros. Vão à vez

encher as garrafas ao sistema de oxigénio principal.

Ray colocou a garrafa de oxigénio amarela no colo e examinou os controlos.

– Quanto tempo falta, Radovich?

– Devemos estar a chegar. Não sei por que razão o avião líder não largou as suas bombas.

– Rádio para piloto. Eu sei porquê. O avião líder diz que o H2X não está a funcionar. Seguimos para o alvo secundário.

O radar tinha falhado. Fantástico. O alvo secundário em Cuxhaven ficava a cem milhas atrás deles, quarenta minutos mais o tempo para o complexo ato de voltarem em formação. Durante quanto tempo mais aguentariam as garrafas portáteis? E se ele e Goldman desmaiassem ao mesmo tempo?

Ray gemeu. Acionou o botão do rádio por cima da sua cabeça e informou o comandante da esquadrilha que ia regressar à base.

– De novo? – O tom sarcástico do major penetrou na cabeça de Ray como um saca-rolhas.

Fez descer o avião do seu lugar na formação. O grupo ia voltar para a direita, por isso Ray voltou para a esquerda para atravessar a península da Jutlândia a sul da fronteira dinamarquesa. Tendo como objetivo a camada de altostratus mais abaixo, deixou que o *Jump* atingisse os trezentos e vinte quilómetros por hora.

– Radovich, já tens uma nova rota marcada?

– Isso é altamente improvável – revelou Buffo. – Ele estava a desenhar coelhinhos no mapa. Sim, pu-lo a oxigénio.

O *Jump* mergulhou na leitosa piscina de nuvens e Ray manteve-se bem atento ao painel de instrumentos. Por vezes, os pilotos sucumbiam à vertigem e davam por si a voar de cabeça para baixo. Enquanto confiasse mais nos instrumentos do que nos seus instintos, estaria seguro no aconchego da proteção das nuvens.

Mas, aos doze mil pés, as nuvens dissiparam-se. Por baixo deles estendia-se solo alemão em organizados quadrados de verde com pequenos aglomerados de edifícios de telhados vermelhos.

Ray nunca antes se sentira tão exposto, mesmo quando se esquecia da toalha e tinha de secar ao sol depois de ir nadar no rio San Joaquin. Recordava ainda o espanto divertido de Helen e sentia os seus beijos.

Abanou a cabeça com força.

– Rapazes, mantenham os olhos bem abertos para os caças.

– Bela ideia – concordou Buffo. – Há um aeródromo nazi a cerca de vinte quilómetros mais à frente.

– Podemos contorná-lo?

– Iriam detetar-nos de qualquer maneira.

– Ei, *avôzinho*. – O sorriso de Goldman estendeu-se de uma orelha a outra. – Ainda trazemos as bombas. Seria uma pena desperdiçá-las.

Ray agitou-se no lugar. Não lhe agradava a ideia, mas o seu dever era procurar um alvo de oportunidade. Talvez pudessem destruir os aviões no solo e impedi-los de voltar a voar.

– Muito bem. Buffo, podes usar a mira *Norden*, para variar. – Com aviões da Força Pathfinder à frente, a maioria dos bombardeiros não tinha mais nada para fazer que não fosse acionar o interruptor quando o avião da Força Pathfinder descesse.

– Nove mil pés. A nivelar para a final para largada de bombas. – Ray arrancou a máscara de

oxigênio e ativou o Equipamento de Controlo Automático de Voo. Com o piloto automático e a mira, Buffo ajustou a rota do *Jump* para ficar alinhado com o alvo.

Dali a poucos minutos, o aeródromo apareceu no campo visual com pistas que se cruzavam, hangares robustos e aviões. As antiaéreas começaram a rebentar em pontos negros demasiado altos.

– Que aviões tão estranhos – comentou Buffo. – São quase triangulares.

Ray franziu o sobrolho. Nas bases da Oitava Força Aérea circulavam rumores sobre aviões experimentais da Luftwaffe.

– Schmidt, certifica-te que a máquina fotográfica está ligada.

– Sim, senhor – respondeu o radiotelegrafista. – Queremos provas disto. Estou farto de ouvir cacarejos no barracão Nissen. Não somos galinhas.

– Uma grande verdade – afirmou Buffo. – Mas estamos prestes a pôr uns quantos ovos. A largar bombas.

O *Jump* elevou-se, aliviado da sua carga.

– Oh, não – lamentou-se Burgess da cauda do avião. – Três caças. Cinco horas em cima.

Ray gemeu e empurrou a alavanca de comando para a frente. Um caça podia ultrapassar facilmente um bombardeiro, mas qualquer velocidade extra seria uma grande ajuda e mudar a altitude confundiria a mira dos artilheiros das antiaéreas.

– Muito bem, rapazes – disse Goldman. – Lembrem-se do vosso treino. Nada de conversas. Não se esqueçam de recarregar. Disparem com rajadas curtas para não queimarem os canos das metralhadoras.

O indicador de velocidade mostrava quatrocentos e trinta quilómetros por hora, o máximo de acordo com o manual, porém, Ray pretendia atingir os quinhentos, sabendo que os pilotos já os tinham levado aos quinhentos e sessenta, e até mais. Quanto mais elevada fosse a velocidade, mais tempo levariam os caças a encurtar a distância e melhor mira teriam os artilheiros.

– Estão a disparar – gritou Burgess. – Ah! Olhem só. Os rastos de fumo não estão sequer próximos.

Demasiado longe. Ótimo. Talvez fossem demasiado jovens e inexperientes. Talvez gastassem todo o combustível e as munições antes de conseguirem causar danos.

Os ouvidos de Ray estalaram. O cinto de segurança começou a pressionar-lhe as coxas.

– Aproximam-se – alertou Burgess. – Um às seis horas, um às cinco, outro às quatro.

Às seis horas? Mas os pilotos da Luftwaffe não sabiam que um ataque à cauda de um *Fort* era suicídio?

– Tenho um na mira – anunciou Paladino do lado direito da fuselagem. – Hewett, Finley, preparem-se.

Ray colou os olhos aos controlos. O seu coração batia contra a caixa torácica.

As metralhadoras matraqueavam, as balas tiniam na fuselagem, Hewett girou as metralhadoras para cima e uma sombra abateu-se sobre o *cockpit*. Hewett praguejou.

– Falhei.

– Danos? – quis saber Ray.

– Disparou contra mim – informou Paladino. – Mas acrescentou apenas alguns buracos de ventilação, nada mais.

– Agora vem na minha direção – gritou Burgess. – Oh, não, oh, não, oh, não.

– Então, dispara, seu palerma – declarou Goldman.

– É o que estou a fazer, é o que estou a fazer. – Depois gritou tão alto que Ray se encolheu com o volume nos auscultadores.

– Ora, ora, quem diria – clamou Finley da sua torre. – O palerma foi o primeiro a atingir um avião. Olhem só para ele a cair. Uau! Explodiu.

O estômago de Ray contraiu-se. Um homem tinha tido uma morte atroz e toda a gente se regozijava. Mas o caça seguinte fez uma passagem sobre eles lançando uma rajada de balas pela asa. A única maneira de os seus dez homens sobreviverem era se os dois outros pilotos morressem ou se decidissem ir embora.

A guerra era uma coisa terrível. Mas fora escolha de Ray.

O solo estava a aproximar-se. Quando nivelasse o avião perderia velocidade e teria de suportar a parte pior do ataque. Que altitude deveria escolher?

O solo. Iria até ao solo.

Sorriu com aquele pensamento. Desceu o bombardeiro até aos quinze metros e fez uma *rapada* às casas brancas com telhados vermelhos. As pessoas no solo seguraram os chapéus ao sentirem o cone de aspiração e arquejaram face àquela visão.

Ray deu um toque no leme para se desviar do pináculo de uma igreja. Sempre desejara visitar a Alemanha, mas nunca pensara que o faria de tão perto até depois da guerra.

– Os caças estão a ficar para trás – informou Tucker do seu lugar na fuselagem.

Claro. Não iam disparar sobre o próprio povo.

Uma vez fora da cidade, Ray desceu até aos seis metros, embora Goldman praguejasse e fosse tapando a boca com a mão. A baixa altitude iria limitar a capacidade de manobra dos caças.

Ray observou a paisagem. Inclinou a asa sobre uma árvore e deixou que o *Jump* fizesse jus ao seu nome para ultrapassar um cabo de eletricidade.

– *Me cento e nove* em aproximação – alertou Tucker. – Voo picado, quatro horas em cima.

Balas e imprecações voaram da torre dorsal atrás de Ray.

O *Jump* abanou com violência e deu um salto de três metros.

– Quem é o palerma agora? – disse Burgess. – O estúpido do *Jerry*^{II} não levantou a tempo.

Ray sentiu um aperto no peito. Um segundo homem tinha morrido, um rapaz como aqueles que levava no seu avião. *Meu Deus, por favor, faz com que isto acabe.*

– Ah! E quem é o mariquinhas agora? – gritou Burgess. – Vai-se embora. *Aufwiedersehen*, seu medicas. Có-co-ró-có-có. Alguém sabe dizer «cobarde» em alemão?

– *Feigling* – respondeu Ray. – Mas o piloto não tinha sido nenhum cobarde por voltar para trás. Nada mesmo.

Uma manada de vacas dispersou-se à sua frente e uma névoa azul tremeluziu ao longe. Era o oceano.

Um sorriso agriçoso abriu-se no rosto de Ray.

– Conseguimos, rapazes.

Antioch

O nascer do Sol iluminava os pedaços de vidro partidos em volta da janela da sala de estar dos Carlisle. Os vinte e cinco quilômetros de distância não tinham protegido Antioch dos danos dos rebentamentos.

Estaria Jay-Jay são e salvo? Helen estugou o passo apesar da fadiga que lhe colava o pé esquerdo ao chão. Vic segurou-a pelo cotovelo para a equilibrar.

Mrs. Carlisle escancarou a porta da frente e colocou os braços em redor de Helen.

– Graças a Deus que estás bem. Estava tão preocupada.

Helen olhou por cima do ombro dela. Bela altura para a sogra se tornar carinhosa.

– Como está o Jay-Jay? Está bem?

– Está ótimo. Mal acordou. Sabes como ele tem o sono pesado.

Helen anuiu com uma gargalhada comovida.

– Sim, isso é verdade.

Mrs. Carlisle levantou os olhos raiados de sangue.

– O primeiro rebentamento quase atirou Mr. Carlisle do cadeirão. Pensámos que se tratava de um tremor de terra, mas depois o segundo rebentamento estilhaçou as janelas. Corremos lá para cima e lá estava o nosso pequeno anjo, sentado na cama. Franziu o sobrolho e disse, « Não acordar» e voltou a tapar-se com os cobertores.

– Onde está ele? Onde está o meu pequenito?

Este apareceu à porta no seu pijama às riscas azuis e brancas. Helen pegou-lhe ao colo e beijou-lhe as faces ainda quentes da cama e o cabelo despenteado.

– O meu bebé. Obrigada, Senhor.

– Tenente, obrigada por ter mantido a Helen em segurança. – Mrs. Carlisle levantou os braços como se para abraçar Vic para logo depois voltar a baixá-los. – A rádio só relatou o sucedido depois da meia-noite, os telefones não funcionavam e vocês os dois não estavam em casa. Estávamos tão preocupados. Quando disseram que tinha sido em Port Chicago... oh, meu Deus. Pensámos que o pobre Jay-Jay tinha ficado órfão.

Helen sentou-se nos degraus do alpendre e abraçou uma vez mais o filho. Nunca pensara que o seu trabalho poderia pôr em perigo a sua vida.

– Onde está Mister Carlisle? – indagou Vic.

– Foi ver se havia danos na loja de móveis, na butique e com os inquilinos.

Vic colocou as mãos nos ombros de Mrs. Carlisle.

– Certifique-se que a Helen descansa bastante. E envie um telegrama aos pais dela. Isto vai ser notícia a nível nacional.

– Oh, sim, podia fazer isso? – pediu Helen.

– Sim, claro.

– Vou para casa dos meus pais dormir um pouco. No caminho passo pela casa do George e da Betty. Quanto ao resto da cidade, assim que a minha mãe souber as notícias, toda a gente saberá.

Helen encostou o rosto à cabeça macia e quente de Jay-Jay.

– Obrigada, Vic.

Só faltava avisar Ray, mas essa carta teria de ficar para a noite, pois as pálpebras de Helen

estavam mais pesadas do que as cortinas do *blackout*.

*

Base Aérea de Bury St. Edmunds

Ray recostou-se na cadeira estofada do clube de oficiais com uma caneca de café na mão. Alguém martelava a música «One O’Clock Jump» no piano com mais entusiasmo do que habilidade.

O seu sorriso elevou-se com o vapor do café. Mais à noite escreveria a Helen a contar a experiência daquele dia. Enfrentara os seus medos e o Senhor ajudara-o a ultrapassá-los. O que quer que a vida pusesse no seu caminho, sabia que não era nenhum *feigling*.

– Cá está ele, o alvo de todos os falatórios de Bury St. Edmunds. – Jack sentou-se na cadeira frente a Ray. Um sorriso inclinou-lhe o bigode.

– Com todo o gosto.

Jack baixou o queixo.

– Desculpa ter duvidado de ti.

– Não faz mal. Eu também duvidei de mim.

– Agora já ninguém duvida de ti. Só te digo, a Oitava Força Aérea teve um dia fora de série. A Primeira Divisão destruiu a fábrica onde os nazis construíam as V-1, as bombas robô, a Segunda Divisão ajudou as tropas inglesas a sair de Caen e a Terceira Divisão atingiu alvos petrolíferos, mas está toda a gente a falar das fotografias que vocês tiraram.

– E isso é bom?

– É fantástico.

Ray acenou afirmativamente com a cabeça. Os oficiais de informação deviam ter visto algo de interessante nas fotos. Jack desembrolhou um pacote que tinha no colo e esticou uma mangueira ondulada.

– O Bodey tinha razão. O equipamento que fornece o oxigénio está bom. Mas tu também tinhas razão. Espreita aqui. – Estendeu a mangueira e logo apareceram rachas milimétricas.

– Ena.

– O avião está velho. Tanta exposição ao frio danificou a borracha, fazendo com que houvesse pequenas fugas.

Ray deu um gole no café.

– Desculpas aceites.

– Oh, mas ainda não estás safo. – Jack soltou um riso abafado e tirou um pequeno ramo com folhas do pacote. – Encontrámos isto enrolado em volta do radiogoniómetro.

O aparelho, do tamanho de uma bola de futebol, encontrava-se instalado na barriga do avião. Ray alcançou o ramo.

– Não acredito... – A gargalhada de Jack ecoou. – Não acredito que fizeste uma *rapada* à Alemanha.

Ray sorriu ao observar o seu troféu.

– Uma recordação da Alemanha.

*

Antioch

Embora fossem duas da tarde, no interior da sala, com as janelas entaipadas, pareciam ser duas da manhã.

– Em que posso ajudar? – perguntou Helen.

Sentada no sofá, sob a luz do candeeiro, Mrs. Carlisle folheava a revista *McCall's*.

– Oh, já está tudo feito. Estou só a descansar um pouco enquanto o Jay-Jay dorme a sesta. Este mês têm receitas sem carne.

Helen olhou em redor. Na esperança de trabalhar, apanhara o cabelo em cima com um lenço e vestira uma camisa vermelha já velha dos donativos que aceitara depois do incêndio. Agora não tinha nada para fazer e, pela primeira vez na vida, as suas agendas e planos dos comités não a atraíam.

– Vou ver se a Betty precisa de ajuda.

– Boa ideia. Ela ficará contente e aliviada por te ver.

Helen desceu a C Street, passando pela casa onde crescera. Os pais haviam arrendado a casa a um homem de Filadélfia que trabalhava na unidade de pesquisa da Fibreboard Paper Products na antiga escola secundária Riverview Union, a instituição de ensino onde Ray estudara.

Olhou para a que fora outrora a janela do seu quarto, ainda emoldurada por cortinas cremes. Se ao menos ela e Jay-Jay pudessem ali viver.

A tristeza que sentia tornou-se mais pesada e empurrou-a para a direita, para a Sixth Street – para longe da casa da irmã. As suas mãos abriam e fechavam, o coração batia descontrolado e o seu pé ficou preso numa racha do passeio.

Agora que não tinha de ser corajosa, o trauma da noite anterior começava a afetá-la. Tantas mortes. Tanta dor. Tanto sangue. Iria ver Betty mais tarde. Não naquele momento.

O pastor Novak varria uma pilha de vidros partidos no alpendre da frente. Acenou quando viu Helen.

– Ainda bem que não estavas lá a noite passada.

– Obrigada. – Explicaria mais tarde. Mas talvez, à semelhança dos seus pais, Ray não ficasse horrorizado ao saber a que horas tardias da noite a explosão tinha ocorrido.

Virou à esquerda na D Street, um caminho familiar para um lugar familiar. Os detritos do incêndio tinham sido removidos e tudo o que restava da sua antiga casa era a garagem e as sebes de oleandro.

Helen percorreu o enegrecido contorno da casa. Primeiro a cozinha, tão negra quanto as queimaduras que Jim lhe infligira. Depois contornou o quarto – a origem do fogo, tal como os maus tratos de Jim haviam sido a origem do caos na sua vida. Pontapeou a terra no lugar onde outrora estivera a cama.

– Porquê? Porque foi que o fizeste?

Aquelas estúpidas e venenosas sebes de oleandro. Tinham apenas um objetivo, tapar a casa para que ninguém visse e ninguém soubesse.

Helen agarrou num pequeno arbusto junto ao solo e puxou.

– Querias esconder tudo, não era? Diziais que eu merecia e que tinhas o direito enquanto marido, mas ainda assim escondias. Diziais a toda a gente que a desastrada da Helen tinha tido mais um acidente, coitadinha da pobre coxa, porque sabias que estava errado. Sabias, mas continuavas a fazê-lo.

O arbusto nem se mexia, apesar de Helen o deixar passar sede e o ter aparado bem curto.

Marchou para a garagem, abriu a porta e agarrou numa pá. Espetou a pá na terra, enterrou-a mais com o pé, mais e mais até o arbusto se inclinar. Agarrou-o com ambas as mãos e arrancou-o da terra.

– Recuso-me. Recuso-me a esconder isto. Não posso.

Pontapeou o arbusto para o lado e pisou-o.

– Helen? – Mrs. Llewellyn espreitou em redor das sebes. – Está tudo bem?

Apesar da súbita baixa de tensão arterial, lá conseguiu exibir um sorriso e limpar a testa.

– Eu... eu nunca gostei de oleandros.

A testa de Mrs. Llewellyn alisou-se.

– Fico contente por te ouvir dizer isso. Sempre me questioneei o que te levava a ter plantas venenosas com uma criança pequena em casa.

– Não foi escolha minha. – Helen virou-se, esperou que a vizinha se fosse embora e depois atacou o arbusto seguinte. Tinha de os derrubar, de derrubar a sua fachada, mas tinha de ser discreta. Jay-Jay precisava de admirar o pai e a comunidade precisava do seu herói de guerra.

Porém, Helen também tinha as suas necessidades. Precisava de expulsar os seus demónios e de lidar com eles.

Atirou o arbusto seguinte para o lado. Deus havia colocado no seu caminho um homem gentil que sabia parte da verdade. Ray saberia ouvir. Podia ajudá-la a ultrapassar tudo aquilo.

Helen baixou a cabeça para limpar os olhos no ombro. Depois deixou escapar um soluço.

– Obrigada, meu Deus.

11 Forma depreciativa para alemão. (*N. da T.*)

Bury St. Edmunds

Q uinta-feira, 27 de julho de 1944

Ray inalou o aroma da antiga Abbey Gate Tower de estilo normando e penetrou na sua reentrância na companhia de Jack A Califórnia, com toda a sua beleza, não possuía aquela ligação com os séculos passados que sentia ali na Inglaterra. Já tinha visitado Cambridge e mal podia esperar para ver Londres.

– É disto que eu gosto. – Jack apontou para as estreitas ranhuras nas grossas paredes. – Naquele tempo disparavam setas através de buracos nas pedras. Agora disparamos armas de calibre .50 através de buracos em vidro acrílico.

– Pois é. – Ray vagueou pelos jardins que rodeavam as ruínas da abadia. Preferia pensar nos monges a entoarem as suas orações e a transcreverem as Escrituras em manuscritos com iluminuras.

– Ontem recebi uma carta do pai – resmungou Jack metendo as mãos nos bolsos do blusão de cabedal. – Recebeu a minha carta em que lhe dizia que ia fazer carreira como militar e não como pastor.

– Já sabíamos que ele não ia ficar satisfeito.

Jack resfolegou.

– Espero que fique mais contente com a mulher que escolhi para casar.

– De certeza que ficará. A Ruth é uma excelente rapariga. – Entrou num jardim circular onde as cores de verão predominavam. – É esta a primeira vez que o pai não fica orgulhoso de ti?

Jack fitou-o.

– Já te esqueceste dos sarilhos em que eu me metia em rapaz?

Ray soltou uma gargalhada.

– E tu já te esqueceste? Ele castigava-te e saía a rir por entredentes. Sabes que ele fazia a mesma coisa quando era pequeno. Tinha orgulho das tuas traquinices.

– Orgulho. – Jack abanou a cabeça. – O mesmo orgulho que o fez empurrar os três filhos para o sacerdócio. Agora só tem um.

Ray encolheu os ombros.

– Estás a fazer o trabalho de Deus, tal como o Walt, e eu. Se o pai tem algum problema com as carreiras que escolhemos, então que vá discutir o assunto com o Todo-Poderoso.

– Diz-lhe tu isso. Eu preferia enfrentar uma esquadrilha daqueles novos aviões alemães.

– Eu não. – Na sua última missão, Ray tinha visto um avião triangular passar por ele a mais de oitocentos quilómetros por hora – e sem hélices. Imaginava agora como o avô se deveria ter sentido da primeira vez que vira uma carruagem a avançar pela rua sem o respetivo cavalo.

– O Walt iria adorar dar uma vista de olhos nesses jatos – sussurrou Jack.

Ray também tinha o presentimento que o trabalho que Walt desenvolvia para a Boeing envolvia motores a jato.

Viraram à direita em direção às ruínas e passaram por um trio de soldados ingleses que cantava «Hang out the Washing on the Siegfried Line». Os *Tommies* e os *Ianques* cumprimentaram-se.

– Jatos – disse Jack – Mais uma razão para destruímos as fábricas de aviões nazis, as refinarias de petróleo, as fábricas de lubrificantes. Trabalhámos e suámos muito para conseguirmos a supremacia aérea, milhares de soldados morreram por ela e as nossas tropas em solo francês dependem dela. Não podemos perdê-la agora.

Ray reprimiu um sorriso. Aquilo soava aos discursos que Jack proferia nos *briefings* das missões. Podia não ser pastor, mas lá que sabia pregar, isso era verdade.

Quando chegaram à abadia, Jack sentou-se numa parede mais baixa de cascalho medieval.

– Era por isso que precisava de falar contigo hoje.

– Hã? – O que tinha ele a ver com a superioridade aérea?

– Preciso de selecionar tripulações para serem treinadas em bombardeamento guiado por radar e servir na Tricentésima Trigésima Terceira Esquadra como Força Pathfinder. És uma escolha lógica. És um excelente piloto e muito respeitado pela tua tripulação... e por todo o grupo depois da tua aventura a rasar o solo alemão. Queria saber a tua opinião.

– A minha opinião. – Ray sentou-se a alguns metros do irmão e passou a mão pelas pedras macias embutidas na áspera argamassa. Na posição de líder, os aviões *Pathfinder* suportavam o impacto dos ataques da Luftwaffe, ao passo que o «Tail-End Charlie» ¹² apanhava com o pior da *flak* enquanto os artilheiros da cauda tentavam atingir os alvos. A Oitava Força Aérea havia aumentado as comissões de combate para trinta e cinco missões e a maioria dos homens terminava-as passados três meses. As tripulações Pathfinder tinham apenas de fazer trinta missões, mas não voavam com a mesma frequência e demoravam o dobro do tempo a completar uma comissão.

Ray examinou a parede em ruínas do que fora outrora uma grande catedral. A primeira carta de Helen aninhava-se no interior do bolso do seu blusão de aviador, uma carta impessoal que uma pessoa escreveria a um conhecido, o cascalho do que prometera ser uma grandiosa relação.

Embora o objetivo principal da sua ida para Inglaterra já tivesse sido cumprido, Ray não estava com pressa de regressar a casa. Para além disso, a precisão do bombardeamento por radar podia diminuir as baixas civis e fazer com que a guerra terminasse mais depressa.

Virou-se para o irmão.

– Perguntas sempre a opinião de um homem antes de lhe atribuíres uma missão?

Jack sorriu.

– Nunca.

– Então conta comigo.

*

Antioch

Q uinta-feira, 10 de agosto de 1944

Com a água do rio San Joaquin a chegar-lhe à cintura, Helen segurava Jay-Jay apoiado na sua anca.

– Pronto? Um, dois, três. – Agachou-se até a água lhe tapar os ombros.

O rapaz guinchou de alegria e terror e enterrou os dedos nos ombros da mãe.

Levantou-se e a água arrefeceu-lhe a pele.

– És um rapazinho muito corajoso.

– Outra vez! Outra vez!

Saltava para cima e para baixo e ela e o filho riam juntos.

– Marta, Marta – disse Betty. – Disseste que não tinhas tempo para um dia de diversão.

– E não tenho. O meu trabalho de voluntariado está atrasado, tenho roupa para lavar e recados para fazer, mas o meu bebé vive junto ao rio e precisa de aprender a nadar. – Na semana anterior, um rapaz de dez anos havia escorregado do cais municipal e morrido afogado. Se ao menos alguém o tivesse ensinado a nadar.

– Eu nadar – repetiu Jay-Jay.

– Sim, tu vais aprender a nadar. – Helen colocou um braço sob os ombros do filho e outro sob a sua barriga redonda e deslizou-o pela água. Ele esticou a cabeça com um sorriso que lhe abria covinhas nas bochechas.

Betty encheu uma mão com água e despejou-a sobre a barriga da pequena Judy.

– O Vic não está a cumprir o acordo.

– A noite passada foi uma exceção. Tivemos de ir a Vallejo ver o que se passava em Mare Island.

– E já podes contar-me?

Helen rodopiou Jay-Jay. A história não tardaria a aparecer nos jornais.

– Disse-te que levaram os sobreviventes da explosão para o Depósito Naval de Munições em Mare Island. Não podem fazer os carregamentos em Port Chicago até tudo estar reconstruído.

– Certo.

– Bem, ontem puseram os homens a trabalhar pela primeira vez desde as explosões. Quando descobriram que iam carregar munições, duzentos e cinquenta e oito deles recusaram-se a trabalhar. Argumentaram que tinham medo de fazer aquele trabalho.

– Meu Deus. E que atitude tomou a Marinha? – Betty segurava Judy por baixo dos sovacos e mergulhou-lhe os pés na água. O bebé guinchou e encolheu os joelhos.

– Prenderam-nos numa barcaça. O brigue não é suficientemente grande. Estão a tentar meter-lhes algum juízo na cabeça.

– Foi isso que o Vic fez?

– Eu tive de permanecer na doca, mas o Vic ficou do lado deles.

– Estás a brincar. Mas aqueles homens não protestaram que a Marinha não os deixava combater e agora recusam-se a fazer trabalhos perigosos?

– Foi o que eu pensei, mas o Vic não é da mesma opinião. – Os seus braços começavam a ficar cansados. Dirigiu-se para a areia e sentou Jay-Jay junto à água. – Pronto, querido, agora podes chapinhar.

– Ele já se esqueceu que estamos em guerra?

Helen sentou-se na água perto do filho e pontapeou para fortalecer os pés e as pernas.

– Ele diz que os homens viram trezentos e vinte e dois dos seus companheiros morrer, e que

estão abalados. Isso eu entendo... também estou abalada. E não tive de limpar os escombros e transportar os mortos, como aqueles homens tiveram de fazer.

– Eu sei, mas ainda assim. – Betty sentou-se ao lado de Helen e colocou Judy nos seus joelhos.
– Os homens que lutam na frente da batalha também testemunham coisas horríveis e têm de continuar mesmo que se sintam abalados. O Jim também o fez.

Helen anuiu e fez tremer os lábios.

– Eles reclamam uma «licença de sobrevivente»¹³. Os sobreviventes brancos tiveram direito a essa licença, mas, ainda assim, os homens embarcados não têm esse luxo.

– E o Vic ficou do lado deles?

– Ele garante que eles têm alguma razão. Ainda não sabem o que causou a explosão. Estão a trabalhar sob as ordens dos mesmos oficiais e nada foi feito para melhorar a segurança.

Jay-Jay estava de pé com água até ao peito. Helen correu para ele e pegou-lhe ao colo.

– Oh, não, nem penses, meu pequeno peixinho. Não sem a tua mamã.

Ele gritou, mas Helen rodopiou-o na água e fê-lo ir.

– Está na altura da conserva dos damascos – comentou Betty.

– *Hum-hum*. – O doce aroma a damascos da Fábrica de Conservas Hickmott preenchia o ar.

Betty sorriu ao contemplar o céu límpido e azul.

– Adoro o verão aqui. Guardo belas recordações.

– Eu não. – Helen mergulhou de modo a que a água tocasse no queixo de Jay-Jay. – As minhas recordações de verão envolvem a casa antiga da tia Olive, uma professora de balé tirânica e o nevoeiro de São Francisco.

– Compensaste nos dois últimos anos da escola secundária quando pediste dispensa. Eu sei que só querias namoriscar o Jim. – Piscou-lhe o olho. – Funcionou.

Helen lá conseguiu fazer um sorriso. Tinha-se limitado a trocar os abusos de Madame Ivanova pelos de Jim. Mas logo depois mergulhou o rosto nos caracóis húmidos de Jay-Jay. Um casamento atormentador, mas a recompensa fora magnífica.

– É difícil viver com os Carlisle?

Helen levantou a cabeça.

– Como?

Betty riu.

– Não era isso que eu queria dizer. São pessoas fantásticas. Podem ser antiquados, mas ele é muito engraçado e são tão dedicados um ao outro... e generosos. Não apenas para a caridade. Meu Deus, tu tens um guarda-roupa fantástico. Eles estragam-te com mimos.

– Claro. – Mas Mr. Carlisle falava com a mulher da mesma forma que Jim se dirigia a Helen: o tom magoado quando ela o desapontava, o tom desdenhoso quando expressava uma opinião, o tom cortante sempre que cometia um erro.

Os cantos dos olhos de Betty inclinaram-se para baixo.

– Queria dizer que deve ser difícil viver onde o Jim cresceu. Aposto que tudo te lembra ele.

Ao menos daquela vez Helen não teve de fingir uma expressão dolorosa.

Betty levantou-se e caminhou até à toalha estendida sob um salgueiro.

– Apressei-te, não foi? Com o Ray. Vocês os dois pareciam perfeitos um para o outro e pensei

que estivesse pronta. Mas se, Deus não permita, alguma coisa acontecesse ao George, eu também não estaria pronta, talvez até nunca.

Helen arrastou os pés para fora de água. Uma parte dela ansiava por contar a Betty a verdadeira razão por que não se sentia pronta, mas isso acabaria por magoar Jay-Jay. E o que haveria Betty de pensar de uma rapariga demasiado estúpida para seguir os conselhos da família e adiar o casamento, estúpida o suficiente para casar com um homem que gostava de bater em mulheres? Jim sempre tentara controlá-la, mesmo quando ainda namoravam. Isso não era uma pista suficiente?

Betty secou os caracóis de Judy com uma toalha.

– Talvez te sintas preparada quando o Ray voltar para casa.

– Não é nada disso. Já não é assim.

Betty agitou a mão.

– Eu vejo a frequência com que ele escreve. Oh! Quase me esquecia. Trouxe-te a sua última carta. O George sente-se um agente secreto a entregar-te cartas. Até quer comprar uma gabardina. – Remexeu no interior da mala.

Helen tentou fazer uma expressão desinteressada enquanto enxugava o pequeno rapaz que Ray apelidara de *munchkin*. Ray sabia ser gentil e firme com Jay-Jay. Nunca lhe parecera tão atraente como no dia em que pegara no pequeno e o fechara no quarto.

Betty abanou um envelope entre o polegar e o dedo indicador.

– Num envelope, desta vez. Ooh, é uma carta de amor.

– Ora, deixa-te dessas coisas. – Helen arrancou a carta dos dedos da irmã e abriu-a. – Estás a ver, não é por privacidade. Anda algo à solta aqui. Uma folha?

– Uma folha? Isso não é lá muito romântico.

– Eu bem te disse. – Helen tirou uma folha seca e observou-a com a testa franzida. – Porquê uma folha?

– Pelo amor de Deus, lê a carta e descobre.

– Bolas, que mandona. – Mas Helen obedeceu.

Querida Helen

18 de julho de 1944

Continuo sem saber se desejas ou não corresponder-te comigo, por isso continuo a escrever. Rezo muitas vezes para que Deus te dê paz e força para conseguires ultrapassar todas as tuas dificuldades.

Deves estar a perguntar-te o porquê da folha. É tradição os soldados enviarem para casa recordações das batalhas e esta é a minha. Não posso revelar pormenores, mas na missão de hoje, sob o ataque de caças, voei ao nível dos telhados da terra natal do inimigo.

Em miúda escrevias histórias sobre um cavaleiro com um nome ridículo. Por mais improvável que pareça, hoje vesti a minha armadura brilhante – está bem, o meu colete de proteção – e derrotei o dragão da cobardia com a lança da força de Deus.

Agora, bela princesa, presenteio-a com esta prova da minha consideração.

– Porque foi que ele mandou a folha? – quis saber Betty.

Helen passou o dedo pela oferta, com o coração a transbordar de alegria.

– Não é uma folha. É a escama de um dragão.

12 O último avião numa formação. (*N. da T.*)

13 Licença de 30 dias por vezes concedida pela Marinha aos marinheiros que sobreviviam a acidentes graves em que os seus companheiros de bordo haviam morrido, (*N. da T.*)

Base Aérea de Bury St. Edmunds
Sexta-feira, 18 de agosto de 1944

Ray sentou-se num caixote virado para o bosque atrás do seu barracão Nissen, um luxo outorgado pelo bom tempo e por uma missão de treino ao fim da tarde.

Olhou para a pequena Bíblia que trazia sempre consigo no bolso e abriu-a no salmo 19:10-11. «O temor do Senhor é puro, permanece para sempre. As sentenças do Senhor são verdadeiras, todas elas são justas. São mais desejáveis que o ouro, o ouro mais fino; são mais doces que o mel, o puro mel dos favos.»

Ray acariciou as flores de ameixeira que guardara entre aquelas páginas em março, as flores que tirara do cabelo de Helen. Na altura, parecera-lhe apropriado por causa da referência ao ouro e ao mel, mas agora a verdade do verso ressoava.

– Eu estava enganado, meu Deus. Tu és a única coisa que importa, para mim e para a Helen também. Perdoa-me por ter colocado os meus objetivos egoístas em primeiro lugar. – Bem lá no fundo, não tinha ele esperado que o amor de Helen provasse a sua masculinidade?

Suspirou, fechou a Bíblia e trocou-a pela última carta de Helen. Apoiou os cotovelos nos joelhos para reler a terceira página:

Hoje, durante o jantar, Mrs. Carlisle mencionou o Jim, e eu lá produzi as costumeiras lágrimas e o habitual queixo trémulo. Vais pensar que sou horrível, mas estou farta de agir como se estivesse de luto quando não estou.

E se o meu casamento não foi idílico? E se o Jim era um marido menos do que perfeito? E se a minha dor nunca foi tão profunda quanto toda a gente pensa?

Tenho vergonha de admitir que sou uma excelente atriz. A minha dor é necessária para que o Jay-Jay admire o pai, tal como um rapazinho devia fazer, e para que Antioch tenha um herói.

Por isso continuo a atuar, a fingir, a mentir.

Já viste o meu pior lado e mesmo assim pedes para que me corresponda contigo. Talvez te venhas a arrepender dessa oferta, mas se eu não deixar sair a verdade, toda ela, o que resta de mim irá desmoronar-se e partir.

– Isto é bom, querida – murmurou Ray. – Isto é bom.

A revelação dos abusos de Jim, o incêndio e a explosão em Port Chicago tinham acabado com todos os seus fingimentos e agora a verdade brilhava como uma brasa por entre as cinzas.

Ray destapou a caneta e acrescentou mais umas linhas à carta que havia começado na noite anterior.

Concordo que não devas revelar tudo ao Jay-Jay ou à comunidade. A honestidade é importante, mas a discrição também. A tua preocupação com as necessidades deles é

louvável e razoável.

Aquilo que escolheste – honestidade para um confidente – é o melhor caminho, e é para mim uma honra ter sido o escolhido. Ficas desde já a saber que respeitarei a tua privacidade. E também nunca te esqueças que Deus é o teu melhor confidente, o mais sábio e o mais carinhoso, e já sabe todos os pormenores.

Um restolhar num arbusto chamou-lhe a atenção. Um pequeno pássaro castanho saltitava e debicava sementes.

À esquerda de Ray, um gato tentava tornar-se invisível junto ao chão, um gato branco com grandes manchas pretas, como se o jovem Jack tivesse despejado tinta sobre o pelo do gato, como havia feito sobre o piano da mãe.

O gato fixou o olhar no pássaro e agitou a cauda para a frente e para trás como se estivesse a ajustar a mira.

Ray sorriu. Aquele gato mais parecia um dos seus artilheiros.

O gato meneou os quartos traseiros e saltou. O pássaro esvoaçou dali para fora. Depois de alguns segundos de busca frenética, o gato sentou-se nos quadris e lavou a pata traseira.

Aquela seria uma história engraçada para incluir na sua carta para Helen contar a Jay-Jay. O gato parecia ter mais ou menos a mesma idade que teriam agora os gatinhos da avó, que Jay-Jay adorara.

– Ah, estás aqui, Ray. – John Buffo apareceu em passo lento e o pequeno gato fugiu.

– Olá, John. O que se passa? – Desviou-se para dar espaço ao seu artilheiro.

Buffo empoleirou o seu robusto corpo na ponta do caixote, tirou o bivaque e passou a mão pelo crespo cabelo castanho.

– Ser um homem inteligente e preocupado é uma desvantagem nesta profissão.

Ray dobrou a carta.

– Estás com dúvidas relativamente ao que fazemos aqui?

– Muitas. Bombardeamos a vinte mil pés e as chefias ficam delirantes se acertarmos a dois mil pés do objetivo. Isso é metade de um milha, Ray. Quantos civis matamos lá em baixo?

Ray fitou os olhos castanhos de Buffo. Ele próprio tinha os mesmos pensamentos e discutia-os frequentemente com William Miller, o capelão da base.

– Depois da cada missão, peço a Deus que me perdoe por ter magoado ou matado alguém. Mas meto-me no meu *Fort* no dia seguinte e faço tudo outra vez. Pergunto-me quão genuíno é o meu remorso, se sou tão insensível quanto os outros.

Buffo mudou o peso do corpo e o caixote rangeu.

– Às vezes, gostava de ser um palerma, emborcar umas quantas cervejas e dizer, «Foram eles que começaram».

Ray contemplou a fronteira entre o verde das árvores e o céu azul.

– Talvez essa seja razão suficiente.

– O quê? Mas isso é a mensagem simplista dos filmes de propaganda.

– Será? – Rodopiou a caneta entre os dedos. – Este é um conflito em que todas as negociações falharam. A Alemanha invadiu a Europa continental e continua a atacar a Grã-Bretanha. O seu único objetivo é matar civis. Não pode um homem racional argumentar que os Aliados agem em legítima defesa?

– Sim, mas nós estamos a atacar, não a defender.

– Se deixássemos de atacar, eles ficariam mais fortes até destruírem todas as nossas defesas.

Buffo pestanejou e franziu os lábios.

– Tem de haver uma maneira melhor.

– Talvez um dia alguém a descubra, mas por agora o único caminho para a paz é através do conflito. – Ray matraqueou com a caneta no joelho. Gedeão tinha-se apercebido também dessa ironia. Quando o Senhor o chamou para a guerra, Gedeão erigiu um altar chamado Jehovah-shalom – « O Senhor é paz ». Isso era verdade não apenas para Gedeão e para os Aliados como também para Helen e para Ray.

Teriam de lutar para encontrar a paz.

*

Base Naval de Treasure Island, Yerba Buena Island

Q uarta-feira, 13 de setembro de 1944

– Motim! Como podem eles acusar o meu marido de motim? – Uma mulher negra bateu na porta do gabinete de Vic num antigo quartel dos marines. Envergava um bonito fato azul-escuro debruado a amarelo e, quando se aproximou da secretária de Helen, o mesmo amarelo-manteiga brilhava nas pregas da saia. Cravou o olhar em Helen. – Motim?

Esta mostrou-lhe um sorriso tranquilizador.

– Não se esqueça que o tenente Llewellyn faz parte da equipa de defesa. Ele está do lado do seu marido, *mistress...*?

Ela suspirou e estendeu uma mão enluvada.

– Jones. Mistress Carver Jones.

Helen levantou-se e apertou-lhe a mão.

– Sou Mistress Carlisle. Eu direi ao tenente...

– Esther, é um prazer conhecê-la. – Vic saiu do seu gabinete. – Sou um grande admirador do seu marido. Faça o favor de entrar.

Helen pegou no seu bloco de apontamentos e conduziu Mistrees Jones até ao gabinete de Vic.

– O que se passa com o meu marido? – Mistress Jones sentou-se, colocando a carteira amarelo-manteiga no colo.

– Vai ficar tudo bem, Esther.

– Mas ele foi acusado de motim. Isso acarreta a pena de morte.

– Não se preocupe. Nenhum destes homens será condenado, principalmente não o Carver. Ele tem uma desculpa médica para se recusar a trabalhar.

– Mas como foi que ele se meteu nisto?

Vic deslizou os dedos pela caneta.

– No dia nove de agosto, quando os homens receberam ordens para carregar munições, duzentos e cinquenta e oito deles recusaram-se. Dois dias mais tarde, foi-lhes ordenado de novo que fossem trabalhar sob a ameaça de motim e cinquenta desses homens voltaram a recusar.

– Mas o Carver...

– Eu sei. Mas, quando lhe perguntaram se estava disposto a carregar munições, ele recusou-se a fazê-lo.

Mrs. Jones virou-se para Helen com indignação estampada no rosto.

– Ele tem o braço partido. Está com gesso.

Helen anuiu. Recordava-se demasiado bem dos ferimentos.

– Isso vai saber-se tudo amanhã no julgamento – esclareceu Vic. – Tudo o que precisamos é da documentação do doutor Thompson de Port Chicago.

Mrs. Jones endireitou ainda mais as costas.

– Eu falei com ele. Diz que tratará da papelada assim que tiver tempo. Dirigiu-se-me num tom muito condescendente, como se eu não soubesse falar inglês. Não só sei falar como foi a minha especialização.

Vic virou-se para Helen.

– O Carver e a Esther tiraram ambos o curso em Howard.

Helen, a única na sala que não tinha curso universitário, esboçou um pequeno sorriso.

– Ele foi intimado, não foi? – inquiriu Mrs. Jones. – Não tem escolha.

– Correto. – Bateu com a caneta numa pilha de papéis. – Tenho de avisar que este julgamento não vai ser agradável. A Marinha quer fazer destes homens um exemplo. Mas a justiça prevalecerá. O caso do Carver será indeferido, assim como os dos outros homens com justificações médicas. E os restantes serão absolvidos. No pior dos casos, serão culpados de insubordinação, nunca de motim. Não houve conspiração, nem nenhuma tentativa de destituir os oficiais. Toda a equipa de defesa terá de trabalhar bastante, mas os homens serão libertados e inocentados.

– Rezo para que esteja certo, tenente. – Mrs. Jones levantou-se. – Obrigada pela sua ajuda.

– É o meu dever e uma honra. O meu lema está ali. Apontou com o queixo para um quadro bordado e pendurado na parede onde se lia, «Que a justiça seja feita mesmo que os céus caiam».

Mrs. Jones apertou-lhe a mão.

– Um belo lema.

Helen acompanhou Mrs. Jones até à porta, depois regressou e encostou-se à moldura da porta do gabinete de Vic. O quadro havia sido bordado a azul e a vermelho – azul para a verdade que Vic traria à luz durante o julgamento e vermelho para a coragem que ele iria precisar para que se fizesse justiça.

Tinha sido nomeado para defender dez dos acusados de motim e a sua secretária estava repleta de pastas grossas. Inclinou-se sobre uma pasta aberta e escreveu umas notas.

– Estás a fazer uma coisa magnífica – elogiou ela.

– *Humm?* – Levantou a cabeça e encarou-a.

– Admiro o que estás a fazer. É preciso coragem para defender o que está correto quando é impopular.

Vic mirou-a com mais atenção e abriu a boca para dizer qualquer coisa, mas depois mudou de ideias e voltou a sua atenção para os papéis.

– Obrigado.

Helen sorriu. Não havia voltado a pedi-la em casamento desde o dia da explosão. De volta à

sua secretária, organizou uma pilha de papéis com a caligrafia de Vic que era necessário passar à máquina.

– Ei, Helen – chamou ele. – Como sabes que eu não sou como o meu pai, à pesca de contactos e a bajular a comunidade negra?

Ela soltou uma gargalhada e enrolou um formulário na máquina de escrever.

– Correndo o risco de perder a admiração da comunidade branca? Não creio. Acredito que os teus motivos são puros.

– Pois. – A sua voz era calma e distraída. Absorto no seu trabalho.

Algo que Helen conhecia bem. Matraqueou nas teclas da máquina, o tipo de trabalho barulhento que costumava apreciar para manter as recordações ao longe.

O trabalho já não a reconfortava como antigamente, nem mesmo o seu trabalho de voluntariado.

Estranhamente, o que mais a confortava era o que evitara fazer durante anos – enfrentar a verdade. A cada carta que escrevia a Ray, abria um pouco mais a sua caixa de memórias, libertava mais algumas recordações desagradáveis e imobilizava a sua dança demoníaca ao prender as suas asas coriáceas no papel.

Empurrou o cilindro da máquina, soltou o apoio da folha e alinhou a parte seguinte do formulário.

Aos poucos, Ray ia recebendo um catálogo dos abusos de Jim, mas era ele quem encorajava essa revelação e reciprocava, contando-lhe os seus próprios medos e dúvidas. A distância entre eles garantia a segurança, assim como a sua confidencialidade enquanto pastor. Chegara mesmo a garantir-lhe que Jack lhe devolveria as cartas, caso alguma coisa lhe sucedesse.

Um tremor percorreu-lhe a espinha. Todavia, com os Aliados na Linha Siegfried¹⁴ na fronteira alemã, a guerra na Europa prometia estar resolvida até ao final do ano. Mesmo que isso não acontecesse, Ray terminaria a sua comissão e regressaria a casa com o seu olhar compassivo, braços fortes e beijos doces.

Não. Não para ela. Helen tirou o papel da máquina, colocou-o à sua direita e pegou no formulário seguinte.

Soltou um suspiro trémulo. Quanto mais a correspondência entre eles se aprofundava, mais ela o amava e mais corria o risco de o afastar.

¹⁴ Linha defensiva com 630 quilómetros de extensão que incluía cerca de 18 000 *bunkers*, túneis e armadilhas para tanques, para além de estradas e ferrovias. (*N. da T.*)

Base Aérea de Bury St. Edmunds
Sexta-feira, 15 de setembro de 1944

A orquestra de Glenn Miller tocava os acordes iniciais de « In the Mood» e os três mil homens que enchiam o Hangar Um assobiaram e aplaudiram.

Ray já ouvira aquela música bastantes vezes na rádio e no gramofone, mas nunca lhe soara tão clara, forte e vibrante como ali, tocada ao vivo na festa que celebrava a ducentésima missão do 94.º Grupo de Bombardeiros.

No seu uniforme cor de azeitona, o major Glenn Miller tocava o seu trombone a um canto do palco – era de facto um músico, não um artista. Ray admirava a humildade que o havia feito desistir da sua famosa orquestra civil e alistar-se na Força Aérea do Exército para entreter as tropas no estrangeiro.

A Inglaterra não era nenhum abrigo seguro, principalmente com os rumores de um iminente ataque com gás venenoso e com as bombas voadoras V-1 a atacarem onde menos se esperava.

Mesmo assim, Walt também viera. Ray olhou para o irmão mais novo pelo canto do olho, o único homem à civil naquele hangar. Ninguém se opusera à presença do irmão do comandante da esquadra, um veterano da Oitava Força Aérea ainda antes do 94.º Grupo de Bombardeiros ter sido criado.

A Boeing tinha enviado Walt como consultor a uma unidade secreta das U.S. Strategic Air Forces, com toda a certeza para analisar informações sobre os jatos alemães.

Assim que os aplausos para « In the Mood» acalmaram, a orquestra começou a tocar « Moonlight Serenade», o número mais famoso de Miller.

– A Allie adora esta música – sussurrou Walt.

Ray anuiu. Brincar com motores e visitar os irmãos não compensaria as saudades que Walt deveria sentir da mulher, principalmente agora que ela estava grávida.

Quando o concerto terminou, Ray e os outros oficiais levantaram-se para sair. Os soldados ficariam para o baile abrilhantado pela orquestra de Glenn Miller, mas o baile dos oficiais decorreria no edifício do teatro com a banda das U.S. Strategic Air Forces.

Ray procurou Jack em vão por entre as chefias e depois ele e Walt saíram para a noite húmida, tendo o cuidado de seguir pelo caminho marcado de modo a evitar a lama.

– Extraordinário. – Walt olhou em redor. – Quando eu era piloto, não tínhamos mais do que seis grupos de bombardeiros e ficávamos satisfeitos quando se enviavam cem aviões para uma missão. Agora temos quarenta grupos e podemos enviar até dois mil aviões. É fantástico.

– É complicado estar de volta?

Walt inclinou a cabeça para o lado.

– São memórias difíceis, sim. Mas muitas são boas. Nada como a camaradagem que se cria quando se atravessam tempos difíceis.

– Olá, *avôzinho*. – Leo Goldman passou por ele com Buffo, Radovich e Sig Werner, o novo

operador de radar na tripulação. – Bebidas à borla. É melhor apressares o passo se queres um bom lugar no bar.

Ray sorriu.

– Pede-me uma caneca de café, pode ser?

Buffo levou as suas mãos grossas ao peito.

– Oh, isso é como uma punhalada no meu coração. Esta grande celebração exige o consumo de um copioso volume de alegria líquida.

– Está bem, está bem. Podem então ser duas canecas de café.

Os oficiais de Ray resmungaram e seguiram o seu caminho.

Deu uma pequena cotovelada no braço de Walt.

– Também tens saudades disto?

– Tenho pois. Os meus homens chamavam-me *Pregador*.

Os irmão passaram por uma camioneta repleta de raparigas locais que haviam sido trazidas para o baile e entraram no edifício do teatro. A banda encontrava-se num palco decorado com bandeiras vermelhas, brancas e azuis. Do teto pendia um cartaz com o número «200» e a imagem de uma esquadrilha de *B-17*.

– O Jack está ali. – Walt apontou para uma mesa ali perto.

– Ótimo, a Ruth conseguiu vir – comentou Ray. – Ena, e o Charlie e a May também.

Cumprimentaram-se todos. Walt já conhecia Charlie e Ruth, mas não May.

Enquanto May usava um discreto vestido cor de rosa, Ruth fazia virar cabeças no seu vestido azul-pavão. A maioria das mulheres parecia reagir com alguma inveja à beleza ofuscante de Ruth, mas o mesmo não acontecia a May.

Quando Walt apoiou os cotovelos na mesa, a sua prótese fez barulho.

– Ei, Charlie, o Jack contou-me que foste abatido sobre a Holanda. Deves ter bastantes histórias para contar.

– Algumas – disse Jack – A maioria das experiências dele estão classificadas como secretas para proteger a Resistência holandesa.

Charlie bebericou o seu café.

– Assim que libertarmos a Holanda, aborreço-te com todas as histórias.

– Qual foi a parte mais difícil? – indagou Ray.

Charlie meteu a colher do café na boca, olhou para o teto e fez a colher oscilar para cima e para baixo.

– A impotência. Toda a gente em casa pensava que eu estava morto e eu não podia fazer nada. Nem sequer podia ajudar a Resistência. Se fosse apanhado como piloto abatido, seria um prisioneiro de guerra num *Stalag Luft*¹⁵, mas se cometesse alguma sabotagem seria morto como espião.

May encostou-se ao namorado.

– Fizeste a escolha certa.

– Faz outra escolha acertada – pediu Jack – Desiste dos testes com o radar e volta para cá como o melhor artilheiro da Oitava Força Aérea.

– Jack Novak! – Os olhos de Ruth fulminaram-no. – Não te atrevas a interferir!

Ele sorriu e cantou «Pistol Packin' Mama» com o sotaque nasalado do oeste.

Ruth soltou uma gargalhada e acotovelou-o.

– Seu pateta.

Jack virou-se para os irmãos.

– Importam-se que eu e o Charlie levemos as senhoras para dançar?

– Claro que não.

Todavia, quando eles abandonaram a mesa, uma nuvem negra abateu-se sobre a mente de Ray. Dançar não o atraía, em parte para não deixar Walt sozinho, mas principalmente por causa das memórias da última vez que dançara – com Helen no casamento de Walt. Se ao menos pudesse dançar com ela naquele momento, deixar que ela chorasse as mágoas no seu ombro, beijar-lhe o cabelo macio e proferir palavras de conforto ao invés de escrever cartas impotentes que demoravam semanas a chegar.

– Que pena as coisas com a Helen não terem resultado.

Ray pestanejou e fitou o irmão.

– O homem casa-se e de súbito consegue ler as mentes.

– É uma técnica de sobrevivência. – Walt anuiu de forma sábia. – Acertei?

Ray suspirou.

– Sim.

– Estás apaixonado por ela?

– O casamento também te tornou ousado.

– E então, estás?

Ray olhou para a pista de dança, onde dezenas de casais dançavam ao som de « Stardust ».

– E ela sabe que a amas?

Ray fitou Walt.

– Eu não disse...

– Leio os pensamentos. Já te esqueceste? – Deu uma pancadinha na têmpora.

Ray sorriu.

– Ela não sabe.

Walt inclinou-se para ele, o seu olhar cor de avelã sério.

– Aprende com os meus erros. Diz-lhe.

A banda começou a tocar « Long Ago and Far Away », uma escolha tão cruel quanto « Stardust ». Ergueu um dos cantos da boca.

– Leitura de mentes, ousadia e grande sabedoria... o casamento fez-te bem.

– Podes apostar. Aproveita a minha sabedoria, foi conseguida com grande esforço.

– E que tal irmos buscar um café? – Ray levantou-se, despiu o casaco da farda e colocou-o sobre as costas da cadeira para que ninguém a ocupasse.

Não tinha a menor intenção de seguir o conselho do seu irmão mais novo. Helen tinha feito progressos ao relatar os chocantes abusos de Jim. No caso improvável de sentir algo por Ray, uma confissão de amor só iria distraí-la desses progressos. E, se o interesse dela fosse meramente platónico, a sua confissão poria fim à correspondência e sabotaria meses de cura.

Ray serpenteou por entre a multidão em direção ao bar e sorriu ao pensar naquela ironia. Amava Helen demasiado para lhe dizer que a amava.

Depósito Naval de Munições, Port Chicago Quarta-feira, 4 de outubro de 1944

O enfermeiro olhou fixamente para Helen, mas também quantas mulheres civis entravam no dispensário de Port Chicago?

Vic andava atarefado com o julgamento, mas porque tinha de enviar Helen para uma confrontação? Apesar de sentir o estômago às voltas, lá conseguiu exibir um sorriso.

– Estou aqui para falar com o doutor Thompson em assunto oficial para o gabinete do advogado militar.

– Com certeza, minha senhora. Vou ver se ele está com algum doente.

– Obrigada.

Quatro homens vestidos com macacões de ganga encontravam-se sentados na sala de espera – dois negros, dois brancos. Para diminuir a indignação pública, a Marinha havia incluído na rotação duas divisões de brancos para carregar as munições.

Uma janela emoldurada por madeira ainda não pintada mostrava vários edifícios em diferentes estádios de reparação e um cais acabado de construir onde um cargueiro esperava pela sua carga.

Helen susteve a respiração. E se a promessa da Marinha de melhorar as condições de segurança fosse tão vazia quanto a promessa de um julgamento justo para os homens acusados? Muitos dos testemunhos escritos haviam sido transcritos de forma pouco correta e Vic estava indignado com o preconceito e a intimidação demonstrados durante o interrogatório do ministério público. A NAACP¹⁶ ia até enviar o seu diretor jurídico, Thurgood Marshall, para observar o julgamento.

O enfermeiro conduziu Helen até ao gabinete onde o Dr. Thompson se encontrava atrás de uma secretária.

Helen estendeu-lhe a mão.

– Boa tarde. Sou Helen Carlisle. É um prazer voltar a vê-lo em condições mais agradáveis.

Um sorriso atravessou o seu rosto rechonchudo e apertou-lhe a mão.

– Ah, sim. Ajudou depois da explosão. Filha de um médico, não é?

– Sim, senhor. O meu pai está no Army Medical Corps.

– No Exército? Não é na Marinha? Mas está perdoada, minha querida. – Apontou-lhe uma cadeira frente à secretária. – Em que posso ajudá-la?

Não podia evitar aquele confronto quando a liberdade de um homem estava em causa.

– O meu chefe, o tenente Victor Llewellyn, faz parte da equipa de defesa do julgamento por motim. Um dos réus, o primeiro sargento George Washington Carver Jones, partiu um braço durante a explosão e foi aqui tratado.

A sua expressão endureceu.

– Já enviei o meu testemunho escrito.

Uma única frase clínica que descrevia o ferimento, mas nada sobre a forma como isso o impedia de trabalhar. Helen inspirou profundamente e observou a secretária cinzenta coberta de papéis, livros de medicina e blocos de receitas.

– Eu sei que está muito ocupado, mas a defesa está a ser julgada. A acusação afirmou que «há bastantes coisas que um homem com um só braço pode fazer numa doca de carga de munições». Uma declaração que ela podia proteger um homem inocente.

– Inocente? São um bando de indolentes, preguiçosos... – Mostrou-lhe um sorriso envergonhado. – Peço desculpa. Não estou habituado a companhia feminina.

O estômago de Helen revirou-se. Apesar disso, aquela condescendência deu-lhe uma ideia.

– Não é uma pena o bom nome da Marinha estar a ser arrastado pela lama por causa deste caso? Eu... sou viúva de um militar da Marinha. – Pestanejou profusamente e fez tremer os lábios.

– Oh, Mistress Carlisle. Lamento muito.

Aquela era uma atitude vergonhosa, mas por uma causa nobre. Levantou a cabeça e abanou-a ligeiramente.

– Pelo meu marido, pelo meu filho, detestaria ver a Marinha difamada. Se ao menos um homem inocente puder ser absolvido, e um homem tão bom, então talvez... talvez... – Abriu a carteira e tirou um lenço.

– Oh, com certeza, com certeza. Deixe-me escrever a declaração.

Uns minutos mais tarde, Helen saiu para a luz do Sol e mostrou o papel a Esther Jones.

– Aquele homem é uma vergonha para a profissão.

Mrs. Jones esbugalhou os seus olhos cor de café.

– Conseguiu.

Helen resmungou e dirigiu-se para a estação de comboios.

– Só depois de ter agitado o lenço e invocado a memória do meu defunto marido.

– Oh, meu Deus. Espero que não tenha sido muito doloroso para si.

– Já morreu há quase dois anos e não sinto a menor falta dele. – A sua honestidade foi como uma chapada na cara, obrigando-a a estacar.

Mrs. Jones arqueou as sobranceiras, mas logo depois a sua expressão suavizou-se e apoiou a mão no cotovelo de Helen.

– Por cada homem mau, Deus criou bastantes homens bons.

Ao pensar num homem bom numa base de bombardeiros em Inglaterra e noutra preso num brigue, os seus olhos encheram-se de lágrimas sinceras.

– Homens como o Carver.

– E o tenente Llewellyn. – Mrs. Jones guiou Helen até à estação. – Ele gosta muito de si.

Helen pestanejou para afastar as lágrimas.

– Vamos entregar-lhe este testemunho.

– Estou em dívida para consigo.

– Não, eu é que estou em dívida para consigo por fazer parte de um mundo que tolera estes disparates. Não me apercebia... não sabia que era assim tão mau até ter começado neste trabalho. As coisas horríveis que as pessoas dizem, a forma como é tratada. Oh, fico a ferver por dentro.

– Talvez seja esse o objetivo. Eu sabia que Deus iria usar o julgamento do Carver para o bem,

e agora vejo como. Este caso está a mostrar o lado sujo desta nação e, se isso chamar a atenção de muitas pessoas, então poderemos fazer algo. Que o Senhor consiga levantar o seu povo contra a injustiça.

– Mistress Jones, daria uma excelente pregadora.

Ela virou-se com um olhar mais quente do que o café.

– Trate-me por Esther.

Helen esperou que o seu sorriso fosse igualmente caloroso.

– Só se me chamar Helen.

*

Antioch

Terça-feira, 24 de outubro de 1944

Connie Scala e Linda Jeffries encontravam-se sentadas de pernas cruzadas no passeio a jogar às pedrinhas e Jay-Jay puxou pela mão de Helen.

– Eu ver.

– Sim, podes ver, mas só por alguns minutos. – Estava adiantada para a reunião e a carta de Ray chamava por ela do interior da carteira. Procurou a sua parte preferida.

A noite passada na festa, os meus irmãos e eu falámos da mancha de tinta que descobriste no piano e de como isso personifica as nossas fraquezas – a do Walt por mentir, a do Jack por manipular e a minha pela reconciliação errónea. Sim, Jesus quer que sejamos reconciliadores, mas não deseja a paz à custa da verdade. O meu principal objetivo não deveria ser a ausência de conflito mas fazer a vontade de Deus.

Um pastor tem de defender a verdade e isso às vezes implica estilhaçar a paz. Não sei se sou capaz de o fazer. Se tivesse sabido o que o Jim te fazia, teria eu tido a coragem de o confrontar?

A coragem surge de muitas formas, mas eu não sei se possuo a forma mais correta.

Helen encostou os lábios ao papel.

– Oh, querido. Eu sei que tens.

Ouviu as risadinhas de uma menina e, quando desviou a cara do carta, encarou com o rosto sorridente de Connie. Helen deu-lhe um pequeno puxão na trança preta.

– De certeza que às vezes também falas sozinha. Vamos, Jay-Jay. Mistress Novak disse que teria bolachas.

– Bolacha! – Jay-Jay desceu a Sixth Street a correr e entrou no quintal dos Novak.

Mrs. Novak cumprimentou-o com um abraço e mandou-os entrar para a salinha.

– Volto já com as bolachas que prometi. Olha, encontrei os soldadinhos de lata dos meus rapazes.

Jay-Jay deitou-se de barriga no chão de madeira. Nas suas mãos de bebé, dois soldados ganharam vida e começaram a matar-se um ao outro.

Helen sentia-se atraída pelo piano vertical onde passara noites românticas com Ray, pela mancha de tinta escondida e pela fotografia de Ray. Não tinha uma foto dele, por isso, de cada vez que ali ia, tentava absorver tudo – os olhos gentis sob o boné da farda, a inclinação do seu sorriso e o ângulo do seu queixo. O seu peito doía com as saudades. A comissão terminaria por volta do fim do ano e ele regressaria para casa, mas não para ela.

– Helen pensei ter os três rapazes em perigo depois de o Walt ter sido dispensado. – Mrs. Novak segurava um prato com bolachas e um copo de leite. – Ao menos tenho uma filha em casa pela primeira vez.

– Estou tão agradecida por me ter acolhido. – Allie Novak entrou e colocou um tabuleiro na mesinha do café. – Aceitas um chá?

– Sim, obrigada. – Helen sentou-se num dos cadeirões e mostrou um sorriso forçado à melhor amiga da irmã. Uma de muitas. Betty sempre gostara de raparigas apagadas que não lhe roubassem o protagonismo.

– Obrigada por teres vindo, Helen. – Mrs. Novak passou uma bolacha a Jay-Jay e colocou um copo meio de leite numa base sobre o banco do piano. – Queria falar contigo sobre uma coisa.

Helen abriu um dos seus livros de apontamentos.

– Oh, sim. Outubro está quase a chegar ao fim e temos de começar a planear a festa de Natal para os filhos dos soldados.

Mrs. Novak sentou-se no sofá e aceitou a chávena de chá que Allie lhe ofereceu.

– Tinha outra coisa em mente. – Passou o dedo pela borda da chávena de porcelana.

– A campanha de recolha de sucata? A colheita de sangue? – Helen foi passando as folhas dos seus livros de apontamentos.

– De certa forma, tudo isso. – Franziu os lábios. – Estou preocupada contigo.

– Comigo?

– Ultimamente, pareces cansada e fiquei aqui a pensar se não poderíamos ajudar-te. A Allie decidiu não ir trabalhar, agora que está à espera de bebé, e ela podia aliviar o teu fardo.

– Não é um fardo. Adoro este trabalho. A sério que sim.

– Por favor, deixa-me ajudar. – Allie abriu muito os olhos. – Neste dois últimos anos sempre tive um objetivo. Primeiro com a Cruz Vermelha em Riverside, depois na Boeing. O Walt queria-me aqui para que ficasse rodeada de família, mas sinto-me inútil. Se pudesse ajudar de alguma maneira...

Helen acariciou o caderno de apontamentos. Como podia ela desistir do trabalho do seu coração?

Jay-Jay alinhava soldados para uma batalha na mesinha de café e o coração de Helen colapsou. Ele precisava que a mãe estivesse mais presente. O trabalho com Vic exigia tanto e isso não iria mudar até conseguir ter a sua própria casa. Mas como podia ela agradar ao Senhor sem o servir?

Gemeu baixinho. Ainda naquela manhã lera a Carta aos Gálatas 3:2-3: « Só isto quero saber de vós: foi pelas obras da Lei que recebestes o Espírito ou pela pregação da fé? Sois tão insensatos que, tendo começado pelo Espírito, quereis agora, pela carne, chegar à perfeição? »

À semelhança dos Gálatas, estaria ela a tentar alcançar o amor de Deus, a ganhar a sua graça e o seu perdão por ter matado o marido?

– Helen? Não tens de decidir hoje.

– Tenho sim. – A voz dela soou um pouco exaltada. – Tem razão.

O telefone tocou e Mrs. Novak fitou-a com um olhar pesaroso.

– Desculpem. Estou à espera de um telefonema.

Allie exibiu um sorriso tímido.

– Não tenho o teu talento para a liderança, mas adorava ajudar.

Helen foi sentar-se no sofá e sorriu também, embora não estivesse muito bem a ver no que podia ajudar uma rapariga da sociedade.

– Ora vejamos o que podes fazer.

– Posso fazer recados, telefonemas, datilografar, tudo o que precisares.

Desistir de qualquer das suas tarefas seria como cortar um dedo, todavia Helen anuiu e abriu um dos cadernos de apontamentos com um nó na garganta. Se estava erradamente a confiar no trabalho para conseguir o auxílio de Deus, então talvez fosse melhor cortar alguns dedos.

– Helen? – Mrs. Novak meteu a cabeça na porta da salinha. – A chamada é para ti. É o Victor Llewellyn.

– O Victor?

– Mistress Carlisle disse-lhe que estavas aqui.

Helen dirigiu-se ao corredor e pegou no auscultador preto brilhante.

– Vic?

– Pensei que quisesses saber – disse ele num tom pesado. – Já proferiram o veredito.

– Tão cedo? Mas disseste que as deliberações só começavam hoje.

– Sim. E terminaram oitenta minutos mais tarde.

– Oitenta? Mas...

– Menos de dois minutos por réu. Mas para quê deliberar quando já está tudo decidido?

A mente de Helen turvou-se.

– Queres dizer que...

– Culpados. O tribunal considerou-os a todos culpados por motim. Quinze anos cada um. É uma impostura. Eles não encaixam na definição legal de motim. Não houve conspiração. Não houve tentativa de derrubar os oficiais. A Marinha quer fazer deles um exemplo para que mais ninguém se atreva a pensar em insubordinação. O julgamento não passou de uma farsa e arrastaram-nos para ela e fizeram de nós tolos.

Helen encostou-se à parede e desenredou o dedo do fio do telefone.

– Os cinquenta? Não...

– Até o Carver.

Helen encostou a palma da mão à testa.

– Oh, não. Pobre Carver. Pobre Esther.

15 Campo de prisioneiros de guerra mantido pela Luftwaffe durante a Segunda Guerra Mundial. (*N. da T.*)

16 Natinal Association for the Advancement of Colored People - Associação Nacional para o Desenvolvimento de Pessoas de Cor, uma das mais antigas e influentes instituições de defesa dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos. (*N. da T.*)

Base Aérea de Bury St. Edmunds
Sexta-feira, 10 de novembro de 1944

A borracha chiou no asfalto e Ray apreciou esse som depois do fogo intenso de antiaérea que tinham enfrentado sobre a base aérea da Luftwaffe em Wiesbaden.

O seu avião *Pathfinder* novinho em folha, um *B-17G* equipado com um radar H2X, zunia pela pista. Ray batizara-o de *Ascalon* como a espada que São Jorge utilizara para matar o dragão. Com o pé bem firme nos travões, acionou as alavancas da consola central para desligar os supercompressores ao mesmo tempo que Goldman levantava os *flaps* das asas.

Quando a velocidade diminuiu para cinquenta quilómetros por hora, Ray disse:

– Soltar roda de cauda.

Goldman inclinou-se para o chão e executou a ordem.

– Roda de cauda solta.

Ray virou para o *taxiway* que rodeava as pistas e juntou-se à ribombante procissão de *B-17* prateados, cada um dos estabilizadores verticais exibindo o *A* do 94.º Grupo de Bombardeiros dentro de um quadrado preto. Tinham sofrido danos e quatro dos trinta e oito bombardeiros haviam saído da formação. Ao menos, a França e a Bélgica estavam libertadas, por isso os aviões atingidos tinham mais locais onde aterrar.

Quando Ray chegou ao lugar que estava reservado ao *Ascalon*, a tripulação de terra fez-lhe sinal e mostrou-lhe onde devia parar.

Ray e Goldman executaram todo o processo de parar os motores – colocá-los em *idle* até a temperatura dos cilindros baixar e fazê-los funcionar a rpm elevadas durante trinta segundos antes de mover cada alavanca de controlo da mistura para a posição de *engine off*.

O ruído dos motores parou pela primeira vez em seis horas. Ray tirou o capacete de couro.

– Ei, rapazes, sabem que filme vai passar esta noite na sala de cinema da base?

– O *Cover Girl* com a Rita Hayworth. – Goldman fechou os olhos. – *Humm, hmm, hmm*. O que eu não daria para pôr as mãos naquela ruiva.

– Não se eu a visse primeiro. – Hewett retirou a metralhadora da torre dorsal com a ajuda do armeiro. – Canto melhor do que o Gene Kelly. – E desatou a entoar « Long Ago and Far Away ».

Talvez, afinal, Ray não estivesse assim com tanta vontade de ver o filme. Não precisava que lhe recordassem o fiasco do seu namoro com Helen. O romance deles tinha sido há muito tempo e ela estava longe.

Enquanto a tripulação continuava a argumentar sobre quem conseguiria conquistar a boazona de Hollywood, Ray desligou uma legião de interruptores no painel de controlo.

Por vezes, acendia-se nele uma centelha de esperança, como depois da sua última carta. Helen acreditava nele. Acreditava que ele possuía a coragem necessária para enfrentar tudo e mais alguma coisa e a sua crença fortalecia-o. Se, ao menos, a conseguisse manter ao seu lado para esmagar as suas dúvidas.

E para reprimir as dela também. As cartas que Helen lhe escrevia mostravam um grande crescimento. Tinha-se libertado da autculpa que Jim lhe inculcava e uma raiva justificada tomara o seu lugar. Um dia, Ray esperava guiá-la até ao perdão e à paz, mas primeiro ela tinha de resolver a ira e a traição.

Ray girou as pernas para o lado, passou por cima da passagem que levava ao compartimento do nariz e ficou de pé atrás do seu lugar. Levantou os punhos à altura das orelhas e empurrou os cotovelos para trás, o melhor que se conseguia fazer em termos de alongamento no interior do *cockpit*, mas a verdade era que sabia bem.

Depois de ter apanhado o colete *antiflak* e o capacete de aço que atirara para o lado quando estavam sobre o Canal, seguiu Goldman e Hewett pelo compartimento das bombas e do rádio.

Na fuselagem permanecia ainda um homem – o tenente Sig Werner, o operador do radar H2X. Chamou a atenção de Ray com o olhar e esperou que Goldman e Hewett saíssem.

– Ei, *avôzinho*, precisava de falar contigo.

– Claro, Sig, o que se passa?

Werner esfregou o seu curto cabelo loiro. Com os olhos azuis e o queixo quadrado, podia passar perfeitamente por alemão se fossem abatidos sobre a Alemanha – isso se conseguisse vestir o uniforme certo.

– Obrigado por teres falado comigo a semana passada. É certo que fiquei furioso contigo, mas estava a precisar de as ouvir.

Ray sorriu e soltou os arreios do para quedas. Em outubro, numa missão a uma refinaria de petróleo em Bohlen, o 94.º perdera oito bombardeiros, um dos quais transportava a antiga tripulação de Werner. Começara a embebedar-se todas as noites depois disso, o que afetava o seu trabalho.

– Estiveste bem esta semana.

– Não bebi uma gota desde então. Pensei que a dor me fosse matar se não a afogasse, mas fizeste-me ver que um homem também pode morrer por afogamento.

– Vejo muito disso por aqui. – Também via homens a tentarem afogar as suas mágoas nos braços das prostitutas londrinas. Esses homens mantinham o dispensário da base ocupado a tratar doenças venéreas.

Werner massajou a nuca e as suas faces enrubesceram.

– Chamei-te coisas horríveis.

Sim. coisas como «Puritano emproado e com a mania que sabe tudo». Ray tirou o para quedas.

– Não tem importância.

Werner fixou os seus olhos azuis em Ray.

– Foste o único homem aqui com coragem para me enfrentar. Estou em dívida para contigo.

Ray deu-lhe uma palmada nas costas.

– E que tal pagares-me uma caneca de café no clube de oficiais?

Werner caminhou até à porta, saltou para o chão e sorriu para Ray.

– Depois do filme. Desisto da bebida, mas não desisto da Rita.

Ray deixou escapar uma gargalhada sonora e saltou para o chão. O embate com o asfalto fez-lhe estremecer as pernas e um pensamento estremeceu-lhe também a mente. A Helen tinha razão. Ele provocara um conflito com Werner para alcançar a paz a longo prazo.

Caminhou a passo lento a todo o comprimento do avião e passou a mão pela espada de São Jorge pintada no nariz. Mais um dragão morto.

*

Depósito Naval de Munições, Port Chicago

Quarta-feira, 15 de novembro de 1944

Helen matraqueou com a ponta dos dedos na secretária, imitando o barulho da chuva no telhado do edifício da administração reparado. Agora que o julgamento tinha terminado, Vic fora transferido de volta para Port Chicago, o seu castigo por ter ficado do lado errado, insistia ele. Mas Helen sabia que Vic tinha um objetivo. A sua presença tinha um efeito tranquilizante nos homens, uma vez que sabiam que havia lutado por eles.

Sem testemunhas vivas, o tribunal militar não conseguia encontrar uma causa concludente para a explosão, mas decidira que o acidente se ficara a dever à presença de munições com rastilho ou a manuseamento descuidado.

Helen já acabara de datilografar todos os formulários e de arquivar todas as pastas e não tinha nada para fazer até Vic regressar da audiência do pedido de clemência com o almirante Wright. Detestava usar o tempo de trabalho para tratar de correspondência pessoal, mas não podia ficar durante uma hora a olhar para o vazio.

Abriu a última gaveta da sua secretária e tirou a carta que estava a escrever para Ray. Examinou a folha, encheu as bochechas de ar e depois soprou-o. Se alguma carta o ia afastar para sempre, era aquela, mas tinha de deixar sair o último pedaço daquela horrível verdade.

Madame Ivanova e o Jim culpavam-me pelos seus abusos. Madame dizia que, se eu fosse uma melhor bailarina, ela não teria de me vergastar. O Jim dizia que, se eu fosse uma melhor esposa, ele não teria de me bater. Em público atribuía os meus ferimentos à falta de coordenação causada pela poliomielite. Até o meu pai acreditava que a minha falta de jeito era a culpada. Bem, a verdade é que nenhum desses ferimentos era culpa minha.

Mas a morte do Jim, essa, sim, é culpa minha. Oh, Ray, eu rezei para ser libertada. Cheguei mesmo a rezar por isso. Quando a guerra começou, percebi que podia ficar livre enquanto durasse o conflito. Apelei ao patriotismo de Jim, elogiei a beleza das fardas e atormentei-o sobre o local onde podia ser colocado caso fosse alistado pelo Tio Sam.

Se não o tivesse influenciado, ele nunca estaria a bordo do USS Laffey no dia 13 de novembro de 1942. Foi como se tivesse sido eu a disparar aquele torpedo. E ri de alívio quando recebi o telegrama – ri! O Jim merecia ser castigado, mas não merecia morrer. Merecia a oportunidade de se arrepender, de mudar, de ser perdoado por Deus e por mim, mas nunca lhe dei essa hipótese.

Uma pinga de água esborratou a tinta e Helen olhou para cima. Estaria o teto novo a deixar passar água? Pestanejou e as lágrimas correram-lhe pelo rosto.

Nunca – nem uma única vez nos dois anos e dois dias que haviam passado desde a morte de

Jim – chorara por ele.

Guardou a carta na carteira e tirou um lenço.

– Senhor, como podes perdoar-me tamanho crime? Por favor, por favor, perdoa-me.

Levantou-se com tanta rapidez que a cadeira balançou. Tinha de encontrar qualquer coisa para fazer. No gabinete de Vic endireitou o diploma da Boalt Law School e o quadro bordado a ponto-cruz com a citação sobre a justiça. Depois, aproximou-se da secretária e organizou-lhe os lápis. Não haveria nenhum que precisasse de ser afiado?

Ali! A um canto da secretária, uma pilha de papéis. Para quê esperar que ele lhe pedisse para os arquivar? Encostou-os ao peito, dirigiu-se para a sua mesa e organizou-os por montes.

Franziu o sobrolho. Reconhecia um dos papéis – era a declaração médica de Carver Jones assinada pelo Dr. Thompson, o porco. Não deveria ter ido para o almirante ver?

A porta rangeu ao abrir. Vic entrou, passou por Helen cumprimentando-a com um aceno de cabeça e entrou no seu gabinete. Andava calado e absorto desde a condenação.

Helen levantou-se e foi até à porta.

– *Hum*, Vic, encontrei isto quando estava a arquivar os papéis.

Ele sentou-se, colocou a pasta sobre a mesa e estendeu a mão para o papel.

Helen entregou-lho.

– É a declaração médica do Carver Jones. Não precisavas dela hoje?

Vic franziu os lábios.

– Não. Eles... eles já a viram. Ajudou um pouco. O almirante Wright reduziu a pena para doze anos para a maioria dos homens, e para oito para o Carver e outros.

Helen sentiu um enorme peso no peito.

– Oito anos? Mas ele não fez nada de mal. Devia ser absolvido.

– Sim, mas não foi. – Abriu a pasta com uma rispidez que condizia com o seu tom de voz.

– Vais interpor recurso, não vais?

– Vou pedir recursos individuais o mais depressa possível.

Helen suspirou e, ao regressar à sua secretária, olhou para o quadro bordado. « Que a justiça seja feita mesmo que os céus caiam. » E se os céus virassem as costas à justiça?

Base Aérea de Bury St. Edmunds

Domingo, 24 de dezembro de 1944

– Finalmente terminámos as nossas comissões. – Leo Goldman mergulhou o pincel em tinta azul e desenhou um «30» na testa de Ray.

Este estremeceu quando a tinta congelou na sua pele e puxou o lenço para cima de modo a tapar a boca.

– Está demasiado frio para ti, menino da Califórnia? – Sig Werner desapertou o blusão de aviador e projetou o peito para fora. – Isto seria um belo dia de primavera no Norte do Dakota. Os verdadeiros invernos fazem os verdadeiros homens.

– Ai sim? Pois este homem falso quer um café quente. – Ray apontou para a carrinha GMC. – Vamos festejar dentro de portas.

Os homens atiraram o equipamento de voo para a carrinha, empurrando-se uns aos outros e irrompendo em gargalhadas sonoras e felizes de homens que enganaram a morte.

Ray deixou-se ficar para trás e contemplou o *Ascalon*, que seria entregue a outra tripulação quando ele regressasse aos Estados Unidos. Onde estava a alegria de ter superado as expectativas, de ter provado a sua coragem e de ir para casa?

Uma vaga inquietação rastejava vagarosamente dentro dele, como já vinha acontecendo desde 16 de dezembro, quando os alemães haviam lançado uma ofensiva surpresa nas Ardenas e o nevoeiro denso e o gelo haviam forçado a Oitava Força Aérea estratégica, a Nona Força Aérea tática e a RAF a ficar no chão, deixando os Aliados sem apoio aéreo.

O seu mal-estar melhorou quando o tempo abriu no dia vinte e três e puderam voltar a voar. A Batalha do Bulge provara que a guerra estava longe de terminar – mas Ray ia regressar a casa. A inquietude voltou a instalar-se no seu estômago, contorcendo-lho.

– Vamos, *avôzinho*. O seu coche aguarda-o. – Buffo chamava-o da traseira da carrinha.

Ray assentiu. As suas botas esmagavam ruidosamente a neve e a sua respiração deixava pequenos bicos gelados no lenço. Um ligeiro nevoeiro acinzentado pairava sobre a base aérea. O *Ascalon* havia aterrado há mais de uma hora com os cinquenta aviões que o 94.º Grupo tinha enviado num esforço máximo e ainda assim dezenas de motores continuavam a ressoar por cima das suas cabeças. Visto que os aeródromos da Primeira Divisão se situavam mais para o interior, e totalmente engolidos pelo nevoeiro, a maioria dos seus aviões estava a aterrar nas pistas da Terceira Divisão, na Anglia Oriental.

Os faróis de aterragem rodeavam a pista, aureolados pelo nevoeiro, o mais próximo de luzes de Natal que Ray iria ver naquele ano.

Atirou o equipamento de voo para a traseira da carrinha e entrou.

– Malditos *krauts*¹⁷ – comentou Goldman quando a carrinha arrancou. – Souberam que eles colocaram espiões atrás das nossas linhas com uniformes nossos e que falavam inglês na perfeição?

– Sim, mas apanhámos uns quantos – informou Radovich. – Não ficou nenhum vivo para contar a história.

– Foi execução sumária. – Buffo tirou um cigarro do maço. – Um castigo apropriado por espionagem e sabotagem. Todavia, não concordo que exista algo como um inglês perfeito.

Ray massajou as zonas doridas da sua face onde a correia da máscara de oxigénio roçava.

– Ao menos a Batalha do Bulge mostrou algo de bom.

Nove pares de olhos voltaram-se para Ray.

– Bom? – disse Werner. – Trucidaram-nos, fizeram-nos recuar cem quilómetros, rodearam o Centésimo Primeiro Grupo Aerotransportado em Bastogne, mataram ou capturaram sabe-se lá quantos homens.

– Sim, mas porque foi que o fizeram? – inquiriu Ray. – Lembram-se do que o coronel Dougher disse na *briefing*? Os alemães estão desesperados por petróleo. Aquelas missões que fizemos a alvos petrolíferos em Merseburg, Magdeburg, Bohlen... funcionaram.

– Mas a que preço – declarou Werner num tom baixo.

Uma explosão ribombou nos ouvidos de Ray e este inclinou a cabeça para trás. No início da pista principal erguia-se uma coluna de fogo e fumo que iluminava o céu escurecido e fantasmal.

Soltou um suspiro profundo e prolongado.

– *Fort* despenha-se ao aterrar.

As imprecações encheram a traseira da carrinha. Com aquelas condições atmosféricas, podia ter sido qualquer um, até uma tripulação na sua última missão.

A carrinha parou. Depois de os homens terem entregue o equipamento de voo e ido buscar café e sanduíches de carne de conserva às meninas da Cruz Vermelha, entraram na enfumada sala de *briefing*. A tripulação do *Ascalon* amontoou-se em redor de uma mesa onde se encontrava o capitão Winchell, um oficial de informações e um dos amigos de Jack.

Winchell serviu *shots* de uísque para relaxar os homens e facilitar o fluir e a recolha de informações.

Goldman ergueu a garrafa.

– Ei, *avôzinho*, querias aquecer, não era?

Ray sorriu e bebericou o seu café, deixando que os lábios descongelassem no rebordo da caneca. Aos vinte e três mil pés, o termómetro marcava dez graus abaixo de zero. A cobertura de alumínio do *Ascalon*, o patético aquecedor de cabina e as camadas de equipamento de voo mais não faziam do que atenuar um pouco aquele frio.

Na meia hora que se seguiu, Winchell extraiu todos os pormenores da missão. Os *Me 109* tinham atacado sobre Lie♦ge mas haviam sido afugentados pelos « Pequenos Amigos », os *P-51 Mustang* que escoltavam os pesados bombardeiros. A pou-ca visibilidade sobre o alvo em Babenhausen exigira que o bombardeamento tivesse sido efetuado com o radar H2X, mas a antiaérea fora ligeira e a Luftwaffe não voltara a aparecer. Nenhum *Fort* do 94.º Grupo tinha sido abatido.

– Bom trabalho, rapazes. – Atrás deles, Jack colocou as mãos nos ombros de Ray. – Parabéns pelo fim da vossa comissão. E que tal ficarem para uma segunda?

Os homens gemeram, praguejaram e fizeram-lhe sinal para que saísse dali.

Jackriu. Um riso fraco.

Ray observou-o. As faces de Jack – habitualmente vermelhas do frio após uma missão –

estavam pálidas e um tique estremecia-lhe um olho.

– Já terminaste, Winch? – perguntou Jack

– Terminei o interrogatório. – Um sorriso atravessou o rosto quadrado de Winchell. – Mas a festa ainda mal começou.

– Ray, posso falar contigo a sós? – indagou Jack em voz baixa.

– Claro. – Este levantou-se e mandou a tripulação para a messe. Depois franziu o sobrolho para o irmão. A inquietude transformou-se numa massa que lhe pesava no estômago. Teria uma bomba voadora atingido a fábrica de Walt? Teria Jack recebido um telegrama de casa? A avó e o avô não estavam a ficar mais novos.

– Vamos para o meu alojamento. – Jack conduziu o irmão para fora da sala apinhada de gente. Como comandante de esquadra, tinha direito a um quarto privado, ao passo que Ray e os outros dormiam aos vinte e quatro num barracão Nissen.

Saíram para a tarde fria e Ray puxou o lenço de modo a tapar a boca.

– Lenço novo? – demandou Jack

– Presente de Natal. – O sorriso de Ray roçou contra a lã cinzenta e macia que Helen lhe tricotara. – O que se passa?

Jack olhou para os homens que passavam

– Espera. Eles não tardarão a saber, mas...

O nó no estômago de Ray mudou de posição. Eram novidades sobre a guerra, não tinha nada a ver com a família.

– Não posso demorar – disse Jack – Vamos ter mais setenta aviões a aterrar aqui esta noite, e até uma esquadrilha de *Lancasters* da RAF. Setecentos homens extra para alimentar e alojar. Coitados, vão ter de dormir na sala de *briefing*, no clube de oficiais, no aeroclube.

– Pelos vistos, teremos de partilhar o peru amanhã.

– *Humm*. – O olhar de Jack pareceu focar-se em algo.

Viraram para uma rua limpa de neve por centenas de botas. Passaram junto a árvores geladas e decoradas com pingentes de gelo. Era demasiado belo para ser descrito por palavras, mas tentaria para que Helen pudesse visualizar tudo aquilo. Jack entrou na cabana que partilhava com os outros chefes e abriu a porta do seu quarto, luxuoso segundo os padrões militares com uma cama, uma secretária, uma bacia e um fogão a carvão. Furou a água gelada da bacia com um dedo.

– Vou acender o fogão. – Enquanto despejava um balde de carvão para o interior do fogão e o acendia, Ray puxou a cadeira encostada à secretária e sentou-se.

– Más notícias?

– A multiplicar por dois. – Sacudiu o pó do carvão das mãos e sentou-se na cama. – Vão ambas fazer moça nos homens.

Ray puxou o lenço para baixo e anuiu lentamente.

– O Glenn Miller voou no dia quinze para dar um concerto para as tropas em França. O avião dele não chegou a aterrar. Não sabemos se foi abatido sobre o Canal ou se caiu vítima do mau tempo. Os homens vão ser informados esta noite.

– Oh, não. – Ray fechou os olhos. Embora nunca o tivesse conhecido, era como se tivesse perdido um amigo, e não estaria sozinho nesse sentimento. Glenn Miller era mais do que uma celebridade, era um deles.

– E o coronel Castle... quero dizer, o general Castle. – Jack passou a mão pelo cabelo. – Nem dá para acreditar. Foi promovido há uma semana... não, há apenas dez dias. Dez dias.

O brigadeiro general Frederick Castle, o anterior comandante do 94.º, comandava a Quarta Força de Combate e liderava as operações nesse dia, na missão para Babenhausen.

– O que aconteceu ao Castle?

– O avião foi abatido. Sete para quedas.

– Oh, não. – À semelhança do comandante de um navio de guerra, um piloto nunca abandonava o avião antes dos seus homens.

– Parece que nivelou para deixar os homens saltar, mas depois... depois não teve tempo. O avião explodiu.

Ray sentiu um aperto terrível no peito.

– Oh, não. Lamento muito.

Jack apoiou os cotovelos nos joelhos e agarrou o cabelo às mancheias.

– Quando ele veio para Bury, eu não o tinha em grande consideração. Era um oficial da logística, pelo amor de Deus, não tinha experiência de combate e apostava num discurso brando, nada do que devia ser um comandante. Mas depois... foi o melhor homem com quem alguma vez trabalhei. Inteligente, firme, preocupado, corajoso. Participou nas missões mais complicadas, em todas, e operou grandes mudanças aqui. Disciplinou-me quando eu precisava, mas nunca, nunca desistiu de mim

A única vez que Ray vira o irmão tão abalado fora no Natal anterior quando acreditava que Charlie tinha morrido. Levantou-se da cadeira, sentou-se na cama ao lado do irmão e passou o braço por cima dos seus ombros descaídos.

– Senhor, sabemos que todos os teus atos têm um objetivo, mas nem sempre conseguimos vê-lo. Sofremos. Por favor, consola o meu irmão. Ajuda-o a ser forte pelos seus homens. Precisamos de ti, meu Deus. Ajuda-nos a descansar na tua soberania e na sabedoria de que és bom.

Jack levantou o olhar esgazeado.

– Obrigado. Estava a precisar disso. Detesto ter de perguntar... sei que estás deseioso de regressar a casa, mas podias esperar uma semana ou assim? Os homens confiam em ti. O capelão Miller... bem, ele vê-te como um capelão extra.

Ray pousou as mãos no colo. A inquietude tinha um nome: incompletude. O seu trabalho ali ainda não estava terminado. Sim, as tropas no terreno precisavam que a campanha aérea tivesse sucesso, mas era mais do que isso. A guerra mantivera-o afastado do púlpito, mas não do sacerdócio. Era ali que era mais necessário, a ajudar os homens a lidar com as suas dores, pecados e dilemas morais.

E a cura de Helen ia no bom caminho. O que ela precisava era de um conselheiro distante. Uma pequena centelha de esperança brilhou contra a neve. Dali a mais alguns meses ela estaria pronta para ele em pessoa, quiçá até preparada para a plenitude do seu amor.

Ray observou o fulgor avermelhado das brasas no fogão.

– Vou ficar mais que uma semana. Planeio fazer uma segunda comissão de combate.

– O quê?

– Sou um piloto *Pathfinder* treinado. Se me for embora, terá de tirar outro homem de combate e perder tempo a treiná-lo durante um mês.

- Oh, não. Oh, não, nem penses. – Jack levantou-se de um pulo e lançou um olhar indignado ao irmão. – Vão todos pensar que fui eu que te convenci, que voltei a ser manipulador.
- Eu digo-lhes que tentaste convencer-me do contrário, mas que não resultou.
- Jack bufou e olhou para o teto.
- A mãe mata-me se te acontecer alguma coisa.
- Estou nas mãos de Deus, não nas tuas.
- Sim, como se a mãe fosse ver as coisas dessa maneira. – Remexeu as brasas no fogão.
- Depois virou-se para Ray com um pequeno esgar.
- Ei, se fizeres uma segunda comissão, serás promovido a capitão.
- E depois?
- Terás direito a uma licença de trinta dias antes.
- Não aceitei. Quanto mais aviões tivermos no ar aqui, mais depressa esta guerra acaba e poderemos regressar a casa de vez.
- Jack esfregou a palma da mão na boca e observou Ray durante algum tempo.
- Toda a minha vida pensei que era o menos teimoso dos irmãos Novak
- Ray arqueou uma sobrancelha.
- Pensavas mal.

17 Termo depreciativo em alemão. (*N. da T.*)

Antioch

Segunda-feira, 25 de dezembro de 1944

– Para a minha Della, a minha bonita princesa. – Mr. Carlisle colocou outro presente no colo da mulher e beijou-a nos lábios.

– Oh, James, não era preciso. – O seu sorriso adorador era obstruído por um inchaço na face. A maquiagem em excesso disfarçava a vermelhidão, mas não escondia a intumescência.

O estômago de Helen revoltou-se. Duas noites antes tinha ouvido os gritos e o choro e agora a profusão de presentes e de elogios comprovava-o: Mr. Carlisle batia na mulher. Helen também já havia sido parva o suficiente para acreditar nos pedidos de desculpa de Jim, nos seus presentes e na sua lisonja após uma explosão de violência.

– Mostra lá, filho – disse Mr. Carlisle. – Mostra-nos o que o Pai Natal te trouxe.

Jay-Jay rasgou papel, franziu a testa e mostrou um par de sapatos pretos.

Helen sentou-se ao lado dele, forçou um sorriso e procurou a etiqueta.

– Olha, querido, estes são para a mamã. Estás a ver, H de Helen. É a mamã.

O lábio inferior do pequeno começou a tremer.

– Olha aqui. – Mr. Carlisle agitou uma caixa embrulhada com papel verde. – Este é para o meu menino.

Helen voltou a sentar-se no cadeirão e abriu a caixa enviada pelo pai e pela mãe, que continha um par novinho de sapatos de camurça pretos e um bonito fato de lã cor de vinho.

Os seus olhos encheram-se de lágrimas. Uma vez que o racionamento só permitia dois pares de sapatos por pessoa, por ano, Helen usava a sua cota nos pés em crescimento de Jay-Jay. Aquele presente significava que a mãe e o pai se haviam sacrificado por ela. Tinha tantas saudades deles. O pai, às vezes, zangava-se com a mãe, e gritava e batia com as portas, mas nunca tinha levantado a mão contra ela.

Mas o pai era o médico de Helen. Nunca se interrogara por que razão os acidentes da filha haviam aumentado depois do casamento, parado quando Jim se alistara e voltado durante as licenças de Jim? Não se aperceberia? Não se queria saber?

Sim, era verdade que a maioria dos seus ferimentos não exigia cuidados médicos, alguns não eram sequer visíveis e todos podiam ser explicados de uma maneira ou de outra. Mas ainda assim, seria que ele não vira?

Ou o pai também acreditaria que ela merecia? Nunca a perdoara realmente por ter apanhado poliomielite, como se a filha de um médico devesse ser imune, devesse ser saudável e forte como Betty, nunca se devesse rebaixar a usar aparelhos ortopédicos. Alguns progenitores amimavam os seus inválidos, mas não o seu pai. Este havia sido mais duro com ela, exigira mais dela. E parecia nunca ser suficiente.

A campainha da porta ressoou. Helen levantou-se, compôs-se e abriu a porta.

Era Dorothy Wayne quem se encontrava no alpendre.

– Feliz Natal. Trouxe presentes.

– Entra. Onde está a Susie?

– Não a trouxe. Não posso demorar-me. – Inclinou-se para dentro e acenou aos pais. – Feliz Natal.

Os Carlisle vieram à porta, beijaram a filha, trocaram sacos de prendas e regressaram à sala de estar.

Helen olhou para eles e depois para Dorothy. Aquilo era tudo o que tinham para dizer uns aos outros no dia de Natal? O que se passava de errado com aquela família?

– Adeus, Helen.

– Espera. Quero falar contigo. – Helen fechou a porta atrás de si e conduziu a cunhada até ao pessegueiro despido que crescia frente à janela da cozinha. Apesar do ar frio, o calor crescia no seu peito enquanto olhava para a expressão perplexa da amiga.

– Ele também te batia?

– Como?

– O teu pai bate na tua mãe. Também te batia?

Dorothy cruzou os braços e virou a cara.

– Não sei do que estás a falar.

O calor provocava-lhe pontadas na nuca.

– Oh, sabes, claro que sabes. É por isso que vocês mal se falam.

Os olhos castanhos de Dorothy faiscaram como se tivesse sido Helen a bater-lhe.

– Pensava que era normal. Acreditava que era assim que os homens deviam tratar as mulheres.

– Ele também te batia? Diz-me. Batia?

– Não. – Arqueou as costas e a sua voz retraiu-se. – Essa tarefa cabia ao Jim.

– Ao Jim? – Então ele praticara na irmã mais nova. Que tipo de família permitia tal coisa? Aquilo significava... aquilo significava... – Tu sabias. Sabias como ele era. Porque não me avisaste? Porque me deixaste casar com ele?

Dorothy recuou.

– Eu... eu...

– Porquê? Porquê? Podias ter-me dito. Porque não me avisaste?

– Pensava que era normal.

– Normal? Se fosse normal, então porque haveriam de o esconder?

– Eu não... Pensei...

– Achavas que eu merecia? Por ser aleijada? Por não ser tão divertida quanto a Betty?

– Helen! – Os olhos de Dorothy estavam repletos de lágrimas.

Helen pressionou os lábios um contra o outro para não chorar também e cruzou os braços frente ao estômago revoltado.

– Desculpa. Eu sei que tu não farias isso.

Dorothy tapou o rosto com a mão.

– Desculpa. Não sabia quão errado era até ter casado com o Art e até ter ido viver com os Wayne. Agora percebo porque eu e a mãe tínhamos de esconder o que o pai e o Jim faziam, porque não era normal, porque estava errado.

– Levaste esse tempo todo a perceber?

O peito de Dorothy contraiu-se num soluço.

– Oh, meu Deus. Era mais do que isso. Muito mais. Desculpa. Nunca me irás perdoar. Eu queria que ele se fosse embora. Eu queria que ele desaparecesse dali. Foi por isso que não te avisei. Tão... tão egoísta da minha parte. Só pensei em mim. Nem sequer pensei em ti.

Helen fitou a sua lacrimosa amiga, as suas emoções numa confusão. Como pudera Dorothy fazer-lhe tal coisa? Mas a sua ira arrefeceu sob a água da verdade – ela também desejara ver-se livre de Jim. Como podia culpar Dorothy por fazer o mesmo que ela fizera?

– Dorothy? – disse na mesma voz baixa que usava em criança para contar um segredo. – Eu também desejei que ele desaparecesse. A sério. Encorajei-o a alistar-se. Queria que ele morresse.

Desviou a mão da cara manchada.

– Eu... eu entendo.

– Culpas-me? Culpas-me pela morte dele?

– Não. Culpo os japoneses, culpo-o a ele. Mas não a ti. Nunca. – Estendeu as mãos a medo. – Oh, Helen. Poderás... poderás algum dia perdoar-me?

Helen tentou anuir, mas a sua garganta inchada recusou-se a dobrar. Abraçou Dorothy e ambas as mulheres choraram no ombro uma da outra.

De alguma forma, as lágrimas haviam libertado outro peso das costas de Helen. Havia mais uma pessoa que sabia, outra pessoa que entendia, outra pessoa que achava aquilo odioso. Ray sabia, mas nunca o compreenderia como alguém que também o tinha vivido.

– Nunca... – disse Dorothy. – Nunca falei disto com ninguém, nem mesmo com o Art.

– Conta-lhe. Ainda que seja por carta.

– Quando ele vier para casa.

Helen assentiu no ombro de Dorothy. Seria bem melhor revelar segredos daqueles nos braços de um homem gentil que a amasse.

– Ainda bem que conseguiste libertar-te.

Dorothy soltou-a.

– Devia ter dito qualquer coisa quando vieste aqui para casa. Mas o meu pai nunca terá coragem de te bater e pode ser que trate a minha mãe melhor contigo por perto.

– Talvez, mas eu pretendo sair daqui o mais depressa possível. – O seu sorriso oscilou.

– Quem me dera que os Wayne tivessem um quarto a mais.

– Não faz mal. – A guerra havia criado uma séria carência de alojamento na Califórnia e ninguém tinha quartos extra. Talvez não devesse ter sido tão precipitada a recusar os pedidos de casamento de Vic – ao menos estaria fora daquela casa. Mas aquele pensamento deu-lhe vontade de rir. Teria de estar mesmo muito desesperada para aceitar o nome Helen Llewellyn. E, de qualquer maneira, Vic também já desistira de lhe propor casamento.

Dorothy esboçou um pequeno sorriso.

– Tenho de ir. Obrigada por... Desculpa, eu... Feliz Natal.

– Também te agradeço e peço desculpa e feliz Natal para ti também. – Helen acenou-lhe e dirigiu-se para casa. Contaria tudo a Ray numa carta, naquela noite. Eram sem dúvida grandes progressos. Também queria agradecer-lhe o livro que enviara a Jay-Jay e o diário que lhe oferecera a ela – caso houvesse alguma coisa que não pudesse contar-lhe, escrevera ele. Como se não lhe tivesse aberto todo o seu coração e contado tudo o que lá ia dentro – excetuando o

amor que sentia por ele, claro.

Assim que abriu a porta, Jay-Jay gritou e uma caixa vazia voo pelo ar, atingindo Mrs. Carlisle.

– Jay-Jay!

– Não faz mal – argumentou Mrs. Carlisle. – Já não tem mais presentes para abrir.

Helen sentiu tremores no corpo. Não, não permitiria que aquilo acontecesse ao seu filho. Nem pensar. Passou por cima do papel amarrotado e agarrou o pequeno pela cintura.

– Não. Nunca mais voltas a tratar alguém dessa forma.

– Está tudo bem – contrapôs Mrs. Carlisle. – Ele está apenas aborrecido.

– Isso não lhe dá o direito. – Prendeu o filho que se contorcía e dirigiu-se para as escadas.

– Para onde pensas que o vais levar? – indagou Mr. Carlisle.

– Para o quarto dele.

– Oh, não – choramingou a avó. – Mas é Natal.

– Pouco me importa. – Helen subiu as escadas, tendo o cuidado de ver onde punha os pés uma vez que o filho se remexia. – Ele tem de aprender que não pode tratar as pessoas assim. Nunca. Eu não vou deixar. – Passos ecoavam atrás dela. Mr. Carlisle agarrou-a pelo cotovelo e virou-a.

Helen gritou e sentou-se no degrau. Agarrando Jay-Jay, ergueu um cotovelo para se proteger.

Não houve golpe.

Jay-Jay choramingou e a respiração de Helen saiu rápida e forte. Em fundo, na rádio, Judy Garland cantava « Have Yourself a Merry Little Christmas » .

– Estás bem, filho? – Mr. Carlisle tirou Jay-Jay dos braços de Helen. – A tua mãe devia ter cuidado nas escadas. É tão desajeitada. Podias ter-te magoado.

O rosto de Jay-Jay contorceu-se.

O coração de Helen parecia bater contra a espinha dorsal. Mr. Carlisle culpava-a pelas suas ações e estava a ensinar Jay-Jay a fazer o mesmo.

– Vamos, meu rapaz. Vamos brincar com os teus presentes novos. – Mr. Carlisle levou-o para baixo... para longe de Helen.

Ela gemeu. O seu filho. O seu pequeno filho.

Helen caiu sobre os joelhos, atormentada por soluços silenciosos. Não podia deixar que James Carlisle III acabasse como os seus antecessores.

Base Aérea de Bury St. Edmunds
Segunda-feira, 15 de janeiro de 1945

– Um alvo vital. – Jack bateu com o ponteiro na tela da sala de *briefing*, o que fez com que a imagem tremeluzisse como se estivesse debaixo de água. – Lechfeld é a base dos caças *Messerschmitt 262* e é também uma instalação de treino e de pesquisa, o que aumenta a sua importância.

Ray estudou a imagem de um campo cinzento com pistas de descolagem e hangares, ladeado a leste por tiras negras de floresta em redor de uma fita prateada. Uma vez que o radar H2X mostrava o contraste entre água e terra, os rios constituíam excelentes pontos de referência. O rio Lech corria a norte vindo dos Alpes, contornava Lechfeld, atravessava Augsburg e juntava-se ao Danúbio.

– Muito bem, homens. – Jack colocou o ponteiro ao ombro como se fosse uma espingarda. – Não podiam pedir melhores condições atmosféricas para voarem. Agora vão abater uns quantos caças.

Um ruído baixo e prolongado foi aumentando de volume à medida que os homens se levantavam para sair. Apesar da asserção de Jack da importância do alvo, a Terceira Divisão ia enviar apenas duzentos e noventa e sete *B-17*. Fazendo parte da Terceira Divisão, o *Ascalon* iria liderar os catorze aviões do 94.º Grupo de Bombardeiros.

Ray levantou a mão para o irmão num gesto de despedida. Jack agitou os dedos como se estivesse a tocar piano e Ray fez um sorriso largo e anuiu. Naquela noite partilhariam canções, café e conversa no clube de oficiais.

Ray seguiu a multidão até ao exterior. Arquejou ao ver o luar a tremeluzir sobre a neve. Mesmo à sua frente, a cauda do Dragão enrolava-se em volta da Ursa Menor como se guardasse um taça ornamentada com joias.

– Tem cuidado, Dragão – murmurou Ray. – O *Ascalon* aproxima-se.

*

– Rádio para piloto. Contacto do líder da divisão. Vamos para o secundário.

– Obrigado... Fitzgerald. *Okay*, homens. Traçar nova rota. – Ray franziu o sobrolho. Tinha aquela tripulação há duas semanas. Já devia saber os seus nomes na ponta da língua.

Casey, o navegador, não tardou a fornecer-lhe as novas coordenadas e Ray ajustou a rota em direção aos caminhos de ferro em Augsburg.

Mil pés mais acima, os *P-51 Mustang* voavam em ziguezague, prontos para ir em seu socorro se a Luftwaffe quisesse dar luta.

Se ao menos alguém tivesse ido em socorro de Helen.

Ray suspirou e ajustou as quatro manetes do motor. Na sua última carta, Helen falava da culpa que sentia por ter desejado a morte de Jim. Ray não podia culpá-la – o tipo tinha-a torturado. Ainda bem que Jim Carlisle já não estava entre os vivos, pois Ray sentia-se capaz de cometer um ato de violência pela primeira vez desde a primeira classe, quando esmurrara Bill Ferguson por ter feito troça das crianças portuguesas.

– Estamos no PI – avisou o radiotelegrafista.

– Obrigado, Kenton. – Ray voltou a concentrar-se no seu trabalho. O Ponto Inicial assinalava o início da largada de bombas.

– Portas do compartimento de bombas abertas – gritou o tenente Rogers, o oficial de artilharia.

– A disparar dois foguetes de sinalização amarelos – anunciou Fitzgerald do compartimento do rádio. Os foguetes e as portas abertas assinalavam o PI ao resto do grupo.

Nos dez minutos que se seguiram, Ray concentrou-se na altitude e na velocidade ao mesmo tempo que o oficial de artilharia e o operador de rádio gritavam para trás e para a frente pela interfonia, localizando Augsburg, que ficava de cada lado da junção entre os rios Wertach e Lech.

Lá mais à frente, manchas negras tingiam o céu – *flak* moderada, mas um único tiro certo era o suficiente para abater um avião.

Ray ergueu um dos cantos da boca, o que inclinou a sua máscara de oxigénio. Completava trinta e três missões naquele dia e, embora nunca tivesse sido tão descontraído sob fogo quanto Jack, descansava nas mãos carinhosas e soberanas de Deus, onde o medo não tinha lugar e a coragem o abraçava como um manto em redor dos ombros.

O tenente Donatelli, o copiloto, praguejou contra a *flak*.

Ray deu-lhe uma palmada amigável nas costas.

– Mais alguns minutos e já saímos daqui.

– Quanto mais depressa, melhor.

– Pronto, já consegui – declarou Kenton da secção da fuselagem onde se encontrava o H2X. – Que alvo tão, mas tão fantástico. Deixa-as voar, Rogers.

– Bombas largadas.

– Dois foguetes vermelhos disparados.

– Muito bem, rapazes – disse Ray. – Já chega de turismo. Vamos para casa.

Ouviram uma explosão às duas horas em cima, arrepiante, ensurdedora. Uma bola negra de fumo. Uma língua vermelha de fogo. Estilhaços atingiram o avião como socos, como pedras num telhado de lata.

Ray agachou-se. Os estilhaços retiniram no seu capacete, picaram-lhe o braço.

Virou-se para trás e arquejou. Buracos do tamanho de punhos perfuravam o lado direito e o teto do *cockpit*, mostrando garras de alumínio e de vidro acrílico.

Donatelli afundou-se de súbito no assento, a sua mão agarrada ao lado direito do pescoço. Depois a mão caiu mole no seu colo. A sua mão vermelha. O seu colo vermelho.

– Donatelli! – Ray gritou contra a tristeza de saber que o seu copiloto não voltaria a pronunciar mais nenhuma palavra.

Ray agarrou a alavanca de comandos e perscrutou os indicadores. Ainda tinha os quatro motores.

– Relatório de danos. Oficial de artilharia? Navegador?

Não obteve resposta.

A interfonia. Tinha perdido a interfonia.

Ray colocou o *Fort* a desenhar uma volta para a esquerda. Tinha de seguir o resto da divisão e conduzir o seu grupo para casa.

– Shreve. – Chamou o mecânico de voo atrás de si. – A interfonia não funciona. Vai ao nariz e pede ao navegador que venha aqui um instante.

Olhou pelas janelas laterais para se manter atento à formação, uma vez que já não podia receber os relatórios da sua tripulação na cauda do avião.

– Shreve. – Ray lançou o braço direito para trás para chamar a atenção do seu artilheiro... e apalpou apenas ar.

Shreve encontrava-se caído na plataforma da sua torre.

– Oh, não. – O estômago de Ray revoltou-se com o odor oxidado do sangue. O rebentamento da antiaérea tinha arrancado a cúpula de vidro acrílico da torre dorsal... e grande parte da cabeça de Shreve.

Regressou aos comandos um pouco tonto, mas tinha de manter a presença de espírito. O resto da tripulação e o grupo dependiam dele.

– Meu Deus, ajuda-me.

Ray expirou lentamente. Os comandos e os motores estavam a funcionar na perfeição. Tudo o que tinha de fazer era seguir a divisão até casa.

Mas a *flak* socava o avião e o coração de Ray.

Os seus olhos ardiam e o cheiro ácido do metal quente parecia queimar-lhe o interior das narinas. Fumo branco penetrava através das zonas de junção na parte lateral do painel de controlo. Um tremor percorreu a espinha de Ray. O extintor estava fora do seu alcance na divisória atrás do lugar do copiloto.

Depois de ter nivelado o avião, acionou o piloto automático e ajustou o leme e os *ailerons*.

– Piloto a tripulação. Alguém me ouviu? Preciso de ajuda no *cockpit*. Já!

Ray desligou o cabo da interfonia e o oxigénio e correu para trás do lugar do copiloto.

Depois de se ter ligado uma garrafa de oxigénio portátil, agarrou no extintor. Chamas amarelas saltavam do painel de controlo. Com as mãos trémulas, levantou a mangueira do extintor e apontou-a para o fogo. O tetracloreto de carbono cobriu o painel de controlo.

Ray parou. As chamas regressaram e, desta vez, mais fortes e mais altas, chegando ao meio do painel.

Gritando de frustração, despejou o extintor nas chamas.

– O que se passa aí? – O tenente Casey, o navegador, meteu a cabeça na passagem. – A inter... oh, meu... – Deixou cair o queixo e proferiu umas quantas imprecações.

– Traz-me outro extintor. Já, Casey. Vai!

Algo explodiu atrás do painel de controlo, deformando-o, e as chamas espalharam-se.

Casey baixou-se e praguejou.

– O oxigénio.

Ray começou a tossir. O fósforo do extintor era venenoso. Teria de abrir as janelas, mas se o fizesse isso alimentaria o fogo e as chamas já chegavam à alavanca de comando e distorciam a sua visão do para-brisas.

Tal como quando a casa de Helen fora consumida pelo fogo, estava impressionado com a

impenetrável translucidez das chamas – e pasmado com o modo como a vida podia mudar de um instante para o outro.

Virou-se para Casey.

– Salta! Vai até ao nariz, avisa o Rogers e saiam daqui. Eu vou à cauda buscar os outros.

Ray esticou-se até à parte de trás do lugar do piloto para acionar o alarme que indicava que deviam abandonar o avião. Um toque prolongado para assinalar que deviam preparar-se, três toques curtos para saltarem. Mas não podia confiar apenas na campainha. Avisaria os homens em pessoa.

O calor aumentava, mas Ray tinha trabalho para fazer. Depois de ter desligado o piloto automático, lutou contra a alta temperatura para colocar a aeronave num mergulho raso para longe da formação. Atirou a garrafa de oxigénio portátil para o lado, remexeu no bolso esquerdo à procura do tubo de ligação à garrafa de oxigénio de ejeção e ligou-o ao adaptador na sua máscara. Em seguida atirou os planos de voo para as chamas.

A tristeza tomou conta dele ao deixar Donatelli e Shreve para trás. Avançou a custo pelo compartimento das bombas, agarrando-se aos apoios dos suportes das mesmas. O seu para quedas batia-lhe na parte de trás dos joelhos a cada passo que dava.

Naquele dia teria de o usar.

Foi invadido pelo medo, mas continuou a avançar.

– Salta – disse para o radiotelegrafista que se encontrava no seu posto. – Fogo no *cockpit*. Sai daqui.

– Mas... mas...

– Já. – Ray soltou as correias do colete de proteção de Fitzgerald e depois lembrou-se de tirar também o seu. – Onde está o teu para quedas?

Fitzgerald tirou-o da parte de baixo da secretária.

Ray saiu em direção aos compartimentos na fuselagem.

– Sal... – Um ruído imenso invadiu-lhe os ouvidos. O chão desapareceu sob os seus pés. Cambaleou em direção à divisória, à parede, bateu com o ombro, com as costas, com a cabeça.

Agarrou qualquer coisa – cabos de controlo. As suas pernas balançavam livremente indo embater contra uma parede.

Onde deveria estar a cauda... não havia nada para além do azul.

– Meu Deus do céu... – Ray agarrou-se aos cabos com toda a sua força. A antiaérea devia ter atingido a cauda.

O *Ascalon* mergulhava em direção à terra e Ray fitou os cabos nas suas mãos que o arrastavam para baixo juntamente com o seu avião.

A única maneira de sobreviver era largá-los.

*

Antioch

Helen rebolou na cama e tapou a cabeça com a colcha, porém, sabia que não voltaria a

adormecer. Como poderia fazê-lo quando o ambiente na casa dos Carlisle estava tão tenso quanto os músculos da sua perna quando a poliomielite atacava?

No sábado levava Jay-Jay a uma matiné do Roy Rogers no filme *Red River Valley*, depois ficara em casa de Betty até chegar a hora de Jay-Jay dormir. Após a missa, aceitara o convite dos Llewellyn para almoçar e em seguida passara a tarde a visitar toda a gente de que se lembrava. Todavia, o jantar obrigara-a a regressar a casa, onde Mr. Carlisle resmungou por causa dos vegetais da sopa demasiado cozidos e sobre a profusão de música rural na rádio. Nem sequer o progresso dos Aliados nas Filipinas e a vitória na Batalha do Bulge o conseguiam animar.

Algo estava prestes a acontecer.

Helen sentou-se na cama, acendeu a luz e tirou a Bíblia da gaveta da mesa de cabeceira. Só aos pés de Deus conseguiria acalmar os nervos. Ray era tão bom para ela, não apenas as suas palavras sábias mas o conselho para desabafar as suas preocupações com Deus.

No dia anterior, o pastor Novak pregara sobre o Dia do Senhor. A guerra levava a que muitos temessem o fim do mundo, mas o pastor Novak recordara-os de que o medo não vinha de Deus.

A fita marcadora na Bíblia de Helen continuava em Abdias e foi aí que recomeçou a ler até chegar ao verso 4: « Ainda que te eleves tão alto como a águia e ponhas o ninho entre os astros, hei de precipitar-te. – oráculo do Senhor.»

Helen estremeceu e pôs a Bíblia. Talvez fosse melhor rezar. Rezou por Ray por entre as estrelas e por Jay-Jay entre os lobos. Rezou por Carver e pelos outros homens na prisão, e por Esther, tão sozinha quanto qualquer viúva.

A inquietude que sentia parecia picar-lhe as pernas e os braços. Meteu os pés nos chinelos e vestiu o roupão e o casaco.

Helen desceu silenciosamente as escadas e dirigiu-se para o alpendre da frente. O nevoeiro esborratava as casas do outro lado da C Street, o denso nevoeiro « tule » que todos os invernos se colava ao chão na Califórnia e no Delta. Algures, por trás daquele nevoeiro, o Sol nascia. Balançou as pernas para as proteger do frio húmido que penetrava pelas calças do pijama. Sentou-se na cadeira de baloiço e pô-la em movimento para aquecer, curvando-se sobre os braços cruzados. Dali a meia hora teria de começar a arranjar-se e acordar Jay-Jay.

A quietude da madrugada não oferecia a sua habitual paz.

Ansiava por sair dali. Mas como? Ainda lhe faltava um ano para pagar a dívida, um ano até conseguir libertar o seu salário para pagar a renda e tudo o que fosse necessário para montar a casa. O pai nunca a ajudaria. Tinha deixado isso muito claro. E em que outro lugar poderia ela ficar? Betty estava à espera de outro bebé e a sua casa ficaria repleta em maio. Todos os seus amigos tinham os quartos de hóspedes arrendados. Não tinha alternativa.

Balançou com mais força.

Um movimento no relvado chamou-lhe a atenção. Era o gato malhado dos Scala que andava por ali. Helen estalou a língua para lhe chamar a atenção, o som amplificado pelo nevoeiro.

O gato estacou e virou-se para Helen – com um pássaro na boca.

Ray havia escrito sobre um gato artilheiro que não conseguira atingir a sua presa aérea. O gato dos Scala tivera mais sucesso.

– « Hei de precipitar-te. » – Helen puxou o casaco para se proteger do frio.

Sobre a Alemanha

Ray largou os cabos.

O céu, o avião e as nuvens davam cambalhotas em seu redor. Em pânico, tentou alcançar a segurança do seu avião.

Não. Era uma falsa segurança. Obrigou a sua mente a recordar-se do treino. Tinha de se afastar dos destroços em queda do *Ascalon*.

Quando as nuvens apareceram no seu campo de visão, Ray estendeu os braços e as pernas para os lados. O seu corpo agitava-se ao sabor das correntes, mas agora o seu avião caía mais depressa do que ele. Sem nenhum ponto de referência, a única prova da sua queda era o ar gelado que uivava nos seus ouvidos.

Contar até dez. Tinha de contar até dez. Como podia ele lembrar-se dos números se não havia mais nada para além de nuvens entre ele e o solo?

Já deviam ter passado dez segundos. Agarrou a corda de abertura no ombro esquerdo e apertou-a com força com os dedos enluvados. Se o para quedas não abrisse, estaria com Jesus dali a menos de dois minutos.

Um puxão firme. O para quedas assobiou, abriu e elevou-o com violência, esmagando-lhe o peito e as virilhas. Tossiu com o impacto, porém, o uivo do vento deixou de se ouvir.

A visão de Ray escureceu. Há quanto tempo estaria sem oxigénio? Apalpou o bolso da coxa esquerda, encontrou a bola de madeira verde no cabo de libertação da garrafa de ejeção e puxou-a.

Inspirou profundamente umas quantas vezes até a visão clarear. A respiração era descontrolada e o seu coração parecia bater contra o peito, mas do que estava ele à espera? Pairava a quatro milhas de altura com apenas um círculo de seda branca para o salvar.

O *Ascalon* abatia-se em chamas sobre o banco de nuvens rodeados por pedaços de escombros. Dois para quedas oscilavam à frente e por baixo dele. Dois? Deviam pertencer a Casey e a Rogers do nariz. Mas apenas dois? Não havia mais ninguém?

– Oh, meu Deus. – Pela primeira vez na sua vida não tinha palavras para rezar. Os outros homens não haviam conseguido sair.

Ray baixou até às nuvens e olhou uma última vez para cima, onde o rasto prateado dos *B-17* se afastava dele. Relatariam a queda do *Ascalon* e o avistamento de três para quedas.

Apenas três. Jack assumiria que Ray estava morto. O pai e a mãe receberiam um telegrama a dizer que ele tinha desaparecido em combate, mas Jack enviaria uma carta com os pormenores. Toda a gente pensaria que ele estava morto até o seu nome aparecer na lista dos prisioneiros de guerra, o que frequentemente levava meses.

– Oh, não. Helen. – Iria chorar a sua perda e, pior do que isso, iria culpar-se. Na sua última carta, escrevera que empurrara Jim para o perigo e que fizera o mesmo a Ray. Mas isso não era verdade. Tinha enviado a sua resposta, não tinha?

Ainda se recordava do seu pedido quase implorado. « Por favor, Ray, tem cuidado.»

Sentia o coração tão pesado quanto a nuvem que o rodeava.

– Oh, querida, lamento muito.

Quando saiu das nuvens, pairava sobre uma pitoresca paisagem de campos nevados, colinas suaves, bosques e pequenas aldeias centradas em redor de igrejas. Mas não era assim que desejava ver a Alemanha. Ao invés de navegar pelo Reno, de caminhar pelos Alpes e de visitar os castelos de Heidelberg e de Neuschwanstein, dormiria num Stalag Luft até terminar a guerra.

A vida num campo de prisioneiros: frio e fome, cativo e privação. Teria de aguentar o melhor que conseguisse. Ao menos, teria bastantes homens para ajudar e orientar espiritualmente.

Não tardou a distinguir pessoas e veículos e animais de quinta. Desapertou uma das correias da máscara de oxigénio e puxou-a para o lado.

As pessoas corriam em redor. Um dos para quedas caiu quando um dos tripulantes de Ray tocou o solo. Um alemão correu até ele, tirou-lhe qualquer coisa e depois recuou e apontou. Um disparo e o avião caiu inerte.

Ray arquejou. Tinham-no atingido! Tinham-no morto com a sua própria pistola.

O segundo para quedas caiu logo em seguida. A multidão rodeou o oficial com paus e punhos fechados. Iam matá-lo à pancada.

A respiração de Ray acelerou. Tinha de se afastar dali. Puxou pelos cordões do para quedas e mudou a rota para a esquerda.

– Meu Deus, por favor, guia-me. Guia-me até alguém que me entregue.

Um campo coberto de neve, um celeiro, uma floresta densa à sua esquerda e ninguém à vista. Talvez pudesse esconder-se no celeiro até anoitecer, esgueirar-se depois até à cidade e refugiar-se numa igreja onde não seria linchado.

Ray levantou as pernas dobradas e agarrou as correias por cima da cabeça. O solo aproximou-se a grande velocidade. O embate fez-lhe estremecer todo o corpo e caiu na neve de barriga.

Por momentos não conseguiu respirar. Com enorme esforço, obrigou a caixa torácica a abrir como um fole e inspirou.

Tentou levantar-se nas trémulas pernas para cair logo em seguida quando uma brisa inflou o para quedas. Ray puxou os cordões para o enrolar.

– *Hände hoch!*

Ray obedeceu e levantou os braços bem alto.

– Rendo-me. *Ich ergebe mich.*

Um homem de idade com um casaco acolchoado remendado corria na sua direção brandindo uma forquilha.

– *Terrorflieger! Terrorflieger!*

Terror dos céus?

– *Nein. Ich ergebe mich. Ich ergebe mich.*

O homem agitava a forquilha frente ao estômago de Ray.

– *Terrorflieger.* – Cuspiu para Ray e depois lançou-se numa furiosa e rápida diatribe num dialeto que lhe era desconhecido. Dizia qualquer coisa sobre bombas e uma casa e uma filha.

Compaixão e arrependimento inundaram o coração de Ray. Nunca desejara fazer mal a civis. Tentava ao máximo evitá-lo, mas ali estava a prova do que uma bomba errante podia fazer.

Ray fitou o pobre homem com um olhar gentil.

– *Es tut mir leid. Ich meine es nicht böse mit Ihnen.* – Tentou assegurar-lhe que lamentava muito e que nunca desejara que algum mal lhe acontecesse.

– *Nicht böse?* – O homem brandiu a forquilha. – *Sie sind böse.*

Maléfico. O homem acreditava que ele era maléfico.

– *Ach!* – Um mulher idosa aproximou-se da entrada do celeiro com um lenço castanho na cabeça e as mãos a tapar a boca.

O casal envolveu-se numa discussão acesa e Ray olhou em redor – não se aproximava mais ninguém.

O homem fez sinal a Ray para que começasse a andar na direção do celeiro.

– *Bring eine Leiter* – gritou para a mulher.

Uma escada?

A mulher entrou.

– *Und ein Seil?*

Uma corda?

– *Nein, er hat seinen Fallschirm.*

Ele tinha o seu *Fallschirm*? *Fallschirm*? *Fallen* significava cair, mas e *Schirm*? Ray não conhecia aquela palavra. Mas *Regenschirm* era um chapéu de chuva.

Foi como se o sangue lhe gelasse nas veias. O seu para quedas. Planeavam enforcá-lo com o seu próprio para quedas.

Ouviram-se vozes ao longe e o motor de um carro e a expressão do homem pareceu iluminar-se. Iria ter ajuda, provavelmente da mesma turba que assassinara Casey e Rogers.

Ray falava a língua, embora não fluentemente, e tinha as melhores intenções, mas contra aquele tipo de raiva, todas as negociações falhariam.

– Cerrou os dentes. *Shh, guia-me. Não tenho medo de morrer, mas não quero que a Helen sofra ainda mais e se culpe pela minha morte. O pai e a mãe, o Jack e o Walt... quero viver por causa deles.*

A determinação enrijeceu-lhe os músculos.

O agricultor cravou os olhos em Ray e levantou a forquilha.

Ray virou subitamente a cabeça para a esquerda como se tivesse ouvido qualquer coisa.

O homem desviou a sua atenção – e a forquilha – nessa mesma direção.

Com a mão esquerda, Ray agarrou a forquilha e com a direita atingiu o homem com um soco na orelha.

O agricultor estatelou-se no chão e Ray pediu desculpa.

– *Es tut mir leid.*

Soltou-se do para quedas o mais depressa que conseguiu. Só iria atrasá-lo.

As vozes pareciam cada vez mais próximas e Ray correu para a floresta a toda a velocidade. De que lhe serviria aquele gesto? Até onde conseguiria ir? Seria mesmo capaz de se esconder?

Ray entrou na floresta, desviou-se de árvores, saltou por cima de troncos, atravessou arbustos cobertos de neve. Da quinta soaram gritos. Deviam ter encontrado o pobre agricultor e não tardariam a vir atrás de Ray com sede de vingança.

Onde poderia ele esconder-se? E como? Saltou por cima de uma árvore caída recentemente, uma sempre-viva com agulhas compridas.

Deitou-se ao lado do tronco, aninhado sob os galhos, afundou-se na neve o mais que conseguiu e dispôs os ramos sobre o corpo.

A neve picava-lhe a face e as agulhas olorosas faziam-lhe cócegas no nariz, mas manteve-se quieto e tentou acalmar a respiração e o coração palpitante. *Meu Deus, protege-me, escuda-me, esconde-me.*

Os gritos aproximaram-se. Por certo tinham visto para onde ele se dirigira.

– *Warten Sie hier.* – Não era o agricultor, mas um homem com uma voz mais autoritária e a multidão acatou a sua ordem para que esperassem ali.

Passos esmagavam a neve e pareciam ir diretos ao local onde Ray se encontrava. Pegadas. Deixara pegadas na neve.

Ray encolheu-se ainda mais, mas era uma causa perdida. *Senhor, faz com que ele seja um homem bom.*

– *Kommen Sie hier* – ordenou o homem.

Ray não obedeceu. Talvez conseguisse ficar escondido. O homem não lhe ordenaria que fosse se soubesse onde ele estava.

– *Sie sprechen Deutsch, nicht wahr? Das ist gut.*

Por que razão era bom o facto de saber falar alemão?

Os passos aproximaram-se ainda mais e os ramos por cima de Ray restolharam. O homem deu-lhe um pontapé no estômago.

– *Stehen Sie auf.*

Ray contorceu-se com a dor mas apressou-se a levantar e a pôr as mãos no ar.

– *Ich ergebe mich.*

O homem apontou-lhe uma pistola. Envergava o sobretudo do uniforme nazi. Devia tratar-se de algum funcionário local, teria cinquenta e poucos anos e um olhar calculista.

Ray tentou não se mostrar amedrontado, embora nunca lhe tivessem apontado uma arma. Certamente aquele homem estaria obrigado por lei a tratá-lo como um prisioneiro de guerra.

– *Ich ergebe mich.*

– *Sie haben mit dem Bauer gekämpft.*

Ray suspirou. Sim, tinha esmurrado o agricultor porque ele queria matá-lo.

– *Er will mich kühlen.*

O nazi mirou-o dos pés à cabeça.

– *Sie sprechen mit Akzent, aber Sie sind klug und stark. Gut.*

Que importância tinha se Ray falava com sotaque, se era esperto e forte? Ray não entendia.

– *Ich verstehe nicht.*

Um pequeno esgar.

– Está armado? – perguntou em alemão.

– *Nein.*

O alemão fitou-o com uma expressão incrédula. Com a arma apontada à cabeça de Ray, desapertou-lhe o colete salva-vidas. Depois abriu-lhe o blusão e apalçou-lhe o peito, onde qualquer aviador usaria um coldre de axila.

– Não ter arma.

Sob aquela tensão, Ray tinha dificuldade em lembrar-se da ordem das palavras em alemão.

– Sempre eu dizer a verdade.

– Isso pode ser perigoso. – O nazi agitou a pistola para o lado.

Com as mãos por cima da cabeça, Ray refez o caminho de volta à quinta.

Quando saiu da floresta, uma dúzia de pessoas deu vivas com os punhos elevados. Gritaram palavras que Ray não entendeu, mas o nazi acalmou-os com uma mão no ar e a promessa de lidar com Ray da mesma forma que havia lidado com os outros.

Os vivas renovados deixaram Ray com um nó no estômago. Queriam a sua morte. Não aplaudiriam se acreditassem que o funcionário o ia entregar em segurança a um Stalag Luft.

A mulher do agricultor segurava o para quedas enrolado de Ray.

– *Bitte, darf ich ihn haben? Er ist aus Seide.*

Sim, era seda. Porque não haveria aquela pobre mulher de ficar com ele? Ray já não o iria utilizar.

– *Wollen Sie ihn? Ich brauche ihn nicht.*

A mulher esbugalhou os olhos.

– *Nein.* – O nazi arrancou-o das mãos da mulher. – *Er braucht ihn für sein Leichentuch.*

A sua mortalha. Ray precisava dele para mortalha.

O seu coração ficou ainda mais pesado. Sentiu o toque da pistola na espinha e levantou os braços.

O nazi empurrou-o para a estrada.

Em breve, não sobraria nenhum homem da tripulação do *Ascalon*. Ray podia tentar fugir, levar um tiro nas costas e morrer de forma rápida. Ou podia fazer o que lhe mandavam e ter uma morte agonizante às mãos da Gestapo.

Ninguém em casa saberia que escolha tinha ele feito.

Ray olhou para as sólidas nuvens cinzentas.

– Eu saberei, meu Deus – murmurou por entre dentes.

Não tinha chegado tão longe para optar no fim pela cobardia.

*

Antioch

Ouviu-se um ruído surdo no alpendre e Helen deu um salto.

– Desculpe, Mistress Carlisle. Não queria assustá-la. – No passeio, Donald Ferguson pedalava na sua bicicleta com um saco de lona a tiracolo.

Era o jornal *Ledger*. Helen apanhou-o e acenou ao rapaz que estava já demasiado longe para ver como o seu sorriso era trémulo.

– Belo lançamento, Donald.

– Quero jogar basebol pelo Liceu de Antioch. O meu pai jogou pelo Riverview.

O liceu Riverview, onde Ray Novake e Bill Ferguson tinham jogado juntos, antes de Ray ir para a universidade e Bill casar com a namorada de Ray.

Helen gemeu ao pensar que estava a engrossar a lista dos romances falhados de Ray.

Endireitou-se e abriu o jornal. No cabeçalho lia-se, «Queda de Manila Esperada para Breve».

De volta a casa, colocou o jornal no cadeirão de Mr. Carlisle e dirigiu-se para o andar superior para se arranjar para o trabalho. Com os homens condenados presos em Terminal Island em San Pedro, no Sul da Califórnia, e com o recurso de Carver Jones a seguir os trâmites legais, o trabalho de Victor havia-se transformado em algo mais rotineiro. As queixas dos marinheiros negros haviam diminuído desde que a Marinha tinham começado a integrar alguns serviços e navios em outubro e encorajava a promoções em pé de igualdade com os brancos.

Depois de ter vestido o seu novo fato cor de vinho, foi acordar Jay-Jay, mas a cama estava vazia. Helen preferia que ele se vestisse antes de tomar o pequeno-almoço, mas o miúdo adorava esgueirar-se para tomar o pequeno-almoço em pijama. Se a avó não o servisse, talvez Helen conseguisse fazer algum progresso nessa área.

Suspirou e desceu as escadas.

– Pela última vez, onde está o meu jornal? – A voz de Mr. Carlisle atravessava a porta fechada da cozinha.

– Eu... eu... não faço ideia – respondeu Mrs. Carlisle com um soluço. – Não estava lá fora quando fui buscá-lo.

– És uma lesma estúpida. – Um estalo. – A preguiçar na cama enquanto alguém rouba o meu jornal.

Ela choramingou.

– Desculpa. Tens razão. Sou uma preguiçosa. Não volta a acontecer.

Helen ficou parada no corredor. Tudo lhe dizia para fugir, mas só ela sabia a verdade e podia defender aquela pobre mulher.

– Senhor, dá-me coragem.

Empurrou a porta. Mrs. Carlisle estava dobrada sobre o lava-louça e o marido avultava-se sobre ela com os seus cabelos nos punhos fechados. Helen levantou o queixo.

– O jornal está no seu cadeirão.

Mr. Carlisle soltou a mulher e avançou para Helen com olhos de raiva.

A sua alma recuou com aquela visão familiar, mas manteve-se onde estava.

– Levantei-me mais cedo. Encontrava-me lá fora quando o jornal foi entregue, por isso trouxe-o para dentro. A culpa não é dela.

O estalo veio de lado nenhum e fê-la virar a cabeça com violência.

Helen gritou, levou a mão à face e desviou o olhar. Era a melhor coisa a fazer. Era sempre a melhor coisa a fazer.

– Ninguém... ninguém fala comigo dessa maneira. O meu jornal é para ser deixado no meu lugar na mesa da cozinha. Ninguém o lê antes de mim.

– Sim, senhor. – Helen baixou a cabeça, virou-se para dentro e encolheu-se. Tinha provocado aquela confusão. Tinha estragado tudo. Merecia o castigo.

A porta bateu. Helen espreitou por entre o cabelo e a verdade lutou até chegar à superfície – a verdade revelou-se ao abrir o caixote da sua memória e por ouvir os conselhos de Ray e a palavra de Deus. Desviou o cabelo e a mentira. Não tinha feito nada de mal e não merecera aquela bofetada. Ninguém merecia.

Virou-se para a sogra.

– Está bem?

Mrs. Carlisle deitava água na frigideira.

– Claro. Tive o que mereci.

– Não. – Helen colocou a mão no seu ombro magro e trémulo. – Nenhuma de nós merecia. Eu cometi um erro inocente e a senhora não teve nada a ver com isso. E não está bem um homem bater numa mulher, principalmente na mulher que diz amar.

Mrs. Carlisle virou-se para a encarar.

– Achas-te muito sabichona e importante, não é? A filha do médico com os seus pensamentos blasfemos. É o dever de um marido manter a sua mulher na linha. Fico satisfeita por termos ensinado bem o Jimmy. Ainda bem que ele te batia.

Os olhos de Helen arderam enquanto olhava para aquele rosto contorcido. Vinte e cinco anos de um casamento torto haviam-lhe envenenado a mente por completo. Teria Helen terminado assim se Jim não tivesse morrido?

Um garfo tilintou num prato.

Helen virou-se para trás. Na mesa da cozinha, Jay-Jay estava sentado na sua cadeira com os olhos esbugalhados.

– Oh, querido. – Ele assistira a tudo. Correu para ele e abraçou-o. Como podia Mr. Carlisle comportar-se daquela forma frente a uma criança que ainda nem sequer tinha três anos?

– Mamã? – Colocou a mão na face de Helen, fazendo-a estremecer de dor. – Pu favô, não zanga o avô.

Os seus olhos encheram-se de lágrimas com aquela ternura. Abraçou-o ainda mais. Tinha de o tirar dali antes que aquela casa lhe sugasse toda a compaixão.

Estava na hora de desistir do trabalho do seu coração. Tinha de desistir do trabalho que adorava para salvar a pessoa que mais amava. Porque obrigava a vida a escolhas tão cruéis?

Fora de Augsburg

– Fora do carro – ordenou o nazi em alemão. O homem não falava uma palavra de inglês.

Com as mãos algemadas atrás das costas, Ray girou as pernas para o lado e inclinou o corpo para a frente para se erguer. À sua frente, uma pequena casa de quinta erguia-se longe da civilização, desprovida de pintura, o telhado curvado com o peso da neve sob um céu plúmbeo. Aquele podia muito bem ser o último edifício que via.

Apesar do tremor nas pernas, endireitou os ombros e subiu os degraus que chiavam sob os seus pés. No covil do dragão, o ar frio cheirava a presunto, a fumo e a decadência. A mobília era escassa e arrumada sem nenhuma ordem específica e a fuligem tingia as paredes.

O nazi abriu a porta, atirou o para quedas de Ray pelas escadas da cave e retirou-lhe as algemas.

– *Dankeschön*. – As mãos de Ray soltaram-se para os lados. Resistiu à vontade de esticar os músculos.

O nazi apontou para a cave.

– Põe ali o teu *Fluchtausrüstung*.

– Não conheço essa palavra

– Coisas. Coisas para correr.

O *kit* de sobrevivência? Com os olhos postos no homem que segurava a arma, Ray inclinou-se para desabotoar o bolso da canela e atirou a bolsa de lona verde para a adega.

– Tudo. O capacete também.

Ray esvaziou os bolsos que continham as rações de voo e a navalha e depois tirou o capacete com a máscara de oxigénio presa a um dos lados. Aquilo não fazia sentido, mas seria condescendente dentro dos limites das suas ordens.

– Dá-me os teus objetos pessoais... papéis, cartas, talismãs.

– Não trago nada disso. – Tudo o que tinha era a sua Bíblia, mas planeava morrer com ela sobre o coração.

– Senta-te. – Puxou uma cadeira para a frente da mesa, despiu o sobretudo, atirou-o para cima de uma cadeira e em seguida guardou a pistola no coldre. – Tens fome?

Seria sensato admitir fome? Sentou-se.

– Capitão Raymond Garlovsky Novak, número...

– *Nein*. – Agitou uma mão e atirou alguns paus para as fracas chamas que ardião na lareira. – Vais sentir fome. Não tenho muito, mas ofereço-te pão e queijo.

– *Nein, danke*. – Não era aquela uma típica tática de interrogatório? Começar com uma pequena simpatia para levar o prisioneiro a baixar a guarda?

O nazi tirou dois sacos de pano de uma prateleira, colocou-os sobre a mesa e abriu-os para revelar um pão escuro e um queijo pálido.

– Não é educado recusar pão. Vais comer. Apreciar a *Gemütlichkeit* bávara.

Ray anuiu, mas a refeição feita aos seus tripulantes não refletia a famosa hospitalidade bávara. Depois de o alemão ter dado a Ray uma fatia de pão e uma lasca de queijo, sentou-se e colocou um pé em cima da mesa.

– Não posso dar-te muita comida, mas conto-te uma história. A minha história.

Ray levantou ainda mais a sua guarda para não ser induzido a revelar informações.

O nazi tirou o boné, revelando um cabelo grisalho, cerrado e liso.

– Depois de ter lutado na última guerra, conheci uma bonita rapariga em Munique. Muito bonita. Dali a um mês estávamos casados.

Ray deu uma dentada na sua última refeição e o pão desfez-se na sua boca seca.

– Ela deu-me três rapazes que devem ter mais ou menos a tua idade. Quantos anos tens?

Ray parou de mastigar.

– Capitão Raymond...

– *Ja, ja.* – Os seus lábios finos desenharam um ligeiro sorriso. – Três belos rapazes. Rapazes bons e fortes. Mas a mãe deles tornou-se feia e gorda e não tardei a descobrir porquê... era judia. E escondeu-o de mim. As Leis de Nuremberga foram aprovadas em mil novecentos e trinta e cinco. Vi que tinha hipóteses na Alemanha de Hitler, mas não com uma judia porca como mulher. Divorciei-me dela. Levaram-na em mil novecentos e trinta e oito.

Os pedaços de pão e queijo enrolaram-se no estômago de Ray.

– *Ach*, achas que eu é que sou o porco, *nicht wahr?* Mas eu fiz bem. Tornei-me membro do Partido, arranjei muitas *Mädchen* loiras e ganhei poder.

Ray observou aquele rosto marcado. Se achava que tinha procedido bem, então onde estava a paz de espírito que devia sentir?

O nazi levantou-se e serviu dois copos de água.

– Não tenho cerveja. Hoje em dia é difícil de arranjar. – Sentou-se e o salto da bota fez barulho no tampo da mesa. – *Prost.*

– *Prost.* – Ray devolveu o brinde ao dragão.

– Quando a guerra começou, tornei-me importante. O meu trabalho era descobrir um grupo da Resistência... Traidores à raça alemã que ajudavam judeus a fugir do país.

Ray bebeu um gole de água, tão refrescante quanto saber que havia boa gente que se opunha àquele regime maléfico.

O nazi limpou a boca com as costas da mão.

– No centro desse grupo estavam três homens. Três irmãos. Os meus três belos e fortes filhos.

Ray arquejou.

As chamas crepitaram na lareira e nos olhos do nazi.

– Enforquei-os. Se não o tivesse feito, teria sido trucidado. Vi os meus três filhos morrerem na forca.

Que tipo de homem podia tomar tal decisão? E que tipo de mundo encorajava os homens a tomarem tais decisões?

– Não podiam perdoar-me, nem ao seu país, pela morte da mãe. – Bateu com os punhos na mesa. – E qual foi a recompensa pela minha lealdade? O Partido não confia em mim. Mandaram-me para aqui. No meio de lado nenhum. Não tenho nada porque viver. Os meus filhos estão mortos. A minha carreira acabou. Tudo o que tenho é *Vergeltung*.

– *Vergeltung?* Não conheço essa palavra.

O nazi agitou a mão num pequeno círculo.

– *Vergeltung*. As bombas *Vergeltung*. A V-1, V-2.

– Entendo. – Vingança. Tudo o que o homem tinha era vingança e o sangue de Ray gelou.

– Hitler prometeu coisas boas, mas só trouxe morte. O povo passa fome, as nossas cidades são bombardeadas, os nossos jovens são mortos. Eu vejo como esta guerra é travada. A nossa pátria será destruída.

O suplício na alma daquele homem gritava pela ajuda espiritual de Ray. Mas os dragões eram conhecidos pelos seus artifícios emocionais e os mais perigosos eram aqueles que haviam perdido os seus tesouros.

O nazi levantou-se e atçou o fogo.

– Agora odeio o Partido mais do que os meus filhos. E vingo-me, uma vida por outra. Já tirei duas vidas e tu irás ajudar-me com a terceira.

Ajudar? Não, Ray seria o terceiro e tentou não pensar de que forma o atizador em brasa poderia ser utilizado.

Do lado de fora ouviu-se um motor. O nazi espreitou pela janela encardida.

– Está na hora.

O estômago de Ray contorceu-se. Qualquer migalha de pão ou de queijo teria sido demasiado.

– Depressa! Para a cave. – Tirou a pistola e fez-lhe sinal para a porta da cave. – Fica quieto e em silêncio ou mato-te.

Um tiro parecia preferível ao que quer que o esperasse na câmara da tortura, mas a cave continha apenas um presunto, sacas de batatas e de maçãs. A porta fechou-se e o trinco deslizou, deixando Ray na escuridão, por dentro e por fora. O que se passaria?

Sentou-se num degrau virado para a porta, onde conseguia ver por entre rachas nas tábuas velhas e carcomidas. *Senhor, faz com que isto termine depressa para que possa juntar-me a ti. Obrigado por a minha família e a Helen nunca virem a saber de que forma morri. Acompanha-os, meu Deus.*

A porta da frente chiou ao abrir.

– *Guten Abend, Herr Oberleutnant. Heil Hitler!*

– *Heil Hitler.* – A voz de um segundo homem, um homem mais jovem. – Procuo um piloto americano. As pessoas dizem que prendeu um deles.

– *Ach, ja.* A Luftwaffe vem recolhê-los para a Stalag Luft.

Um sorriso iluminou o rosto de Ray. Afinal viveria. Haveria de beijar o chão desse Stalag Luft.

– Entre. O inverno é muito frio – disse o nazi. – Não tenho nenhum piloto para si. Hoje o povo matou três homens antes de eu conseguir fazer fosse o que fosse.

Nenhum piloto? Ray alcançou a porta, mas esta estava trancada e o nazi não hesitaria em matá-lo.

– Temos de os fazer compreender – declarou o homem mais novo. – Não está correto. Os pilotos seguem um código de cavalheiros. Um para quedas é sinal de rendição. Estes assassínios fazem os nossos pilotos temerem pela vida se forem abatidos. Não é bom.

– *Ja, ja.* Concordo. – O nazi aproximou-se do armário ao lado da lareira. – Aceita uma bebida? Ou aquecer-se junto ao fogo?

– Não quero beber nada, *danke*, mas é com gosto que me aqueço. – O oficial agachou-se frente à lareira e esticou as mãos.

Dois passos e um lampejo prateado.

– *Hände hoch.*

Ray arquejou, um som ecoou junto ao oficial da Luftwaffe. Uma arma... o nazi apontava uma arma à cabeça do homem mais novo.

– *Hände hoch.* Levante-se. – Encostou a coronha à orelha do oficial.

– Eu levanto. Eu levanto. Qual é o problema?

– Dispa-se.

– Despir? Despir? O que se passa consigo?

Ray recuou para longe da porta. Não queria ver o que estava prestes a passar-se.

– Dispa-se. – Puxou o gatilho.

O oficial proferiu um chorrilho de palavras alemãs que Ray nunca aprendera na universidade nem no seminário. As roupas restolharam e os botões de cobre tiniram no chão.

Ray tapou os olhos. *Meu Deus, protege este homem.* Os dois pilotos, embora inimigos, tinham caído nas mãos do mesmo monstro. O que podia Ray fazer?

– Saia pela porta de trás.

Mais imprecações, gritos, ordens e a porta das traseiras abriu-se.

– Não posso permitir que isto aconteça. Tenho de fazer qualquer coisa. – Ray bateu na porta.

Meteu os dedos em redor de uma tábua e puxou. Estava apodrecida. Desceu alguns degraus, levantou o joelho até ao peito e pontapeou a tábua. Rachou. Outro pontapé e a tábua cedeu.

Libertou o pé, meteu a mão pela abertura e fez deslizar o trinco.

Os gritos do oficial no exterior passaram a choro e a súplica.

Ray correu para a porta das traseiras. Ao menos, morreria a defender outro homem, quiçá dando-lhe hipótese de fugir.

Empurrou com força a porta e esta abriu.

Um disparo, um lampejo amarelo no crepúsculo e um homem de cabelo negro e roupa interior branca caiu no chão.

– Não! – gritou Ray. O nazi era louco... tinha morto o seu compatriota.

A pistola virou-se para Ray.

– Despe-te.

– O quê? – disse Ray em inglês. – Mate-me vestido.

– *Auf Deutsch.*

Ray pestanejou uma e outra vez e levantou as mãos. Os dedos fechados em punhos.

– *Schiessen Sie mich, aber ich ziehe mich nicht aus.*

O nazi riu e voltou a guardar a arma no coldre.

– *Nein*, não te vou matar. Já estás morto. E o Oberleutnant continua vivo.

– É louco.

– *Nein, nein.* Sou esperto. Ele vai vestir a tua farda e tu usarás a dele. Está tudo muito claro.

– O quê? Isto é uma loucura.

– Quando a noite chegar, irás embora. Se usares a farda americana, serás apanhado e eu direi que mataste o Oberleutnant. Irão torturar-te e depois matar-te. Se vestires a farda da Luftwaffe, é possível que sobrevivas.

Ray sentia a cabeça a andar à roda.

– Isto é... isto é uma loucura. Eu rendo-me. Leve-me à Luftwaffe.

– *Nein*. Tens de te ir embora. – O nazi rolou o oficial morto até um quadrado escuro na neve, uma cova aberta e parcialmente cheia de neve.

Ray respirava por entre dentes cerrados. Aquilo fora assassinio premeditado. O homem sabia que a Luftwaffe viria. Ray era o isco na tortuosa armadilha daquele homem.

O nazi olhou por cima do ombro para Ray.

– Veste as roupas dele e traz-me as tuas. Vais buscar os teus pertences à cave. São úteis e os oficiais da Luftwaffe têm por vezes equipamento americano tirado aos prisioneiros... ou aos mortos. E dá-me a tua placa de identificação militar.

– *Nein*. – Ray levou de imediato a mão ao peito. A partir daquele momento seria dado como desaparecido em combate, o que permitiria aos seus amigos e familiares terem alguma esperança. Se a sua placa de identificação passasse para o homem morto, a sua condição mudaria para morto em combate. Como podia ele fazer isso a Helen e à sua família?

O nazi aproximou-se de Ray e estendeu a mão.

– Já fiz isto duas vezes. Não sei se os homens ainda estão vivos e pouco me importa. Consegui a minha vingança. A Alemanha roubou-me os meus três filhos e eu roubei-lhe três dos seus. Mas tu, Herr Novak, podes viver.

Na sua mente, Ray conseguia ver os bonitos olhos cor de chá de Helen. Tinha de aproveitar a oportunidade, por mais remota que fosse, para voltar a contemplar aqueles olhos.

Ray passou a placa por cima da cabeça e entregou a sua identidade – a sua vida – nas mãos do nazi.

Para viver, tinha de morrer.

Antioch

Q uinta-feira, 18 de janeiro de 1945

– Este é o último. – Helen passou o seu caderno de apontamentos e todo o trabalho de voluntariado para as mãos de Allie Novak. Trabalhar a tempo inteiro para Vic não lhe deixaria tempo para o voluntariado.

Allie colocou todos os bonitos cadernos de apontamentos de Helen sobre a mesinha do café dos Novak, pois o seu colo tornara-se demasiado pequeno com o bebé a crescer dentro da sua barriga.

– Farei o meu melhor. Sei como é importante.

Helen fez um pequeno e rápido aceno de cabeça para estancar as lágrimas.

– Vais sair-te muito bem. – Nos últimos meses, Allie provara ser uma trabalhadora incansável e eficiente.

– É preciso eu e a Betty para fazer uma Helen – disse Allie com o seu sorriso tímido. – A Betty conversa com as senhoras e motiva-as e eu certifico-me apenas que ela cumpre a agenda.

– Nada disso. A Allie faz o trabalho pesado e aborrecido e todas sabemos que é assim. – No cadeirão, Betty bebericava o seu chá. – Mas, Helen, é bom que não demores muito a render-nos. Este tipo de coisa dá cabo de mim. Até quando vais ter de trabalhar a tempo inteiro?

– Até ao final de agosto, quando puder ter a minha própria casa. – O seu plano era tirar cinco meses à sentença.

Betty esfregou a barriga arredondada.

– Que pena não poderes pedir dinheiro ao pai, mas ambas sabemos o que ele pensa. Já somos crescidas. Não me venham pedir nada. – Soltou uma gargalhada, mas ela podia dar-se ao luxo de rir. Tinha um marido bom e um lar seguro. – Porquê a pressa de sair?

Helen olhou para o seu colo vazio.

– Já importunei os Carlisle durante tempo suficiente. Eles merecem ter paz e sossego de novo.

Betty e Allie assentiram como se entendessem, mas nunca poderiam saber a verdadeira razão que levava Helen a partir o seu próprio coração sacrificando o seu trabalho.

Ma o seu coração doía porque estava a abandonar o objetivo que Deus lhe dera? Ou não passava de uma dor egoísta e orgulhosa, porque a única maneira que conhecia de agradar às pessoas era através de feitos?

– Quem quer uma fatia de bolo? – Mrs. Novak entrou na sala com um bolo com uma cobertura de açúcar. – O Ray faz hoje trinta e dois anos.

Helen inspirou com força. Se não o tivesse afastado, ele estaria em casa a comemorar. Talvez até pudessem estar a comemorar juntos.

– Nem pensar – contrapôs Betty. – Devia partilhá-lo com a sua família.

Mrs. Novak colocou o bolo na mesinha do café.

– O pastor Novak tem de ter cuidado com o peso, a Allie não pode comer muitos doces e assim

só sobre eu. Para além disso, os meus pequenos ajudantes estão na cozinha a comer o que ficou na forma, por isso as suas mães também deviam provar.

O bolo parecia de facto ter sido decorado pelo Jay-Jay e pela Judy. Mrs. Novak tinha-os chamado assim que entraram. Daria uma excelente avó.

– No próximo ano – declarou Mrs. Novak com uma expressão firme. – No próximo ano, o Ray já estará em casa para celebrar e o Jack e o Walt também. Volto já com pratos e garfos.

A campainha tocou e ela sorriu.

– Depois de ter ido ver quem está à porta.

Helen olhou para o pequeno bolo. Dali a um ano, Jay-Jay teria quase quatro anos. Ela estaria na sua própria casa e poderia retomar o trabalho de voluntariado. Mas estaria sozinha. Por certo a guerra já teria terminado. Ray viria para casa e encontraria uma mulher descomplicada e sem problemas para ser sua esposa.

Mrs. Novak parou à entrada da sala, a sua face tão cinzenta quanto as madeixas no seu cabelo preto.

– Devia... haver... um limite.

Dois envelopes tremiam na sua mão. Telegramas da Western Union.

Dois anos antes, Helen rira ao receber o seu telegrama, mas agora sentia picadas no rosto à medida que o sangue parecia abandonar aquela zona.

– Este... este é o meu quarto telegrama do Departamento da Guerra. Um quando o Walt foi ferido, dois quando o Jack foi ferido, e agora... Devia haver... não acham que devia haver um limite?

Um dos irmãos estava ferido, desaparecido ou morto. Helen apertou as mãos no colo e rezou para que não fosse Ray. Mas era errado esperar que fosse Jack ou Walt, principalmente com a mulher grávida de Walt na sala.

– Muito bem, mãe, vamos sentar-nos. – Allie guiou a sogra até ao cadeirão. – Quer que vá primeiro à igreja chamar o pai?

– Não, Allie, fica. Eu vou avisar o pastor Novak – Betty saiu disparada pela porta da frente.

Helen não conseguia respirar nem mover-se, mas as mulheres que ela diminuía – uma como rapariga da sociedade inútil e a outra como arejada – eram as únicas capazes de fazer alguma coisa.

– Prefere esperar pelo pai? – perguntou Allie.

– Não... não. Tenho-vos a vocês. – Os olhos de Mrs. Novak brilhavam, fixos nos envelopes.

Allie ajoelhou-se ao seu lado.

– Esta veio de Inglaterra, não do Departamento de Guerra. Quer abri-la primeiro?

Mrs. Novak acenou afirmativamente com a cabeça e meteu um dedo sob a aba do envelope com uma expressão servil. Helen entendia. Enquanto o envelope permanecesse fechado, podia fazer de conta que os seus três filhos estavam vivos e inteiros.

Helen enrolou os braços em volta do estômago, sentindo um enorme nó na garganta.

– Não consigo. Os meus dedos. Allie, podias... é pedir demasiado...?

Allie abanou a cabeça, sugou os lábios para o meio dos dentes e abriu o envelope. Depois sentou-se nos calcanhares para ler.

– O telegrama é do Jack

Helen engoliu um soluço. Isso significava que era Ray. Walt não fazia missões de combate. Os

V-1 e os V-2 matavam milhares de civis, mas ninguém enfrentava maior perigo do que os aviadores.

Allie levantou-se sobre os joelhos e pousou uma mão no braço da sogra, o seu olhar doce mas forte.

– O avião do Ray foi abatido sobre a Alemanha.

Helen tapou a boca com a mão, calando um grito.

Mrs. Novak gemeu, levou as mãos à cara e abateu-se sobre os joelhos.

Allie esfregou-lhe os ombros.

– O Jack diz que foram vistos pelo menos três para quedas. Também diz que não devemos perder a esperança. Não podemos.

Esperança? No melhor dos casos, Ray era um prisioneiro de guerra durante o inverno mais frio alguma vez registado na Europa.

– Tenho a certeza que ele deve estar a salvo no campo de prisioneiros. – Allie abraçou a sogra.

– Não tardarão a avisar-nos. Jack vai mandar uma carta com mais pormenores. Não podemos perder a esperança.

Semanas passariam enquanto esperavam por notícias, mas não chegariam nenhuma. Apenas três para quedas. Ray seria o último homem a saltar, não um dos primeiros. Isso significava...

O seu olhar foi pousar no pequeno bolo branco, que nunca seria degustado, para um aniversário que nunca mais seria celebrado.

Helen reprimiu um soluço. Não possuía o direito de o chorar. Tinha matado outro homem.

*

Ao longo do rio Lech, Alemanha

Sábado, 20 de janeiro de 1945

Ray caminhou penosamente para sul pelas florestas nevadas, tendo o cuidado de manter o rio River sempre à vista, à sua esquerda. Nunca antes sentira tanto frio e tanta fome.

A farda da Luftwaffe havia sido concebida para aquecer, com um casaco de malha sob o casaco da farda azul-acinzentado, calças grossas e um sobretudo pesado, mas Ray não conseguia deixar de tremer ao pensar que estava a usar as roupas de um morto.

Johannes Gottlieb era o seu nome.

Oberleutnant Johannes Gottlieb. Segundo o seu cartão de identidade, tinha vinte sete anos, cabelo preto e olhos azuis, era alguns centímetros mais alto que Ray e vários quilos mais leve, a julgar pela forma como a farda lhe estava apertada.

Johannes Gottlieb morrera para que Ray pudesse usar aquela farda.

Parou e esfregou os olhos para afastar a imagem mental da morte de Johannes. O funcionário nazi havia cometido assassinio premeditado por três vezes, mas bem que podia também ter morto Ray e os outros aviadores aliados.

Quais eram as suas hipóteses?

Usar uma farda inimiga dentro das suas fronteiras era motivo para execução sumária de

acordo com as Convenções de Genebra. Ainda que chegasse às linhas aliadas ou à fronteira com a Suíça, como iria atravessá-la?

Ray rodeou um matagal denso, um bom local para se esconder durante o dia, mas queria continuar durante mais uma hora. Pelo bem de Johannes, precisava de continuar.

Na primeira noite atravessara Friedberg e o rio Lech, a sul de Augsburg, na mota com *sidecar* de Johannes. Ninguém o mandara parar. Quando ficou sem gasolina, abandonou a mota numa vala. Não podia ir comprar combustível com o seu sotaque. Nem sequer sabia como funcionava o racionamento alemão.

Depois de ter reunido as suas provisões no para quedas, seguiu a pé. A sul, o rio Lech conduzia aos Alpes e depois esperava continuar para oeste em direção à Suíça.

Um objetivo infrutífero. Seriam, pelo menos, cento e sessenta quilómetros no pico do inverno e com pouca comida. O saco do seu para quedas continha duas rações de combate com três refeições cada e o *kit* de sobrevivência incluía cubos de caldo, chocolates e anzóis. O pobre Johannes tinha bastante dinheiro na carteira, mas Ray não podia ir simplesmente dar um pulinho à cidade para comprar comida.

Ray observou o céu nublado por entre os ramos das árvores.

– Meu Deus, não quero perder a esperança. Preciso de esperança para sobreviver mais do que necessito de comida.

A esperança mantinha os seus pés em movimento – a esperança que pudesse de alguma forma voltar a ver Helen.

Porque não lhe dissera que a amava? As suas razões pareciam boas na altura, porém, agora pareciam vazias. Ela devia pensar que ele estava morto e era provável que em breve isso viesse a acontecer. Seria mais fácil ou mais difícil para ela suportar a notícia se soubesse que ele a amava?

Ray entrou numa clareira. Estacou e correu a esconder-se atrás de uma sempre-verde. Fora descuidado. A fadiga, o horror e o stresse estavam a afetá-lo. Encostou a testa ao tronco da árvore. *Senhor, não sei durante quanto tempo mais vou conseguir aguentar. Mostra-me o que fazer. Dá-me um sinal.*

Espreitou em redor da árvore e esforçou-se por ver através da escuridão. Era apenas uma clareira e não uma estrada ou um tributário ou o fim do esconderijo. Uma chaminé erguia-se no meio da clareira onde a neve jazia plana e nivelada.

Ray inclinou-se para a frente. Existira ali uma casa e uma depressão arredondada ao lado das fundações mostrava que uma bomba tinha arrasado a construção.

Talvez houvesse uma cave. Quem sabe pudesse até dormir um pouco. Não teria de se esconder nos arbustos enrolado no para quedas para se confundir com a neve, alerta e à escuta de passos e vozes, qualquer segundo de sono interrompido por pesadelos sangrentos.

Ray saltitou por cima de madeira queimada e coberta pela neve batendo no chão com as suas botas de pele pretas. Ouvia um som oco perto da lareira. Sob a neve encontrou um alçapão. Levantou-o e desceu um lanço inclinado de escadas.

Tateou às cegas na escuridão por cima de sacos grossos de pano e sentiu o cheiro terroso de batatas.

Pela primeira vez em vários dias um sorriso aflorou ao seu rosto.

– Comida e abrigo. Senhor, és bom para mim.

Talvez pudesse ficar ali alguns dias e descansar antes da viagem que ainda tinha pela frente. Pousou o para quedas e saiu para inspecionar a área.

Nada para leste a não ser o rio, e a sul também parecia não haver nada. Depois dirigiu-se para oeste. Pelo que conseguia ver, a floresta formava uma faixa com cerca de oitocentos metros ao longo da margem do rio.

Quando as árvores se tornaram mais esguias, Ray agachou-se. A terra à sua frente estendia-se plana e vazia. Esperou e ficou à espreita até o negro da noite se transformar no cinzento da madrugada.

À distância avistou largos edifícios quadrados.

– Hangares – murmurou Ray.

Não eram apenas hangares, mas também pistas de descolagem e cerca de duas dúzias de caças espalhados pelo perímetro. Se ao menos Ray pudesse saltar para o *cockpit* de um daqueles aviões e voar dali para fora... Um pensamento louco, principalmente quando viu a forma triangular dos caças. Aqueles não eram aviões normais. Eram caças a jato. O *Messerschmitt 262*.

Ray sorriu com aquela ironia. A vida era assim. Chegara a Lechfeld, o seu alvo principal no dia em que fora abatido, quando Jack lhe dissera para ir rebentar uns quantos caças.

Talvez pudesse atirar umas pedras e completar a sua missão.

Ray rastejou de volta até às árvores, levantou-se e sacudiu a neve da sua farda. Lã húmida. Orvalho no velo de lã. Não tinha ele rezado por um sinal à semelhança de Gedeão?

Uma base aérea da Luftwaffe. Uma farda da Luftwaffe.

Um novo plano rodopiou na mente de Ray e trouxe-lhe paz. A sua farda não chamaria a atenção por aquelas bandas. Tinha comida e abrigo e equipamento de sobrevivência. Ao invés de tentar alcançar os Aliados, esperaria que os Aliados o alcançassem a ele. Os perigos da frente que se aproximava não podiam ser maiores do que os perigos de atravessar território inimigo.

Ray passou a mão pela barba cerrada. Se pretendia passar despercebido, teria de usar as lâminas do seu *kit* de fuga.

Antioch

Sábado, 10 de fevereiro de 1945

– Preterido por um cão.

– *Humm.* – Helen remexeu o gelado. Escutar a conversa da irmã por entre a multidão de sábado à tarde no White Fountain já era suficientemente difícil sem o envelope a chamar por ela da sua carteira.

– Com franqueza, Helen! Não ouviste uma palavra do que eu disse.

– Claro que ouvi. – Limpou uma mancha de chocolate da boca irrequieta de Jay-Jay. – Estavas a falar sobre os LeRoy. O chefe da polícia LeRoy morreu em dezembro, e era ainda tão jovem. E o pobre do Leon estava embarcado e só soube da morte do pai quando atracaram, depois tenta vir a casa para consolar a mãe e o seu lugar no voo militar é ocupado pelo cão de Elliott Roosevelt.

– O filho do presidente. Apareceu na revista *Time* e tudo. Pergunto-me se Antioch alguma vez foi mencionada na *Time*. Sim, é verdade que o coronel Roosevelt não fazia ideia que o seu cão ia ter tratamento real e ficou escandalizado. *Ups!* A *jukebox* precisa de outra moeda. – Betty saltou do lugar, muito ágil para quem estava grávida de seis meses. Dali a poucos segundos, Bing Crosby cantava «Swinging on a Star».

A pequena Judy balançava para a frente e para trás na sua cadeira, misturando o charme de Betty e de George.

– «Oo oo ai ai dee daw» – cantou ela.

Jay-Jay tocou no braço da prima com a colher.

– Não, Doody. É «Woo doo wike do sing a staw».

Betty soltou uma risadinha e limpou o gelado do braço da filha.

– Vai fazer três anos na sexta-feira e já sabe tudo.

Helen sorriu, mas era doloroso. O cabelo de Jay-Jay estava curto, reduzindo os seus caracóis a uma pequena onda no cimo. Perdera o aspeto roliço das suas bochechas, braços e joelhos, mas felizmente estava cada vez mais parecido com o lado materno da família.

– Pelo amor de Deus – resmungou Betty. – És capaz de ler essa carta logo de uma vez?

A mão de Helen contraiu-se em redor da carteira.

– Não é a melhor altura. É a festa de aniversário do Jay-Jay.

Betty arqueou uma sobrancelha.

– E tu estás com grande disposição para festas. Vá, lê. Pior não pode ficar.

Helen suspirou e tirou as duas páginas escritas por Ray.

Catorze de janeiro. Um dia antes de ter sido abatido. A sua última carta dele. Ainda que tivesse sobrevivido, como toda a gente na cidade acreditava, no campo de prisioneiros só teria direito a escrever algumas cartas por mês, que seriam para os seus pais, não para ela.

Recompôs-se e leu em silêncio:

O dia de hoje terminou tarde e o de amanhã começará cedo, por isso vou direto ao assunto. Exprimiste algumas preocupações sobre pensamentos homicidas relativamente a Jim. Acredita, também eu já tive pensamentos semelhantes. Os teus são fruto da ira justa de uma mulher magoada.

Por favor, rejeita as mentiras. Não és responsável pela morte de Jim. Se os teus modos gentis e as tuas palavras doces não o convenceram a tratar-te de forma correta, então não podes acreditar que o convenceste a alistar-se.

Tens um coração bom que pertence ao Senhor e com o tempo aprenderás a perdoar ao Jim. Mas também precisas de perdoar a ti própria. Apaixonaste-te por um homem charmoso – o que não é um pecado. As estrelas nos teus olhos impediram-te de ver os seus modos controladores e empurraram-te para o casamento – o que também não é um pecado. Quando a sua verdadeira natureza se tornou visível após o casamento, já era demasiado tarde. O pecado foi ele que o cometeu. Ele e apenas ele.

O Senhor ama-te e perdoou-te no momento em que lhe pediste. Acredita nele. Confia no seu perdão.

Por favor, para de pedir desculpa por me «sobrecarregares» com os teus problemas. Não te tenho eu sobrecarregado com os meus também? Uma coisa que aprendi este ano é que todos temos problemas e necessitamos da mão curativa de Deus. A nossa partilha mútua é para mim uma honra.

Helen não podia continuar a ler se pretendia manter a compostura.

– E então...? – Betty limpava a boca à filha.

Helen inspirou.

– Vou sentir falta das cartas dele.

– Que disparate. Sabes que ele está bem. Com as nossas tropas no Reno, a guerra na Europa não tardará a terminar. E ele virá para casa para te conquistar.

Helen lá conseguiu rolar os olhos como costumava fazer quando a irmã falava daquela maneira.

Betty levantou a cabeça.

– Oh, Dorothy, que bom teres vindo.

Dorothy Wayne puxou uma cadeira e sentou Susie ao seu colo.

– Desculpem o atraso, mas não tive coragem de a acordar da sesta.

A menina de dez meses esfregava os olhos com a cabeça encostada ao peito da mãe.

– É incrível como ela é tão parecida com o Art – comentou Betty.

– Fico tão feliz. – Dorothy beijou o cabelo castanho e liso da filha. – O Art já está na Itália há um ano e meio. Às vezes... às vezes tenho medo de me esquecer de como ele é, mas depois a Susie faz uma expressão como as do Arthur e fica tudo bem.

Helen sentia a cabeça pesada. Ray não tinha um filho, alguém com olhos cinzentos contemplativos.

– Estás bem? – inquiriu Dorothy com a testa franzida.

– Sim, claro. – No entanto, Helen não era capaz de coordenar o sorriso. – É só... meu Deus, os miúdos, como eles crescem. Não tardarão a ir para a escola, a arranjar trabalho e a casar.

Betty riu.

– Ele vai fazer três anos, não dezoito.

Helen anuiu, mas era perfeitamente capaz de ver o homem que existia dentro do seu rapazinho.

– E então, como vão as coisas? – O tom de voz de Dorothy era casual, mas mostrou a Helen o olhar confidencial que partilhavam desde o Natal.

Helen devolveu o olhar.

– Na mesma. – O lar dos Carlisle atravessava um período de calma entre as tempestades.

– Como vai o teu trabalho de voluntária... oh, pois, passaste as tarefas à Allie, não foi?

– *Hum-humm*. – Helen raspou a última colher de gelado. – Lembra-me. Encontrei o meu caderno de apontamentos do chá de primavera do ano passado. Tenho de o ir entregar quando for para casa.

Dorothy esbugalhou os seus olhos castanhos.

– Não vais a casa dos Novak hoje, pois não?

– *Hum*, sim. – Helen arqueou uma sobrancelha.

– Não soubeste? É terrível, mas Mister Wayne diz que é melhor saber a verdade do que sofrer à espera.

As palavras ecoavam em redor da cabeça de Helen, e ela tentou bloqueá-las, impedi-las de chegar aos seus ouvidos, à sua mente.

– Dorothy – disse Betty, a sua voz firme. – Não fazemos ideia do que estás a falar.

Mas lá bem no fundo, Helen sabia. Sabia desde que o telegrama chegara e não conseguira respirar.

– Meu Deus! – exclamou Dorothy. – Pelos vistos, ainda não se sabe. O meu sogro faz parte do conselho dos anciãos. É por isso...

– Não se sabe o quê? – indagou Betty.

As pálpebras de Helen tremularam. A taça do gelado permanecia à sua frente, manchas brancas sujando a sua limpidez do vidro. O gelado derretido acumulado no fundo da taça onde não podia ser alcançado, onde nunca poderia ser alcançado.

– Tiveram ontem notícias da Cruz Vermelha Internacional. Receberam a placa de identificação militar de Ray.

Ray estava morto. O seu corpo jazia na Alemanha, esmagado ou queimado, apagada a luz que dele emanava. Nunca mais sorriria, falaria ou voltaria a escrever. Como... como podia alguma vez... extinguir-se tal luz?

Das profundezas da sua alma elevou-se um gemido para logo em seguida se escapar.

– Estão... oh, meu Deus, esqueci-me por completo. Vocês namoraram o ano passado. Oh, Helen, lamento.

Ondas convulsivas agitaram o seu corpo como as dores de parto antes de o pai lhe dar éter. Não eram as dores da vida a tentar alcançar a luz e o ar, mas sim dores de morte a extinguir a sua luz, a cortar-lhe o ar.

– Temos de a tirar daqui – sugeriu Betty. – Lembraste de como ficou histérica quando o Jim morreu?

Betty e Dorothy recolheram as crianças, pagaram a conta e levantaram Helen. A sua perna esquerda não se movia, recusava-se a mexer.

Betty passou o braço em redor da cintura da irmã e arrastou-a para fora do White Fountain.

– Vamos, querida. Vamos para minha casa.

As contrações de Helen foram puxando sons animalescos que não pertenciam à G Street num sábado à tarde, mas não conseguia parar.

– Não posso acreditar – declarou Dorothy. – Não posso acreditar como pude ser tão insensível.

– Ela acabaria por saber – contrapôs Betty. – E mais vale agora do que amanhã na igreja.

Helen olhou para o céu, cinzento como os olhos de Ray, os seus olhos fechados e enterrados. Como podia voltar a olhar para o céu, o céu que ele amava, o céu que o traíra?

*

Lechfeld

Segunda-feira, 12 de fevereiro de 1945

Ray encontrava-se sentado de pernas cruzadas no chão da cave, de roupa interior de inverno, o capacete de couro e o sobretudo pelos ombros.

Dobrou a página da Bíblia no décimo segundo capítulo do Êxodo – o segundo livro para o segundo mês, e o décimo segundo capítulo para o décimo segundo dia. Depois deu corda ao relógio de Johannes. Aqueles dois hábitos diários mantinham-no ligado ao mundo real.

Uma réstia de luz entrava pela ranhura de uma janela perto do teto. Ray avançou para o verso que lhe havia chamado a atenção mais cedo nessa tarde. Em São João 4:34, Jesus dizia: « O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra.»

Ray suspirou.

– Então isto é fome verdadeira.

Não tinha outro propósito para além de sobreviver. Não tinha ninguém para ensinar, ninguém para quem pregar e ninguém para aconselhar.

– Quem sou eu, Senhor, se não posso servir-te?

A única coisa que podia fazer era rezar, o que fazia com cada vez mais fervor. Apoiou os cotovelos nos joelhos e descansou a testa nas mãos. Louvava Deus pelo nascer do Sol e rezava para ver o próximo. Implorava a Deus que confortasse a sua família e pleitava por Helen com os olhos tão fechados que chegava a ver estrelas.

– Senhor, se houver uma maneira, qualquer maneira, mostra-lhe que estou vivo e que a amo e que não a culpo. Mas, mais importante, mostra-lhe que estás vivo, mostra-lhe que a amas, mostra-lhe que não a culpas.

A luz começava a diminuir e Ray precisava de terminar a sua rotina da noite.

Vestiu a sua camisa azul-clara e as calças cinzento-azuladas, que já não lhe ficavam apertadas. Depois, foi a vez da gravata, do casaco de malha e do casaco da farda. Por fim, vestiu o sobretudo, calçou as botas e pôs as luvas, e trocou o seu aconchegante capacete de aviador pelo boné pontiagudo nazi. Por último, atou o lenço cinzento que Helen lhe oferecera em redor do pescoço e beijou-o, o único objeto para o lembrar de casa.

Mergulhou a escova de dentes do *kit* de sobrevivência na água gelada recolhida no capacete de aço e raspou a imundice dos dentes.

Fedia.

Lavava-se todas as noites com um pedaço do para quedas. Às segundas-feiras enxaguava a roupa interior na água do rio e às quintas a camisa, mas sem sabão o cheiro piorava a cada dia.

Ray examinou os bolsos do sobretudo para verificar se tinha os abastecimentos da noite – a serra em miniatura do *kit* de fuga, a navalha, a sua batata diária e os seus dois últimos fósforos. Se o pobre Johannes não fosse um fumador, Ray já teria ficado sem fósforos há muito tempo. Nunca fora bom a fazer fogo esfregando dois paus e não estava ansioso por começar.

No cimo dos seus abastecimentos, colocou o largo pedaço de para quedas que utilizaria como bandeira branca no dia abençoado em que ouvisse vozes americanas ou inglesas. No bolso do peito guardou mais pequenos pedaços para usar como lenços ou papel higiénico.

Ray acomodou-se para rezar e esperar.

Às nove horas subiu a escada da cave e, lentamente, empurrou o alçapão. A semana anterior, depois de um nevão, tivera grandes dificuldades em levantá-lo.

Não foi recebido por nenhum pelotão de soldados alemães e suspirou de alívio enquanto saía para a noite gelada e escura. Não havia estrelas, à semelhança das restantes noites. Para além do estranho gemido dos *Me 262*, não ouvia o barulho de aviões desde cinco de fevereiro. Estaria a Oitava Força Aérea retida em terra ou estariam a concentrar esforços a norte e a oeste?

Ray caminhou para norte, tendo o cuidado de pisar as suas próprias pegadas de modo a parecer que apenas um homem tinha ali passado uma única vez.

Depois de ter visitado o local que elegera como latrina, dirigiu-se para sul ao longo das margem do rio até ao sítio onde esticara a linha de pesca entre dois arbustos de cada lado de uma pequena enseada. A essa linha estava presa outra mais curta com o seu último anzol.

A linha estava completamente esticada e Ray sorriu. Puxou um peixe prateado com cerca de vinte cinco centímetros. O que quer que fossem aqueles peixes, gostavam das águas frias do rio Lech e dos seus baixios pedregosos.

Ray sentia vontade de assobiar enquanto se dirigia para o local onde confeccionava a comida, situado a uma boa distância da cave para que o fumo e o cheiro a peixe grelhado não atraísse ninguém ao seu esconderijo. Em noites como aquela, com uma boa refeição à sua frente, orgulhava-se de ser capaz de sobreviver pelos seus próprios meios – e atrás das linhas inimigas. Outras noites havia em que se sentia mais um texugo do que um homem.

Escondidos sob um arbusto, Ray retirou o tripé que construía com ramos atados com corda do para quedas, a colher de pau e o prato que talhara. Limpou um pedaço de neve no chão e conseguiu fazer fogo com apenas um fósforo. Em seguida colocou o tripé por cima das chamas e pendurou nele o capacete a fazer de caldeirão.

Depois de ter amanhado o peixe, cozinhou-o no capacete com a batata descascada e cortada. Crescia-lhe água na boca. Ainda que não tivesse fome, haveria de gostar do sabor daquele peixe, muito parecido com o salmão, com um sabor que lhe lembrava o tomilho.

Ray sentou-se num tronco e agradeceu a Deus aquela refeição. Planeou o resto da noite enquanto comia.

Depois de arrefecer o capacete na neve, lavá-lo-ia no rio e em seguida ferveria a água para beber. Já se tinham acabado as pastilhas para purificar a água, por isso tinha de ter cuidado. O passo seguinte seria apagar a fogueira com neve, um espetáculo de silvos e estalidos. Antes da madrugada regressaria para tapar o local com neve.

O resto da noite seria passado a percorrer a floresta em volta do aeródromo. Alguns dos jatos

encontravam-se estacionados a pouco mais de trinta metros da linha de árvores. A maioria dos aviadores aliados via aqueles pássaros passar a mais de oitocentos quilómetros por hora. Seria Ray o primeiro a ver um de tão perto?

Fez um esgar.

– O Walt iria morrer de inveja!

Fechou a boca. O silêncio era a sua regra de ouro e, se tinha de falar, era bom que fosse em alemão.

Ray pegou num pedaço de madeira que sobrara quando fizera o prato e a colher. Walt era o entalhador da família, mas Walt não estava ali.

Ray guardou a madeira no bolso do sobretudo. Se saísse dali vivo, levaria ao seu irmão mais novo um modelo de um *Me 262*.

Pena não poder mostrar-lhe um de verdade.

Antioch

Domingo, 18 de fevereiro de 1945

Exibindo um sorriso dorido e civilizado, Helen deambulou pelo Fellowship Hall como se tivesse um propósito.

Durante anos fingira dor quando se sentia bem e agora tinha de fazer de conta que se sentia bem quando sofria. Não tinha o direito de chorar por Ray. Não desejara ela manter o romance deles em segredo? Se pudesse recuperar esse tempo, gritaria ao mundo o quanto o amava.

Alguém esbarrou contra o seu cotovelo esquerdo e Helen arquejou e quase entornou o chá. Por momentos, a dor aguda fê-la esquecer a dor que lhe consumia a alma.

Mrs. Llewellyn pousou-lhe uma mão no ombro.

– Desculpa, Helen. Estás bem?

Helen esfregou o braço e obrigou-se a formular uma frase.

– Estou, sim. Escorreguei ontem com a chuva e bati com o cotovelo.

– Devias ter mais cuidado – disse o juiz Llewellyn.

– Eu... sei. – Como podia ela conversar com os Llewellyn?

– Foi um sermão muito comovente – comentou o juiz.

Mrs. Llewellyn inclinou-se.

– Não sei como foi que o pastor Novak conseguiu subir para ali hoje. São ambos tão fortes, não são?

Do outro lado do salão, o pastor e Mrs. Novak conversavam com os Wayne. O pastor tinha o braço em redor da cintura da mulher e estavam ambos vestidos de preto e exibiam expressões corajosas, embora pálidas.

O espaço comprimiu-se em redor de Helen, deixando escapar todo o ar.

– Eu... peço desculpa. Vou buscar mais chá. – Colocou a chávena na primeira mesa que viu, agarrou na gabardina e fugiu do salão para a chuva, lutando para a vestir, as mangas completamente enroladas.

Um soluço aflorou à sua garganta e as lágrimas e a chuva misturaram-se no seu rosto. Quando Jim morrera, Helen tinha-se concentrado com precisão e toda a gente a considerara forte.

Pensou que havia representado bem a dor, mas estava enganada. Os seus lábios não tremiam; contraíam-se. Na dor verdadeira, não conseguia pensar como devia ser, não parava de fazer estranhos movimentos com as mãos e nada a fazia sentir-se melhor. Nem o trabalho, nem o descanso, nada.

Helen puxou o capuz para cima. O sermão tinha piorado ainda mais as coisas.

O pastor Novak não mencionara a sua perda. Não precisava de o fazer. Falara com grande dificuldade, fazendo grandes pausas, e as suas mãos não haviam deixado o púlpito.

Como podia ele suportar a perda do seu filho primogénito?

Helen levantou a cara para a chuva.

– Senhor, eu destruo os homens que amo. Não me deixes destruir também o Jay-Jay.

Jay-Jay?

Parou tão depressa que um dos pés escorregou-lhe. Jay-Jay fora à igreja com ela enquanto os Carlisle ficavam em casa com constipações. Correrá por todo o Fellowship Hall com Judy e os seus outros amiguinhos.

Jay-Jay ainda devia estar na igreja.

– Oh, não. – Desatou a correr, uma corrida um pouco coxa, com a perna a ceder a cada passo. Escorregou numa folha, gritou e agarrou-se a um poste de electricidade. Não podia dar-se ao luxo de ter dois acidentes em dois dias.

Jay-Jay estava bem. Por certo estaria a brincar. Ninguém deixaria o salão na próxima meia hora. Ele nem sequer daria pela sua ausência. Ninguém saberia que ela se tinha esquecido dele.

Ninguém poderia saber.

Todavia, uma minúscula figura encontrava-se frente à igreja, no passeio, demasiado perto da estrada. Um pequeno rapaz de cabelo loiro e sem casaco. O seu olhar varria a Sixth Street.

Helen deixou escapar um soluço.

– Oh, bebé. Oh, querido.

Correu para ele, para o seu rosto contorcido e gritos desesperados e ajoelhou-se no passeio escorregadio, puxando-o para os seus braços.

– O meu bebé. Desculpa. Desculpa.

Os seus gritos mudaram de tom e bateu-lhe com os pequenos punhos.

– Mamã má. Mamã má.

Helen encolheu-se e aguentou porque era isso que uma má mãe merecia.

Mas não. Não. Seria uma mãe ainda pior se deixasse aquilo passar.

– Não, querido. Não. – Pegou-lhe nos braços e segurou-o com força, o seu rosto vermelho e molhado a apenas alguns centímetros do seu. – Desculpa, querido. Desculpa ter-te deixado sozinho, mas não posso deixar que me batas. Não vais bater-me. Amo-te demasiado para o permitir.

Com toda a determinação, colou o olhar no filho – um olhar terno e arrependido, mas inflexível.

Os braços de Jay-Jay ficaram moles nas suas mãos.

– Mamã? – A sua voz pedia perdão.

– Bebé. Meu querido menino. – Puxou-o para os seus braços e enterrou o rosto no cabelo curto e molhado do filho. O seu peito arquejava com o dele, as suas lágrimas misturavam-se com as dele e toda a sua dor corria para uma poça grande e lamacenta.

Uma poça tão espessa e escura que não era capaz de ver a superfície.

*

Klosterlechfeld

Segunda-feira, 19 de fevereiro de 1945

Ray limpou a lama das botas, passou a língua seca em redor da boca e fechou os dedos em volta da maçaneta da porta.

Entrar na loja da vila exigia mais coragem do que a sua primeira missão de combate. Mas precisava de fazer aquilo. Expirou, abriu a porta e entrou.

O dono da loja conversava com uma senhora de meia idade junto ao balcão e acenou ao vê-lo entrar.

O coração de Ray saltitava como um peixe moribundo e percorreu o corredor. Não olhava nos olhos de outro ser humano há um mês e já esquecera o poder que isso tinha.

Com respirações longas e regulares, perscrutou as prateleiras vazias. Encontrou sabão, mas necessitava de uma senha de racionamento, e parecia estragado, cinzento e cheio de grumos. Que pena. Sentir-se peganhento e malcheiroso era quase pior do que sentir o estômago vazio.

Graças a Deus – fósforos. Ray abriu a caixa e sorriu ao sentir o aroma a enxofre. Nas duas noites anteriores não conseguira acender o fogo. As batatas cruas eram difíceis de digerir e a disenteria já começava a instalar-se, uma vez que não podia ferver a água. Conseguia sentir cada uma das suas costelas.

Ao fundo do corredor um cartaz dizia aos clientes que podiam servir o Führer pescando o seu próprio peixe para comer. Ray aceitou o inesperado bônus de anzóis e fio de pesca. Agora não teria de pensar numa forma de os obter quando o seu *stock* chegasse ao fim.

Ray ranguu os dentes para a parte mais difícil. Colocou as suas compras sobre o balcão, frente ao dono da loja, um homem de idade com as maçãs do rosto arredondadas e salientes. O odor corporal invadiu-lhe as narinas. Talvez com a escassez de sabão, o corpo sujo de Ray passasse despercebido.

– *Guten Morgen, Herr Oberleutnant.* Como vão as coisas com a Luftwaffe? Todos os dias oiço os vossos pequenos aviões.

– *Ja.* – A voz de Ray soou áspera pela falta de uso. Pigarreou.

– Está doente? A Luftwaffe não o alimenta bem? – Apontou para os anzóis.

A boca de Ray secou ainda mais. Qualquer resposta exigiria demasiadas palavras. Empurrou as compras mais para junto do homem.

– *Wie viel?*

O homem suspirou e fez a conta.

– Quanto é? Quanto é? Os jovens estão sempre com pressa.

Ray entregou o dinheiro ao homem e saiu dali com as compras no bolso.

No exterior, inspirou o ar fresco para acalmar o ritmo cardíaco. Tinha conseguido. Sim, o dono da loja achara-o mal-educado, mas conseguira.

Observou os edifícios brancos, cinzentos e amarelos com telhados pontiagudos e desprovidos de neve, graças a uma recente vaga de calor. Do outro lado da rua, uma tabuleta dizia «*Buchhandlung*».

Uma livraria? A boca de Ray formou um *O* e uma saudade tão profunda quanto a fome levou-o a atravessar a rua. Tinha bastante dinheiro. Sem senhas de racionamento não podia alimentar o estômago, mas podia alimentar a alma.

Abriu a porta e sentiu o cheiro a papel e a tinta e a cola de encadernação.

– *Grüss Gott.* – Atrás do balcão, uma mulher baixinha com tranças brancas mostrou a Ray um sorriso beatífico. Depois foi tomada por uma expressão de terror e elevou o braço. – *Heil Hitler!*

A pobre mulher pensou que estava metida em sarilhos por ter utilizado a tradicional saudação bávara. Ray sorriu.

– *Grüss Gott*.

Depois avançou para a prateleira mais próxima. O que estava ele a fazer? Nem sequer sabia dizer os Rs como devia ser. Mais valia pedir um cachorro quente e o jornal com as últimas notícias do baseball.

A estante à sua frente horrorizou-o com exemplares do *Mein Kampf* do teto até ao chão. O território inimigo não era local para ser gentil e amistososo.

Ray foi descendo pelo corredor. Muitos dos grandes autores alemães haviam sido banidos e apelidados de « degenerados » e o que sobrava fedia a propaganda nazi. Pegou num livro para crianças com poemas sobre animais, que parecia seguro e agradável.

E que tal uma biografia? Beethoven franziu o sobrolho a Ray e este sorriu e tirou o livro, um subtil ato de solidariedade com a causa aliada. A *Quinta Sinfonia* de Beethoven era o hino dos Aliados. Os poderosos acordes iniciais ditavam « ponto-ponto-ponto-traço », código morse para a letra V. Combinada com o numeral romano V, a sinfonia cantava « V de Vitória ».

Ray dirigiu-se para a secção de referência. Um dicionário? Seria bastante útil.

O seu queixo caiu. Um dicionário de Alemão-Inglês.

Estendeu o braço para o volume e depois encolheu-o. Isso iria marcá-lo como espião estrangeiro? Ou como oficial a expandir os seus conhecimentos?

Afagou a capa. Era uma compra arriscada, mas o alemão tinha os seus riscos.

Ouvia o sangue a correr-lhe nas veias, mas acrescentou o dicionário ao fundo da pilha e dirigiu-se para o balcão antes que mudasse de ideias.

– Três livros? – A vendedora esfregou as suas mãos antigas e elevou os ombros. – *Ach*, que homem simpático.

Apesar da determinação de Ray em ser impassível, sorriu. Não se havia apercebido o quanto se sentira sozinho.

– *Ach*. – Abraçou o livro de poesia. – Que livro tão bonito. As crianças vão adorar. Tem filhos ou filhas?

– *Nein*. – O seu sorriso esmoreceu. Quase tivera um filho. Se alguma vez regressasse a casa, daria aquele livro a Jay-Jay como presente de aniversário. Três anos. Já devia estar tão crescendo.

As mãos da vendedora pousaram sobre o dicionário e fi-tou-o.

Todos os músculos do corpo de Ray ficaram tensos, prontos para fugir. Se ela chamasse as autoridades, quão depressa conseguiria ele correr? Seria sensato voltar ao seu abrigo ou deveria abandonar aquela zona? Mas, se fugisse, perderia todos os seus abastecimentos.

– Os americanos vão chegar em breve, *nicht wahr?* – A sua voz tremeu.

Ray soltou a respiração. Com o degelo antecipado, a ofensiva de primavera estaria para breve e com ela viriam os americanos – a maior esperança de Ray e o maior medo daquela mulher.

– *Ja* – respondeu ele num tom suave.

Ela assentiu e mirou-o com olhos lacrimosos de um castanho muito claro, quase do tom do chá.

E nesse instante ela era todas as mulheres da sua vida – Helen, a sua mãe, a sua avó, todas de luto a meio mundo de distância. Não podia confortá-las, mas podia dar alguma paz àquela alma à sua frente.

Colocou a sua mão enluvada sobre a pequena mão enrugada da idosa, tão parecida com a mão da avó Novak

– *Keine Angst* – aconselhou ele, repetindo a grande ordem de Deus para que nada temessem.

Ela mostrou um pequeno sorriso trêmulo.

– *Ja, keine Angst*. Deus está comigo, e consigo também, *nicht wahr?*

Ray acenou afirmativamente com a cabeça, o seu coração repleto.

Pagou as compras e saiu antes que dissesse mais alguma coisa.

Aproximaram-se três oficiais da Luftwaffe e Ray estacou, preparado para fugir, porém, os homens levantaram as mãos numa saudação e continuaram o seu caminho.

Ray ficou imóvel durante um minuto para recuperar o fôlego e depois seguiu pelo passeio num passo determinado.

A sua conversa com a vendedora fora demasiado longa, demasiado arriscada. No que estava ele a pensar? Um mês escondido e quase deitava tudo a perder com umas poucas palavras.

Port Chicago

Terça-feira, 20 de fevereiro de 1945

Helen amarrotou a folha de papel, atirou-a para o caixote do lixo e depois massajou a cana do nariz. Tinha de se concentrar naquela carta.

O telefone tocou e Helen gemeu. Onde iria arranjar uma voz profissional de secretária?

– Gabinete do tenente Llewellyn, fala Mistress Carlisle.

– Olá, Helen. É Esther Jones.

– Esther. – Ao menos, Helen não teria de fingir um tom alegre. – Como está? Já arranjou trabalho?

– Sim, no NAACP em São Francisco. Divido um apartamento com algumas das raparigas do escritório. Sinto que estou a ajudar o Carver de alguma forma, ainda que pequena.

– E como está ele?

– Vai-se aguentando, mas é um teste à fé dele. Não foi feito para a vida na prisão.

– Claro que não. – Ele fora feito para a sala de aula. Helen enrolou o dedo no fio do telefone.

– Foi por isso que liguei. – A voz de Esther assumiu um tom mais determinado. – O tenente Llewellyn disse que saberíamos alguma coisa do recurso por esta altura, mas ainda não soubemos de nada. Vocês já?

– Eu não sei de nada. Deixe-me passar ao tenente. – Helen bateu na porta aberta do gabinete de Vic. Este levantou a cabeça de um livro de direito. – A Esther Jones ao telefone. Deseja falar contigo.

Arqueou as sobranceiras, inspirou profundamente e depois pegou no auscultador.

– Esther, que bom ouvir a sua voz. Como está?... Sim, sim, arranjou trabalho?... Fiquei muito bem impressionado com o NAACP durante o julgamento.

Helen voltou para a sua secretária e colocou uma folha no rolo da máquina de escrever enquanto Vic ia trocando conversa de circunstância com Esther.

– Sim, o recurso – continuou ele.

Os dedos de Helen pairaram sobre as teclas da máquina.

– Sim. Bem, recebi notícias esta manhã. Gostava que fossem boas notícias, mas lamentavelmente recusaram-se a ouvir o recurso.

– Oh, não. – Os dedos de Helen fecharam-se e ela pousou as mãos na secretária.

– Não. Não, não deram. Não têm de dar uma razão... Sim, eu sei que está errado.

Helen ficou à escuta.

– Quem me dera que houvesse, acredite em mim. Mas já esgotámos todas as nossas opções. Não há mais nada que possamos fazer.

Doía-lhe a cabeça com a injustiça de tudo aquilo. Como podia Esther aguentar? E como conseguiria Carver?

– Se puder fazer alguma coisa por si, o que quer que seja, por favor, diga-me. E, se surgir

algum dado novo, uma nova abordagem, eu não deixarei passar... Sim... E que Deus a abençoe também.

Helen não podia ficar sentada a datilografar. Levantou-se e pegou numa pilha de papéis para arquivar, contudo, as letras pareciam flutuar num mar cinzento.

Encostou a testa ao aço fresco do armário de arquivo. Como podia o mundo ainda girar sob o peso de tanta injustiça? Um homem inocente na prisão. Uma mulher separada do seu marido. Um homem bom arrancado da terra demasiado cedo. Um rapazinho preso num lar apostado em arruiná-lo.

Uma mulher a tentar pôr alguma ordem no caos.

Helen encostou os papéis ao peito. O trabalho não a confortava, nunca passara de uma falsa cura. Só Deus podia dar conforto, mas Helen andava tão ocupada que não passava tempo suficiente aos seus pés. Nem passava tempo suficiente com Jay-Jay. Mas, para bem do filho, tinha de pagar os últimos seis meses da dívida e sair daquela casa. Não podia pedir dinheiro ao pai sem revelar o segredo da família Carlisle, o que não estaria correto. E o pai já estava desapontado com ela por ter casado tão jovem. Se soubesse o grau da sua estupidez, perderia todo o respeito por ela.

– Estás cansada?

Helen levantou a cabeça.

– Cansada? Creio que sim.

Vic ergueu um dos cantos da boca e sentou-se na beira da secretária de Helen.

– Despachavas mais trabalho quando estavas aqui em *part-time*.

Helen abriu uma gaveta e arquivou uma pasta.

– Desculpa. Vou esforçar-me mais, prometo. – Fechou a gaveta e entalou um dedo. Soltou um grito e meteu o dedo na boca.

Vic cruzou os braços frente ao peito.

– Este tipo de trabalho não é para ti. Foste feita para ser a mulher de um homem sortudo, tratar eficientemente de uma casa, criar filhos e liderar todas as organizações cívicas da cidade.

Helen esforçou-se por conter as lágrimas.

– Isso não é uma opção.

– Claro que é. – A voz dele quase não a alcançava.

Helen encostou-se ao armário frio.

Vic pigarreou.

– Na noite da explosão recusaste o meu pedido de forma muito firme e eu jurei nunca mais voltar a falar desse assunto. No entanto, a minha oferta mantém-se. Irá manter-se sempre. Sabes o que sinto por ti.

Helen virou-se lentamente para a rota de fuga aberta à sua frente.

Vic olhava para os seus sapatos pretos e batia com os dedos nos braços cruzados. O seu queixo projetava-se para a frente.

Ele nunca levantaria uma mão contra ele – não aquele homem que havia lutado pelos oprimidos e que atirara o seu corpo para cima do dela durante a explosão. Era um bom homem, íntegro, e um bom amigo. Mrs. Carlisle dissera que tudo o que podia esperar de um segundo casamento era apoio e companheirismo e parecia ter razão. Se casasse com Vic, teria um bom marido, um lar seguro e podia desistir do trabalho e dedicar-se a tempo inteiro a Jay-Jay e ao

voluntariado.

– Está bem – disse Helen.

Vic fitou-a com o sobrolho franzido.

– Como?

Limpou a humidade dos olhos.

– Está bem. Caso contigo.

Vic deixou cair o queixo.

– O quê?

– Vou ser sincera. Não estou apaixonada por ti, mas gosto de ti e respeito-te. Sei que irás tratar-me bem, e ao Jay-Jay, e eu também irei tratar-te com respeito. Serei uma boa esposa. Isso se não te importares que eu não te ame.

– Estás a falar a sério?

O estômago de Helen deu um nó.

– Oh, meu Deus. O que estou eu para aqui a dizer? Não posso pedir-te uma coisa destas. Mereces uma mulher que te ame. Devias...

Ele deixou escapar uma risadinha.

– Nem penses que vais recuar agora. Não me importo nada. Para além disso, podes não estar apaixonada por mim agora, mas irás estar.

O peito de Helen abateu-se e tapou os olhos.

– Não vais querer tal coisa. Não. Os homens que eu amo acabam mortos.

A secretária chiou, ouviu passos na sua direção e Vic tirou-lhe os papéis da mão e colocou-os sobre a mesa. Abraçou-a e encostou-lhe a cabeça no seu ombro.

– Não te preocupes. Eu sei tomar conta de mim. Contigo ao meu lado, sou capaz de enfrentar qualquer coisa.

Helen encostou o rosto ao casaco de lã da farda. Ele era um homem melhor do que ela merecia.

Vic hesitou e depois perguntou:

– Posso beijar-te?

Se Helen pretendia ser uma boa esposa, o melhor seria começar o mais depressa possível. Anuiu.

Vic encostou os lábios aos dela, um beijo atrapalhado, mas ela beijou-o de volta.

Depois de casados, entregar-lhe-ia o seu corpo e deixá-lo-ia pensar que gostava. E porque não? Fizera amor com Jim quando o odiava, temia e sentia as dores dos seus abusos. De certeza que conseguiria dar-se a um homem pelo qual se sentia indiferente.

Suspirou ao ver como a sua vida saltava de uma atuação para outra.

*

Lechfeld

Sexta-feira, 23 de fevereiro de 1945

Os trovões acordaram Ray pelo segundo dia consecutivo. Mas os trovões não agitavam o solo como um tremor de terra.

Aninhou-se contra a parede trémula da cave. Uma parte dele encolhia-se com medo que uma bomba acabasse com o que restava da sua vida, mas a outra queria dar saltos de alegria e agitar o chapéu aos bombardeiros lá no alto.

Os Aliados tinham recomeçado as suas ações. Talvez Jack andasse por ali, tão perto que Ray conseguisse ver o brilho prateado do seu avião se tivesse coragem de ir lá fora espreitar.

Se ao menos pudesse fazer alguma coisa para ajudar. Passara o dia escondido na sua toca de coelho e a noite a deambular, à procura de alimento. Ajudara mais a causa aliada quando trabalhara no Depósito Aéreo Logístico de Sacramento.

Aquela inquietação deixava-o com bichos-carpinteiros. Preferia morrer de pé que escondido num subterrâneo.

Quando acabou de se vestir, com o cinto apertado no último buraco, o ribombar havia cessado.

Ray estremeceu ao ver a luz do Sol e seguiu o caminho enlameado até à base. No interior da linha de árvores dirigiu-se para sul ao longo da delimitação do aeródromo para observar os danos. Algumas colunas de fumo elevavam-se de edifícios e crateras, eram danos menores.

Os homens corriam de um lado para o outro, apressando-se a colocar os jatos no ar ou transportando equipamento para apagar as chamas.

Se Ray queria explorar a base, aquele era o momento.

Agachou-se atrás de uma árvore e expirou. Que loucura. Uma coisa era conversar com uma velhinha simpática numa livraria, outra completamente diferente deambular por uma base militar.

Um som novo cresceu vindo de norte, o pulsar do motor de caças, dos antigos com hélices, os melhores de sempre – os *P-51 Mustang* americanos.

Ray espreitou em volta da árvore, o seu coração batendo ao ritmo dos motores *Rolls-Royce Merlin*. Os *Mustang* mergulharam, quais pássaros prateados espalhando balas. Sob eles, pedaços de terra elevavam-se em linha, como seixos atirados a um lago. Um *Me 262* explodiu envolto em chamas e outro capotou. Nenhum deles voltaria a incomodar os pilotos americanos.

– Vai rebentar uns quantos caças – murmurou Ray. Quando Jack lhe dera a sua última ordem, nenhum deles sonhava que Ray iria estar tão perto deles. Ainda assim, não tinha feito nada.

Os *Mustang* voltaram para oeste, regressando às suas bases em Inglaterra ou em França e Ray levantou-se e caminhou até à base.

Todos acreditavam que estava morto, a sua família e Helen, e em breve estaria mesmo morto, consumido pela disenteria e pela má nutrição. Ou seria apanhado. Se o seu destino era ser morto por espionagem, então mais valia agir como um espião.

A determinação correu pelas suas veias como uma corrente elétrica e conduziu-o até aos caos da base. Os aviões ardiavam, o fumo elevava-se em nuvens acres e os homens corriam de um lado para o outro ou tropeçavam, aturdidos. Ninguém prestou atenção a Ray. E este foi avançando cada vez mais, atravessando pistas, passando por barracões e aproximando-se de um *Messerschmitt*.

Ray encostou a mão àquele pássaro com motor a jato e o seu braço foi tomado por pele de galinha. Seria ele o primeiro dos Aliados a tocar num avião daqueles? E se fosse? Nunca ninguém saberia.

Pouco importava o que fizesse ali, ninguém saberia. Esse pensamento obrigou-o a sorrir. A sua família nunca acreditaria que Ray, com os seus modos brandos e afáveis, era capaz de cometer um ato de sabotagem.

Apenas Helen o sabia capaz de tal coisa. Apenas ela o via como um corajoso matador de dragões. Fã-lo-ia por ela porque acreditava nele, e fá-lo-ia para proteger o irmão e os amigos.

Rodeou o avião em busca de alguma ideia.

Viu um homem deitado na pista, morto.

O coração de Ray parou. O homem parecia tão jovem. Tinha ainda acne no rosto e o seu cabelo loiro agitava-se com a brisa. Caíra a meio caminho, como se fosse a correr para o avião. Ao seu lado jazia um capacete de voo em couro e um blusão cinzento-azulado com gola de pele falsa.

Teria também aquele jovem uma família em casa e uma namorada que o amava? Ray fechou os olhos. *Senhor, conforta-os na sua dor.*

Depois Ray olhou para o blusão de voo. Parecia quente. Mas roubar era errado. Ou podia aquele ser o seu primeiro ato de sabotagem? Qualquer equipamento que tirasse tinha de ser substituído, causando pressão sobre o sistema.

Baixou-se e apanhou o blusão e o capacete.

– *Es tut mir leid* – disse em jeito de desculpa ao rapaz que já não precisava deles. Sob o casaco encontrava-se um manual.

– *Pilothandbuch: Messerschmitt Me 262 Schwalbe.*

O manual do piloto?

Papel seco no alcatrão. Velo de lã seco no chão molhado.

Ray escondeu o manual sob o casaco e marchou em direção à floresta, o sangue a pulsar nos seus ouvidos.

Agora era oficialmente um espião.

Antioch

Sábado, 3 de março de 1945

Vic sorriu do outro lado da sumptuosa mesa da sala de jantar dos Llewellyn e deu uma palmadinha no bolso do peito do casaco da farda.

Embora o estômago de Helen se contorcesse como a decoração dos talheres de prata dos Llewellyn, sorriu de volta e olhou para a fatia de carne assada que tinha à sua frente. Como teriam eles conseguido tal quantidade com a falta de carne que atingia todo o país?

– Uma visão para ninguém esquecer. – O juiz Llewellyn encheu o peito de ar. – Quando içaram aquela bandeira em Iwo Jima, todos os corações americanos incharam de orgulho.

Em redor da mesa todas as cabeças anuíram – Mr. e Mrs. Carlisle, George e Betty Anello, Dorothy Wayne e Jeannie Llewellyn.

– E aqueles pobres civis foram libertados dos campos de prisioneiros nas Filipinas. – Mrs. Llewellyn abanou a cabeça com os seus caracóis castanhos apanhados num penteado moderno. – Que horrores terão eles sofrido às mãos dos japoneses. Os Crawford foram libertados juntamente com as suas três crianças. Nem consigo acreditar que os cidadãos da nossa humilde cidade tenham sido apanhados nestes acontecimentos. Mas não entendo porque não soubemos ainda quando vêm para casa. Já nos deviam ter avisado.

– Não se preocupe, mãe. – Jeannie lançou um olhar malicioso a Helen. – Eles irão telegrafar-lhe antes de avisarem as suas próprias famílias.

Helen cortou os espargos. A falta de respeito de Jeannie deixava-lhe um amargo tão grande na boca quanto a coscuvilhice da sua mãe.

– Mãe, esta é uma novidade que irá ouvir em primeira mão. – Vic empurrou a cadeira para trás e levantou-se. Helen limpou a boca. Não podia ele esperar até depois do jantar?

Entrelaçou as mãos atrás das costas com um sorriso presunçoso que Helen não apreciava mas ao qual teria de se habituar.

– Como sabem, quando era jovem, tentei conquistar o coração e a mão da bonita Helen Jamison. Perdi para um homem melhor. – Baixou o queixo para os Carlisle.

Mrs. Carlisle soltou um queixume tímido.

Os nós no estômago de Helen arrastaram o seu coração para um enorme emaranhado. A atuação daquela noite exigia uma variada gama de emoções. Teria ela a capacidade de convencer uma audiência tão perspicaz? E porque não podiam ela e Vic evitar toda aquela pompa e circunstância e acabar com aquilo de uma vez?

– Mas agora – proferiu num tom expansivo para o seu argumento final – fiz uma proposta de casamento a Helen e ela teve a bondade de me honrar aceitando.

Os únicos sons em redor da mesa foram pequenas inalações e o tilintar dos talheres contra a porcelana.

Helen precisava de responder para apoiar Vic.

– Eles merecem uma explicação mais elaborada, querido.

Alguém arquejou, o mais provável era ter sido Betty, mas Helen manteve o seu sorriso dirigido a Vic. Ele nunca seria *amor* como Jim e Ray haviam sido, por isso *querido* parecia-lhe apropriado e, com o passar do tempo, podia ser que o viesse a sentir.

– Ficaram surpreendidos? – Vic sorriu de orelha a orelha. – Bem, não devem ter ficado mais que eu. Amo a Helen desde pequeno, mas foram precisos meses a trabalhar juntos e uma explosão violenta para que ela ficasse convencida que sou um bom homem.

– Estás a falar a sério? – O olhar do juiz dissecou Vic como se este estivesse no banco das testemunhas.

– O pai ensinou-me a dizer a verdade, toda a verdade e nada mais do que a verdade, não foi? – Vic tirou uma caixinha quadrada do bolso. – A maioria das crianças ficava de castigo por mentir, mas a Jeannie e eu podíamos ser acusados de perjúrio.

Mrs. Llewellyn arquejou.

– Oh, Victor, meu querido. Que maravilha.

– Já não era sem tempo. – Havia alegria e alívio na voz de Mr. Carlisle.

– Que esplêndido – disse Mrs. Carlisle. – Sempre foi meu desejo que as nossas famílias se unissem.

Helen encolheu-se com toda aquela adulação mas sorriu para Vic enquanto este rodeava a mesa e se ajoelhava à frente dela. Aquilo era necessário pelo bem de Jay-Jay e Vic era um homem bom que a adorava. Podia ter arranjado pior. Aliás, já o tinha feito uma vez.

Aceitou o anel de Vic, uma elegante e bonita combinação de diamantes e platina e pestanejou para afastar as lágrimas, uma reação apropriada para uma noiva, para uma viúva.

– Meu Deus, Helen. Parece um pouco súbito – comentou Betty com um riso nervoso.

– Que disparate. Conheço o Vic desde sempre. – O seu tom foi um pouco defensivo, pois sabia que Betty queria dizer – era demasiado cedo após a morte de Ray, uma reação precipitada à perda do homem que amava e como era ela capaz de casar com um Llewellyn?

Quando estivessem sozinhas, Betty haveria de perguntar a Helen se tinha rezado pela sua decisão. Embora não o tivesse feito antes, tinha-o feito desde então. Aquela era certamente a maneira que Deus encontrara de proteger Jay-Jay. Mas então porque experimentava ela uma sensação de mal-estar quando rezava?

Os lábios carmesins de Jeannie estenderam-se num sorriso.

– Mal posso esperar para que sejamos irmãos de verdade.

Helen mostrou um sorriso hirto à irmã que sempre se esforçara por manter à distância.

– Fico muito feliz por ti. – Dorothy brindou-a com um olhar compreensivo.

Helen cerrou o maxilar e os seus olhos arderam. Conseguia manter a compostura face ao antagonismo, mas a compaixão deixava-a de rastos.

– Este verão é demasiado cedo – disse Mrs. Llewellyn. – E casamentos no outono e no inverno não têm piada nenhuma. Dá ideia de que o casal não pode esperar pela época certa. Na próxima primavera ou no verão.

Outro ano? Conseguia sair de casa mais depressa pelos seus próprio meios.

– Não, é este ano. No dia vinte e oito de abril. Já marcámos a data.

– Abril? Este ano? No próximo mês? – O sorriso de Mrs. Llewellyn estremeceu. – Ora, nem pensar. Não pode ser. Há muitos preparativos para fazer. E os teus pais... não conseguirão vir tão

em cima da hora.

Vic colocou-se atrás da cadeira de Helen e pôs as mãos nos ombros dela.

– Eu não te disse que a minha mãe ia querer uma grande festa?

– Mas tu prometeste. – Helen implorou com o olhar. Por vontade sua tinham apanhado o comboio para Reno naquele fim de semana, porém Vic insistira num casamento na igreja. Haviam chegado a um compromisso. Sim, o pai e a mãe ficariam desapontados por não poderem estar presentes, mas também haveriam de querer uma festa mais discreta para um segundo casamento. Quanto mais depressa casassem, menos tempo Mrs. Llewellyn teria para se ocupar com os pormenores da festa.

– Cumpro sempre as minhas promessas. – Vic deu-lhe uma palmadinha no ombro. – Lamento, mãe. Vamos casar no dia vinte e oito de abril, e já escrevemos aos Jamison. Queremos um casamento na igreja, uma coisa muito simples. Se insistires em adiar ou em elaborar, nós fugimos.

Helen apertou-lhe a mão. Não tivera sucesso num casamento baseado no amor e na paixão, mas aquele teria por base o respeito. Era uma fundação menos excitante, mas seria seguramente mais forte.

*

Lechfeld

Sábado, 10 de março de 1945

A luz de fim de tarde penetrava na cave pela janela e iluminava o manual do *Me 262* no colo de Ray e o dicionário aberto sobre o saco de batatas cada vez mais magro.

A tradução de termos técnicos exigia demasiado do seu conhecimento da língua. Cada palavra exigia que consultasse várias no dicionário e depois que as colasse umas às outras. Não podia tomar nota de nada. Se fosse apanhado com o manual, as notas em inglês iriam traí-lo mais depressa do que o seu sotaque.

Ray passou o dedo pelo diagrama do *cockpit* e imaginou-se atrás do manche de um *Schwalbe*. Havia dias em que aquela ideia não lhe parecia tão disparatada – os dias em que sentia mais fome. Já havia pilotado todo o tipo de aviões e tinha os planos do pequeno jato nas suas mãos.

Não seria fantástico entregar um avião a jato intacto e o manual às informações dos Aliados? Até conseguia imaginar a satisfação de Walt, o espanto de Jack e a adoração de Helen.

– Não. É ridículo. – Fechou o manual. Não tinha a menor experiência com motores a jato e como haveria de conseguir entrar num avião sem ser visto e descolar sem autorização?

Deu corda ao relógio de pulso e dobrou a ponta da folha do capítulo dez do Levítico para dez de março. Era bom que os Aliados se apressassem, pois o Levítico tinha apenas vinte sete capítulos. E Ray possuía apenas nove batatas.

Passou as folhas até ao décimo nono salmo. Cautelosamente, pegou numa flor de ameixeira e encostou-a aos lábios. Um ano antes, numa outra vida, tinha tirado aquela flor do cabelo cor de mel de Helen.

– Senhor, tenho tantas saudades dela. – A solidão trespassou-o, uma dor tão grande quanto as câibras nos seus intestinos.

Soprou o ar.

– Não. Serei grato, meu Deus. Tenho-te a ti e tenho um plano para esta noite.

*

Sob o luar esmorecido pelas nuvens, Ray virou o braço para consultar o relógio. Era meia-noite.

E esperou a coberto das árvores durante mais cinco minutos até uma baforada de fumo de cigarro vogar ali perto e ouvir o barulho de botas a pisar a relva.

Uma sentinela solitária patrulhava o perímetro da base durante a noite, um trabalho aborrecido. Quem suspeitaria de atividade inimiga no interior da terra pátria?

Ray esboçou um esgar e marcou mais cinco minutos. A Luftwaffe não contara com a presença do capitão Raymond Novak – pastor, piloto, sabotador.

Encheu os pulmões com o ar frio da noite e dirigiu-se para um avião disperso a norte.

A sabotagem havia começado com o roubo de ferramentas para atrasar a manutenção das aeronaves e para construir o seu arsenal. Cada noite atacava um local diferente com vários atos de sabotagem, apenas dois dias por semana de modo que não suspeitassem de um sabotador.

Escondeu-se no interior do barracão de um mecânico e remexeu no que por lá havia. Uma noite abençoada encontrara uma lata de rações de voo. Depois de ter guardado uma caixa de fósforos, avistou o brilho de vidro – era uma garrafa de brande já meio vazia. Podia ser útil para limpar feridas. Já gastara todo o antisséptico do *kit* de sobrevivência. Guardou-a também.

Ray avançou pelo caminho de rolagem até um *Me 262*. Às vezes, abria buracos nos depósitos de combustível, outras danificava a ignição elétrica dos canhões para que estes não pudessem abater bombardeiros.

Naquela noite, agachou-se sob o nariz, meteu a mão no interior do *cockpit* e desligou o cabo do hidráulico que recolhia o trem de aterragem. Isso iria obrigar o piloto a abortar a sua missão. Ray não queria matar ninguém; desejava apenas proteger os aviadores aliados.

Atravessou a pista e mordeu o lábio inferior ao mesmo tempo que se aproximava de um conjunto de edifícios. Mais ao fundo, um dos edifícios tinha luz e do seu interior provinham gargalhadas e os homens cantavam «Lili Marlene».

O coração de Ray deu um salto, apanhado num cabo de guerra entre o medo de ser descoberto e as saudades que sentia de companhia humana. Compreendia agora por que razão a solitária era um castigo tão eficiente.

Passou por um hangar e susteve a respiração, mas não havia ninguém a trabalhar até tarde. O edifício seguinte, quadrado e baixo, continha o seu objetivo: a sirene de ataque aéreo. A sua ideia mais ousada até à data.

Ray observou a sirene a cerca de trinta centímetros por cima da sua cabeça. Se conseguisse desativá-la, da próxima vez que os Aliados bombardeassem Lechfeld ou os *Me 262* fossem chamados para atacar os bombardeiros, a sua resposta seria atrasada. Com um único ato, podia salvar dezenas de americanos ou aumentar os danos quando os *Mustang* ou os *Thunderbolt* bombardeassem.

Depois de olhar em redor, Ray arrastou um caixote. Procurou por entre as ferramentas que trazia no bolso do sobretudo, tirou uma chave de fendas e um alicate e segurou este último por entre os lábios.

Desparafusou quatro parafusos e guardou-os no bolso do peito do casaco da farda. Puxou a sirene até ao ombro esquerdo. Da parede saíam cabos. Alguns cortes rápidos e voltou a colocar a sirene no lugar, alinhando os buracos dos parafusos. Um parafuso, dois parafusos, três.

O último escorregou-lhe das mãos e bateu-lhe na bota. *Oh, boa.*

Ray largou a sirene. Ficou no lugar e parecia direita. Empurrou o caixote para o lado, colocou-se de joelhos e apalpou o chão em redor.

Uma lanterna brilhou, o seu foco atingindo-o nos olhos.

– *Was ist los? Was machen Sie hier?*

Ray estacou, as mãos abertas no chão. Pronto, seria naquele instante. Morreria naquele dia. Tinha uma arma, a pistola de Johannes, mas recusava-se a utilizá-la.

Meu Deus, dá-me forças. Levantou-se devagar e a sua mão esquerda bateu na garrafa de bebida que guardara no bolso. Lembrou-se de súbito da imagem do rei David a fingir-se de louco diante dos filisteus.

– *Was machen Sie?*

Ray cambaleou para o lado e ofereceu a garrafa ao homem.

– *Wollen Sie?* – tartamudeou. Sorriu e protegeu os olhos da luz com o antebraço.

O homem rosnou.

– *Sie sind betrunken. Gehen Sie ins Bett.*

Ir para a cama? Aleluia! O rei David era brilhante.

– *Ja, ja. Bett.* – Ray passou pelo homem a ziguezaguear. Depois, lembrou-se de uma velha canção alemã sobre bebida que o professor lhe ensinara na universidade. – *Du, du liegst mir im Herzen, du, du liegst mir im Sinn* – cantarolou Ray a arrastar as palavras para esconder o sotaque.

Cambaleou em direção aos alojamentos. Assim que se certificou que o homem da lanterna já não estava a vê-lo, correu para a segurança da floresta.

Os tremores tomaram conta do seu corpo à medida que o medo e o alívio tentavam controlar os seus músculos.

A sabotagem não era trabalho para cobardes.

Antioch

Sábado, 17 de março de 1945

– Oh, Allie, ele é tão bonito. – Helen segurava Francis Raymond Novak de duas semanas encostado ao seu ombro e passou delicadamente a face na penugem escura no cimo da sua cabeça de bebê e inalou o aroma a leite e a pó de talco.

– Não me farto de olhar para ele. – Allie parecia brilhar ao sentar-se no sofá.

Helen ocupou o lugar ao lado dela e embalou Frankie. Este estendeu os seus compridos e magros dedos e apalçou o ar em redor do seu rosto. Um foi embater contra a bochecha e Helen riu.

– Já me tinha esquecido como os recém-nascidos são engraçados. Olha só para as mãozinhas dele.

– E essa expressão séria de homem idoso. – Allie franziu a testa tentando imitá-lo.

Riram juntas. Nos últimos meses, Helen percebera o que levava Betty a gostar tanto de Allie.

Jay-Jay debruçou-se sobre o bebé.

– Eu era assim?

– Sim, mas não tinhas penugem. Eras completamente careca.

Os seus olhos azuis esbugalharam-se. Jay-Jay deu uma palmadinha na sua cabeça, suspirou de alívio e depois voltou a sua atenção para os soldadinhos de chumbo alinhados no chão da sala.

Helen fitou Allie com uma expressão hesitante.

– Os teus pais... já...?

Allie abanou a cabeça e sugou o lábio inferior.

– Enviei um telegrama, mas nem sequer responderam. Não conseguem perdoar-me, mas eu já lhes perdoei, e é tudo o que posso fazer.

Helen observou os olhos grandes e sábios de Frankie.

– Mais perdem. – Depois sorriu. – O Walt deve estar delirante.

– Se está. Quem me dera que pudesse estar aqui. Mas está onde é mais preciso, a fazer a sua parte pelo país e a apoiar Jack.

Os dedos de Frankie enrolaram-se em volta do dedo mindinho de Helen tal como a dor se enrolou em redor do seu coração.

– E como estão eles?

Allie soltou um suspiro prolongado.

– O Walt vai-se aguentando, creio eu, mas o Jack sente-se muito culpado. Foi ele quem determinou as ordens dos *B-17* naquele dia.

Helen franziu o sobrolho. Nunca pensara que pudesse haver mais alguém a sentir-se culpado.

Allie pegou numa pequena manta deixada sobre o braço do sofá.

– Há muita culpa na família Novak neste momento.

– Porquê?

Allie dobrou a manta.

– O pastor Novak queria que os três filhos o seguissem no ministério. O Walt foi o primeiro a rebelar-se quando escolheu ser engenheiro. Depois, foi a vez de Jack optar por uma carreira militar. Agora, o único filho que ia seguir as suas pisadas está morto. O pobre pastor Novak acredita que está a ser castigado pelo seu orgulho.

– Oh, não. Mas isso não faz sentido.

Helen inspirou profundamente. A culpa que ela sentia também não fazia sentido.

Não era responsável pela morte de Jim, tal como não era responsável pela de Ray. A sua luta interna levava-o ao combate e ele próprio escolhera fazer uma segunda comissão. Para além disso, crescera em confiança, em coragem e em força. Talvez precisasse mesmo de ir. Ao menos tinha morrido em paz.

Helen afagou a bochecha macia do bebé. Os seus ombros pareciam mais leves sem o peso da culpa desnecessária. Por Ray – e por ela – precisava de continuar o processo de cura, de encontrar o contentamento que Ray descobrira. Uma vez casada com Vic, teria mais tempo para se sentar aos pés do Senhor.

– Bom dia, Helen. Olá, Jay-Jay. – Mrs. Novak entrou na sala e sentou-se no cadeirão. Envelhecera vários anos nos últimos dois meses, mas um sorriso iluminou-lhe o rosto ao olhar para o neto. – É um amor, não é?

Helen sorriu.

– Absolutamente adorável.

– Deus sabia o que precisávamos. – Mrs. Novak olhou para a janela onde a bandeira de serviço da família se agitava ao vento com duas estrelas azuis e uma dourada que representava a morte de Ray. – «O Senhor mo deu, o Senhor mo tirou; bendito seja o nome do Senhor!»

Helen sentiu um nó na garganta.

O sorriso de Mrs. Novak voltou.

– E o Senhor vai dar uma vez mais. Estamos ansiosos por receber a tua amiga Esther. Chega na segunda-feira.

– E ela está muito agradecida por poderem acolhê-la. A falta de casas não lhe permitiu arranjar um quarto na zona e a discriminação piora ainda mais as coisas.

– Ela está a reunir provas para outro recurso?

– Para Thurgood Marshall¹⁸ com o NAACP. Ele vai levá-lo diretamente para Washington DC. Este trabalho é bom para ela. Sente que está a ajudar o marido.

Mrs. Novak anuiu e olhou em redor como se estivesse distraída.

– Tenho... tenho uma coisa para ti.

– Ai sim?

– O Jack enviou uma caixa com... as coisas do Ray. Já há algum tempo. Mas só agora tive coragem de ver o que trazia. – Abriu caminho por entre o campo de batalha de Jay-Jay até ao piano onde uma pilha de envelopes se amontoava ao lado do retrato de Ray.

A dor atingiu Helen no peito, impedindo-a de respirar. Evitara olhar para o retrato dele até àquela altura. Nunca mais voltaria a deleitar-se com aquele sorriso.

Mrs. Novak encarou Helen com a boca a desenhar uma linha.

– Estas são as cartas que lhe escreveste.

Helen inspirou de forma trémula.

Allie tirou-lhe o bebé dos braços e Mrs. Novak pousou as cartas no espaço quente e vago deixado por Frankie. Helen encostou as cartas ao peito.

– Eu amava-o, Mistress Novak – Arquejou com a dor, com a libertação emocional de o dizer em voz alta pela primeira vez.

Os olhos de Mrs. Novak cintilavam.

– Ele também te amava.

Helen baixou a cabeça para não ser desrespeitosa por discordar. Ray não a amara de forma romântica, mas mostrara-lhe o melhor tipo de amor – o amor aberto e generoso de um amigo verdadeiro.

*

Lechfeld

Segunda-feira, 19 de março de 1945

– Já soubeste se vamos sair daqui?

– *Nein*, mas em breve teremos de o fazer.

Ray caminhava atrás de dois oficiais enquanto estes passavam de um edifício para outro na base aérea. Algo em grande estava a acontecer, com tantos raids aéreos e missões nos últimos dias, grande o suficiente para o empurrar para dentro da base em busca de informações, uma expressão inflexível no rosto para desencorajar conversas. Sentia-se como Gedeão a infiltrar-se no campo dos madianitas antes da batalha.

– Temos de sair daqui e esconder os nossos aviões – disse o oficial mais alto. – Eles sabem que não temos combustível suficiente e os cobardes atingem os nossos aviões no solo.

O oficial mais baixo deu-lhe uma palmada no braço.

– *Ach*, nós também atingimos os aviões deles. E destruímos a ponte sobre o Reno em Remagen.

– Isso foi um *Arado 234*, não um *Messerschmitt*, e no dia seguinte os americanos construíram uma *ponton*.

Ray arquejou. *Ponton?* Queriam dizer *pontão*? Fosse como fosse, os americanos estavam a atravessar o Reno, o mais alemão dos rios. Mas o Reno situava-se a uns cento e sessenta quilómetros para oeste. Voltou a adotar a expressão séria.

Os oficiais pararam e fizeram continência a um jovem piloto – muito jovem mesmo.

– *Hallo*, Reinhardt. Vais ver o filme?

Ray parou também e começou a remexer nos bolsos como se fosse um fumador à procura de cigarros.

Reinhardt endireitou as costas enquanto devolvia a continência.

– *Ja*. Depois poderei pilotar o *Schwalbe*.

Um filme de treino para o *Me 262*? Os lábios de Ray formigaram. Virou-se e seguiu o piloto a uma certa distância. A cada dia a ideia de requisitar um avião crescia na sua cabeça, alimentada

pela fome, pela doença e pela fraqueza. Comera a sua última batata na noite anterior. Agora o Senhor tinha colocado aquele filme nas suas mãos.

Ray parou. Deixá-lo-iam entrar? Verificariam a identificação e Johannes Gottlieb não estaria na lista. Ou, pior, alguém conheceria Johannes e seria o fim de tudo.

Tentou afastar aquele pensamento e prosseguiu. Se alguém pedisse os papéis a Reinhardt, Ray afastar-se-ia.

Reinhardt encontrou uns amigos e cumprimentaram-se como os rapazes americanos, exceto que aqueles homens estavam a receber treino para matar os rapazes americanos.

Aproximaram-se de um edifício com um guarda à porta e Ray suspirou e virou para um lado. Todavia, o guarda deixou os pilotos entrarem com uma continência desleixada. Conheçê-los-ia? Ou haveria lá dentro alguém para verificar as identificações?

Ray continuou em frente. Se lhe pedissem os papéis, ele procuraria nos bolsos, faria um ar horrorizado por não os encontrar e sairia. O Senhor dera-lhe a oportunidade, tinha de a agarrar.

Na soleira da porta o seu ritmo cardíaco acelerou. O olhar do guarda foi pousar nos galões do sobretudo de Ray, amarelo dourado com listas prateadas e uma única estrela prateada para o posto de major de Johannes. O braço do guarda elevou-se como uma ponte levadiça.

O coração de Ray desacelerou um pouco. Fez continência e entrou no edifício.

Não havia mesa de verificação de entradas. Não havia nenhum homem com prancheta a anotar nomes. Apenas algumas dúzias de cadeiras viradas para um ecrã flanqueado por retratos de Hitler e de Goering. Antes que perdesse a coragem, Ray escolheu uma fila vazia e sentou-se junto à parede e atrás de um rapaz robusto e de cabelo escuro que o esconderia bem.

Cruzou os braços frente ao peito e fez a sua expressão menos amigável.

As conversas entre os homens subiam de tom por entre o fumo dos cigarros e dos cachimbos, mas sem a exuberância nervosa que Ray notara nos seus formandos no Texas. Havia um fatalismo palpável naquela sala. Para Ray, as perdas da Luftwaffe deviam ser avultadas e os aviadores saberiam melhor do que ninguém qual era o avanço dos Aliados.

Aqueles rapazes eram tão jovens, adolescentes quase todos eles. Muitos não sobreviveriam àquele mês e a maioria não veria o final da guerra. Quantos deles conheceriam a graça salvadora de Jesus Cristo?

Ray apertou os braços. Se ao menos pudesse dizer-lhes. Mas qualquer frase saída da sua boca iria rotulá-lo de espião e isso não conduziria ninguém ao Senhor.

Um oficial desceu o corredor central, um capitão, e os rapazes puseram-se de pé com os braços bem levantados na típica saudação nazi. Ray imitou-os e teve a sensação de se encontrar num documentário de atualidades nazi.

Quando o capitão lhes ordenou que se sentassem, Ray centrou o rosto atrás da cabeça do homem à sua frente. Para sua sorte, o capitão fez uma breve introdução e o filme começou a rolar.

Esforçou-se por entender o que diziam as vozes no filme. Falavam muito depressa e usavam palavras que não lhe eram familiares, embora a sua tradução do manual lhe tivesse expandido o vocabulário.

O instrutor no filme encontrava-se na asa do avião e mostrava ao aluno o equipamento no *cockpit*, depois ensinava-o a pôr os motores em funcionamento, o que parecia ser um processo complexo. As alavancas de comando tinham de ser empurradas para a frente muito lentamente

– aquilo não estava no manual – e o combustível era injetado carregando nos botões dos lados das manetes do motor.

Ray bebeu aqueles ensinamentos, tão aconchegantes e revigorantes quanto o café. Era capaz de fazer aquilo. Podia pilotar um daqueles aviões. No caos de um ataque, poderia fazê-lo.

Tinha de tentar. Sim, podia ser apanhado ou despenhar-se, mas se ficasse também morreria. Podia ser descoberto ou morto pelos Aliados ao tentar render-se ou continuar a morrer aquela longa morte por fome. Preferia morrer no esforço de ajudar o seu país.

Para além disso, já estava morto para Helen e para a sua família. Tinham chorado o seu desaparecimento e agora haviam prosseguido com as suas vidas, o que deixava o seu coração com um buraco tão grande quanto o seu estômago.

Mas com aquele vazio vinha também uma sensação de liberdade. Como um homem morto, era livre de fazer coisas que nunca teria sequer considerado quando estava vivo.

No filme, o estudante saltava do avião e ele e o seu instrutor caminhavam em direção ao horizonte.

O capitão deu ordem para que saíssem e Ray juntou-se ao amontoado de jovens, tendo o cuidado de manter a cabeça baixa.

Assim que saiu, soou a sirene de ataque aéreo.

Um grito coletivo percorreu os formandos e largaram todos a correr. Ray também correu, mas não com a multidão. Iriam procurar abrigo, pois ainda não estavam prontos para responder ao toque de reunir.

E Ray também não. Precisava de um blusão de voo e de um capacete, do manual e de um pouco mais de coragem. Mas o ataque aéreo deu-lhe a oportunidade de cometer o seu mais ambicioso ato de sabotagem.

Correu até à orla da base aérea onde se encontrava um camião-tanque cheio de combustível. Quando chegara, no dia anterior, os homens haviam-no saudado como crianças a aplaudir o Pai Natal no desfile de Natal. O combustível era a maior fraqueza dos nazis e fazer explodir um camião-tanque era como destruir dúzias de aviões a jato. Se fosse pelos ares num ataque aéreo, ninguém desconfiaria de sabotagem.

Um motor *Rolls-Royce Merlin* pulsava vindo do norte e as defesas antiaéreas da base abriam fogo.

Ray observou a pista em seu redor, mas ninguém estava a olhar para ele. Apesar de as suas mãos tremerem como varas verdes, sacou a pistola de Johannes do coldre e fez pontaria para o camião-tanque.

Um brilho prateado e um *P-51 Mustang* rasgou o ar, semeando destruição com as suas seis metralhadoras de calibre .50.

Ray disparou um tiro. Atirou-se para o chão e protegeu a cabeça, enrolando-se com as costas para o tanque.

Não houve explosão.

Gemeu e sentou-se. Boa, tinha falhado.

Ao longe, uma pluma de fumo elevava-se do *Me 262* atingido. Um reflexo chamou a atenção de Ray, um fio dourado que escorria do camião-tanque.

Franziu o sobrolho e aproximou-se. Havia um buraco no tanque pelo qual escorria o combustível e Ray tossiu por causa dos gases. O seu tiro tinha acertado em cheio, mesmo no

meio. Então porque não tinha explodido? Funcionava nos filmes.

Suspirou. Tinha fósforos, mas, para atirar um, tinha de o fazer de muito perto e isso significaria a sua morte. Se ao menos conseguisse arquitetar um rastilho. Olhou em redor e avistou uma pilha de bidões de óleo e latas de combustível.

Alguém gritou e ele levantou a cabeça. Os homens apontavam para norte, não para Ray, e fugiam. De norte aproximavam-se três aeronaves a hélice.

Se não agisse depressa, perderia a oportunidade. Agarrou numa lata e espalhou um rasto que se estendia da poça sob o camião-tanque.

Atirou com a lata para baixo do camião e sacou da caixa de fósforos. A adrenalina comandava os seus dedos. Riscou um fósforo uma e outra vez, mas este não havia meio de se acender.

O primeiro *Mustang* atacou a base e deixou outro jato num amontoado de destroços.

Ray murmurou uma oração e voltou a riscar o fósforo. Uma faísca e ganhou vida. Encostou o fósforo ao rasto de combustível.

Chamas laranjas correram em direção ao camião-tanque. Ray fugiu para o lado oposto, as suas pernas enfraquecidas a ameaçarem.

Atrás dele, dois *P-51* passaram a rugir. As balas rasgaram o asfalto num *staccato* perfeito.

Uma parede de calor e som embateu contra ele, atirando-o de barriga para o chão. Enrolou os braços em volta da cabeça. Um furacão abrasador passou-lhe por cima e logo depois desapareceu.

Ray apalçou a nuca. Ainda tinha cabelo e o boné. Levantou-se.

O camião-tanque havia sido substituído por um inferno atroz, por um dragão que vomitava uma torre de chamas e fumo negro.

Ray soltou uma gargalhada. O que iria Helen pensar? Ray não matara um dragão; criara um.

18 Juiz do Supremo Tribunal dos Estados Unidos. Foi o primeiro juiz afro-americano. (*N. da T.*)

Port Chicago

Quarta-feira, 21 de março de 1945

« Motim? », lia-se na brochura. « A história verdadeira de como a Marinha rotulou de amotinados os 50 marinheiros vítimas da explosão. »

Helen entregou o panfleto de novo a Esther.

– Fizeram um excelente trabalho. Isto vai abrir muitos olhos.

– É esse o plano do NAACP. – Esther sentou-se na cadeira frente à secretária de Helen. –

Quando Thurgood Marshall entregar o recurso em Washington, a Legal Defense and Educational Fund planeia distribuir estes panfletos, fazer circular petições e coisas do género.

Helen pegou numa pilha de papéis que tinha sobre a sua mesa.

– O Carver deve estar orgulhos de si.

Esther encolheu os ombros.

– Sente-se satisfeito por eu estar ocupada. Quando penso no meu marido numa cela de prisão...

Bem, tenho de fazer alguma coisa. Não posso ficar quieta.

Helen abriu o armário de arquivo.

– Então não se importa que eu archive uns papéis enquanto conversamos.

– Nem esperaria que ficasse sentada.

– O tenente Llewellyn não deve tardar. – Guardou um papel na secção *W*. – Ele vai ajudá-la a encontrar esses documentos.

– É tão frustrante. Os documentos do Carver deviam estar no gabinete do Judge Advocate General em DC depois de o tenente ter interposto o recurso individual em dezembro. Mas o pessoal de lá foi menos que simpático e Mister Marshall quer interpor um recurso coletivo até dia três de abril.

– Obstrução burocrática à mistura com discriminação. Vai precisar de rezar ainda mais para derrubar essa barreira. – Havia apenas um papel para arquivar no *Y*, nenhum para o *Z*.

– Com Deus e o tenente do nosso lado, sei que conseguiremos. Esse homem tem sido uma bênção para nós. Para si também. – Proferiu as palavras numa cadência alegre.

Helen sorriu por cima do ombro.

– Sim, é bem verdade.

– É um bom homem. Vai tratá-la bem e ao seu rapaz também.

– Já trata. – Vic havia arrendado uma bonita casa na Fifth Street e estava a pagar a Helen para a equipar. Cada peça de mobiliário, cada metro de pano para as cortinas, cada prato fazia o seu rosto brilhar.

Dali a trinta e sete dias deixaria a casa dos Carlisle e ficaria sob a proteção de um homem que a adorava, um homem do qual parecia gostar cada vez mais. Afinal, o papel de Mrs. Victor Llewellyn não seria assim tão difícil de desempenhar.

As pastas mais atrás começaram a inclinar-se sobre as da frente. Helen puxou-as um pouco

para cima. A do fundo dizia « São Judas » .

– Ai, ai. – Helen retirou-a. Vic tinha uma mente brilhante tratando-se de leis, mas não percebia nada de arquivos.

A porta abriu-se.

– Olá, queri... – Vic estacou. – Oh, olá, Esther. Não esperava vê-la aqui.

Ela estendeu a mão e esboçou um sorriso.

– Já uma senhora não pode visitar um velho amigo?

Ele apertou-lhe a mão e sorriu-lhe.

– Velho? Sinto-me mais novo a cada dia que passa. – Piscou o olho a Helen.

Ela sorriu, rolou os olhos e olhou para a pasta. São Judas? Que estranho. Não se lembrava de nenhum cliente com esse nome.

– Espero que possa ajudar-nos a desenredar a burocracia que está a reter os documentos do Carver em Washington DC.

– Farei o que puder, mas não prometo nada. – Vic entrou no seu gabinete e pôs a pasta. – O Marshall é capaz de ter pegado numa causa perdida.

– Não concordo – argumentou Esther. – Qualquer pessoa com pensamento lógico que olhe para os factos consegue ver a injustiça.

– A lógica não tem nada a ver com isto. – Vic encostou-se à moldura da porta e cruzou os braços. – Levei algum tempo, mas já percebi que este caso nunca teve a ver com justiça mas sim com política. Nunca conseguirá influenciar a Marinha. Depois dos tumultos em Detroit, em Mobile, no Harlem, em Los Angeles..., a Marinha decidiu tomar medidas enérgicas contra os rapazes de Port Chicago. Justiça? Atropelaram-na em nome da paz.

– Passaram a mensagem deles. – Esther endireitou as costas. – Mas podemos fazer justiça agora, no recurso.

– E pensa que em tempo de guerra eles vão admitir que estavam errados? – Vic abanou a cabeça. – Nunca. Ainda no mês passado, a Marinha condenou setenta e cinco negros daquele Batalhão de Engenharia em Oahu por se recusarem a trabalhar... foi também uma condenação por motim. Não veremos nenhum movimento até depois do armistício. E da maneira que as coisas estão a correr no Pacífico, é capaz de demorar anos.

Helen suspirou e abriu a pasta. Mas... já tinha visto aqueles documentos – os recursos em nome de George Washington Carver Jones, a declaração médica, tudo.

– Talvez – disse Esther. – Mas estamos a lutar por mais do que apenas estes cinquenta homens inocentes, e estamos a lutar dentro do sistema, sem recorrer a tumultos. É por isso que preciso dos documentos.

– Estes documentos? – Helen riu por tê-los encontrado na altura certa e mostrou a pasta a Vic. – É isto que ela precisa, não é?

– Oh! É isso mesmo.

– Encontrou-os? O Senhor seja louvado. – Esther gargalhou e tirou os papéis da pasta. – Vou enviá-los amanhã mesmo pelo correio. Mas pensei... não deviam estar em Washington?

– Hum, esqueci-me por completo. – Vic esfregou a nuca. – Quando recusaram o recurso, devolveram toda a papelada. Nunca mais me lembrei.

Helen arqueou uma sobrancelha.

– E arquivaste-os em que letra?

Ele deixou escapar uma gargalhada.

– Já sabes como eu sou... mal conheço o alfabeto. Foi por isso que te contratei. – Depositou-lhe um beijo na face. – Esqueci-me de colocar esta carta no correio. Eras capaz?

Ela abanou o envelope.

– Claro. Acompanho a Esther até à porta.

Esther encostou os papéis ao peito enquanto saíam do edifício.

– O Senhor hoje guiou a sua mão, não foi?

Helen riu.

– Só Deus conseguiria entender o sistema de arquivamento de Vic. Tenho de o impedir de voltar a abrir o armário.

– Ele precisa de si para o manter na linha. – Virou para o armazém. – Vejo-a na cidade. E mais uma vez obrigada por me ter apresentado os Novak. São uma família maravilhosa.

– Pois são. – Sentiu um aperto no peito ao pensar no homem mais maravilhoso que alguma vez conhecera, mas dirigiu-se para a estação de correios, prosseguindo com a sua vida. Mesmo que Ray tivesse sobrevivido, nunca haveria de retribuir o seu amor, conhecendo-a como conhecia. Teria acabado na mesma com Vic.

Estava destinado. E era necessário, não apenas por Helen, mas por causa de Jay-Jay, e também por Vic. A sua incompetência fazia-a sorrir. Ao menos, contribuiria com mais que apenas o seu corpo e o seu trabalho de casa para o casamento.

Passou por um marinho que empurrava um caixote de lixo. Como podiam os documentos de Carver ter ido parar à pasta de São Judas e como podia esta ter sido arquivada na letra Z?

– São Judas?

– Está doente, minha senhora?

– Desculpe? – Olhou para o marinho.

Ele encolheu os ombros magros.

– Desculpe, minha senhora. Ouvi-a rezar a São Judas e pensei que estivesse doente.

– Ele é... ele é o santo padroeiro dos doentes?

– Dos doentes, dos desesperados. É o santo padroeiro das causas perdidas.

Causas perdidas? Virou-se lentamente e dirigiu-se para o posto dos correios, o seu pé esquerdo a arrastar ligeiramente. Vic chamava à pasta um caso perdido.

Helen enrolou os braços em volta da cintura. Talvez afinal se sentisse mesmo doente.

Lechfeld

Q uinta-feira, 22 de março de 1945

Ray agachou-se atrás de uma árvore com vista para o *Me 262* que se encontrava mais longe da torre de controlo.

A sua respiração doía na garganta seca, mas os objetos guardados no blusão de voo davam-lhe força – o manual e o modelo de madeira para Walt, o livro de poesia para Jay-Jay e a sua Bíblia.

Dali a pouco tempo estaria com a sua família e com a mulher que amava, ou na companhia do Senhor.

No dia anterior, os alemães tinham sido chamados para o ataque, mas Ray acobardara-se quando vira o piloto à distância. Não voltaria a cometer esse erro.

Algo se agitava na frente leste. A atividade havia aumentado na semana anterior e a base de Lechfeld parecia reduzida a dez *Me 262* em funcionamento. As forças de Ray decaíam ainda mais depressa.

A sirene soou à distância e o seu coração acelerou.

– Senhor, é agora. Dá-me força, coragem e velocidade.

Levantou-se, mas sentiu um espasmo nos intestinos e teve de se contorcer, arquejando com a dor. Depois voltou a endireitar-se. Com disenteria ou sem disenteria, aquele era o dia.

– Está na hora de ser ousado. – Ray correu para a pista e virou para a fuselagem triangular do seu avião.

Junto à asa esquerda encontrava-se um homem da tripulação de terra envergando um macacão preto, o primeiro obstáculo.

Ray saudou-o levantando a mão. Içou-se até à asa verde, meteu um pé no apoio marcado como «*Einsteigklappe*» e girou a perna direita para o interior do *cockpit* aberto.

– *Entschuldigung?*

Ray estacou. Estava na hora de agir como Gedeão na batalha e fazer um ar temível. Endireitou as costas e mirou por cima do nariz com um olhar que esperava fosse entendido como arrogância prussiana.

O homem compôs o bivaque preto.

– *Entschuldigung*, Herr Oberleutnant. Nunca o tinha visto. Não é um dos meus pilotos habituais. Quem... quem é o senhor?

Ray fez uma expressão indignada com aquela audácia e tirou os papéis de identificação de Johannes. A adrenalina deixava-lhe os músculos tensos.

– *Ja! Jawohl*, Herr Oberleutnant. – Fez continência.

Ray baixou-se no assento e expirou.

Observou a disposição do *cockpit* – tal como no manual. Manetes do motor à esquerda, interruptores à direita e no painel, instrumentos de voo à esquerda e manómetros do motor à direita.

Ao longe avistou o piloto da Luftwaffe. O estômago de Ray contorceu-se. Virou-se para o membro da tripulação de terra. Era bom que estivesse pronto ou Ray estaria morto.

– *Bereit?* – ladrou para esconder o sotaque.

– *Ja*, mas pensei que era o tenente Schmidt quem iria voar hoje.

– *Nein. Bereit? Links.* – Apontou para o motor esquerdo, depois acionou os interruptores da bateria, do inversor e dos geradores.

O homem de negro franziu o sobrolho e inclinou a ca-beça.

Oh, não, o sotaque. Conseguiria Ray substituir a dúvida pelo medo? Olhou para o membro da tripulação de terra e apontou para o motor.

– *Links!*

O homem pestanejou.

– *Jawohl.* – Agarrou numa argola na ponta do motor e puxou um cabo, tal como num cortador de relva. O motor ganhou vida.

Ray puxou a canóia do *cockpit* para baixo e trancou-a. Com a mão direita no motor de arranque, enrolou os dedos da esquerda na manete do motor. Pela primeira vez na sua vida, pôs um motor a jato em funcionamento.

Pisou o pedal e pressionou o botão de ignição do combustível. Um som latejante juntou-se aos barulhos no *cockpit*. Ray empurrou a manete do motor até atingir as 2000 rpm, depois soltou o motor de arranque.

Apontou para o motor direito.

– *Rechts.* – Ao menos, o barulho do motor iria esconder o facto de não saber pronunciar os *Rs*.

O piloto verdadeiro encontrava-se a cerca de cem metros com a boca escancarada. O ritmo cardíaco de Ray aumentou com as rotações do motor. Ainda precisava que o tripulante de terra ligasse o motor direito e retirasse os calços das rodas.

– *Start rechts!* – gritou Ray e o homem obedeceu

O piloto correu para o avião, agitando os braços.

– Senhor, ajuda-me. – Ray concentrou-se na tarefa de pôr o motor direito em funcionamento.

O piloto aproximou-se do tripulante de terra aos gritos e a gesticular.

Os tacómetros marcavam 4000 rpm. Tinha de levar ambos os motores até às 7500 e depois retornar para as 6000 para rolar até à pista.

A discussão no interior intensificou-se. O piloto bateu com o pé no chão e apontou para o para quedas, uma peça do equipamento que faltava a Ray.

Estremeceu. O homem de negro não merecia ser castigado.

Finalmente, 7500 rpm. Depois de puxar as manetes do motor para trás, Ray bateu no vidro para chamar a atenção do homem e agitou o polegar como quem pede boleia para que fossem retirados os calços do trem.

O piloto colocou-se à frente do homem de preto e gritou e o olhar do tripulante de terra oscilou entre os dois pilotos.

Ray tinha de fazer prevalecer a sua vontade. Engoliu o medo, a fome e o desespero e fitou-o com uma expressão de fúria, apontando por cima do ombro.

O homem acenou afirmativamente com a cabeça. Passou pelo piloto e retirou os calços do trem.

O avião rolou para a frente e as mãos de Ray tremeram com a súbita descida dos níveis de

adrenalina.

– Obrigado, meu Deus.

O piloto da Luftwaffe tirou o capacete, atirou-o para o chão e afastou-se a gritar o que só podiam ser imprecações em alemão.

Rolar até à pista era o obstáculo seguinte. Ao invés de utilizar os lemes e as manetes do motor, tinha de utilizar os travões para manobrar o jato.

O avião oscilou pelo terreno não pavimentado. Tudo em seu redor se salientava – o verde-escuro das árvores onde vivera durante dois meses, os *Me 262* a convergirem para a pista e a torre de controlo à distância. Tinha de descolar antes que o outro piloto avisasse a torre. Ao princípio, pensariam que se tratava de um erro, mas se verificassem os registos depressa chegariam à conclusão que Johannes Gottlieb não constava.

Os lábios de Ray secaram. Não havia como voltar para trás. O seu destino seria decidido na meia hora seguinte.

– Senhor, o que foi que eu fiz?

A pista aproximava-se. Cinco caças passaram. Ray seria o último. O seu avião entrou no asfalto. Soltou um pouco o travão direito e o *Me 262* rodou para a direita. Muito longe. Pisou o travão esquerdo para endireitar.

O obstáculo seguinte – a autorização de descolagem. Ray ligou o cabo que pendia do seu capacete ao rádio junto ao ombro direito. Os seus auscultadores encheram-se com estática e com frases alemãs e apanhou «*Vierundzwanzig? Vierundzwanzig?*».

Vinte e quatro – os últimos dois dígitos do número de série do seu avião. Estavam a chamá-lo, porém, não planeava responder.

Mais à frente, uma mulher fardada acenava a cada aeronave com uma bandeira. Um por um, todos aceleravam pela pista. O ar tremeluzia atrás dos seus motores. Todos se elevavam livres no céu.

Ray sentiu um aperto no coração.

– Meu Deus, ajuda-me a juntar-me a eles.

Pisou os travões, sorriu para a mulher da bandeira e fez-lhe continência numa tentativa de a cativar.

Ela sorriu em resposta e olhou para a torre.

Ray desceu os *flaps* até aos vinte graus e acelerou até o motor atingir as 8500 rpm.

A mulher franziu o sobrolho e acenou para Ray. Apontou para a orelha e para a garganta e pronunciou:

– *Funkgerät?*

Rádio. Ray ficou tenso, mas sorriu e deu uma pancadinha nos auscultadores.

– *Ja, ja. Alles gut.*

Ordens soavam nos seus ouvidos. Não entendia grande coisa, exceto «*Nein*» e «*Nicht*». Não iam autorizá-lo a descolar. E com razão. Se soubessem a sua identidade, haveriam de o torturar até à morte.

A mulher levantou uma mão para dizer a Ray que aguardasse e enrugou a testa ao mesmo tempo que olhava para a torre de controlo.

O seu coração batia contra a caixa torácica como um animal selvagem a tentar escapar da jaula. Tinha chegado a hora. A pista estava desimpedida. Levou as manetes do motor até às 8700

rpm e verificou a temperatura e a pressão do combustível.

– Senhor, ajuda-me, por favor. – Soltou os travões.

O avião deu um solavanco para a frente. Onde estava a velocidade? A potência? Seria a pista suficientemente comprida?

Os gases e o barulho atingiram níveis quase insuportáveis e, gradualmente, a velocidade foi aumentando.

Aos cento e sessenta quilómetros por hora, Ray pressionou o botão «Ein» para recolher o trem. O nariz inclinou-se para cima.

Esboçou um esgar. Quantos *Me 262* tinha visto despenharem-se na descolagem?

– Oh, meu Deus, aqui vamos nós. – Aos duzentos quilómetros por hora puxou o manche para trás.

Os solavancos acabaram. Estava no ar. Ray pressionou os travões de modo a parar o movimento giratório das rodas e recolheu o trem de aterragem. Colocou os *flaps* a dez graus. Precisava de mais velocidade.

Aos duzentos e noventa quilómetros levantou os *flaps*.

Soltou uma gargalhada. Tinha conseguido. Roubara um avião a jato inimigo. Jack e Walt iriam sentir inveja.

Colocou-se atrás da formação, ganhando altitude e velocidade. Experimentou o seu novo brinquedo. Respondia bem. Se ao menos a torre parasse de gritar aos seus ouvidos.

Estava na hora do passo seguinte, um que pensara nunca vir a atingir. Tinha de enganar os outros pilotos e separar-se deles antes que a torre descobrisse que aquilo era mais do que um engano de um novato com o rádio avariado, antes que os outros pilotos suspeitassem e o abatessem.

– Tenho de me fazer de inocente. – Viu o lugar vazio na formação e ocupou-o.

O avião líder veio para trás até ficar ao nível de Ray. Havia irritação no rosto do comandante de esquadra.

– *Was ist los?* O que se passa contigo? Não tiveste autorização para a descolagem. O teu rádio não funciona.

Não, o rádio funcionava muito bem, mas Ray recusava-se a carregar no botão de transmissão no manche.

– *Nichts ist los. Es funktioniert.*

– *Nein.* Não o oiço.

– *Ich höre Sie.* – Não era mentira. Ray escutava-o perfeitamente.

– *Dummkopf.* Regressa à base. Não voltes a descolar sem permissão.

Ray fez uma expressão dececionada.

– *Jawohl, Herr Hauptmann.*

O capitão resmungou sobre pilotos tão novos que nem sequer os conhecia e tão estúpidos que nem mereciam voar.

Ray pouco se importava. O seu coração fez a dança da vitória ao mesmo tempo que o *Messerschmitt* saía da formação e apontava para sudeste em direção a Lechfeld.

À altitude de dois mil metros, aumentou a velocidade para os setecentos e cinquenta quilómetros por hora. Assim que a formação desapareceu de vista, voltou para oeste. O Reno estendia-se a pouco mais de cento e sessenta quilómetros de distância, a cerca de quinze minutos,

àquela inacreditável velocidade. Ray nunca fora de fazer habilidades, mas a alegria do momento deu-lhe vontade de fazer um paraquedista.

Não. Deixaria essa manobra para um piloto de testes americano.

Sorriu. Claro. Tudo o que tinha de fazer era evitar os caças aliados, aterrar um avião desconhecido atrás das linhas aliadas e convencer os soldados americanos que era um deles. Nada mais fácil.

A Floresta Negra não devia ficar longe, mas Ray dirigiu-se mais para norte onde acreditava que os Aliados atravessariam o Reno.

Avistou um rio, que corria para oeste ao encontro do Reno, curvando através de um vale arborizado, e Ray seguiu-o.

Um castelo erguia-se numa das colinas, um castelo enorme muito parecido com as fotografias que vira do Castelo de Heidelberg. Não seria fantástico?

Se assim fosse, isso significava que o Reno estava próximo. Ray empurrou o manche para a frente para descer. Uma planície estendia-se à sua frente a borbulhar de atividade enquanto carros de combate e tropas se dirigiam para oeste. Território alemão.

– Não por muito tempo – disse ele. Aos mil metros, sobrevoou uma cidade com uma planta quadrada dentro de um semicírculo. – Mannheim. – Ray tinha-a visto nas missões de bombardeamento, mas nunca imaginara que havia de ficar tão feliz por voltar a vê-la. De um dos lados da cidade corria um rio largo, azul-acinzentado.

– O Reno. – A liberdade encontrava-se do outro lado. E talvez até uma boa refeição.

Desceu até aos quinhentos metros e baixou os *flaps* para os quinze graus.

Atravessou o Reno. Não tardou a ver tropas e carros de combate e a ouvir o som de metralhadoras.

Estavam a disparar contra ele, mas Ray gritou de alegria.

– Americanos! Ei, sou eu. Sou um de vocês. – Riu com aquela tolice. Mas tinha conseguido. Tinha conseguido chegar ao território aliado.

Quase. Tinha ainda de aterrar. E sem se despenhar.

Diminuiu a velocidade para os quatrocentos e vinte quilómetros por hora. Um pouco menos de velocidade e poderia descer o trem de aterragem, o sinal universal de rendição, como uma bandeira branca.

Examinou o solo e voltou para sul em direção a um campo plano. Um estalido.

– Boa, fui atingido. – E podia culpá-los? Pensavam que ele ia atacar.

Ray pressionou o botão «Aus» para descer o trem e o nariz do avião inclinou-se momentaneamente para cima ao mesmo tempo que as rodas desequilibravam o centro de gravidade da aeronave.

O solo aproximou-se e Ray alinhou o avião com o campo de aterragem. Os homens continuavam a apontar as suas armas, mas tinham parado de disparar. Ou pensavam que ele tinha danos irreparáveis ou que ia desertar.

Sentiu um cheiro doce mas acre. A última vez que tinha sentira aquele odor, acabara pendurado num para quedas.

– Fogo? Outra vez não.

Gavinhas fantasmagóricas saíram do painel de instrumentos e as chamas propagaram-se, tendo como alvo as suas mãos como se o avião, alemão em toda a sua conceção, o reconhecesse

como impostor.

– Não. Agora não. – Cerrou os maxilares e esforçou-se por trabalhar por entre o calor para ajustar as manetes do motor e os *flaps*. As luvas de couro não ajudavam muito.

Meteu as mãos por entre as chamas para baixar o nariz do avião e gritou com a dor, mas despenhar-se iria doer muito mais.

O solo aproximava-se a toda a velocidade. Bateu com força e pisou os travões.

– Para! – gritou Ray com as mãos nos controlos a ferver.

Os soldados correram até ele, com as armas apontadas.

O avião oscilou e acabou por se imobilizar. Ray desligou tudo o que havia para desligar de modo a salvar o seu troféu. A alavanca que abria a canópia estava mergulhada em chamas. Cerrou uma vez mais os dentes, meteu a mão e girou-a. Gritou e abriu a canópia para deixar entrar o ar fresco.

– Fica onde estás, *kraut*. Mãos no ar.

– *Nein. Feuer. Ich muss aussteigen.* – Ray saiu do *cockpit* para a asa e depois saltou para o chão. Caramba, porque estava ele ainda a falar alemão? Para os americanos?

Encarou doze *GIs* com doze espingardas. O calor pulsava nas suas mãos, mas algo bem melhor cresceu no seu peito e levou um sorriso aos seus lábios.

– Rapazes, nem sabem como estou satisfeito de vos ver.

– Mãos no ar!

– Rendo-me. – Ray obedeceu. O seu sorriso estendia-se tanto que chegava a doer. – Apaguem o fogo. Os tipos dos aviões vão querer o jato intacto.

Um sargento aproximou-se mais e encostou o cano da arma ao queixo de Ray.

– Ei, *Jerry*, onde foi que aprendeste a falar inglês? Na escola de espões?

– *Nein*. Na Califórnia. – O calor assava-lhe as mãos e o cheiro a couro queimado chegou-lhe às narinas. As luvas. Tinha de tirar as luvas. Gemeu, ajoelhou-se no chão e arrancou o couro fumegante.

– Eu disse mãos no ar! – O *GI* virou a espingarda e deu uma coronhada no maxilar inferior de Ray.

A sua cabeça inclinou-se para trás e uma dor penetrante atravessou-lhe o crânio.

Viu estrelas que se diluíram na noite mais escura de todas.

Antioch

Sábado, 7 de abril de 1945

Sentada no sofá de Betty, Helen passava as folhas do seu caderno de apontamentos com os planos para o casamento.

– Mistress Carlisle já está a tratar do meu fato. É do mais bonito tom creme que alguma vez viste. O bolo, por outro lado.... Mistress Llewellyn insiste em tratar disso e eu temo que nos envergonhe com uma confeção exagerada que viole todas as leis do racionamento.

– Que chá tão delicioso, Miss Anello. – Betty ajoelhou-se ao lado da pequena mesa branca, que o pai tinha feito há muito tempo para ela e para Helen, e bebeu de uma minúscula chávena azul.

– Mai? – A pequena Judy tirou um chapéu enorme da cara e pegou no bule.

– Ora, muito obrigada. É uma excelente anfitriã.

– Não quero chá – resmungou Jay-Jay, a sua cabeça enterrada num chapéu de feltro de George. – Quero café.

– Não. – Judy abanou a cabeça e os seus caracóis escuros tocaram nos ombros do seu vestido às bolinas cor de rosa.

Helen pousou o caderno de apontamentos no colo.

– Sinceramente, Betts. Perguntas-me sobre os planos do casamento e depois não prestas atenção à resposta.

– Desculpa. – Betty levantou-se, não se sentindo confortável naquela posição com a barriga já tão grande. O bebé nasceria no mês seguinte. Sentou-se no sofá. – Queria ouvir apenas uma frase, mas já devia saber que ias ler todos os pormenores de todos os teus cadernos de apontamentos.

– Um caderno de apontamentos. – Helen exibiu um sorriso envergonhado. – Desculpa. Eu sei que sou uma perfeccionista, mas só temos três semanas, estou a trabalhar a tempo inteiro e tenho tanto para fazer.

– Então para quê a pressa? Tem calma. Espera mais alguns meses.

Na pequena mesa, Judy colocou uma bolacha no prato de Jay-Jay.

– Bolo? Dee?

– Chá é para as raparigas. Quero café. – Recostou-se na cadeira e cruzou os braços numa perfeita imitação do avô. Helen estremeceu.

– Porque haveremos de esperar? O Vic e eu sabemos o que queremos. Conhecemo-nos bem. Queremos começar uma vida em conjunto.

Betty inclinou-se com o sobrolho franzido.

– Vá lá, o que se passa? Quero a verdade. Sei que não estás apaixonada por ele.

Helen virou as páginas do seu caderno de apontamentos e pestanejou. A sua vontade era ser sincera com a irmã.

Não tinha nada de que se envergonhar. Os abusos de Jim não eram culpa dela. Mas qual era o seu motivo para revelar a verdade? Iria acabar como uma seguidora da bisbilhoteira Mrs. Llewellyn? Não tinha nada que expor a vergonha de Mr. Carlisle – e não apenas a dele, a de Jim também e, por causa disso, a de Jay-Jay. O que era mais uma atuação pelo bem do filho?

Helen desenhou um sorriso.

– Não fazes ideia como eu sou louca pelo Vic. – Dito daquela maneira, não tinha mentido.

– Chá não! Quero café. Faz o que eu digo! – Jay-Jay aproximou-se da prima com o rosto vermelho e levantou um prato por cima da sua cabeça.

– Não! – Helen sentiu um aperto no peito e o ar escapou-se-lhe dos pulmões. Correu para o filho, arrastou-o até à casa de banho e fechou a porta atrás deles.

Sentou-o no chão. A fúria que sentia agigantava-a ainda mais frente ao filho que a fitava de boca aberta.

– Nunca mais – disse por entre dentes –, nunca mais voltas a falar dessa maneira com a Judy, com nenhuma rapariga, com nenhum ser humano. Não te atrevas a bater numa rapariga. Nunca!

– Mas ela não...

– Não me interessa o que ela fez ou não fez. Os cavalheiros não falam dessa maneira. Os cavalheiros não batem em raparigas.

Jay-Jay fez beicinho. Já vivia na casa dos Carlisle há quase um ano.

– Mas...

– Não. A Bíblia diz-nos que devemos ser gentis para os outros. Não se bate.

– Mas...

– Não. – Agitou um dedo frente ao nariz do filho. – Serás... um... cavalheiro. Serás gentil. Não irás bater em ninguém. Não deixarei que isso aconteça.

Jay-Jay guinchou e pontapeou-a.

Helen desviou-se.

– Vais ficar aqui até aprenderes a portar-te como um cavalheiro.

– Helen? – Chamou Betty do corredor. – Está tudo bem aí dentro?

Saiu da casa de banho e fechou a porta aos gritos do filho.

– Que temperamento – comentou Betty.

A fúria chegou à cabeça de Helen. Afastou-se em bicos de pés com a irmã.

– É por isso que preciso de casar com um cavalheiro, deixar o trabalho e dedicar mais tempo a educar o meu filho. Por isso mete-te na tua vida.

Girou nos calcanhares e percorreu o corredor. Depois gemeu. Não podia ir-se embora com o filho preso na solitária. Agora a Betty haveria de querer conversar, mas Helen já dissera mais do que devia.

Entrou na sala e estacou. Esther Jones e Allie Novak encontravam-se sentadas no sofá. Helen lá conseguiu mostrar um sorriso.

– Olá, minhas senhoras. Não vos ouvi entrar.

Betty passou por Helen arqueando uma sobrancelha.

– Chegaram quando estavas a ajudar o Jay-Jay na casa de banho.

Até Betty entendia a importância de esconder a vergonha da família e nem sequer conhecia toda a sua extensão.

Esther olhava para um envelope no seu colo, o queixo projetado para a frente.

– Helen, posso falar consigo a sós?

– Claro.

Betty dirigiu-se para a cozinha.

– Allie, e que tal ajudares-me com o jantar? Podes trazer o carrinho do Frankie. Judy, tu também vens, querida.

Desapareceram atrás da porta da cozinha.

Esther apertou o envelope com mais força e levantou os seus olhos negros para Helen.

– Pensei que estava do nosso lado.

Os lábios de Helen formigaram.

– Estava. E estou.

– Então como explica isto? – Mostrou-lhe o envelope da Western Union.

– O que é isso?

A boca de Esther desenhava uma linha e os músculos do seu pescoço estavam tensos, em contraste com o tecido floral do seu vestido.

– Quando mandei os documentos do Carver a Mister Marshall, enviei-lhe um telegrama a avisá-lo, para que deixasse de os procurar em Washington.

Helen agarrou os braços do cadeirão.

– Esta foi a resposta dele. – O papel tremia na mão de Esther. – Não conseguimos encontrar os documentos em Washington porque eles nunca chegaram. O tenente Llewellyn nunca interpôs o recurso pelo meu marido.

– Mas isso não pode ser. Eu própria datilografei a papelada.

– Nunca foi pedido. Os papéis não estavam lá porque o tenente Llewellyn não pediu recurso.

– Mas ele disse... – Helen não conseguia respirar. Tinham reunido os documentos, preenchido os formulários. Porque não pedira recurso? Não fazia sentido. Claro que tinha pedido.

Os olhos de Esther brilhavam.

– Pensei que podia confiar em si. Pensei que era diferente.

– Mas ele... mas ele disse. Prometeu. Não pode ser.

– Não sabia?

Helen encostou os dedos às têmporas. Os seus olhos ar-diam.

– Não pode ser. Ele disse... Só pode haver algum engano.

– Porque pensa que ele escondeu aqueles documentos? – As lágrimas tremeluziam no rosto de Esther. – Ele não os arquivou ali por engano. Escondeu-os.

São Judas, o santo padroeiro das causas perdidas. O ardor nos olhos de Helen intensificou-se e fechou-os com força. Não, não podia ser. Vic era um homem íntegro que lutava pelos oprimidos, que tinha palavras sobre a justiça bordadas num quadro na parede.

– Confiei nele. – A voz de Esther desmanchou-se. – Ele prometeu ajudar o Carver. Não cumpriu o seu dever para com o seu cliente. Sabia que podemos processá-lo por causa disso? O meu querido marido está na prisão, acusado de motim... Motim!... e ninguém luta por ele. Ninguém.

Helen pressionou as palmas das mãos contra os olhos até ver faíscas brancas. Vic não iria mentir. Não quebraria uma promessa. Talvez se tivesse esquecido, ou arrumado mal os papéis ou pensado que ela os tinha enviado pelo correio. Sim, tinha de haver uma explicação.

Se assim era, por que razão se contorcia o seu estômago?

*

França

Segunda-feira, 9 de abril de 1945

Uma enfermeira circulava por entre os prisioneiros de guerra alemães na tenda hospital da base aérea enquanto cantava «Marching Through Berlin» ao estilo da Broadway. A maioria dos homens ignorava-a, mas alguns lançavam-lhe olhares indignados – aqueles que sabiam falar inglês.

Ray queria sorrir, mas o queixo partido não lhe permitia. A dor e o inchaço, os arames e as ligaduras no rosto impediam-no de falar e de sorrir e até dificultavam a ingestão dos alimentos líquidos por uma palhinha.

E com as mãos queimadas e enroladas em gaze, não conseguia sequer escrever.

Continuava a ser Johannes Gottlieb.

Os oficiais de informações da Força Aérea do Exército haviam tentado interrogá-lo, mas nunca tinham passado da primeira pergunta. Quando interrogado se era Johannes Gottlieb, Ray abanava sempre a cabeça. «Aquele deve ter lesões cerebrais», sussurrara um oficial para o seu médico.

A enfermeira apoiou as mãos na cintura e inclinou a cabeça para o lado, fazendo saltitar os seus caracóis castanhos e curtos.

– Okay, rapazes, está na hora de embarcar. Eu sei que preferiam ver a Inglaterra a partir de uma barcaça durante a invasão e não de um avião de carga C-47. Mas, paciência. É o que acontece quando se perde.

Ray nunca apreciara aquele tipo de fanfarronice, mas agora aquela americanisse confortava-o, à semelhança dos pãezinhos da sua mãe.

– Seja simpática, tenente La Rue. – Uma enfermeira loira com um braçado de cobertores passou pela cadeira de rodas de Ray.

– Não consigo evitar. Detesto estes voos com prisioneiros de guerra.

– Terás o sargento Rosenberg contigo e um polícia militar armado.

– Mesmo assim. Não gosto.

Havia algo de familiar na enfermeira loira – a voz doce, o sotaque do Minnesota. A namorada do Charlie – como se chamava? May Jensen. Poderia ser ela?

O ritmo cardíaco de Ray acelerou. Só vira May umas poucas vezes. Conseguiria ela reconhecê-lo? E se fosse...? O seu coração bateu ainda mais depressa. E se fosse Ruth Doherty? May e Ruth prestavam serviço na mesma esquadra de evacuação.

Ray olhou em redor da tenda. Poderia Ruth reconhecê-lo? Há algum tempo que não se via ao espelho. Teria mudado muito? Entre a perda de peso e as ligaduras que lhe cobriam o rosto, conseguiria ele reconhecer-se?

A morena verificou a etiqueta presa ao roupão de Ray e escreveu numa prancheta.

– Johannes Gottlieb. – Leu com o som do *J* ao invés do *Y* alemão. – Que horror. Ao pronunciar isto parece que tenho uma batata quente na boca. Vou chamar-te Johnny.

Empurrou a cadeira de rodas de Ray até ao asfalto em direção ao bimotor *C-47*. Os motores ronronavam e o ar quente transportava aquele odor delicioso a combustível de avião, mas Ray procurou a sua futura cunhada.

A tenente La Rue estacionou a cadeira de rodas de Ray junto à porta traseira do *C-47*.

– Fique de olho neste, está bem? – pediu ao polícia militar de capacete branco. – Vou buscar o próximo.

No avião à sua esquerda, uma enfermeira inclinava-se sobre um doente deitado numa maca. Quando se endireitou, o seu cabelo castanho-avermelhado brilhou com o sol.

– Ruth! – Tentou gritar, mas o que saiu foi um grunhido alto que lhe fez doer ainda mais o maxilar.

Ela olhou para ele e depois para a tenda que fazia de hospital.

Ray agitou os braços por cima da cabeça. Se não tivesse preso à cadeira de rodas, correria até ela. Todo aquele suplício chegaria ao fim num minuto e depois Helen e a sua família ficariam a saber que ele estava vivo. *Por favor, meu Deus, faz com que ela venha aqui.*

– Ei, companheiro, estás com algum problema? – O polícia militar aproximou-se com a espingarda junto ao peito.

Ray fitou-o com um olhar desesperado, apontou com a sua gigantesca luva branca na direção de Ruth e fez-lhe sinal para que se aproximasse.

Ela caminhou para lá, franzindo o sobrolho.

– O que se passa?

– É um dos alemães, tenente. – O polícia tocou no ombro de Ray com a coronha da espingarda. – *Sprecken zee* inglês, companheiro?

Ray anuiu e fez sinal a Ruth até esta se encontrar à sua frente. Há quase três meses que não via um rosto familiar e o seu desejo era agarrá-la e abraçá-la, mas se o fizesse o mais provável era levar um tiro.

Ao invés, apontou para os seus olhos. *Olha para mim.*

– Tem fome? – perguntou Ruth. – Sede?

Ele abanou a cabeça e tocou nas maçãs do rosto. Tê-lo-ia visto vezes suficientes para o reconhecer? Seria suficientemente parecido com Jack?

– Dói-lhe a cabeça? Tem alguma coisa no olho?

Como poderia ela ver com todas aquelas ridículas ligaduras? Ray esfregou as mãos nas faces e tentou puxar as ligaduras para baixo.

– Não, *sir*. Não faça isso. *Nein*. – Ruth agarrou-lhe os antebraços, mas Ray resistiu.

O cano da espingarda fez pressão contra o seu peito e alguém lhe agarrou os cotovelos por trás. Ray inclinou-se para trás na cadeira de rodas e gemeu. Assim nunca conseguiria tirar as ligaduras.

Um médico atou os braços de Ray aos braços da cadeira.

– Este está a meter-se consigo, tenente?

– Não, está... creio que está a tentar dizer-me qualquer coisa. – Ruth inclinou-se e prendeu melhor as ligaduras, o seu rosto pálido e enrugado.

Aquela era a sua última oportunidade. Inclinou-se para a frente, aproximou o rosto o mais que

conseguiu de Ruth e falou com os olhos. *Sim, estou a tentar dizer-te uma coisa. Sou o Ray Novak.*

Os olhos dela esbugalharam-se e escancarou a boca.

O coração de Ray pareceu inchar. *Estás a ver? Senhor, ajuda-a a ver.*

Ela fechou os olhos e abanou a cabeça.

Ouviram-se passos.

– Oh, meu Deus – exclamou a tenente La Rue. – Ele parecia tão inofensivo.

– Eu tenho-o sob controlo. – O médico atou melhor o nó e o pano fez pressão no cotovelo de Ray. – Mas inofensivo é que ele não é. Tragam um sedativo.

A tenente La Rue colocou o braço em redor dos ombros de Ruth e conduziu-a para fora dali.

– Estás bem? Parece que viste um fantasma.

Ruth olhou de novo para Ray, os seus olhos mal-assombrados.

– De certa forma até vi. Ele... ele lembra-me alguém que conheci.

Ray abateu-se na cadeira de rodas e fechou os olhos. Doíam-lhe as mãos e o maxilar. Quanto tempo demoraria até poder falar e escrever? Até poder voltar a ser Raymond Novak?

Antioch

Sábado, 14 de abril de 1945

Na pista de dança do Forum Club, Helen balançava nos braços de Vic enquanto a banda tocava « Stardust ». Abriu muito os olhos e sugou o lábio inferior para manter as lágrimas afastadas. Tinha resultado na ala de poliomielite durante tratamentos dolorosos, porque os doentes bons não choravam. Por isso também tinha de resultar naquele momento. Aquela canção trazia-lhe tantas memórias – dançar com Ray na sala dos pais deste, Ray a cantarolar ao céu estrelado, o seu perfume, o seu sabor, o seu toque.

Helen pestanejou e uma lágrima escorreu-lhe pelas faces. Apressou-se a limpá-la. Tinham passado já dois meses desde que soubera da morte de Ray, mas a dor – a dor verdadeira – tinha o condão de aparecer sem aviso e tirar-lhe a respiração.

Naquela noite a dor era ainda menos bem-vinda. Precisava de coragem para descobrir a verdade de Vic. Na semana que passara ensaiara várias desculpas dele na sua mente. Mas todas haviam falhado.

Ele encostou-lhe o nariz ao cabelo.

– Daqui a duas semanas seremos marido e mulher.

Duas semanas. Tinha de saber que tipo de homem ele era antes disso. Ela e Jay-Jay não se podiam dar ao luxo de sofrer outro desastre matrimonial.

– Vic, preciso de te perguntar uma coisa.

– Sim?

A sua garganta fechou-se como se alguém lha tivesse apertado e quase sufocou. Tossiu para o esconder.

– Querida, estás bem?

Obrigou os seus lábios a desenharem um sorriso.

– Estou ótima.

– Ainda bem. Estava preocupado. Tens andado estranha esta semana. Bem, claro que toda a gente deve estar aborrecida com a morte do presidente Roosevelt na quinta-feira. Presumo que também devas estar nervosa com o casamento. Ao menos, já não estás a trabalhar e podes concentrar-te na cerimónia e na casa. – Sorriu, mas a ruga entre as sobrancelhas denunciava-o. Tinha medo.

Helen soltou um pequeno suspiro. Vic estava tão perto de cumprir o seu sonho de casar com ela e temia perdê-la. A banda começou a tocar « Every Time We Say Good-Bye ».

Helen não podia deixar que a pena ou o medo a comandassem. Só Deus podia fazer isso.

– Falei com a Esther.

– Que bom. – Puxou-a para mais perto. – E quando vai ela para Washington?

– Daqui a algumas semanas. Ainda tem umas coisas para fazer.

– Vai ser bom para ela. Washington deve ser um lugar excitante. Sempre quis ver o Capitólio e

o Lincoln Memorial.

Helen inspirou.

– Ela teve uma resposta de Thurgood Marshall. O gabinete do juiz auditor em Washington... não tem registro do recurso do Carver.

Vic gemeu.

– Burocratas. Passam a vida a perder os papéis.

– Não façam isso. Não têm registro. Nem em Washington, nem em Oakland. O recurso nunca foi pedido.

– Que palermice. – Os ombros de Vic ficaram tensos sob a mão de Helen. – Sabes que eu...

– Por favor, não. Não tornes as coisas piores. Mentiste, Vic. Mentiste ao Carver, à Esther e a mim.

– Não és advogada. – A sua voz era dura. – Não sabes nada.

Aquilo doeu quase tanto quanto as bofetadas de Jim.

– Posso não ter formação superior, mas sei que disseste que ias pedir recurso, e sei que não o fizeste.

– Não entendes. – Baixou a cabeça. – É uma causa perdida. A Marinha condenou dois outros homens com explicações médicas documentadas. O Carver não tinha a menor possibilidade. Eu não tinha escolha.

– A decisão não te competia a ti. Prometeste...

– Não viste o que eu passei? Não viste? – Mantinha a voz baixa e o olhar pregado no chão. – Tentei ajudar, tu sabes que sim. Tinha a justiça do meu lado. Tinha a lei do meu lado. Mas quando a condenação foi proferida, eu vi a verdade. Eu era apenas um peão para que a Marinha pudesse fazer de conta que tinha feito o que estava certo.

– Isso não significa...

– Significa que estou do lado errada. Do lado errado. Não sabes o que disseram de mim. Perdi amigos na Marinha, na minha profissão, porque defendi homens de cor. Tu não fazes ideia. Se tivesses continuado a lutar, a minha carreira teria chegado ao fim.

– A tua carreira? – Pestanejou para afastar as lágrimas. – E a carreira do Carver? E a vida dele?

Vic fechou os olhos..

– A carreira dele já terminou. Não há nada que eu possa fazer. O melhor para ele é não levantar ondas e tentar sair mais cedo. Tenho outras coisas com que me preocupar.

– Outras coisas? O que pode ser mais...

– Tu, por exemplo. Mereces tanta coisa. – O seu olhar derreteu, tão gentil e doce quanto o melaço. – Não posso deixar que cases com um homem com uma carreira sem brilho e um nome manchado.

– Manchado?

Vic suspirou e tentou puxá-la mais para si, mas Helen resistiu.

– Não te contei antes porque não queria preocupar-te. O meu pai recebeu cartas... cartas ameaçadoras por ser meu pai, por eu ter defendido a causa dos negros. Estava com medo de perder o seu cargo de juiz e, se eu tivesse continuado a lutar, era precisamente isso que teria acabado por acontecer.

Helen pestanejou ao olhar para o homem nos seus braços, um homem tão influenciado pela

política quanto os homens do painel de jurados.

Vic acariciou-lhe as costas.

– Não entendes, querida? Foi melhor assim. Pedir recurso não teria ajudado o Carver em nada, mas teria prejudicado a minha família. E isso inclui-te. Não queres entrar para uma família cujo nome está manchado.

Ela abanou a cabeça. Era isso mesmo que temia estar prestes a fazer.

Vic limpou-lhe as lágrimas com o seu lenço.

– Vamos esquecer tudo isto e apreciar o resto da noite.

– Não posso. – Como podia fazê-lo quando o seu interior se contorcia? – Preciso de ir para casa.

– Helen...

– Não. – Soltou-se dos braços dele e avançou por entre a multidão em direção ao bengaleiro.

– Helen... – A voz dele insistia atrás dela e agarrou-a pelo cotovelo. – Não podes sair sozinha. As pessoas vão falar. – Com um sorriso largo e vazio, ajudou-a a vestir o casaco e acompanhou-a até ao exterior, acenando de forma amigável a toda a gente por quem passavam.

Vic colocou o braço em redor dos ombros dela enquanto desciam a Fourth Street. Uma brisa mais forte empurrou o cabelo de Helen para a sua cara, como estores, e Vic contava histórias engraçadas num tom de voz elevado.

No abdómen de Helen crescia uma dor forte.

Com que tipo de homem ia ela casar? Um homem que se preocupava – mas não o suficiente para cumprir os seus planos. Um homem que fazia o bem – até a sua reputação estar em risco. Um homem que valorizava a justiça – mas que dava mais importância à opinião alheia.

Um covarde.

Viraram para a G Street e a dor subiu-lhe para o estômago, para os pulmões, para o coração. Acusara Ray de covardia por evitar o combate. Ele provara que ela estava errada. Até à morte, provara que ela estava errada, e não conseguia respirar.

O homem que ria ao seu lado era um verdadeiro covarde. Um covarde moral. E mentira acerca das suas ações. Nem sequer conseguia ser um covarde honesto.

Abanou o ombro de Helen.

– Ainda te recordas? Claro que sim. Lembro-me de estares na sala dos teus pais quando o meu pai me levou para ver o teu. Tinhas um vestido cor de rosa. Comecei a amar-te nesse dia.

Murmurou qualquer coisa como se estivesse demasiado em choque para responder.

– Engraçado, não é? – Vic conduziu-a até à Fifth Street. – Os meus pais proibiram-me de nadar no rio com os meus amigos, porque temiam que morresse afogado, mas saiu-lhes o tiro pela culatra. Nunca pensaram que eu fosse sair pela janela do meu quarto, cair da árvore e partir ambos os braços. Tenta-ram proteger-me mas eu acabei por me magoar de outra forma. O que prova que algumas coisas estão fora do nosso controlo.

– Fora do nosso controlo – murmurou ela.

Ele avançou para outra história, mas Helen agarrou-se à anterior e guardou-a entre as mãos para poder inspecioná-la.

Planeava casar-se com Vic para proteger Jay-Jay, mas iria esse tiro sair-lhe pela culatra? Estaria a colocar o filho num tipo diferente de perigo? O que aprenderia ele com Vic? Que a verdade, a justiça e a coragem podiam ser abraçadas ou descartadas conforme a conveniência?

Que algumas pessoas mereciam mais do que outras? Que devia proteger-se a ele primeiro?

Victor Llewellyn podia ser um mal menor que James Carlisle, mas também não se classificava como um bom homem.

Um gemido inaudível ergueu-se das profundezas do seu ser. *Senhor, o que posso eu fazer? Tenho de proteger o Jay-Jay.*

Mas poderia ela protegê-lo? Ele estava fora das suas mãos, fora do seu controlo. Tinha de confiar que Deus protegeria Jay-Jay. Tinha de fazer o que Vic não fizera – a coisa certa.

A dor transformou-se num espasmo que lhe invadiu o estômago. Se não casasse com Vic, ficaria presa na casa dos Carlisle. Não podia voltar a trabalhar para Vic, mas sem um emprego como poderia salvar o filho?

Não podia. Tinha de casar com Vic. Sem dinheiro seu, não tinha outra escolha.

Não era essa a desculpa de Vic? Que não tivera escolha? Mas tinha. Podia ter feito o mais correto independentemente das consequências.

Tremores percorreram-lhe o corpo. Deus amava Jay-Jay ainda mais do que ela. Tinha de deixar que o Senhor protegesse o seu rapaz à sua maneira, uma maneira que ela não podia planear ou controlar ou sequer imaginar.

Vic esfregou-lhe o braço.

– Está uma noite fria. Tremes como varas verdes.

Helen desviou o cabelo da cara. O rosto de Vic brilhava com compaixão e amor. Adorava-a e nunca a magoaria. Mas isso não era suficiente.

A dor deslocou-se e obrigou-a a falar.

– Não posso casar contigo.

– Desculpa? – Vic estacou no meio da D Street.

– Não posso... não posso casar contigo.

Soltou uma gargalhada bem audível.

– São nervos antes do casamento. A minha mãe avisou-me que isso era capaz de acontecer. Relaxa. Daqui a duas semanas toda a agitação terá já passado e podemos começar a nossa vida juntos.

– Não, não posso. – A sua cabeça abanava. – Faltaste à tua promessa. Mentiste para o encobrir.

Tinhas um dever para com o teu cliente e não o cumpriste. Isso é contra a lei.

Vic apertou-lhe o ombro.

– O Carver não vai apresentar queixa contra mim, pois não?

Helen soltou-se.

– Ainda não decidi.

– O quê? Porque haveria ele de se virar contra mim depois de tudo o que fiz por ele?

– Tudo o que fizeste? Mas tu não fizeste nada. Não passas de promessas vazias.

– Isso é uma palermice.

– « Mesmo que os céus caiam. » – A sua voz estremeceu. – É o que diz o teu lema. « Que a justiça seja feita mesmo que os céus caiam. »

– Isso é um ideal. Isto é o mundo real.

Helen apertou as mãos.

– Não posso casar com um homem que não segue o seu próprio lema.

Ele tentou alcançá-la, os seus dedos abertos e esticados.

– Sê razoável. Faltam apenas duas semanas para o casamento.

– Pouco me importa. Tenho de fazer o que está certo. Não vou casar contigo. – Tirou o anel de noivado do dedo.

– Não sejas pateta. Vamos para casa dos Carlisle e falamos melhor.

Os Carlisle? Uma onda fria abateu-se sobre ela. Se Mr. Carlisle descobrisse que ela tinha terminado o noivado, o que aconteceria? Embora a sua segurança estivesse nas mãos de Deus, colocou o anel de volta no dedo.

– Oh, meu Deus. Oh, não. – Tremia descontroladamente e a sua visão enevoou-se. – Por favor, Vic. Faz-me um favor, peço-te. Um único favor. Por favor, não digas a ninguém.

– O quê?

Ela precisava de arranjar um emprego e um lugar onde viver.

– Por favor, não digas a ninguém que eu terminei o noivado.

Ele soltou uma gargalhada.

– E o que queres que faça? Que finja que estou feliz? Pelo amor de Deus, o nosso casamento é daqui a duas semanas. Queres que continue a fazer planos e a sorrir? Estás louca?

Helen levou as mãos aos olhos.

– Por favor. Uma semana. Dá-me uma semana. Se não por mim, então que seja pelo Jay-Jay.

– Estás a dizer disparates.

– Não posso explicar-te a razão. Por favor. Acredita em mim, é muito importante. Preciso de uma semana. Faz-me esse favor.

O lábio superior de Vic estremeceu.

– Tens a ousadia de terminar o nosso noivado e ainda me pedes um favor? És louca. E o que ganho com isso?

– Eu sei que não é justo e que não faz sentido. Mas acredita em mim. Por favor.

– Fala com a Esther. – A sua voz era dura. – Convence-a a não apresentar queixa. Se fosse condenado, seria dispensado e afastado da Ordem. Ficaria arruinado. Mete-lhe algum juízo na cabeça.

Helen observou-lhe o rosto impávido. Ele sabia as consequências antes de agir. Sabia que as suas ações eram ilegais.

– Vou falar com ela, mas não posso prometer nada.

Ele desviou o olhar.

– Vais tentar, mas não fazes promessas. Ótimo. É o que terás de mim. Vou tentar não dizer nada a ninguém... durante uma semana... mas não prometo nada.

– Obrigada. E... lamento muito.

– Claro que lamentas. – E marchou rua abaixo.

Helen caminhou em círculos no meio do cruzamento, sem saber para onde ir. Estava sozinha na escuridão. Completamente sozinha.

– Oh, meu Deus, terei feito a coisa certa? Tenho tanto medo.

A brisa agitou os ramos de uma macieira ali perto e um amontoado de pétalas dançou em redor dela.

Helen estendeu a mão. As pétalas tocaram-lhe nos dedos, tal como haviam feito no dia em que caíra da bicicleta e Ray viera em seu socorro. *Como posso esquecer ter ajudado uma rapariga*

bonita com flores no cabelo?

As lágrimas correram-lhe pelo rosto, mas eram lágrimas de paz. Tinha feito o que estava certo. Pouco importavam as consequências.

*

Inglaterra

Q uarta-feira, 18 de abril de 1945

O Dr. Robinson desenrolou a gaze da mão direita de Ray.

– Muito melhor. Já podemos tirar as ligaduras. Entendeu?

Ray acenou afirmativamente com a cabeça, o seu queixo ainda preso por fios. As suas mãos estavam rosadas e brilhantes. O inchaço escondia os traços habituais: as veias e os tendões e até as rugas dos nós dos dedos. Mas naquele dia podia finalmente voltar a ser ele.

Atrás do médico encontrava-se o major Siegel, o oficial de informações da Força Aérea do Exército que de outras vezes tentara interrogar Ray.

– *Können Sie jetzt schreiben, Herr Oberleutnant?*

Anuiu, o seu coração acelerando. Sim, já podia escrever. Quicá pudesse ver os irmãos no dia seguinte, ou até mesmo naquele dia. Podiam enviar um telegrama a Helen e aos seus pais. Por certo iriam todos ficar espantados e radiantes.

O Dr. Robinson franziu o sobrolho e passou as ligaduras sujas a um prisioneiro alemão que era enfermeiro.

– Major Siegel, já lhe disse. As mãos dele estão demasiado rígidas, fracas e sem sensibilidade. Não conseguirá escrever.

Ray grunhiu e dobrou a mão, colocando-a na posição de escrita. O queixo do médico caiu.

– Como...?

Ray desenhou rabiscos no ar como se estivesse a escrever. Sempre que lhe tiravam as ligaduras e lhe embebiam as mãos numa solução salina, ele flexionava discretamente os dedos, até à dor, em preparação para aquele dia. Precisava de contar a sua história.

O major Siegel colocou-lhe um bloco na mesa de cabeceira e entregou uma caneta a Ray. Esta escorregou-lhe da mão.

– Eu avisei-o, major. Vai ter de esperar.

Ray abanou a cabeça, girou as pernas para fora da cama e tentou alcançar a caneta. O major Siegel pegou nela e segurou-a enquanto Ray dobrava os dedos em redor da mesma.

Com grande esforço, escreveu, « Podemos falar em privado? »

O major leu o papel.

– *Sie können auf Deutsch schreiben. Mein Deutsch ist sehr gut.*

Sim, o alemão do major era muito bom – melhor do que o de Ray. Bateu no bloco e olhou para o rosto quadrado do oficial.

Este semicerrou os seus olhos escuros.

Em privado?

« Importante », escreveu Ray. Os doentes eram alemães e os que estavam em recuperação enchiam a enfermaria. Um polícia militar americano fazia a guarda, uma enfermeira americana supervisionava os trabalhadores prisioneiros e o Dr. Robinson fazia as rondas, mas mesmo assim Ray sentia-se inseguro. Os outros pacientes olhavam-no desconfiados – não sabiam se ele era um piloto heroico abatido sobre as linhas aliadas ou um traidor desertor. Quando a identidade de Ray fosse revelada, seria transferido para outra enfermaria, mas preferia não correr riscos.

– Muito bem. – O major Siegel pegou no bloco. – Capitão Robinson, tem uma sala onde eu possa interrogar o prisioneiro em privado?

O médico fitou-o com uma sobranceira arqueada.

– Ele é um paciente, não um prisioneiro.

– É ambas as coisas e o senhor sabe bem disso. Um local privado?

O médico resmungou.

– O meu gabinete. Ao fundo do corredor, a segunda porta à direita.

– O meu ajudante e eu estamos armados. Não precisamos de guarda. – Acenou para um jovem tenente magrinho e fez sinal a Ray para que o acompanhasse. – *Kommen Sie mit mir, Herr Oberleutnant.*

Ray meteu os pés nos chinelos e obedeceu. O ajudante parecia horrorizado, por isso Ray mostrou-lhe um sorriso. Com a dor e o inchaço a desaparecerem, já conseguia fazer algumas expressões faciais.

Ainda assim, o ajudante levou a mão ao coldre.

Se pudesse, Ray ter-lhe-ia dito, « *Howdy, Xerife* ».

Ao invés, seguiu o major pelo corredor estéril. Os prisioneiros de guerra estavam alojados algures no campo num hospital verdadeiro e não num amontoado de barracões Nissen onde se situavam a maioria dos hospitais militares em Inglaterra. Dizia-se que assim evitavam as fugas ao colocá-los no andar superior.

– *Setzen Sie sich.* – O major Siegel puxou uma cadeira frente a uma secretária de madeira e sentou-se no lugar do médico.

Ray sentou-se, apontou para o bloco e para a caneta e esforçou-se por desenhar letras.

– O senhor é um caso difícil de deslindar, Herr Oberleutnant – disse o major em alemão. – Parece ser um desertor com um *Messerschmitt* intacto. Mas ficam muitas perguntas por responder.

Ray empurrou o bloco para a frente do major. Escrevera: « Sou americano. O meu nome é capitão Raymond G. Novak, Força Aérea do Exército Americano, 94.º Grupo de Bombardeamento. »

Siegel arqueou as sobranceiras e pestanejou várias vezes enquanto olhava para o papel.

– Isto é inesperado. Então o senhor é o capitão Novak, é isso? – Desta vez falou em inglês.

Ray anuiu com o coração aos pulos.

O major Siegel abriu a pasta sobre a secretária.

– Isso explicaria o seu excelente domínio do inglês e o facto de estar na posse de material militar americano... a roupa interior e os artigos do *kit* de sobrevivência. E explicaria esta Bíblia.

A sua Bíblia! Ray estendeu ansiosamente as mãos para ela. Aquelas quatro semanas sem a palavra do Senhor haviam sido quase insuportáveis.

– A Bíblia pessoal do capitão Novak – O major guardou-a de novo na pasta.

Os lábios de Ray formigaram. Siegel não acreditava nele.

– Sabe quando o capitão Novak foi abatido? E onde?

Ray escreveu, « 15 de janeiro, fora de Augsburg ».

– Muito bem. Deve lá ter estado. Mas espera mesmo que eu acredite que um piloto americano esteve dois meses escondido na Alemanha?

O maior problema de uma história inacreditável era quando se tornava necessário que alguém acreditasse nela. Ray alongou os músculos atrofiados das suas mãos, já doridos pelas frases curtas que tinha escrito. Como podia ele transcrever a sua longa história?

O seu olhar foi pousar numa máquina de escrever que se encontrava sobre uma pequena mesa a um canto da sala. Levantou-se.

O ajudante gritou e sacou da pistola.

Ray pôs as mãos no ar e inclinou a cabeça para a máquina, mantendo os olhos no xerife. Depois baixou as mãos o suficiente para mimar o gesto de datilografar.

– Ele quer usar a máquina – explicou Siegel. – Pode ir, Gottlieb.

Gottlieb. Finalmente, Ray podia contar a história de Johannes e a sua. Sentou-se à máquina e enrolou a custo o papel. Datilografar exigia muito esforço às suas mãos rígidas, mas Ray martelou toda a história – o linchamento dos seus tripulantes, o assassinio de Johannes, a sua decisão de permanecer em Lechfeld, a tradução do manual e os atos de sabotagem, o desvio do *Me 262*. Escreveu numa prosa agitada e sem marcas de pontuação, não revendo os erros e evitando as letras maiúsculas – para terminar antes que os seus dedos cedessem.

Após alguns minutos, Siegel veio colocar-se atrás dele. Ray tirou a primeira folha e passou-lha por cima do ombro. Depois continuou, enchendo mais três páginas num parágrafo ininterrupto.

O major leu a história com uma expressão neutra, como bom oficial de informações que era.

As mãos de Ray latejavam e ardiavam tal como no dia em que aterrara o *Messerschmitt*. Teria incluído os pormenores cruciais?

Siegel passou a mão pela boca e revelou um ligeiro esgar.

– Espera mesmo que eu acredite nisto?

Ray virou-se de novo para a máquina de escrever. « Todas as palavras são verdadeiras para confirmar a minha identidade por favor contactar os meus irmãos t.te-c.el jack novak com esq 94 gb e walt novak engenheiro na boeing serviço 8 fa. »

O Walt devia estar naquele instante a inspecionar o jato e a passar os olhos pelo manual. Talvez Ray devesse ter escrito uma mensagem pessoal no interior.

O major Siegel rodeou Ray e retirou a folha da máquina.

– Tenente, por favor, acompanhe o prisioneiro de volta à enfermaria.

Ray suspirou. Aquele pesadelo parecia longe de terminar. Ao menos, Siegel haveria de contactar Jack e Walt. Só precisava de uma visita deles para regressar à sua vida.

Ray parou junto à secretária e escreveu outra nota: « Por favor, *sir*, pode devolver-me a minha Bíblia? »

Siegel colocou o testemunho na pasta, leu a nota e levantou a pequena Bíblia encadernada a preto.

– A Bíblia do capitão Novak?

Ray quase conseguia sentir o aroma das páginas e da capa. Pegou novamente na caneta. « A

minha Bíblia. Oferta do meu avô no meu décimo segundo aniversário. Ando sempre com ela.»

A expressão do major Siegel endureceu e a Bíblia agitou-se na sua mão.

– Quanta informação conseguiu arrancar ao capitão Novak antes de o assassinar?

As pétalas cor de rosa que se encontravam no meio das páginas esvoaçaram para o chão – as flores do cabelo de Helen. A esperança de Ray desvaneceu-se com elas.

Antioch

Sexta-feira, 20 de abril de 1945

Helen entregou a ficha de inscrição ao gerente da Fábrica de Conservas Hickmott. Ia enlatar comida. Os seus pais ficariam escandalizados, mas seria um bom trabalho, bem remunerado, durante o verão.

O gerente passou os olhos pelo formulário e depois fitou-a com uma expressão hesitante.

– Helen Carlisle. Ouvi dizer que era capaz de passar por cá. Lamento, mas... não temos nenhuma vaga.

– Desculpe? – Anúncios gigantescos no *Ledger* imploravam por trabalhadores, declarando que era um dever patriótico enviar damascos, espargos e tomates enlatados para a frente de batalha.

– Mas...

– Desculpe. As vagas já foram todas ocupadas.

A boca de Helen secou. Ele sabia que ela iria? O que tinha ouvido e de quem?

– Se abrir alguma vaga, por favor, não ligue para o número no formulário. Vou mudar de casa. Eu depois passo por cá e pergunto. Quando sugere que o faça?

O gerente empurrou o formulário para o lado.

– Não vamos precisar de mais ninguém este ano.

Naquele ano? Que disparate. Enlatar não era um trabalho fácil e as raparigas estavam sempre a despedir-se.

Helen subiu a rua em direção à baixa. O que estava a passar-se? Toda a semana procurara trabalho evitando os amigos dos Llewellyn e dos Carlisle. Afinal, porque haveria a noiva de Victor Llewellyn de precisar de um emprego? Não podia procurar casa e trabalho abertamente até a notícia se saber, mas precisava de ambos urgentemente.

Atrás dela o rio San Joaquin levava as suas águas até à baía, águas tão frias quanto a perceção de que a notícia já se sabia.

Teria Vic contado à sua bisbilhoteira mãe? Era por isso que ninguém a contratava? Seria aquela a vingança dos Llewellyn contra a mulher que partira o coração de Vic?

Os olhos de Helen ardiam ao virar para a Second Street. No dia seguinte, a semana que pedira chegaria ao fim. Sem trabalho, não podia arrendar um quarto e, se os Llewellyn virassem a cidade contra ela, como conseguiria arranjar um emprego? Poderia arranjar trabalho se abandonasse a cidade, mas os alojamentos eram escassos e quem tomaria conta de Jay-Jay?

O ar doce da primavera pesava-lhe, obrigando-a a baixar a cabeça enquanto passava pelos negócios que começavam a fechar, desesperados por contratar alguém que não ela.

E se os Carlisle já soubessem?

Sentiu um aperto no peito. Seria seguro voltar a casa? E para onde mais poderia ir? Não podia dormir no sofá de Betty durante muito tempo, não com o bebé prestes a nascer. E Jay-Jay estava em casa dos Carlisle. Tinha de ir buscar e emalar algumas coisas.

Acelerou o passo em direção à casa dos Carlisle.

Helen abriu a porta. Faria uma mala, agarraria no filho e sairia.

– Oh, ótimo, Helen. Já chegaste. – Mrs. Carlisle encontrava-se à porta da sala de jantar a enrolar o avental. – O jantar está na mesa.

O coração de Helen foi embater contra a sua garganta.

– Desculpe. Hoje vou jantar a casa da Betty. Onde está o Jay-Jay?

– Sentado à mesa. Não podes. Hoje é noite de costeletas de porco.

– Não gosto de costeletas de porco. E o Jay-Jay também não. – Passou pela sogra e entrou na sala de jantar.

Jay-Jay estava sentado à mesa com Mr. Carlisle – e Victor Llewellyn. O sangue de Helen gelou. Vic contara. Quebrara outra promessa.

Pegou no filho com braços trémulos e devolveu-lhe o beijo.

– Olá, querido. Vamos jantar a casa da tia Betty.

– Viva! Doody!

Mr. Carlisle levantou-se.

– Se fosse a ti não fazia isso.

– Ela está à nossa espera. – Dirigiu-se para a porta. Embora a presença de Vic não fosse propriamente bem-vinda, dar-lhe-ia tempo para fazer as malas.

– Não vais sair desta casa. Temos um assunto para tratar.

Helen fulminou Vic com o olhar.

– Contaste.

Ele resfolegou.

– Não tive de o fazer. Eles perceberam.

– Disseste que ias trabalhar na tua casa estes dias. – Mrs. Carlisle sentou-se no seu lugar ao lado do marido. – Eu passei por lá na terça-feira e tu não estavas. Nada tinha sido feito.

Mr. Carlisle sentou-se e serviu-se de uma costeleta de porco.

– Na quarta-feira, Mister Lindstrom veio à Carlisles' Furniture. Contou-me que te tinhas candidatado a um emprego e perguntado sobre o quarto para alugar por cima da sua loja.

Helen abateu-se numa cadeira e apertou Jay-Jay. Os Lindstrom e os Carlisle nunca tinham sido íntimos. Acreditara que era seguro.

Mr. Carlisle serviu-se de ervilhas.

– Um comportamento estranho. Um claro sinal de instabilidade.

Helen arquejou.

– Instabilidade?

– Um de muitos. Deveras preocupante. – Deitou uma colherada de puré de batata no prato. – Deitas fogo à tua casa, deixas um Llewellyn no altar e procuras trabalho e um quarto quando toda a gente sabe que não deixamos que te falte nada. Um comportamento histérico. E agora tentas manchar o nome do Vic.

– O quê? Eu não...

– A encorajar aquela rapariga de cor a apresentar queixa.

– Eu nunca. – Lançou um olhar indignado a Vic.

Este projetou o maxilar para a frente.

– Já a convenceste a estar quieta?

– Falei com ela na segunda-feira. Foi isso que prometi.

Falara a Esther das consequências daquele ato e perguntara-lhe quais eram os seus planos, mas não tinha o direito de influenciar a decisão deles.

– Para além disso, essa decisão cabe ao Carver, não à Esther.

As faces de Vic enrubesceram.

– Primeiro terminas o nosso noivado e agora tentas arruinar a minha carreira.

– Eu? Mas tu... foste tu quem...

– Tal como eu pensava. – Mr. Carlisle passou o prato a Vic. – Mais sinais de instabilidade.

Claramente um mãe inadequada.

– O quê? – Helen foi metendo os dedos no cabelo do filho. Jay-Jay contorceu-se no colo da mãe.

– Mamã, quero ir para o chão. – Ela segurou-o com mais força. Mr. Carlisle servia a comida com um ar calmo, Mrs. Carlisle permanecia dócil como habitualmente e Vic olhava para baixo, com o sobrolho franzido.

– Inadequada? – Helen esbugalhou os olhos. – Eu amo o meu filho!

Mr. Carlisle mirou-a com um olhar frio.

– Ninguém duvida do teu amor, apenas da tua sanidade. Foi por isso que pedi a guarda do Jay-Jay.

Aquela frase foi como um murro no peito.

– O qu... o qu...?

– Se mostrares algum juízo e conseguires que aquela rapariga veja a luz, retiraremos o pedido. Mas com uma condição... continuas a viver nesta casa. Não é seguro o Jay-Jay viver sozinho contigo.

Helen não conseguia respirar, não conseguia pensar. Aquilo não podia estar a acontecer.

Vic empurrou a cadeira para trás.

– Obrigado pelo convite para jantar, mas é melhor eu ir andando.

– Como pudeste? – gritou ela. – Como pudeste ajudá-los?

– Não ajudei. – Levantou-se. – Só descobri depois de eles terem feito o pedido de custódia.

Não que discorde.

Helen arquejava, indignada. Por pouco não casara com aquele homem mesquinho.

Mr. Carlisle serviu outro prato.

– O Jay-Jay precisa de ficar nesta casa, onde estará seguro. Como presidente da Câmara de Comércio, alertei todos os comerciantes da cidade que estás um pouco perturbada. Ninguém te contratará. E ninguém irá arrendar um quarto a uma mulher sem dinheiro e sem emprego. E nem sequer penses em sair da cidade. Com o pedido de custódia, os tribunais irão encarar isso como evasão à justiça. Os terminais de autocarros e as estações de comboios estarão atentos.

Todos os membros de Helen pareciam dormentes. Privados de oxigénio e de vida.

– Mamã, muito apertado. – Jay-Jay esgueirou-se para o chão.

– Pobre pequeno. – Mrs. Carlisle estalou a língua. – Deixa a avó pegar-te ao colo com ternura.

O rapaz correu em volta da mesa para a avó.

Os braços de Helen permaneceram suspensos, congelados, abraçando o ar. O seu filho. Tinham roubado o seu filho. Tinham-na aprisionado naquela casa. E não havia nada que ela pudesse fazer.

Vic deslizou em direção à porta, tal como a cobra que era, e Mr. Carlisle colocou um prato frente a Helen.

Costeletas de porco. Ela detestava costeletas de porco, odiava tudo o que representavam – rigidez, controle, violência.

Empurrou o prato para o lado, saltou da cadeira e seguiu Vic até à porta.

– Como pudeste? Como foste capaz de me fazer tal coisa?

Ela virou-se para ela, os lábios enrugados.

– Em primeiro lugar, eu não fiz nada; foram eles. Em segundo, devias estar calada, depois do que me fizeste.

Ela fitou-o com raiva.

– Eu cancelei um casamento, mas, e tu? Tu estás a tentar tirar-me o meu bebé.

– Vou explicar-te de novo. Eu não fiz nada disso. E ouviste o que eles disseram... convence a Esther a desistir da queixa e tudo isto acabará.

– E se ela recusar, eles...

– E depois? Eles ficarão com a guarda, mas tu podes continuar a viver aqui. Nada mudará, com exceção da segurança do Jay-Jay, que eles irão assegurar. Uma decisão sensata.

– Sensata? – repetiu ela num sussurro feroz. – É sensato atirar um rapazinho aos lobos?

Vic soltou um riso abafado.

– Aqueles avós dedicados são tudo menos lobos. Não estás a ser um pouco dramática? Um pouco... histérica?

Helen enrolou os braços em volta da cintura e recuou. Se não tivesse cuidado, acabaria internada num manicómio.

– Queres saber uma coisa? – Vic abriu a porta e saiu. – Ainda bem que puseste fim ao nosso noivado. A última coisa que eu precisava era de uma mulher louca.

– Não fazes ideia... não fazes a menor ideia do que estás a fazer – murmurou ela, mas falou para uma porta fechada.

Helen tremeu. Todas as suas portas, todas as suas janelas estavam fechadas, trancadas e tapadas com tábuas. A escuridão envolvia-a.

*

Inglaterra

Sexta-feira, 27 de abril de 1945

Ray percorreu todo o comprimento da enfermaria e voltou para trás, determinado a quebrar o recorde dos dias anteriores de dezasseis voltas. Caminhava, fazia alongamentos, flexões e todo o tipo de movimentos atléticos – tudo para recuperar a força.

Afagou o maxilar inferior, ainda fragilizado pela fratura. Dali a uma semana tiraria os arames e poderia comer alimentos sólidos. Embora grato pelo caldo e pelas gemadas, estava tão farto daqueles alimentos quanto ficara do peixe e das batatas.

Ray passou por uma dezena de homens que beneficiariam de uma palavra amiga, mas ele não

podia consolá-los. Não podia ajudar o esforço de guerra pilotando ou cometendo atos de sabotagem, ou datilografando formulários em triplicado. Pela primeira vez, não se importava.

Podia rezar e ler a Bíblia alemã que o hospital providenciava. Tudo o que tinha era o seu relacionamento com Deus.

Era o suficiente.

Ray parou a fundo da enfermaria e esticou os braços por cima da cabeça, para a esquerda e depois para a direita. *Meu Deus, quando eu regressar ao púlpito, ajuda-me a não esquecer nada disto.*

– Oberleutnant Gottlieb? – chamou o major Siegel.

Ray respondia àquele nome, tal como respondera aos nomes de ambos os irmãos quando a mãe os confundia. Pedira para falar com o major. Tinham passado já nove dias desde que dera o seu testemunho escrito, mas não havia meios de Jack e Walt aparecerem.

O major Siegel conduziu Ray até ao gabinete do Dr. Robinson e estendeu-lhe um bloco de notas.

– Na próxima semana, quando lhe tirem os arames, ficará sob custódia da Força Aérea do Exército – explicou em alemão. – Gostaria de mudar a sua história?

« Não », escreveu Ray em inglês. « Já contactou os meus irmãos? »

– Se estiverem no Exército, são prisioneiros, ou sê-lo-ão em breve. Os russos já entraram em Berlim. O seu governo não tardará a cair.

Ray suspirou.

« Os meus irmãos – Jack e Walter Novak »

Siegel leu o papel.

– Vai manter a sua história? – indagou, mudando para o inglês.

« Mantenho-me fiel à verdade. E os meus irmãos? »

– Leram a sua história.

« E quando virão? » Escreveu tão depressa que as letras ficaram pegadas umas às outras.

– Não vêm. Recusam-se a validar as suas mentiras. – Siegel cruzou os braços. – A única coisa que não conseguiu tirar do capitão Novak foi a sua personalidade. Ele era um homem calmo e pacífico, incapaz dos atos que descreveu.

Ray sentiu uma tontura. Na Alemanha gracejara que os irmãos nunca acreditariam no que ele estava a fazer. Naquele momento não lhe parecia assim tão engraçado.

– Para já não falar que a sua caligrafia não se assemelha em nada à dele.

« Eu tinha acabado de tirar as ligaduras. Mostre-lhes isto. » Ray empurrou o bloco de volta para o major.

Este ignorou-o.

– Também disseram que o estilo do seu testemunho escrito não era o do capitão Novak. Nem a gramática, nem a pontuação, nada.

« As minhas mãos doíam. Eu queria... »

– Quais eram as suas ordens Gottlieb? Pilotou um *Me 262* até às linhas inimigas, transportando o manual, envergando farda alemã e roupa interior americana. O que pretendia?

« Queria regressar a casa. »

Siegel olhou para a resposta de Ray e abanou a cabeça.

– Conte-nos qual era o seu plano e seremos brandos consigo. O avião está armadilhado? Que

informações falsas incluíram no manual para enganar os nossos engenheiros? Se esse era o seu plano, falhou. Ninguém confia no avião, nem no manual.

Ray suspirou. O seu presente para a Força Aérea do Exército não tinha dado em nada.

O major inclinou-se sobre a cadeira de Ray com uma expressão séria.

– A farda... foi o que correu mal, não foi? Matou o Novak para lhe roubar a identidade, mas o uniforme dele não lhe servia. Os seus papéis dizem que é vários centímetros mais alto que ele. As mangas, as calças, eram demasiado curtas. Sem a farda americana não podia entregar o avião, recolher informações e voltar à base. Mas veio à mesma com esta história ridícula. Porquê? Apontaram-lhe uma arma à cabeça? À cabeça da sua querida *Mutter*? Enviaram-no numa missão suicida. Está a ver a que ponto do desespero chegaram os seus compatriotas?

Ray olhou para o major, a sua cabeça abanando de um lado para o outro.

– Sabe qual é a pena por espionagem... espionagem, tortura e assassinio. – Siegel cuspiu palavras com odor a tabaco diretamente no rosto de Ray. – Durante a Batalha do Bulge, houve espões alemães que se fizeram passar por americanos. Tirámos alguns do hospital e matámo-los. Perfeitamente legal de acordo com as Convenções de Genebra. Execução sumária de espões.

Os dedos de Ray gelaram.

O major Siegel endireitou-se e mostrou-lhe um sorriso lúgubre.

– Se cooperar, veremos o que podemos fazer. E então, tentamos de novo? Quais eram as suas ordens?

Os dedos gelados de Ray enrolaram-se em volta da caneta.

«Pilotar o meu *B-17* sobre a Alemanha e bombardear a base aérea de Lechfeld ou o alvo secundário nos arredores de Augsburg. Se fosse capturado, deveria dizer apenas o meu nome, o posto e o número militar, seria também meu dever tentar fugir e ajudar o esforço aliado. Fiz tudo isso até ao limite das minhas capacidades.»

– Continua a jurar que tudo isto é verdade?

«O Senhor é minha testemunha.»

– O Senhor? – Siegel riu. – Então poderá discutir tudo isto com Ele... e em breve. E que Deus tenha piedade da sua alma.

Antioch

Domingo, 29 de abril de 1945

Helen parou frente à porta do Fellowship Hall, mas tinha de estar presente e mostrar um rosto saudável à comunidade.

Tinha de provar que não era a louca e aleijada Helen.

Inspirando profundamente, empurrou a porta e entrou. Algumas conversas terminaram e outras foram aquietadas e escondidas atrás de mãos enluvadas. O sermão do pastor Novak sobre os malefícios da coscuvilhice não ajudaria. Se produzisse algum efeito, seria o de concentrar a atenção nos rumores que corriam pela cidade.

Enfurecida, Betty contara-lhe o que ouvira: Helen tinha deixado o adorável filho dos Llewellyn no altar, deitara fogo à casa, falava sozinha. Teria a poliomielite afetado o seu cérebro? Os Carlisle haviam sido muito simpáticos ao oferecerem-se para criar o pequeno. Que triste terem ficado sobrecarregados com uma nora instável, mas os pais dela não estavam na cidade e eles não podiam deixá-la na rua, não era?

– Oh, Mistress Carlisle, ainda bem que chegou. – Mrs. Novak aproximou-se de Helen e pegou-lhe pelo braço. – A Mistress Anello está em casa doente. Podia ajudar-nos com as bebidas. Não há ninguém em quem eu confie mais.

Os olhos de Helen encheram-se de lágrimas.

– Obrigada. Adoraria ajudar. – Embora já soubesse que o trabalho não era cura para nada, naquele dia trabalhar iria ajudá-la a parecer normal.

– O chá está em infusão – disse Mrs. Novak num tom de voz demasiado alto enquanto passava pela multidão. – As chávenas estão... oh, tu sabes o que fazer. Sabes sempre.

– Obrigada – disse Helen e mergulhou no refúgio da cozinha. Carregou uma travessa com chávenas e foi deixá-las na mesa, encheu os bules e trouxe-os para fora. Não havia açúcar nem café, por isso só tinha de encher os bules, servir o chá, limpar e levar as chávenas sujas para a cozinha. – Bom dia, Mistress Jeffries, Mistress Lindstrom – cumprimentou com um ligeiro sorriso.

– Oh, sim. Bom dia. – Elas fitaram-na com um olhar nervoso e voltaram a sua atenção para o chá.

Embora o coração de Helen titubeasse, assegurou-se que o seu sorriso não desaparecia.

– Estou muito grata pelo sermão de hoje. – A voz de Mrs. Llewellyn elevou-se na fila. – O pobre Victor sofreu muito com os rumores. Foi muito corajoso da parte dele vir hoje à igreja. Ontem deveria ter sido o dia do seu casamento, pobre rapaz. Não entendo como aquela rapariga teve a audácia de aparecer. Bem, isso só prova que a cabeça dela não está...

Mr. Peters saiu da fila e Mrs. Llewellyn estendeu a mão para uma chávena – e deu de caras com Helen. A mulher arquejou.

– A minha cabeça, Mistress Llewellyn? – Helen conseguiu falar e sorrir, apesar do seu maxilar

parecer feito de pedra. – A minha mente está em paz sabendo que o pastor Novak não se estava a referir a *min*. – Virou-se e dirigiu-se para a cozinha, o seu coração a bater contra a caixa torácica.

Abriu a porta do armário que bateu e colocou mais chávenas no tabuleiro. As suas mãos tremiam.

A porta da cozinha abriu e fechou.

– Posso bater naquela mulher horrível? – Esther encontrava-se junto à porta com os braços cruzados frente ao peito.

Helen soltou uma gargalhada.

– Por muito que eu gostasse, não seria sensato.

– Alguém tem de a defender. Que conversa é essa dos Carlisle terem pedido a custódia do seu filho?

– Infelizmente, esse rumor é verdadeiro. – Helen virou as asas das chávenas todas para o mesmo lado. – Mas falei com Matthew Ward, o advogado do meu pai, e ele diz que o meu caso é sólido. Tudo o que os Carlisle têm são rumores e opiniões. Só tenho de mostrar a toda a gente que sou uma boa mãe.

– E quem vai julgar o seu caso? O juiz Llewellyn?

– É o único na cidade, mas Mister Ward disse que ia tentar mudar o local do julgamento.

– Aquele Victor Llewellyn. Já sabia que ele não era de confiança, mas nunca pensei que pudesse ser tão mau e vingativo...

– Não é obra dele. A sério.

– Acha que ele não aconselhou os Carlisle? Que não lhes deu a ideia?

– Não creio. Tudo o que sei é que não lhes dirá para fazerem o contrário a menos que... – Oh, não, não queria que Esther soubesse da condição dos Carlisle. Pegou no tabuleiro que estava sobre o balcão e dirigiu-se para a sala.

– A menos que...?

Helen dispôs chávenas lavadas na mesa e colocou as sujas no tabuleiro.

– Mistress Jones, era capaz de ver se os bules precisam de mais chá? – Estugou o passo em direção à cozinha.

– A menos que o quê? O que anda aquele tenente intrusão a preparar?

– Nada. – Helen tentou alcançar o bule que Esther segurava, mas esta desviou-o.

– Não a deixo encher isto a menos que me diga o que se passa.

Helen pousou as chávenas sujas no lava-louça.

– Não lhe contei por uma razão. Tem de tomar as suas próprias decisões.

– Eu? Mas que tenho eu a ver com isso?

– Nada. Absolutamente nada. Era aí que eu queria chegar. O cobarde do Vic quer que eu a convença a desistir da acusação contra ele. Eu recuso-me a fazer tal coisa. A Esther tem todo o direito. Ele falhou no seu dever e devia enfrentar as consequências.

Esther colocou o bule no balcão.

– E o que tem isso a ver consigo e com o Jay-Jay?

Helen olhou pela janela frente ao lava-louça. As crianças jogavam à apanhada no relvado e Jay-Jay perseguia Donald Ferguson, que corria devagar para que o rapaz mais novo conseguisse apanhá-lo. Um dor forte tomou conta do seu coração.

– Não tem nada a ver conosco. Mister Carlisle diz que retira o pedido de custódia se eu a convencer. Diz que é um sinal de sanidade. Uma perfeita parvoíce.

Esther soltou um suspiro longo e baixo e encostou-se ao balcão. Tocou numa cicatriz no antebraço de Helen.

– O seu marido batia-lhe, não é verdade?

Helen olhou a amiga nos olhos. Nunca o admitira para ninguém, para além de Ray e Dorothy.

– Sim, batia.

– E aprendeu com o pai dele?

O estômago de Helen contorceu-se. Anuiiu.

– E se eles criarem o Jay-Jay...

Aquele pensamento rasgou-a por dentro e originou um soluço que não conseguiu evitar. Tapou apressadamente a boca com a mão.

– Não podemos deixar que isso aconteça. – Esther marchou para a porta da cozinha.

– Onde vai?

– Falar com o tenente e acabar de uma vez com isto. – Escancarou a porta.

– Não! Esther, não. – Helen seguiu-a e segurou a amiga pelo braço. Esta nem sequer abrandou o passo.

– Já é mau o suficiente o Carver estar na prisão. Não podemos deixar que eles roubem o seu filho.

Para que os presentes não percebessem o que se passava, Helen colou um sorriso nos lábios e baixou a voz.

– Não o farão. O meu caso é sólido.

– Acha que sim? Já ouviu os rumores? Eles viraram a cidade contra si. Não tem a menor hipótese.

Helen avistou Vic à conversa junto à porta e puxou pelo braço de Esther.

– Deus irá proteger o Jay-Jay. Eu sei que sim. Ainda que eu perca, Ele irá protegê-lo. Mas temos de fazer o que está certo. Temos de ter a coragem de lutar.

Esther olhou profundamente nos olhos de Helen.

– Às vezes o Senhor quer que lutemos, mas outras prefere que nos rendamos. Para nos rendermos precisamos de mais coragem do que para lutarmos.

– Mas não devia. Tem todo o direito...

– Estou a abdicar dele. – Esther arrancou a mão de Helen do seu braço e aproximou-se de Victor com um sorriso largo. – Bom dia, tenente. Posso falar consigo lá fora?

O olhar de Vic desviou-se para Helen e a surpresa transformou-se em alívio.

– Seria um prazer. – Abriu a porta para Esther.

Helen recuperou o tempo de os seguir até ao carvalho na orla da propriedade da igreja. Não podia deixar aquilo acontecer.

Sob a árvore, Esther virou-se para Vic e espetou-lhe um dedo frente ao nariz.

– Perdi todo o respeito por si. Está disposto a sacrificar uma mulher e uma criança para salvar a sua carreira.

Ele inclinou os ombros para trás.

– Como se atreve...

– Merece uma reprimenda e até ser expulso da Ordem, mas não deixarei que magoe a Helen

e o Jay-Jay no processo.

Helen agarrou o braço de Esther.

– Por favor, não. Isto não é preocupação sua.

– Ele fez com que fosse. – Abriu a mala e tirou um formulário dobrado ao meio. – O Carver pediu-me que trouxesse isto para a igreja e rezasse pela melhor decisão. Quer-me parecer que o Senhor respondeu à minha oração.

O rosto de Vic empalideceu.

– Não vão apresentar queixa?

– Não, não vamos. – Seguro o formulário e rasgou-o em pequenos pedaços que deixou cair na cara de Vic. – Deixo-o nas mãos do Todo-Poderoso. Sugiro que se arrependa dos seus pecados e que reze por misericórdia.

– Ora... como se... – Vic sacudiu os pedaços de papel da cara e da farda.

Esther inclinou a cabeça para o lado e abriu um sorriso inocente.

– A palavra que procura é « obrigado ».

A boca dele contorceu-se.

– Obrigado.

– De nada. E perdoo-o. Recuso-me a deixar que me arraste para a sarjeta da amargura. Agora acaba com este pedido de custódia e diga à sua mãe que pare com a coscuvilhice.

Vic fez um pequeno aceno de cabeça.

– Prometo.

Helen encostou a língua ao céu da boca para não dizer o que pensava das promessas dele.

Esther deu o braço a Helen.

– Vamos. Pode almoçar em casa dos Novak comigo enquanto o tenente tem uma conversinha com os Carlisle. É isso que ele vai fazer, não é?

– Claro que o farei.

Enquanto Esther a afastava dali, Helen olhou para trás. Vic semicerrou os olhos e elevou um ligeiro sorriso, o sorriso da vitória. Contudo, a vitória era dela. Não tinha casado com ele.

*

Helen pendurou o casaco dourado que combinava com a saia dourada e verde e baixou-se para ajudar Jay-Jay.

– Onde estiveram?

Ficou tensa ao ouvir o tom duro de Mr. Carlisle e pendurou um pequeno casaco azul.

– Almoçámos em casa dos Novak e jantámos com o George e a Betty. A Dorothy não vos disse? Não vos encontrei depois da missa e pedi-lhe que vos dissesse...

– Dizer? Tu não dizes... tu pedes! – Elevou a mão e deu-lhe uma bofetada.

Ela gritou e levou a mão à maçã do rosto dorida.

– Pedir? Não tenho de...

– As coisas mudaram. Não podes levar o meu neto sem a minha autorização.

– Mas... mas isso é só se ganhar... Espere, o Vic não passou por aqui?

A expressão de Mr. Carlisle endureceu. Virou-se, dirigiu-se para a sala e sentou-se no

cadeirão, pegando na revista *Time*. Helen deu dois passos atrás dele.

– O Vic não veio cá? Ele prometeu que vinha.

– Veio.

– E não lhe disse que os Jones não vão apresentar queixa?

– Sim. – Virou uma página da revista.

Os músculos da perna de Helen ameaçaram ceder.

– Então vai retirar o pedido de guarda.

– Não. – Olhou para a revista por cima do nariz. – Isso não seria sensato. És uma mãe inadequada. O comportamento de hoje confirmou-o... a ralhar com Mistress Llewellyn como uma louca, a não pedir permissão e o Victor diz que tentaste convencer aquela mulher a desistir da sua decisão, o contrário daquilo que te mandei fazer.

– Mas... mas... – Sentiu o filho encostar-se à sua perna e pegou na sua pequena mão.

– É apenas uma precaução. Podes morar aqui desde que te comportes, mas não posso permitir que leves o meu neto daqui para fora, para viver num lar perigoso.

Helen não conseguia pensar num lar mais perigoso do que aquele. Tudo dentro dela gritava. A promessa dele não significara nada. O sacrifício de Esther fora em vão. Mas não disse nada. Esther e Ray haviam-lhe mostrado que a coragem assumia muitas formas – rendição, pacificação, luta – ou, no caso de Helen, fuga.

– Vamos, Jay-Jay. Está na hora de dormir.

Graças a Deus ele não argumentou e subiu com ela. Tinha de pensar, planejar, agir. Mr. Ward dissera que os Carlisle não a podiam obrigar a residir ali antes do julgamento ou depois, se ela ganhasse a causa. Se ficasse, a violência iria aumentar. Tinha de sair naquela noite.

Ajuda-me, meu Deus. Fechou a porta do quarto de Jay-Jay.

– És um menino muito lindo. Vamos vestir o pijama.

Cantou uma canção enquanto o ajudava e a sua mente concentrou-se num plano.

– Hoje vamos fazer uma coisa diferente com as histórias. – Tirou o livro *Mãe Gansa* da estante. – Tu apontas uma rima e eu recito-a.

– Está bem, mamã. – Jay-Jay sentou-se na cama de pernas cruzadas. – Miss Muffet.

Helen leu a rima e tirou uma mala do armário. Depois recitou «Wee Willie Winkie» e «Old Mother Hubbard» enquanto enchia a mala com as coisas do filho, deixando também espaço para as suas.

Mais tarde nessa noite, quando toda a gente estivesse a dormir, sairia com a mala e o seu pequeno filho, que dormia como um morto. Naquela noite iria para casa de Betty.

Depois faria o impensável.

Imploraria por ajuda. Aquele pensamento fez-lhe arder os olhos. Admitiria o seu falhanço e enviaria um telegrama aos pais a pedir dinheiro. Podiam recusar, mas se ela lhes contasse sobre o pedido de custódia poderiam ceder. Precisava de dinheiro para pagar a renda do quarto por cima da loja de Mr. Lindstrom. Procuraria trabalho em Pittsburg, a cidade seguinte.

As lágrimas correram-lhe pelo rosto, mas continuou a cantarolar as rimas do livro. Aquela não era a vida que tinha planeado.

A porta do quarto escancarou-se e Mrs. Carlisle entrou.

– Ora, aqui está o meu anjinho. A tua mamã não me dei-xou ver-te o dia todo. – Olhou para a mala no chão. – O que é isto?

Helen deu um salto para a porta e fechou-a, depois agarrou nas mãos da sogra. Tinha de falar com ela de mulher para mulher, de mãe para mãe, de vítima para vítima.

– Por favor. Mister Carlisle hoje bateu-me. A senhora sabe como é. Só vai piorar até ele me deixar inconsciente. Preciso de sair daqui. Prometo que não saio da cidade. Só preciso de sair desta casa.

Mrs. Carlisle olhou para a mala com uma expressão triste e ansiosa que Helen nunca antes tinha visto.

– Por favor. – Helen apertou-lhe as mãos ossudas, tentando apelar à sua compaixão, à sua necessidade, à sua dor. – A senhora sabe como é. Por favor, deixe-me ir.

O olhar da mulher fixou-se em Helen.

– Se tu te fores embora e ele descobrir que eu sabia...

A sogra seria vítima de uma tarefa violenta. A boca de Helen abriu-se. O sangue escapou do seu rosto e a esperança abandonou o seu coração.

Naquela noite uma delas levaria tarefa. No castanho baço dos olhos de Mrs. Carlisle algo faiscou. Controlo. Pela primeira vez desde o dia do casamento detinha o controlo.

A mulher mais velha soltou as mão e abriu a porta.

– James! Ela vai fugir! Vai roubar o nosso bebé!

– Oh, não! – Mãos esqueléticas tentaram agarrar a garganta de Helen. Despejou o conteúdo da mala na primeira gaveta da cómoda, espalhou-o e tentou fechar a gaveta, mas do que serviria? Não podia sair, nunca conseguiria escapar ao homem que subia as escadas em direção ao quarto.

– Ela ia tentar fugir, mas eu impedi-a. – Mrs. Carlisle apontou para a mala espalhada no chão.

– O que é isto? – Abanou a mala na frente do nariz de Helen.

Ele recuou e dedos frios e brancos enrolaram-se em volta do seu pescoço. Não tinha defesa. Não tinha desculpa.

– Eu não... eu não saio da cidade. Prometo.

– Não saíras desta *casa!* – Içou a mala e acertou-lhe com ela na cabeça.

Uma dor branca e flamejante irrompeu no seu crânio e caiu, enrolada numa posição que conhecia bem: joelhos encostados ao peito, braços por cima da cabeça.

Os golpes atingiam-na sem piedade – nos lados, nos braços, nas pernas – até a mala se partir. Depois, amaldiçoou-a e pontapeou-a e Helen gritou para que parasse, para que, por favor, parasse, e Jay-Jay chorava e implorava-lhe que parasse, e Mrs. Carlisle permanecia a um canto, abraçada à cintura, os seus olhos frios e sem vida, e não proferiu uma palavra para o fazer parar. Como se conseguisse.

Como se alguém conseguisse pará-lo.

Quando se cansou, arrastou-a para o quarto dela, trancou-a por fora e disse que se ela voltasse a tirar Jay-Jay daquela casa mandá-la-ia prender por rapto.

Helen ficou deitada no chão de madeira, o sangue e as lágrimas misturando-se na sua boca. Nunca conseguiria sair dali. Nunca. Os Carlisle haveriam de conseguir a custódia do seu filho e aquilo iria repetir-se vezes sem conta até a matarem.

Nenhum torpedo japonês poderia ajudá-la agora.

Soluçou e sentiu uma dor penetrante no peito. Devia ter partido uma costela ou duas. Abraçou-se para suportar a dor que vinha com as lágrimas.

Foi então que um pensamento lhe aflorou à mente. Os Carlisle pouco se importavam se ela

vivia ou morria, se partia ou ficava. Só queria saber de Jay-Jay. Mr. Carlisle nunca o agrediria, tal como nunca batera no filho.

Era um pensamento negro, mas brilhava na sua negritude, como a obsidiana. Não podia salvar o filho, mas podia salvar-se a ela. E absorveu toda a sua brilhante, fria e dura escuridão.

Inglaterra

Segunda-feira, 30 de abril de 1945

O Dr. Robinson cortou o último arame e o maxilar de Ray abriu-se. Com esforço, fechou a boca, mas esta voltou a abrir-se. Massajou os músculos dos maxilares, ambos rígidos e fracos de seis semanas de imobilização.

– E ele agora já pode falar? – O major Siegel pairava atrás do médico.

– Sim – coaxou Ray. Em seguida, pigarreou. – Sim, já consigo falar. – A sua voz saiu débil e irreconhecível.

O Dr. Robinson sorriu para Ray.

– Pode ingerir alimentos moles. Está pronto para a sua primeira refeição?

– Pode crer.

– Na verdade, a sua última refeição – disse o major Siegel. – E nós trataremos disso. Venha, Herr Oberleutnant.

O Dr. Robinson levantou-se e encarou o major.

– Ele ainda é meu paciente. Não assinei a alta.

– Então assine-a, capitão. Ele tem um encontro.

Sim, um encontro com o pelotão de fuzilamento. O coração de Ray instalou-se no vazio do seu estômago.

O médico pegou na prancheta murmurando como os soldados deviam cingir-se às suas tarefas e não meter o nariz no trabalho dos médicos.

Ray passou a mão pelo colo até aos joelhos gastos da farda da Luftwaffe de Johannes, que cheirava bem melhor do que da última vez que a vestira.

– E então, Gottlieb, é bom voltar a vestir o seu uniforme?

– Nunca gostei de usar o uniforme do inimigo.

O major deixou escapar um riso abafado e entregou a Ray o blusão de aviador e o lenço de Helen.

Ray apalhou a lã macia, enrolou-o em volta do pescoço e segurou-o com ambas as mãos. Se ao menos tivesse podido enviar uma carta a Helen a dizer o quanto a amava. E à sua família também. Mas era melhor assim. Já toda a gente fizera o luto. Se os irmãos descobrissem que podiam ter evitado a sua execução, a culpa seria insuportável.

– É da sua *Mutter*?

– Não. Da rapariga que amo, na Califórnia.

– Não desiste dessa história? Que homem teimoso.

– É uma das características dos Novak.

O major Siegel mostrou-lhe um par de algemas.

– Vista o casaco.

Ray suspirou e vestiu o blusão. A farda ainda lhe ficava um pouco larga, mas havia ganho

alguns quilos com a dieta líquida. E para quê?

Siegel algemou-o atrás das costas.

– Vamos. – Fez sinal a dois policiais militares e ao seu ajudante.

Ray virou-se para o médico.

– Obrigado, doutor Robinson. Agradeço o seu cuidado e gentileza.

O médico fitou o major com uma expressão indignada.

– A mim soa-me a sotaque americano.

– Ele é bom, não é? – Siegel conduziu Ray para fora da enfermaria e pelas escadas até ao exterior.

Ray levantou a cabeça para sentir a brisa fresca e ver o céu. Era a primeira vez em semanas que saía do hospital, e a última.

Que bela ironia. Um piloto americano que voara mais de trinta missões de combate e cometera atos de sabotagem atrás das linhas inimigas estava prestes a ser executado por espionagem.

E nunca ninguém saberia.

Ao menos, morreria sabendo de que material era feito e em paz com o Senhor.

Quando chegaram à carrinha do exército, o major Siegel colocou uma venda sobre os olhos de Ray e este disse adeus ao azul.

*

Antioch

Depois da meia-noite, sob a luz pálida do luar, com o pensamento cor de obsidiana em mente, Helen pôs-se em ação.

Desentalou o lençol de cima e estendeu-o sobre a cama. Depois colocou nele tudo o que necessitaria – fatos de trabalho, roupa interior, camisa de noite, sapatos, luvas e uma boina que não ficaria amarrotada.

A escuridão do seu plano oprimia-a. Ia abandonar o seu filho. Seria uma dor e uma culpa incapacitantes que teria de suportar pelo resto da vida. Mas que escolha tinha ela de enfrentar – ficar até que Mister Carlisle a matasse ou partir e deixar para trás e perder todos aqueles que amava.

Queria viver.

A janela do seu quarto dava para o telhado do alpendre traseiro. Podia atirar a trouxa para o relvado, passar para o telhado do alpendre e depois saltar para o chão. O que representaria mais alguns ferimentos?

O resto do plano flutuava numa opaca neblina. Ir a pé até Pittsburg, utilizar o pouco dinheiro que tinha para comprar um bilhete de comboio até São Francisco, ficar no YWCA¹⁹ até encontrar trabalho e um quarto. Podia facilmente perder-se na cidade.

Sentiu um aperto na garganta, mas afastou a neblina de dúvidas que a cercava. Tinha de recuperar o controlo.

Da cómoda tirou o seu estojo de manicura e de maquilhagem e uma escova para o cabelo.

Viu as cartas de Ray, atadas com uma fita, e sentiu uma pontada de dor.

Apertou-as contra o peito e caiu de joelhos. O que pensaria ele do seu plano? Ele compreendia sempre, mas quem poderia compreender um gesto daqueles?

Agarrou as cartas com uma mão e as costelas doridas com a outra. Tinha-o perdido, tinha-o matado e agora deixaria para trás todos aqueles que amava. Mas era melhor assim. Uma rapariga coxa que passava a vida a magoar-se e matara o homem que amava. Também não tardaria a destruir Jay-Jay. Ele ficaria bem melhor sem ela.

Falhara como esposa, como mãe, como mulher. Merecia ser agredida. Merecia perder o filho. Merecia a dor e a vergonha para o resto da vida.

Um envelope destacou-se da pilha.

Helen agarrou-o. Era mais grosso que os restantes e irregular e retirou a folha que Ray lhe enviara, cinzenta prateada sob a luz do luar.

Ondas de dor tomaram conta dela. Ray tivera coragem. Não se preocupara com a sua própria vida, mas tão-somente com fazer aquilo que estava certo. Ele matara os seus dragões.

Helen estava a fugir dos dela.

Deixou escapar um soluço.

– Oh, Senhor. O que posso eu fazer? – Embalou a folha na mão, tão frágil quanto o seu filho. Se fechasse a mão, a folha ficaria feita em pedaços. O que aconteceria a Jay-Jay se o deixasse?

Um pensamento novo tomou forma na sua cabeça – suave e branco e brilhante como uma pérola. E se estava a fazer as coisas mal? E se deixar Jay-Jay para trás o destruísse? Alguma vez o magoara? Não, nem uma única vez. Tomava muito bem conta do seu filho.

O que lhe aconteceria se o deixasse? Seria criado pelos Carlisle, ser-lhe-ia ensinado que um homem devia ser cruel para com a mulher, que a sua mãe não o amava e nunca aprenderia a controlar o seu mau feitio. Ficaria igual ao pai. Quicá até pior.

Não fora Deus quem lhe dera Jay-Jay? Sim, a Helen. E Ele faria isso se soubesse que ela podia destruí-lo? Se Deus confiava nela, talvez ela também devesse confiar em si própria.

A pérola da verdade expandiu-se, brilhou e destruiu a mentira de obsidiana.

Levantou-se.

– Não abandonarei o meu filho.

O telhado do alpendre também se estendia por baixo da janela de Jay-Jay. E, embora a porta do seu quarto estivesse trancada, a dele não estava.

Guardou as cartas de Ray na mala e atou as pontas do lençol numa só. Abriu a janela sem fazer barulho. Descalçou as alpergatas, atou as tiras umas às outras e pendurou-as ao pescoço.

Estremecendo com a dor, passou para o telhado, as telhas ásperas sob os seus pés descalços. Avançou até à janela de Jay-Jay, meteu os dedos por baixo da guilhotina e empurrou-a para cima. Não se mexeu.

Gemeu. Se a janela não abrisse, teria de saltar para o chão e entrar pela porta da frente, o que aumentaria as suas hipóteses de ser apanhada.

– Por favor, Senhor, ajuda-me. – Outro empurrão e abanou, chiando em protesto, para logo depois se abrir.

Helen escondeu-se por baixo do parapeito, mas não ouviu nenhum som para além do seu próprio sangue a correr nos ouvidos.

Pegou na trouxa, passou-a pela janela do filho e trepou lá para dentro.

Jay-Jay dormia de barriga para baixo, o cabelo no ar, os dedos na boca – um hábito de bebé que não perdera ainda. Havia um círculo escuro em redor da bochecha encostada à almofada. E estava húmido.

O pobrezinho tinha chorado até adormecer. Chorado por ela. Tinha de o salvar antes que a sua compaixão desaparecesse por completo.

Depois de ter acrescentado os pertences dele à trouxa, desapertou o cinto de couro em redor do vestido, passou-o por baixo do nó da trouxa e prendeu-o às costas, passando o cinto pelas costelas magoadas.

Com mais cuidado do que o habitual, Helen pegou no filho e no cobertor, embalando-o como fazia quando ele era bebé. O seu peso mole moldou-se ao seu corpo.

Encostou a face ao cabelo húmido do filho. Como pudera ela pensar em abandoná-lo? Ele fazia parte dela, e não podia deixá-lo para trás, tal como não podia abandonar o seu coração.

Helen avançou em direção à porta. O peso extra do rapaz e da trouxa fizeram as tábuas do chão chiar.

O seu coração bateu descontrolado e Helen parou e ficou à escuta na quietude da casa. Depois continuou, testando cada tábua sob os seus pés e pisando apenas as mais fortes.

Girou a maçaneta de vidro, odiando cada estalido, e abriu a porta.

O quarto dos Carlisle ficava do outro lado do corredor. Ouviam-se roncões moderados do outro lado da porta. Se aqueles roncões parassem, Helen começaria a correr.

Testou cada tábua até encontrar uma que não fizesse barulho, percorreu-a e usou o seu treino de balé para manter os passos leves e breves.

Desceu as escadas suavemente, apoiando bem os pés para diminuir o impacto.

O silêncio imperava. Estaria demasiado longe para ouvir os roncões ou teria Mister Carlisle acordado? A porta de entrada estava frente aos seus olhos e Helen apressou-se, os seus passos abafados pelo tapete do *hall*. Ao passar pelo bengaleiro, agarrou no seu casaco e no de Jay-Jay.

A porta da frente fez barulho ao abrir e ainda mais barulho ao fechar, mas saiu para o ar fresco e para a liberdade. Estugou o passo até ao passeio. As pedras picavam-lhe a sola dos pés e esfolou um dedo. As pernas ameaçaram ceder, tropeçou e continuou a andar.

Na esquina da Sixth Street, as suas pernas acabaram mesmo por ceder e caiu desamparada de joelhos. Não conseguia continuar. Era demasiado peso, demasiada dor, e estava demasiado fraca depois da tarefa que levava.

Jay-Jay levantou a cabeça e choramingou. Pestanejou e focou os seus pequenos olhos em Helen.

– Mamã?

– Chiu, querido. – Helen olhou para trás, com a respiração acelerada. Aquilo era uma luz acesa na janela dos Carlisle ou o reflexo da Lua? O ângulo não era o melhor e havia árvores em frente.

– Onde estamos?

Helen tapou a boca do filho com a mão.

– Não faças barulho, querido – sussurrou. – Consegues andar?

– Quero dormir – murmurou sob a mão de Helen e ela voltou a deitar-lhe a cabeça no ombro.

O ar parecia colar-se a ela, frio, húmido e asfixiante. Não conseguia carregar a trouxa e o filho. Colando o olhar na casa dos Carlisle, bateu a fivela do cinto. Os seus dedos tremiam e recusavam-se a colaborar. Por fim lá conseguiu desapertá-lo e a trouxa aterrou no passeio.

Helen levantou-se e desceu a Sixth Street. Uma casa, duas, três, nem sinal de Mr. Carlisle, e bateu na porta dos Anello até a luz se acender.

George abriu a porta de roupão, o cabelo todo despenteado.

– O quê... Helen? O que fazes aqui? O que te aconteceu?

Não se virou ao espelho, mas a dor intensa na face esquerda significava um vergão e sangue pisado.

– Por favor, deixa-me entrar. – Os seus joelhos tremiam e George segurou-a pelo cotovelo e conduziu-a para dentro.

– Helen? Oh, meu Deus! O que aconteceu? – Betty correu para ela, o roupão recusando-se a fechar por cima da sua barriga grávida.

– Pega no Jay-Jay, por favor. – Ele voltara a adormecer.

Betty assim fez e Helen desmoronou-se no sofá.

George levantou-lhe o queixo e franziu o sobrolho.

– O que aconteceu? Quem te fez isto?

No aconchego da casa dos Anello o medo evaporou-se e a determinação tomou o seu lugar. Durante anos escondera a vergonha dos Carlisle. Não ia continuar a fazê-lo. Mantivera o segredo para proteger Jay-Jay, mas a sua proteção virara-se contra ela.

– Mister Carlisle bateu-me. Descobriu que eu ia fugir com o Jay-Jay.

– Oh, meu Deus! – Betty encontrava-se sentada ao lado da irmã com Jay-Jay ao colo. – Como pode... como pode ele fazer tal coisa?

George dirigiu-se para o *hall* de entrada.

– Vou chamar a polícia e um médico.

– Não, não faças isso. A polícia não vai ajudar. Eles sabem do pedido de guarda. Mister Carlisle irá dizer que eu caí pelas escadas, que me atirei num ataque de loucura. Eu sei como estas coisas funcionam. E não acordem o médico. Isto pode esperar até de manhã. Acreditem, tenho experiência.

– Pobre de ti – comentou Betty. – Tiveste tantos acidentes.

– Tantos abusos.

– O quê? – George regressou à sala de estar. – Ele já te bateu de outras vezes?

– Ele não, o Jim. A toda a hora. – A verdade por fim e a liberdade deixou-a mais leve.

– O Jim? – disse Betty numa voz sumida, e segurou o rapaz que dormia no seu colo com mais força, colocando uma mão sobre a sua cabeça como se para o proteger. – Mas... mas... ele amava-te.

– Para Jim o amor não passava de poder e controlo. – Helen passou o dedo por uma cicatriz nas costas da mão. – Isto não foram acidentes na cozinha. O Jim gostava de me queimar. Dava-me pontapés, empurrava-me, esmurrava-me e atirava-me com a mobília. Provocou-me dois abortos. Depois dizia que a minha falta de jeito era a culpada pelas feridas.

– Meu Deus, não. – George sentou-se no cadeirão e passou os dedos pelo cabelo. – Não. Eu conheci o Jim toda a minha vida. Éramos amigos. Sim, ele tinha mau feitio... mas não fazia ideia.

– Sofrias horrores e nunca me contaste? – Os olhos de Betty encheram-se de lágrimas.

Helen suspirou. Porque esperara condenação ao invés de compaixão? Deixara-se cegar pelas mentiras – de que tinha de ser perfeita para ser amada, de que falhara, que merecera tudo o que lhe acontecera.

– Não queria admitir que tinha errado. Toda a gente me disse para não casar logo, mas eu tinha tanto medo de perder o Jim. E detestava admitir que tinha sido estúpida ao ponto de me apaixonar por um homem assim. Pensei que me ias achar parva.

Betty deixou escapar um soluço.

– Oh, querida, eu nunca teria pensado isso.

Já não tinha mais lágrimas para chorar, mas a piedade da irmã fez-lhe tremer o queixo.

– Sei disso agora, mas naquela altura...

– Devias ter-nos contado. Podíamos ter ajudado.

– Como? Não tinha motivos para me divorciar dele. Ele nunca me foi infiel.

– Mas depois de ele ter morrido... porque não me contaste nessa altura?

Helen esticou a mão e afagou o cabelo do filho.

– Um filho devia ter orgulho do seu pai. Não queria que ele soubesse como era o Jim. Mas tudo isso se virou contra mim. Ele viu em primeira mão como era o avô.

George endireitou as costas.

– Ele vai procurar-te assim que perceber que fugiste. E é aqui que virá em primeiro lugar.

Helen sentiu arrepio na espinha.

– Oh, não.

– Não podes ficar aqui. Não é seguro. – Dirigiu-se para o *hall* e vestiu o sobretudo por cima do roupão.

– Desculpem. Não era minha intenção colocar-vos em perigo

– Que disparate. – Betty apontou para os sapatos de Helen em volta do seu pescoço. – Calça os sapatos, querida. O George vai tomar bem conta de ti.

Tirou Jay-Jay do colo da mulher.

– Tranca a porta assim que sairmos e não abras para ninguém. Chama a polícia se for preciso.

– Claro, querido. Tem cuidado. – Betty abraçou Helen. – Vou rezar por ti.

– Obrigada. – Helen separou-se dos braços da irmã e reparou que tinha manchas de sangue no vestido. Cerrou os dentes. Estava farta de remover manchas de sangue da roupa.

Helen e George desceram a Sixth Street.

– Para onde poderemos ir? – murmurou.

– Para casa dos Novak

– Oh, não. Não podemos acordá-los. Já passa da meia-noite.

– Tenho de te deixar com alguém com poder e influência na comunidade. O pastor Novak está do teu lado. Irá proteger-te e defender-te. Para onde quer que fôssemos, teria de acordar alguém, e prefiro acordar alguém que conheça.

Helen suspirou num consentimento resignado.

Aceleraram o passo. Mr. Carlisle ainda não devia ter dado pela sua falta pois a trouxa continuava na esquina da rua C com a Sixth. Quando George lhe pegou, Helen susteve a respiração, mas não veio qualquer movimento da casa dos Carlisle.

George bateu à porta dos Novak. Helen sentiu uma tontura. Aquela caminhada esgotara o resto

das suas forças e encostou-se à parede.

– Já vou. – O pastor Novak abriu a porta. – Como posso... George? O que se passa?

– É a Helen. Mister Carlisle bateu-lhe. Ela precisa de um lugar seguro onde passar a noite.

O pastor Novak inclinou-se para fora.

– Oh, meu Deus. Nunca pensei... não devia ter ficado calado.

Colocou o braço em redor da cintura de Helen e conduziu-a para dentro.

– Edie! – chamou, mas Mrs. Novak já descia as escadas ao mesmo tempo que atava o cinto do roupão. Allie e Esther espreitaram do cimo das escadas.

– Oh, credo – disse Helen. – Não queria acordar...

– Allie, vai buscar a caixa de primeiros socorros – pediu Mrs. Novak – Esther, pode pegar no Jay-Jay e deitá-lo no quarto do Ray?

O quarto do Ray. Helen deixou-se cair no sofá.

– Eu vou chamar o médico – disse o pastor Novak.

– Não. Eu consulto-o amanhã.

– Confio na decisão dela – afirmou George.

Mrs. Novak ajoelhou-se frente a Helen e pegou-lhe na mão.

– A filha do médico lá deve saber.

Helen desenhou um sorriso lúgubre.

– A mulher de Jim Carlisle lá sabe.

Mrs. Novak esbugalhou os olhos.

– Oh, não. Ele...?

– A toda a hora, e culpava-me. Mas recuso-me a continuar a protegê-lo. – A força e a calma na sua voz surpreenderam-na. Sempre acreditara que a confissão a faria ceder, mas a verdade era que a libertava.

O pastor Novak abateu-se no seu cadeirão e encostou a testa às mãos.

– Tal como o pai dele. Eu devia ter desconfiado. Devia ter-te alertado. Mas estavas apaixonada e o Jim nunca me dera motivos de preocupação. Tinha de lhe conceder o benefício da dúvida.

– Eu entendo. – A dor e a culpa no rosto do pastor provavam aquilo que os Carlisle negavam: que as suas ações afetavam outros para além deles próprios.

– Devia ter dito alguma coisa quando foste viver com os Carlisle. Pensei que não me competia. Nunca me passou pela cabeça... Acreditei que estarias segura. Creio que ele nunca bateu nos filhos.

– Só na mulher.

O pastor levantou a cabeça com uma expressão extenuada.

– Confrontei-o inúmeras vezes ao longo dos anos, mas ele disse-me sempre para me meter na minha vida.

Helen fechou os olhos. Entendia agora por que razão os Carlisle odiavam os Novak. Finalmente, a contenda tinha uma origem.

Allie regressou com a caixa dos primeiros socorros.

– Deixa-me desinfetar essa face. É capaz de doer. – Limpou o inchaço com uma gaze húmida.

Helen estremeceu, contudo, não doía tanto quanto o golpe inicial.

Esther sentou-se do outro lado de Helen.

– Aquele rapaz dorme como uma pedra.

– Só assim consegui fugir. Saltei da minha janela para a dele e depois saímos pela porta da frente.

– Oh, meu Deus. – Allie limpava a ferida de Helen com uma solução antisséptica. – E agora o que farás?

– Não sei. – A mente de Helen rodopiava. – É ele quem controla o meu dinheiro. Não posso deixar a cidade por causa do pedido de guarda e não posso arranjar trabalho por causa dos rumores. Não tenho onde... – A sua garganta fechou-se.

– Claro que tens. Podes ficar aqui o tempo que precisares. – Mrs. Novak mostrou-lhe um sorriso terno, um sorriso como o de Ray.

– Não... não posso...

– Que disparate. Íamos gostar muito que ficasses. Em tempos tive uma casa cheia de rapazes e agora terei uma casa cheia de raparigas.

– Obrigada – disse Helen com um soluço abafado. – Mas ainda tenho de tentar perceber uma coisa.

– Agora não. – Allie colocou-lhe um penso sobre o inchaço. – Agora precisas de descansar.

– Podes resolver as coisas amanhã – argumentou Esther. – Já sabes que estamos aqui para te ajudar.

O pastor e Mrs. Novak, George e Allie anuíram. Os Carlisle e os Llewellyn não tinham o poder de virar os verdadeiros amigos contra ela. A gratidão atou-lhe um nó na garganta.

– Vá, está na hora de ires descansar – disse Esther.

Ela e Mrs. Novak ajudaram Helen a levantar-se e a subir as escadas.

– Não te importas de dividir a cama com o Jay-Jay ou preferes que faça uma caminha para ele?

– Podemos partilhar.

Mrs. Novak abriu a porta.

– Este era o quarto de Ray. Ainda não tive coragem...

O quarto ainda cheirava a Ray, a livros, a relva e a couro. Uma dor totalmente nova cresceu sob as costelas doridas de Helen, uma nova sensação de perda, não apenas por si própria, mas pela família dele.

Assim que Mrs. Novak saiu, Helen vestiu a camisa de noite e meteu-se sob as cobertas. Abraçou o filho e puxou-o para si o mais que a sua dor permitia.

Na parede oposta via-se uma paisagem pastoral com um bonito céu azul. Ray costumava olhar o céu com um olhar contemplativo. Tinha tantas saudades dele – dos seus olhos meigos, das suas palavras sábias, dos seus beijos apaixonados.

Helen afundou a cara na almofada. Os odores de Ray e os de Jay-Jay misturavam-se no seu nariz e na sua memória.

Os dois homens que ela mais amava.

19 Young Women's Christian Association, organização social orientada para o desenvolvimento de oportunidades para as mulheres. (*N. da T.*)

Inglaterra

A venda foi retirada. Ray pestanejou enquanto os seus olhos se adaptavam à luz.

O major Siegel conduziu-o pelo corredor de uma pequena sala de tribunal.

– Embora mereça execução sumária, irá ser formalmente sentenciado.

Ray exalou. Fosse como fosse, seria condenado à morte. Iria doer muito? Durante quanto tempo estaria consciente da dor? Pouco se importaria assim que estivesse aos pés do Senhor, mas queria enfrentar aquilo com dignidade.

Havia uma dúzia de homens sentados na sala, de frente para o juiz, um homem de rosto magro com um bigode pequeno e grisalho. A placa do nome dizia Coronel Elton Maxwell.

O coronel parecia ler um documento.

– Tenente Johannes Gottlieb, este tribunal reviu o seu testemunho. Tem alguma coisa a acrescentar?

Havia um oficial ao lado do juiz.

– Oberleutnant Johannes...

– Peço desculpa, *sir* – disse Ray. – Não preciso de tradutor.

– Muito bem – declarou o coronel Maxwell. – Eu repito a minha pergunta.

– Primeiro que tudo, *sir*, o meu nome é capitão Ray-mond Novak – afirmou, embora não reconhecesse a sua voz esquelética. – O meu testemunho está completo e é verdadeiro.

– Tenente Gottlieb – começou o coronel num tom lento e pesado. – Talvez queira reconsiderar. Este tribunal tem provas suficientes para o condenar por espionagem e envolvimento no assassinio do capitão Novak.

A boca de Ray contorceu-se. Não, aquele tribunal estaria envolvido no assassinio do capitão Novak.

O coronel Maxwell fitou-o com um olhar indignado.

– Ri-se deste tribunal?

– Não, *sir*. Peço desculpa por sorrir, mas sou um homem em paz. «Embora a vida se vá, Por nós Jesus estará.»

O olhar do juiz saltou da assistência de novo para Ray.

– «Castelo Forte». Um belo hino alemão.

Tudo o condenava.

– Sim, senhor. Escrito por Martinho Lutero.

– Tem alguma coisa a dizer a este tribunal?

– Não, senhor.

– Muito bem. Sente-se enquanto eu revejo a sua papelada.

Apontou para uma cadeira à sua esquerda.

Ray sentou-se, as mãos algemadas atrás das costas, e fechou os olhos. O hino martelava na sua cabeça. Conseguia ver a mãe a tocá-lo no piano da igreja enquanto o pai dirigia a congregação e

Ray dividia o hinário com os irmãos.

A escuridão ameaçou a sua paz e baixou a cabeça. Ray não voltaria a vê-los naquele mundo. A sua vida estava terminada. E parecia incompleta. Havia ainda tanto trabalho para fazer. Quantos dos homens presentes naquele tribunal conheciam Jesus?

Porque não aproveitar ao máximo as suas últimas horas? Porque não pregar até as balas o silenciarem? Com um objetivo renovado, levantou a cabeça e abriu os olhos.

– «Mas é assim que Deus demonstra o seu amor para conosco: quando ainda éramos pecadores é que Cristo morreu por nós...»

Havia uma dúzia de homens sentados na audiência, seis oficiais da Força Aérea do Exército e seis civis. Vira-lhes apenas as costas quando entrara na sala de audiências, mas agora conseguia ver-lhe os rostos.

Dois dos quais conhecia.

A sua visão, a sua mente rodopiou uma e outra vez.

– Jack? Walt?

– Desculpe? – disse o juiz.

– Os meus irmãos. – Ray levantou-se de um pulo e tropeçou com a desorientação. – Jack! Walt!

– Guardas, segurem o prisioneiro!

Dois polícias militares agarraram-no pelos braços, mas Ray ria às gargalhadas, a sua cabeça rodopiando cada vez mais. Era um alinhamento para identificação, nada mais do que um alinhamento. Os irmãos fitavam-no, de queixo caído.

– Reconhecem-me? Eu sei que mudei, estou mais magro e com a voz mais débil, mas estão a reconhecer-me, não estão?

– A que homens se refere? – perguntou o juiz.

A sua vida parecia querer regressar e Ray esforçou-se por se concentrar.

– O segundo homem da direita... não, esquerda... segunda fila. É Jack Novak O terceiro homem da esquerda é Walt. São os meus irmãos. Os meus irmãos.

O rosto de Walt contorceu-se num sorriso e fez tensão de se levantar.

Jack colocou um braço frente a Walt para o impedir. Franziu o sobrolho a Ray.

– Não pode ser.

– Pode. Sou eu, Jack – Ray fixou o olhar no irmão mais novo como se a sua vida dependesse disso, e até dependia.

– Não se esqueça das instruções – alertou o juiz – Perguntas a que apenas o seu irmão saberia responder.

Jack anuiu com uma expressão mais suave.

– Diz-me o que está sobre o piano em nossa casa.

Ray soltou uma gargalhada. As lágrimas corriam-lhe pela cara e não conseguia pará-las. Tinha terminado. Aquela provação chegara ao fim. Ia viver.

– Três fotografias... as nossas três caras feias de uniforme. A toalha de croché da mãe. E a mancha de tinta.

– Fala-me da mancha de tinta. – Jack pestanejou demasiadas vezes.

Ray sorriu, pela primeira vez em meses, e doeu.

– Foi culpa minha.

Walt riu, limpando os olhos.

– Estás louco? Fui eu.

– Parem. Parem ambos de mentir – disse Jack por entre gargalhadas. – Sabem muito bem que fui eu.

O major Siegel levantou-se de onde se encontrava sentado.

– Que o tribunal reconheça que o prisioneiro não sabia a resposta certa.

Jack levantou-se.

– Com todo o respeito, major, que o tribunal reconheça que temos esta discussão há mais de vinte anos. Aquele é o meu irmão. O meu irmão. São capazes de lhe tirar aquelas malditas algemas?

O juiz acenou afirmativamente com a cabeça e os guardas libertaram Ray.

Avançou para os irmãos, que agora se encontravam no corredor entre os bancos, e abraçaram-se, todos a rir, todos a tentar não chorar e todos a não conseguir.

– Seu palerma. – Jack deu uma palmada na nuca de Ray. – Que ideia foi essa de te deixares abater e fazer-nos pensar que estavas morto?

Ray devolveu a palmada.

– Quem é o palerma? Porque não foram visitar-me ao hospital? Estavam prestes a executar-me.

Jack e Walt sentaram-se e franziram o sobrolho.

– Desculpa – pediu Jack – Lemos o teu testemunho. Não parecia coisa tua. Não acredito que tenhas feito aquilo tudo.

– Nem eu.

– Uau. – O queixo de Walt caiu. – Então o manual é verdadeiro?

– Foi o que me trouxe até aqui.

– Pilotaste um jato... a partir do manual.

– E de um vídeo de treino.

Jack e Walt fitaram Ray e depois Jack desmanchou-se em gargalhadas.

– O Walt chega ao altar primeiro que eu e tu passas-me à frente no departamento da aventura. Onde irá parar esta família?

– Com licença, senhores. – O juiz deu umas pancadinhas no ombro de Ray. – Capitão Novak, estão ali uma dezena de oficiais de informação que desejam interrogá-lo. Disse-lhes que vocês precisavam de algum tempo juntos. Gostariam de se sentar nos meus aposentos? Vou pedir que vos sirvam comida.

– Comida. – A palavra ecoou na boca do estômago vazio de Ray. – Sim, agradeço.

O rosto do juiz contorceu-se.

– Peço desculpa por tê-lo sujeitado a isto, meu jovem. Mas quem manda são as informações.

– Eu entendo. – Ray perscrutou a sala em busca do major Siegel, mas este já não se encontrava ali. Não era o tipo de homem que fosse pedir desculpa. O juiz conduziu-os até ao seu gabinete.

– Eu fico de guarda e não deixo entrar ninguém a menos que traga comida.

– Obrigado, *sir*. – Exausto, Ray sentou-se numa cadeira de madeira frente à secretária. Ia viver. Ia para casa. Ia comer. – Como estão a mãe e o pai? O avô e a avó?

Walt sentou-se na mesa de metal com uma expressão séria.

– Estão... estão de luto, a sofrer. Mas são fortes, embora seja duro para eles, para todos nós. Pensávamos que estavas morto, pelo amor de Deus.

– Quando receberem a notícia ficarão como novos. – Jack encostou-se à parede, os tornozelos cruzados.

Um peso abateu-se sobre o peito de Ray. A dor envelhecia as pessoas de forma irreversível.

– O bebé ajudou um pouco. – Walt abriu a carteira e tirou uma fotografia. – É um rapaz. Francis Raymond... Frankie. Frank pelo meu amigo que morreu, Raymond por... por ti. Mas tu não estás morto. Uau.

Ray observou aquele pequeno rosto a preto e branco. O seu sobrinho.

– Já o viste?

– Não. – A voz de Walt tornou-se mais séria. – Está com dois meses. Diz a Allie que já começou a sorrir.

– Irás para casa em breve. Iremos todos – disse Jack – A guerra está quase a terminar na Alemanha. Mais dia menos dia. Fizemos a última missão estratégica no dia dezasseis de abril e a última missão tática no dia vinte cinco de abril. Já não restam alvos.

Walt bateu com os pés na secretária.

– Ah, então aquele jato é verdadeiro. Vamos enviá-lo para a base aérea de Wright-Patterson no Ohio, para o estudarmos com mais atenção.

– É um avião e peras. – Jack virou-se para Ray com uma centena de questões no olhar.

Antes de falar de aviões, Ray tinha ainda mais uma pergunta para fazer.

– Como está a Helen?

– A Helen? Custou-lhe a aceitar a notícia, segundo a Allie. – Walt calou-se e mirou o irmão com uma expressão hesitante. – Uh-oh.

– Oh, meu Deus – gemeu Jack

Ray inclinou-se para a frente.

– O que foi? O que se passa com a Helen?

Walt fez uma careta.

– Não se passa nada. Só que... bem, ela vai casar.

– Casar? – murmurou Ray.

– Não, já casou. Foi no dia do aniversário da mãe, vinte e oito de abril. Há dois dias.

– Com o Victor Llewellyn – acrescentou Jack

Casada? Há dois dias? Com o Vic? Ray sentiu o sangue abandonar-lhe o corpo, como se tivesse sido atingido pelas balas do pelotão de fuzilamento.

Durante meses um pequeno sonho esvoaçara em asas de colibri, o sonho de que Ray regressaria e faria de Helen a sua mulher.

As asas pararam de bater. Não estava destinado que assim fosse.

Antioch

Sexta-feira, 4 de maio de 1945

Helen encontrava-se junto à caixa dos jornais na esquina da Third com a G, onde os cabeçalhos do *Ledger* diziam, « 250 000 Nazis Entregam-se no Reich do Norte» e « Restam Apenas Dois Exércitos Alemães para Enfrentar as Tropas Aliadas ».

Mrs. Kramer passou e olhou fixamente para o penso na face de Helen. Fitou-a com uma expressão chocada, proferiu um « Bom dia» apressado e entrou na Della's Dress Shop.

Exatamente aquilo porque Helen esperara. Apoiou-se na caixa dos jornais. Explicara o seu plano aos Novake e aos Anello e rezara muito. Agora tinha de o executar.

– Senhor, dá-me coragem.

Entrou na loja com o queixo levantado. Os sininhos à entrada da porta deram sinal.

Mrs. Carlisle sorriu.

– Bom di... Helen! Oh, meu Deus. – Correu para a sala das traseiras. – James, a Helen está aqui.

Mr. Carlisle apareceu com uma expressão de preocupação contida.

– Que bom ver-te. Vem comigo até ao armazém. Tenho uma coisa para te mostrar.

– Não, obrigada. – Exibiu um sorriso inocente. – Vou ficar aqui junto à janela onde posso ser vista. – O pastor Novak oferecera-se para a acompanhar, mas Helen declinara. Tinha de aprender a defender-se.

Ele aproximou-se com um sorriso falso.

– Para onde foste? Andei à tua procura. Estava preocupado contigo.

Embora enfrentasse o dragão, recusava-se a ser a donzela em perigo.

– Porquê? Temia que tivesse ficado seriamente ferida depois de me ter batido?

– Fala baixo. – Agarrou-a pelo braço.

O toque dele queimava.

– Solte-me – disse ela em voz baixa não tirando os olhos de Mrs. Kramer que observava as camisas de verão.

Mr. Carlisle obedeceu, porém, os seus dedos continuaram encolhidos como garras.

– Não digas essas coisas em público.

– Sim, é melhor mantermos a vergonha da família bem escondida... mas apenas pelo bem do Jay-Jay. E é por isso que vai hoje mesmo desistir do pedido de custódia.

As mãos dele fecharam-se em punhos.

Helen recuou e olhou-o indignada.

– O doutor Dozier examinou-me e o agente Mandeville tomou nota da ocorrência. Posso acusá-lo de agressão.

– O quê? – disse ele num sussurro. – Não tens o direito.

– Tenho todo o direito.

– Ninguém pode dizer o que eu posso ou não fazer com a minha família.

– Legalmente não faço parte da sua família. Posso acusá-lo, mas não o farei se desistir da causa.

O rosto dele ficou tão vermelho quanto o inchaço na face de Helen.

– Achas que podes fazer chantagem comigo?

– Não é chantagem. Estou a proteger a reputação da sua família. Se o pedido de custódia chegar ao tribunal, serei obrigada a dizer a verdade e é isso que farei. Testemunharei que bate na sua mulher, que o Jim me batia e que o senhor também me batia, e que o Jay-Jay só aprenderia a ser cruel se fosse criado na sua casa.

Mostrou-lhe um sorriso desdenhoso.

– Seria a tua palavra contra a minha. E quem acreditaria na louca e coxa Helen?

Ela endireitou as costas e levantou mais o queixo.

– Já se esqueceu. Há outra testemunha, alguém que cresceu na sua casa e sabe o que lá acontecia.

O rosto de Mr. Carlisle ficou tão branco quanto as inúmeras cicatrizes de Helen.

– Ela não o faria.

– A Dorothy já concordou. Não quer que o Jay-Jay cresça para ser igual a si e ao Jim.

Ele fitou-a, o peito a arquejar como se a qualquer momento pudesse cuspir fogo. Porém, Helen estava preparada para lhe apagar as chamas e tinha mais um balde cheio de verdade para lhe atirar.

– Ainda que pudesse ganhar a causa, se lhe fosse atribuída a guarda, o seu comportamento seria exposto. E isso não seria bom para o negócio, principalmente um negócio que depende das mulheres. – Helen inclinou a cabeça na direção de Mrs. Kramer. – Desista do caso hoje mesmo.

– Muito bem – cuspiu ele. – Mas quando te trancarem no manicómio, eu ficarei com o meu neto.

Para Helen, acabara de sair do manicómio.

– Uma vez que já não moro consigo, o Jay-Jay e eu precisamos da nossa mesada, tal como prometeu ao seu filho. Levo o montante respeitante a dois meses.

– Dois?

Helen estendeu uma mão enluvada.

– Para cobrir as despesas médicas e legais que me infligiu. Dois meses. Agora.

Caminhou para a caixa registadora.

– Não tenho essa quantia.

– Claro que tem. Tem sempre.

O olhar dele pareceu queimá-la do outro lado da loja.

– Vem buscá-lo.

– Não, obrigada. Prefiro ficar aqui junto à janela. Têm estado uns dias muito bonitos, não concorda Mistress Kramer?

– Sim, magníficos. – O seu olhar oscilou entre Helen e Mr. Carlisle.

Ainda que não tivesse ouvido uma palavra da conversa, por certo sentiria a tensão entre eles.

– É uma bonita coleção de verão. Volto mais tarde.

Dirigiu-se para a porta, mas Helen colocou-se no seu caminho.

– Que bom vê-la. Como está a Evelyn? Já está a terminar os estudos, não é verdade? É uma

rapariga adorável.

Mrs. Kramer parecia brilhar de orgulho.

– Obrigada. Às vezes, comporta-se como uma tontinha, mas as raparigas são todas assim, não é?

– Sim, isso é verdade. – Helen fez sinal com o dedo para receber o dinheiro. – E ela gosta do trabalho no El Campanil?

– Gosta até de mais. O Larry Parker trabalha na bilheteira e ela não consegue tirar os olhos dele.

Um molho de notas aterrou na mão de Helen e ela envolveu-o com os dedos.

– Certifique-se que a Evelyn o conhece bem antes de lhe entregar o coração. É preciso ter cuidado com quem casamos. – Mostrou um sorriso ao seu antigo sogro. – Um bom dia para si, Mister Carlisle. E para si também, Mistress Kramer.

Helen saiu da loja com a respiração e a pulsação aceleradas. Parou na esquina da Fourth e G para se recompor. Tinha conseguido. Tinha-o enfrentado e conseguido o seu objetivo.

Guardou o dinheiro no interior da mala onde o contou – vinte dólares menos do que pedira, mas cem dólares a mais do que esperara.

Era o suficiente para chegar a Washington DC com Jay-Jay. Esperaria até segunda-feira para se certificar que o pedido tinha sido retirado e mais alguns para se recuperar.

Helen continuou o seu caminho. Nunca mais veria um centavo do seguro de vida de Jim e teria de implorar ajuda aos pais, mas Washington oferecia muitas oportunidades de emprego. O NAACP tinha encontrado um apartamento para Esther e esta oferecera-se para o dividir com Helen e Jay-Jay.

Arranjar uma ama continuava a ser um problema, mas Helen telefonara aos pais no dia anterior e a mãe dissera-lhe que talvez uma das senhoras da igreja pudesse ajudar.

Com as chamadas de longa distância limitadas a cinco minutos, Helen não lhes contara a razão da mudança, mas, assim que chegasse a DC, engoliria o orgulho e contar-lhes-ia tudo.

Helen olhou para trás, pela rua G até ao rio. Sentiu uma pontada no peito. Adorava o rio, as colinas verdejantes e o monte Diablo. Adorava os edifícios e o aroma a sopa de tomate quando chegava a estação dos enlatados. Adorava as recordações agridoces da sua infância, do seu casamento e do seu romance com Ray.

Dali a alguns dias deixaria tudo isso para trás.

*

Sobre o oceano Ártico

Domingo, 6 de maio de 1945

Jack inclinou-se para a frente no lugar na cabina do avião de carga C-54.

– Okay, rapazes, vamos lá rever o plano.

Ray sorriu.

– Só tu para transformares um regresso a casa numa missão de combate.

– Podes crer. – Jack elevou um dedo. – Terça-feira de manhã, a Allie vai ter connosco à paragem dos autocarros com o bebé. Ela é a única que sabe e acredita que vai buscar apenas o Walt.

Walt aconchegou-se mais no seu blusão de voo.

– Pergunto-me se ela entendeu o meu telegrama. Dizia, «ACOMPANHO PÁSSARO RARO E EXÓTICO ATÉ CASA». Ela tem de perceber que é um jato. Espero só até ela saber como o conseguimos.

Ray puxou o cobertor mais para cima. A temperatura da cabina era tudo menos agradável e faltava-lhe a gordura corporal que podia ajudar no isolamento, apesar de ter ganho vários quilos na semana que passara. Ao menos, os oficiais de informação haviam tido o bom senso de o alimentar enquanto o interrogavam.

– A Allie não vai dizer nada porque deve querer algum tempo para namorar com o Walt. Só Deus sabe porquê. – Jack levantou um segundo dedo. – O Walt e a Allie entram em casa primeiro. Cinco minutos mais tarde, a Ruth e eu surpreendemo-los. Cinco minutos para conhecerem a Ruth, outros cinco para pôr a conversa em dia, mais cinco para abrirmos caminho para o Lázaro. O Ray espera na alpendre até lhe abrirmos a porta. Eu diria mais escancarar para que o rio de lágrimas da mãe tenha para onde correr. Parece-vos bem, rapazes?

– Perfeito – afirmou Ray. – Vamos sincronizar os relógios.

Ruth Doherty apareceu vinda da cauda do avião com um braçado de garrafas térmicas.

– Café para o Jack e para o Walt e caldo para o meu doente, a única razão por que me deixaram fazer esta rota.

– Obrigado. – Ray nunca pensou que voltaria a gostar de provar caldo, mas naquele dia ansiava pela combinação de calor e nutrição. Ruth colocou as mãos nas ancas.

– O teu plano soa a *Os Três Estarolas Regressam a Casa*. Vais misturar tudo, como fizeste com o Ray. Eu não te disse que vira um homem parecido com ele na base aérea de Melun? Depois as informações avisaram que tinham um homem que afirmava ser o Ray e tu não foste capaz de juntar um mais um. Limita os teus planos à base aérea, aviador.

O sorriso de Jack fez elevar as pontas do seu bigode.

– E o que achas dos meus planos para casar contigo?

Ela sorriu e abanou a cabeça.

– Devias ter enviado um telegrama aos teus pais.

Estendeu uma mão para ela e bateu no colo com a outra.

– E o que escrevia no telegrama? «RAY VIVO STOP A SÉRIO QUE ESTÁ STOP JURO STOP LONGA HISTÓRIA STOP.» Eles não saberiam o que pensar e, para além disso, chegaremos a casa mais depressa do que o telegrama.

Ruth ignorou o convite do noivo para se sentar no seu colo.

– Ainda lhes vais provocar um ataque cardíaco.

– É por isso que levamos uma enfermeira.

Ruth olhou para Ray.

– E tu aprovas o plano dele?

– A ideia foi minha. Eles não acreditariam até verem com os próprios olhos. – Ray tinha outra razão para não enviar o telegrama – dar a Helen mais tempo para se estabelecer como noiva. Quanto mais tempo de lua de mel, menos se arrependeria do casamento se albergasse

sentimentos românticos por ele. Duvidava muito disso, considerando a rapidez com que tinha casado com Vic. Afastou o ressentimento. Vic seria um bom marido e um bom padrasto e Ray tinha de lhes desejar o melhor.

Que pena não irem viajar na lua de mel, mas Vic pertencia à Marinha. O Hitler estava morto e os soldados alemães rendiam-se aos magotes, mas a guerra no Pacífico arrastava-se. Como as coisas estão a correr em Okinawa, os japoneses não se renderiam facilmente, se alguma vez se rendessem.

Os seus irmãos riram.

Ray pestanejou e voltou à realidade.

– Podemos finalmente ver o que faz esse *Messerschmitt* andar – disse Walt. – Mal posso esperar para chegar a Ohio com a minha mulher e o meu filho e o meu perito pessoal em jatos. – Piscou o olho a Ray e este sorriu-lhe. Ohio ficava a uma boa distância de casa e de Helen.

– Enquanto vocês se divertem com o vosso avião de brincar, eu estarei aos comandos de um *B-29 Super Fortaleza* – contrapôs Jack – Conseguem imaginar oito mil e oitocentos cavalos de potência?

– Então toca a correr para o Pacífico. – Ruth franziu o sobrolho e tomou notas numa prancheta.

– Casa comigo já e eu faço com que te coloquem perto de mim.

– Já puxaste cordelinhos suficientes para conseguirem ir os três neste voo, para eu vos acompanhar e mais os dez dias de licença. Se puxares mais cordelinhos ainda desfia todo o tecido da Força Aérea do Exército. – Ruth fitou Jack de soslaio e avançou pelo corredor. – Tenho de registar os sinais vitais.

Walt deu um murro no braço de Jack

– Devias ter puxado esses cordelinhos uns dias mais cedo. Podia estar em casa no meu aniversário.

Walt e Allie tinham casado há precisamente um ano. O dia que empurrara Ray para aquela aventura.

– Vou caminhar um pouco e tentar aquecer. – Ray levantou-se e compôs o cobertor. Se tivesse sabido o que aquele ano lhe reservava, não teria tomado a mesma decisão. E isso teria sido um grande erro. Sim, poderia ter ficado com a mulher que amava, mas como meio homem, nunca sabendo do que era capaz com Deus ao seu lado.

Os quatro motores do *C-54* roncavam através dos seus pés enquanto percorria o corredor, passando por homens doentes, sentados e deitados em macas.

Na traseira do avião, encostou-se à parede da fuselagem e olhou pela janela. Os picos negros e irregulares pareciam cortar os glaciares brancos. Gronelândia. Estava ainda tão longe de casa.

Ray começara a temer o regresso a casa. Estava mais parecido com ele próprio com um bom corte de cabelo e a farda americana e a voz também já era a dele. Mas quem era ele agora?

Fizera coisas que nunca pensara ser capaz. Em casa deviam estar à espera do velho Ray. Nem os seus irmãos, que conheciam os efeitos da guerra, entendiam completamente.

– Olá. E que tal? – Ruth segurava a prancheta contra o peito.

– Achas que estou forte o suficiente para aguentar a grande emoção que se aproxima?

– Tu estás, mas, e eu?

– Não estás preocupada por ires conhecer os meus pais ou estás?

Ela encolheu os ombros.

– Não devia estar, mas ainda assim... Rapariga dos bairros da lata de Chicago conhece pastor de cidade pequena, esposa respeitada e nora da alta sociedade.

– Eles vão adorar-te. E a Allie... ela deve estar preocupada por ir conhecer a deslumbrante noiva do Jack. Ela tem um bom coração. Vão dar-se lindamente.

– Espero que sim. – Inclinou a cabeça e observou Ray. – E tu? Estás mais calado do que o habitual. Estar vivo não é a maravilha que se apregoa?

Ray virou-se e o seu suspiro embaciou a janela.

– Não, não é.

Antioch

Terça-feira, 8 de maio de 1945

Jay-Jay pulava no relvado da igreja.

– Vitória!

Helen sorriu e ajudou-o a subir os degraus da igreja. Apesar do entusiasmo de Jay-Jay, o Dia da Vitória na Europa em Antioch seria discreto. As escolas e grande parte do comércio permaneciam abertos e apenas as tabernas tinham fechado para evitar bebedeiras.

Uma vez que os japoneses pareciam determinados em lutar até ao último homem, as celebrações pareciam um pouco prematuras. De qualquer modo, naquele dia os americanos agradeceriam a Deus pela paz na Europa.

Mrs. Novak encontrava-se no vestíbulo a endireitar uma pilha de panfletos.

– Olá. Bom dia.

Jay-Jay abraçou-se às pernas dela.

– Olá, bó Nobak

Ela baixou-se e abraçou-o.

– Gosto quando me tratas assim. E estás tão bonito com esse fato.

– Obrigado. – Correu de volta para junto de Helen e agarrou-lhe na mão. Ficara mais apegado à mãe desde a agressão e nem uma única vez pedira para ver os avós Carlisle.

– Chegaste cedo para o serviço religioso – disse Mrs. Novak

– Foi de propósito. Não queria chamar as atenções.

Deu uma palmadinha no braço de Helen.

– As coisas estão a acalmar agora que o pedido foi retirado.

– Eu sei. – Mas mal podia esperar para se ir embora. Viajar no dia anterior, quando a Alemanha se rendeu, no Dia V-E, teria sido um disparate, por isso adiar para o dia seguinte.

No santuário, a luz do Sol banhava as madeiras escuras e as paredes cremes e no ar pairava o odor a óleo essencial de limão. Na parede por cima do púlpito, um estandarte declarava « Vitória », mas na frente do santuário mais de duas dúzias de cavaletes exibiam fotografias de homens fardados, cada uma com uma faixa preta.

Os mortos de Antioch.

O seu coração derramava chumbo derretido até aos seus pés, mas Helen arrastou-os pelo corredor. Os mortos estavam organizados alfabeticamente. O retrato de James Carlisle Jr. encontrava-se à esquerda e Helen observou o seu rosto bonito, charmoso e cruel.

– É o papá.

– É, sim, querido. – Helen apertou a mão da melhor parte de Jim Carlisle. Não sentia qualquer vergonha pelo casamento. Nem a menor culpa pela sua morte.

Ao contemplar os seus olhos sorridentes e frios, não sentiu nem amor nem ódio.

– Adeus, Jim.

Foi passando pelos retratos, incluindo alguns de antigos colegas de escola, e parou frente ao de Ray. Agora sentia amor, um amor desarmante.

– Já o vi – declarou Jay-Jay.

– Ai sim? – Não podia recordar-se de Ray do ano anterior.

– Na avó Nobak

O retrato no piano.

– É o Ray Novak, o filho mais velho da avó Novak. Era um homem gentil e bom e gostava muito de ti.

Jay-Jay virou-se para ela e sorriu.

– Gostava?

– Sim, chamava-te *munchkin*.

Ele soltou uma risadinha.

– Isso é pateta.

– Sim, ele sabia ser pateta e atencioso e... e era um homem muito bom.

– Porque está a usar um lenço? – Jay-Jay tocou na fita preta.

– Significa... significa que ele foi ter com Jesus. – Atrás de si soaram passos. Helen olhou para trás e viu Esther.

A amiga meteu o braço no de Helen e contemplou os retratos.

– Teve um custo terrível, esta vitória.

A imagem de Ray transformou-se num borrão aquoso.

– Terrível de facto.

*

O autocarro da Greyhound parou na esquina da Second com a G, um cruzamento que Ray acreditara que nunca mais voltaria a ver.

– Lá está ela! – Walt saltou do lugar.

No passeio, Allie segurava um bebé embrulhado num cobertor azul. Balançava na ponta dos pés, sorrindo e acenando.

– É a minha mulher, e o meu filho! Sou pai. – Walt investiu pelo corredor do autocarro. Assim que as portas se abriram, atirou os braços em volta da mulher e beijou-a até lhe arrancar o chapéu.

Ray levantou-se e vestiu o casaco, apertando-o na cintura.

Walt acabou com os beijos para ver o bebé. A sua mão pairava junto à cabeça de Frankie como se o seu filho fosse uma máquina delicada. Fitou Allie com um olhar de admiração e voltou a beijá-la.

Ray percorreu o corredor atrás de Jack e de Ruth. Nunca conheceria aquela alegria, mas ao menos teria sobrinhos e sobrinhas para brincar. E, a julgar pela maneira como Walt beijava Allie, teria bastantes.

Jack ajudou Ruth a sair do autocarro, mas Ray deixou-se ficar para trás.

Allie gritou de surpresa e abraçou Jack, depois trocou sorrisos envergonhados com Ruth. Quando Allie mostrou a Ruth o rosto do bebé, os sorrisos entre elas tornaram-se mais calorosos.

– Desculpe?

Ray assustou-se e olhou para trás, para a morena baixinha atrás do volante. Ainda não se habituara a ver mulheres a conduzir autocarros.

– Vai sair? – perguntou ela.

A sua vontade era dizer, « Não. Leve-me para Ohio... já », mas, ao invés, disse:

– Sim, é a minha paragem.

Ray saiu do autocarro, porém, não se aproximou do grupo que ria e conversava. Durante quase quatro meses estivera morto, separado da humanidade e agora questionava-se onde pertenceria.

Walt virou-se para ele.

– Ei, Allie, olha só quem encontramos.

Allie saudou-o com o sorriso fixo de alguém que sabe que devia reconhecer a pessoa à sua frente, mas não reconhece. Depois os seus olhos esbugalharam-se e olhou para Walt.

– Não pode ser.

– É o que toda a gente diz – Ray sorriu-lhe. – Mas sou eu.

– Ray? Oh, meu Deus. Pensávamos... mas como?

– Podemos esperar até chegarmos a casa? É uma história longa e pretendia contá-la apenas uma vez.

Jackriu.

– Vais ter cá uma sorte!

Ray estendeu os braços para Allie.

– Não sobra muito de mim, mas continuo a querer um abraço.

Os seus olhos tremeluziram e abraçou-o com o braço livre.

– Oh, meu Deus. Como é isto possível? Os teus pais... vão ficar tão contentes. Tão contentes. Este dia vai melhorando a cada hora que passa.

Ray separou-se daquele abraço e admirou o sobrinho e Frankie mostrou-lhe um sorriso de gengivas.

– Olha só, está feliz por o tio estar vivo. Vão ficar todos delirantes. – Allie limpou as lágrimas e o seu sorriso alargou-se. – E a Helen... vai ficar tão feliz.

Porque haveria ela de o relacionar com Helen?

– Vai ser bom vê-la e a toda gente. – As palavras sabiam-lhe a avelha seca.

Jack enrugou o nariz.

– Os recém-casados foram de lua de mel?

Allie pestanejou.

– Os recém-casados?

– O Vic e a Helen.

– Oh, isso. Pois, a minha carta ainda não deve ter chegado. Não sabem.

O coração de Ray deu um salto mortal.

– Eles casaram-se no dia vinte e oito, não foi?

– Aconteceram muitas coisas nestas últimas semanas. – O sorriso de Allie ergueu-se lentamente como o Sol. – Não, eles não casaram. Digamos que surgiu um contratempo.

Com uma brisa forte, as nuvens desapareceram da vida de Ray. O casamento tinha sido adiado. Tinha tempo para dizer a Helen o quanto a amava, de ter uma oportunidade.

– Onde está ela? Onde está ela agora? Sabes?

– Na igreja, claro. – Allie encostou Frankie ao seu ombro e deu-lhe palmadinhas suaves nas costas. – Chegaste mesmo a tempo. Graças a Deus. Mais um dia e teria sido demasiado tarde.

– Na igreja? Demasiado tarde? – Porque seria demasiado tarde? O casamento? Tê-lo-ia adiado... para aquele dia? Em que dia da semana estavam? Segunda-feira? Terça? Era um dia estranho para casar, mas talvez tivessem escolhido a primeira data disponível. – A que horas começa a cerimónia?

– Às onze. Porquê?

Ray olhou para o relógio. Já eram onze e os casamentos não costumavam demorar mais de quinze minutos. Tinha de agir depressa. Não podia pensar nem planear.

Estava um táxi parado junto ao passeio, à espera que eles acabassem com a conversa, carregassem a bagagem e acomodassem o bebé.

Ray não tinha tempo. Era uma repetição da cena do avião a jato.

– Vou para a igreja. Demorem o tempo que quiserem e não se esqueçam da bagagem. Até logo.

Desatou a correr com a cabeça baixa. Não tinha tempo para ser reconhecido e cumprimentado pelo regresso.

O casamento adiado era uma dádiva, um sinal que Deus queria que ele agisse. Não necessariamente que Helen alguma vez viesse a amá-lo, mas Ray tinha de declarar o seu amor.

Admirado com a sua força e energia, virou para a Fifth Street, desceu dois quarteirões, atravessou o relvado da igreja, subiu os degraus e entrou no átrio.

Toda a sua vida fora um homem de palavras, mas agora sabia que também podia ser um homem de ação. Ray escancarou as portas do santuário e avançou pelo corredor.

– Parem o casamento! Parem o casamento!

Duzentas cabeças viraram-se para ele. O pai olhava-o do púlpito. A mãe espreitava em redor do piano.

A emoção tomou conta dele e parou a meio do caminho. Há um ano que não os via. E estava prestes a transformar a dor que sentiam em alegria.

Mas antes daquela reunião tinha um casamento para interromper.

– Parem o...

Havia algo de errado. Onde estava a noiva? E o noivo?

Viu um cartaz pendurado na parede atrás do pai. Que tipo de homem seria assim tão arrogante para exibir o seu próprio nome no casamento?

Não. Dizia «Vitória», não «Victor».

Aquilo não era um casamento.

Era um serviço religioso em honra do Dia V-E.

Os motores de Ray engasgaram-se. O seu plano entrou em perda de sustentação e ficou a pairar num céu de rostos familiares.

– Desculpe – disse o pai. – Posso ajudá-lo? – Não reconhecera o próprio filho e Ray não o culpava.

Ray tirou o boné e mostrou um sorriso envergonhado.

– Como disse Mark Twain, «O relato sobre a minha morte é um exagero».

O pai fitou-o, os seus olhos a perscrutar, a duvidar, a questionar, a acreditar. Um murmúrio

creceu por entre a congregação, sussurros, arquejos, o seu nome repetido num crescendo de lágrimas, gargalhadas e gritos. As pessoas levantaram-se, inclinaram-se, esforçaram-se para ver, as cabeças oscilando para conseguirem um ângulo melhor.

Do homem que regressava dos mortos.

Do pai que corria para ele.

Da mãe que chorava e tropeçava pelo corredor.

O peito de Ray afundou-se sob o peso da tristeza dos seus pais, antes apenas imaginada, visível naquele momento, gravada nos seus rostos.

Encontrou-se com eles a meio caminho e quase caiu com o impacto. A mãe tocou-lhe no peito, no rosto, explorando como uma cega.

– Ray? Ray? Estás vivo? O meu bebé.

Estremeceu com a dor que sentiu no maxilar e estreitou a mãe nos braços.

– Estou de volta, mãe. Estou vivo. Desculpa ter-te feito passar por isto.

Os braços do pai agarraram os ombros de Ray.

– O meu rapaz está vivo – declarou com uma gargalhada gutural. – O meu rapaz. Deus seja louvado! O Senhor seja louvado!

O avô e a avó Novak aproximaram-se com passos hesitantes e rostos manchados pelas lágrimas e Ray abraçou ambos com o braço esquerdo, pois a mãe recusava-se a abrir espaço sob o braço direito.

– Desculpem. A vossa atenção, por favor. – Mr. Wayne bateu no púlpito com o punho.

A congregação fez silêncio, com exceção de alguns soluços contidos. Ray aproveitou aquela pausa para procurar Helen, mas não a viu.

– Pastor Novak – começou Mr. Wayne. – Presumo que não esteja em condições de continuar o sermão.

O pai soltou uma gargalhada sonora.

– Claro que não.

– Como presidente do Conselho de Anciãos, tenho um pedido para Ray Novak. Deves ter uma bela história para contar, jovem, e não me ocorre melhor maneira de celebrar o Dia V-E do que escutá-la. – Fez sinal a Ray para que se dirigisse ao púlpito.

Ray hesitou, mas a multidão incitou-o e a ideia de contar a história uma só vez agradou-lhe. Olhou para a mãe.

– Preciso de ir. Pai, sou capaz de precisar de ajuda.

Com alguma persuasão, a mãe lá se separou de Ray e abraçou o marido. Ray dirigiu-se para o púlpito onde Mr. Wayne o cumprimentou com um aperto de mão.

Ray passou as mãos pela madeira envernizada. O Senhor tinha-lhe tirado tudo e agora estava a devolver – identidade, família e ministério.

Cercou a orla do púlpito com as mãos e olhou para cima. *Senhor, obrigado por me devolveres a vida. Permite-me que utilize esta experiência para melhor te servir.*

Olhou para a congregação.

Helen encontrava-se sentada na terceira fila à direita, as mãos enluvasadas a tapar a boca, os olhos enormes.

Sentiu uma dor profunda e visceral pelo que tinha perdido.

Mas quem estava ele a enganar? Tinha-a perdido no ano anterior e ela amava outro homem.

Por certo entendera o que ele queria dizer quando gritara que parassem o casamento. Poderia ter feito maior figura de parvo?

Quanto mais depressa chegasse a Ohio melhor.

Ray afastou a dor. Tinha uma história para contar, não sobre ele mas acerca do Senhor.

– Senhoras e senhores, este ano que passou trouxe grandes mudanças e não apenas no meu peso corporal.

As gargalhadas encorajaram-no e fizeram surgir um sorriso.

– Fiz coisas que nunca pensei ser capaz e entendi coisas sobre mim que nunca julguei possíveis.

Através disso, aprendi muito sobre o amor e a força de Deus. Ele mudou-me.

Por uma fração de segundo, o seu olhar encontrou o de Helen. O Senhor também a mudara. Havia crescido e sarado de maneiras que adorava ler no papel mas nunca testemunhara em pessoa. E o que acontecera naqueles últimos quatro meses? Quanto mais teria crescido através do amor de Vic?

Poderia dizer com sinceridade que conhecia aquela mulher? Que a amava?

Ray concentrou-se na sua história, omitindo pormenores por causa das crianças presentes na sala. Afastou os pensamentos daquilo que perdera com Helen para aquilo que ganhara com Cristo.

A paralisia era a mais enervante das sensações.

Durante meses, Helen jazera na sua cama na ala de poliomielite do hospital. Pouco importava o quanto se concentrava, as suas pernas recusavam-se a fazer o que ela lhes pedia, exigia, implorava.

Agora estava paralisada no banco da igreja, as mãos coladas na boca e os olhos esbugalhados, com medo de pestanejar, não fosse ele desaparecer outra vez, morrer outra vez.

Mas ali estava ele a contar a sua história, a sua voz rouca um unguento tranquilizador. Quando Ray sorria, ela sentia a mesma dor agridoce atrás da caixa torácica que experimentava quando ficava a ver Jay-Jay dormir.

A história de Ray provava que ele era um herói de tipo convencional, capaz de ações ousadas face ao perigo. Porém, também era – e sempre havia sido – um herói de tipo mais profundo e melhor, daqueles que defendiam o bem e o que estava certo quaisquer que fossem as condições.

Embora estivesse só pele e osso, continuava a achá-lo um homem atraente.

Mas raramente olhava para ela. O romance terminara em chamas e uma profunda amizade nascera das cinzas, mas tanta coisa acontecera desde então. Teria ele sabido do seu noivado, como terminara, do pedido de guarda e dos rumores de insanidade? Se não soubesse, não tardaria a saber.

Se ao menos conseguisse mover os músculos. Se ao menos conseguisse pegar em Jay-Jay e esgueirar-se para fora da igreja. Precisava de tempo em privado para se recompor. Ray estava vivo. E agora? Estaria interessado em renovar a amizade? Mas ela amava-o e ele acabaria por perceber. O seu amor encontrava-se à superfície, onde nenhuma atuação poderia escondê-lo.

Quando Ray terminou a sua história, desceu do púlpito para um enxame de familiares e amigos.

Betty agarrou no braço de Helen, o que lhe descolou a mão da boca.

– Não estás feliz?

Os lábios de Helen pareciam dormentes por causa da pressão.

– Estou... estou satisfeita pela família dele.

– Pela família dele? Então e tu?

– Eu? É demasiado tarde – sussurrou ela.

No meio do corredor, Ray abraçou Mistress Anello, mas o seu olhar varreu a congregação e fixou-se em Helen.

– Estás a ver? – disse Betty. – Não o ouviste gritar, « Parem o casamento » ?

Helen virou-se para a irmã. Tinha uma vaga memória de um oficial entrar a gritar sobre um casamento, mas, quando percebera que era Ray, tudo isso se desvanecera.

– Aquilo... não tinha nada a ver comigo.

– Balelas. Quem mais tinha um casamento planeado? Ele queria impedir-te de casares com o Vic. Tal como nos filmes. Não é tão romântico?

– Não podia ser. Devia tratar-se de uma piada. – O Ray não era o tipo de pessoa de

interromper um casamento... mas também não era o tipo de pessoa de fazer aquelas partidas. Claro que ela também não pensava que ele fosse capaz de roubar um avião. Quem era aquele homem?

– Bem, ele vem nesta direção. Podes sempre perguntar-lhe.

Ray atravessou em direção ao corredor lateral, o seu olhar fixo nela.

Não. Tinha de sair dali e recompor-se, rezar e perceber o que fazer. Helen levantou-se e agarrou a mão de Jay-Jay, mas Betty bloqueou-lhe a saída.

– Ray! Aqui. – Betty acenou-lhe e abraçou-o. – Meu Deus, a tua mãe tem de te engordar.

– Podes crer. – Virou-se para Helen, um braço ligeiramente estendido num convite subtil para um abraço, mas não avançou. E Helen também não.

Ela era uma jarra de porcelana. Um toque de Ray e quebrar-se-ia.

Até o seu sorriso simpático ameaçava quebrá-la.

– Olá, Helen.

– Não posso... não posso...

– Eu também mal posso acreditar – disse ele encolhendo os ombros. – Então, parece que tenho de te dar os parabéns.

– Os parabéns? – Observou-lhe o rosto, mas o seu sorriso simpático não revelou nada.

– Tu e o Vic? Para que data?

Os olhos de Helen abriram e fecharam várias vezes. Ele pensava que ela ia casar com Vic. Teria Betty razão? Fora por isso que ele entrara aos gritos? Para impedir o casamento?

– Não soubeste – declarou Betty. – Ela terminou tudo com o Vic, graças a Deus. Não ias acreditar no que ele fez.

Helen deitou à irmã um olhar indignado.

– Não é correto coscuvilhar.

Betty colocou a mala ao ombro.

– Ela também nunca o amou. Só aceitou casar com ele para sair da casa dos Carlisle e quem pode culpá-la depois do que Mister Carlisle fez?

– Betty, por favor. Nada de coscuvilhices.

– Não é coscuvilhice. É a verdade.

– Oh, Helen. – Ray olhou para a face dela, a sua voz baixa e rouca. – Foi ele que fez isso?

Levou a mão à cara, mas logo a desviou. Já chegava de atuações.

– Foi por isso que saí de lá. Parto amanhã para Washington DC. Era para ter ido hoje, mas...

Um dos cantos da boca de Ray elevou-se.

– Então era isso que a Allie queria dizer com « mesmo a tempo» .

– Como? – disse Helen.

Jay-Jay puxou pela perna das calças de Ray e este aga-chou-se.

– Olá, *munchkin*. Cresceste muito.

Jay-Jay abriu a boca.

– Tinhas razão, mamã.

– A tua mamã tem sempre razão, nunca te esqueças disso – declarou Ray. – Trouxe-te uma coisa da Alemanha. Dou-ta mais tarde.

Helen deixou cair o queixo.

– Trouxeste lembranças?

O riso de Ray fez-lhe cócegas por dentro.

– Foi a única. Bem, e o avião, o manual, e o uniforme da Luftwaffe. Embora o meu desejo seja enviar a farda do Johannes para a sua família.

Jay-Jay balançava numa perna como um flamingo.

– Porque foi que Jesus não te quis?

Ray fitou Helen com um olhar interrogativo.

– Disse-lhe que... tinhas ido ter com Jesus. – A voz dela cedeu.

Fitou-a com uma compaixão de fazer tremer os joelhos e depois voltou a sua atenção para Jay-Jay.

– Desculpa, *munchkin*. Acabei por não ver Jesus. Ele ainda tinha planos para mim aqui na terra.

Olhou para Helen. Os seus olhos brilhavam de esperança, mas havia também neles muitas interrogações.

Helen não conseguia respirar e agarrou-se ao banco. Ele ainda gostava dela.

Mrs. Novak percorreu o corredor numa grande agitação.

– Ray, como foram capazes... os três em casa, e a Ruth também, e nem sequer um telegrama para nos avisar.

Ray ergueu-se e colocou um braço em redor da cintura da mãe.

– E perder esse olhar na tua cara?

Ela deu-lhe uma palmada na barriga.

– Seu maroto. Ainda bem que eu tinha uma receção planeada lá para casa depois do serviço religioso. Temos bem mais do que a vitória para comemorar.

A receção? Era mesmo o que ela precisava. Trabalhar – não para a curar ou tornar meritória, mas para a ajudar a entender as suas emoções.

– Mistress Novak, se quiser, eu posso começar já a tratar das coisas.

– Fazias isso? És um amor.

Helen pegou em Jay-Jay pela mão e avançou pelo corredor.

– Helen – chamou Ray. – Preciso de falar contigo.

Ela acenou e sorriu.

– Vejo-te na festa.

Betty pediu à irmã que esperasse, mas Helen estugou o passo a uma velocidade que a irmã grávida não conseguia acompanhar. Betty faria perguntas demasiado diretas com as quais Helen não saberia lidar, não com o olhar sonhador de Ray a turvar-lhe a mente.

Sim, sonhador. O olhar de um homem que não queria renovar a amizade que os unia, mas o romance. Pensar na sua bondade tecida com um novo fio de valentia, pensar no homem que amava a retribuir o seu amor – provocava o caos no seu coração.

O avô Novak mudou de posição no sofá da sala de estar.

– Vá, rapaz, conta-nos de novo como rebentaste com aquele carro-tanque.

Os homens reformados reunidos em volta de Ray anuíram em concordância.

Ray lançou-se novamente na sua história. Lá se ia a ideia de a contar apenas uma vez.

A casa pulsava de atividade. Na salinha, Walt e Jack martelavam à vez no piano enquanto as crianças dançavam. Por vezes, os guinchos de Jay-Jay elevavam-se acima das conversas e das gargalhadas dos presentes. O mais provável era ele já não dizer *danta*.

Helen saiu da cozinha com uma bandeja, trocou-a por outra que se encontrava sobre a mesa da sala de jantar e regressou à cozinha abrindo a porta com um engraçado movimento da anca.

Estava a evitá-lo. Ou tinha tornado o seu amor demasiado óbvio e ela não pretendia correspondê-lo, ou estava a utilizar o trabalho como forma de lidar com os seus sentimentos. Ray tinha de descobrir qual das opções estava correta e depressa. Não a deixaria sair da cidade no dia seguinte a menos que tivesse a certeza que ela não estava interessada nele.

Algo nos seus olhos quando haviam falado na igreja lhe dissera que havia ainda algum interesse.

Terminou a história de forma apoteótica e os homens riram e bateram com as mãos nos joelhos.

Qualquer um deles teria apreciado mais as suas aventuras do que ele.

Ray inclinou-se para a frente no cadeirão.

– Peço desculpa, cavalheiros. Preciso de mais café.

Allie passou com uma pilha de pratos.

– Eu trago-te outra caneca de café.

Fora assim que tudo se passara na última hora e meia. Toda a gente lhe trazia comida e bebida, encurralando-o em história atrás de história.

Já chegava. Ray levantou-se.

– Preciso de esticar as pernas.

Entrou na cozinha e gemeu. Helen e outras quatro mulheres andavam atarefadas de um lado para o outro. Como iria conseguir apanhá-la sozinha?

Helen arquejou.

– Oh, meu Deus. Deixámos acabar alguma coisa?

– Não. Pensei que... apetecia-me um pouco de leite. – Tirou um copo do armário e abriu o frigorífico. Como iria conseguir afastar as outras mulheres?

– Devias descansar. Vai sentar-te. Eu levo-te o leite. – Estendeu o braço para a garrafa.

Ray deitou o leite para o copo.

– Já sou crescido. Sou capaz de me servir.

Ela encostou a anca ao balcão e sorriu.

– Não podes evitar a festa para sempre.

Deu um gole no leite e arqueou as sobrancelhas.

– Nem tu.

Helen abriu a boca e semicerrou os olhos.

– Ruth, querida, porque não acompanhas o teu doente de volta para o seu lugar de honra?

Ruth pegou-lhe pelo cotovelo e conduziu-o para fora da cozinha.

– Foi a forma educada que ela arranjou para te dizer que estás a atrapalhá-la. Sempre atarefada, não é?

– Atarefada em evitá-lo, mas esboçou um esgar. Havia ainda algo entre eles e planeava aticá-lo.

Ruth acompanhou-o até ao cadeirão.

– Senta-te e descansa. Ordens da enfermeira.

– Sim, senhora. – Ray sentou-se, bebeu o leite de um gole só e voltou a levantar-se. – Estava bom. Vou buscar mais.

– Ai isso é que não vais. Eu vou.

– Espera. É o teu primeiro dia aqui. Não devias estar com o Jack, a conhecer os amigos dele? Pede à Helen que traga o leite.

Ruth observou-o com um pequeno sorriso.

– Pensei que o Jack é que era o manipulador da família.

– E é. Eu sou o bonzinho.

– Ai, ai. Nenhum de vocês tem remédio. Eu vou pedir-lhe que te traga o leite.

Ray acomodou-se novamente no cadeirão e ficou a ouvir a discussão sobre o motim na prisão de Alcatraz que exigira a intervenção dos marines. Como se eles não tivessem já uma guerra em mãos.

Helen apareceu vinda da cozinha com uma garrafa de leite. Parou frente a Ray com as sobranceiras arqueadas.

– Chamou?

– Sim, senhora. Podes dar-me mais leite? – Segurou o copo em baixo para que ela fosse obrigada a aproximar-se.

– Estamos cheios de sede. – Helen inclinou-se para o servir e os seus caracóis loiros roçaram-lhe os ombros.

– *Hum-humm*. – A vontade dele era meter os dedos dentro daqueles caracóis e puxá-la para o seu colo para um beijo prolongado. – Marta, Marta.

Ela parou e fitou-o com aqueles olhos deliciosos.

– Marta?

Já não queria leite. Ansiava por chá e em grandes quantidades.

– Senta-te aqui e conversa com o teu irmão Lázaro.

Helen endireitou as costas e sorriu.

– Não, obrigada. Lembras-te do que disse Marta depois de Jesus ter ressuscitado o seu irmão? Lázaro tresandava. – Agitou a mão frente ao nariz e virou-lhe as costas.

Os homens riram e bateram nos ombros esqueléticos de Ray. Este sorriu como um tolo, mas pouco se importava. Ainda havia algo entre eles e planeava reclamá-lo. Levantou-se e colocou o copo do leite sobre a mesinha do café.

– Peço desculpa, cavalheiros, mas tenho uma missão importante para cumprir.

As mãos de Helen tremiam ao colocar uma mancheia de morangos na tábua da cozinha. A brincadeira com Ray havia-a esgotado.

Respirava com dificuldade e abafou um soluço, consciente das outras mulheres presentes na cozinha.

Era demasiado para ela, demasiado para um dia só – Ray vivo e em casa e interessado nela. A atração mútua era palpável e já quase conseguia sentir o sabor dos beijos dele. Todavia, se ele lhe tocasse, ela transformar-se-ia numa idiota.

E depois? Já não queria sair da cidade, mas Ray reclamaria o seu quarto de volta e para onde iria ela viver? E se ficasse não iria toda a gente pensar que ela ansiava por Ray? E se ele não estivesse interessado nela de forma romântica? E se ela tivesse entendido tudo mal?

Mas não. Ele queria impedi-la de casar com Vic. A forma como olhava para ela, a forma como a provocava, a forma como apelava à sua atenção – era demasiado maravilhoso.

Helen ergueu a faca por cima dos morangos, mas esta tremeu num borrão prateado e pousou-a de imediato. Não estava em condições de usar uma faca.

A porta da cozinha escancarou-se. *Meu Deus*, era Ray de novo.

– Com a vossa licença, minhas senhoras. – Atravessou a cozinha, abriu a porta que dava para o quintal das traseiras e fitou Helen. – Já que não te queres sentar e falar comigo, vamos lá para fora. Com o ar fresco não darás conta do meu odor corporal. – Piscou-lhe o olho.

Esmagada pela força do seu humor e da sua determinação, Helen teve de se apoiar ao balcão da cozinha.

– Vai, Helen. – Esther empurrou-a pelas costas.

Betty colocou uma mão onde costumava ser a sua anca.

– Se não fores, arrastamos-te até lá.

– Não é preciso recorrer à violência. – Helen desatou o avental e colocou-o sobre a bancada da cozinha. Dirigiu-se para a porta como se aquela fosse uma conversa banal, uma ocorrência diária, mas, ao passar pelo calor corporal de Ray, atravessou outro limiar – da claustrofobia das expectativas e das atuações para a vida genuína, aberta e verdejante.

Obrigou-se a respirar ao atravessar o relvado ao lado de Ray.

Junto à vedação, Ray virou-se para ela – terno, alegre e em silêncio.

Helen desviou o olhar para as árvores e para o céu por cima da sua cabeça.

– Está uma tarde linda.

– Linda. – Mas ele não estava a olhar para o céu, nem para as árvores, apenas para ela.

Aquilo não podia estar a acontecer. Como podia ele estar vivo? Como podia olhar para ela daquela maneira? Como podia estar ali tão próximo? Tão próximo que conseguia tocar-lhe.

– Todos querem falar com o morto. Todos menos tu. Mas não podes evitar-me para sempre.

– Não estou...

Ele inclinou a cabeça.

– Tens razão, estou. Mas é tanta coisa... tanta emoção. Acho... acho que a alegria pode ser tão incapacitante quanto a dor.

– Então estás feliz. – O seu olhar queria saber muito mais.

– Muito. Mas... mas ainda não acredito que estejas vivo.

– Então tens de te habituar. Não vás para Washington. – O seu olhar prendia-a com a suavidade da flanela e a força do aço.

– Não vou – disse ela com uma voz oscilante.

– Ótimo. – Aproximou-se e algo no cinzento dos seus olhos pegou fogo, um fogo que ela nunca mais pensara voltar a ver. Passou-lhe os dedos pelo cabelo, pela nuca. – Quero-te aqui comigo. Sempre.

O toque quente da sua carne viva percorreu-a e os seus joelhos tremeram. Mas Ray abraçou-a e encostou os seus lábios aos dela. E a antiga paixão regressou, acesa por uma nova chama.

Tudo rodopiou na cabeça de Helen, todas as suas emoções e planos, tudo o que pensava saber acerca de Ray e sobre ela própria. Gostava dela tanto quanto antes, se não mais.

Uma nova força cresceu dentro dela e segurou-lhe as pernas. Acariciou-lhe as costas, os ombros, o rosto – magro mas vivo. E dela. Pertencia-lhe.

Ray soltou-a e fitou-a com determinação.

– Amo-te. Amo-te muito e não te deixarei fugir. Vais para Ohio comigo. Tu e o Jay-Jay. O Walt e a Allie também lá estarão. Vamos arranjar-te um quarto e um emprego e talvez a Allie possa tomar conta do Jay-Jay enquanto tu trabalhas. Até estares pronta para casares.

Com aquelas palavras, Ray apagou o que seria um futuro sombrio e um novo futuro brilhou com a luz do seu amor. O seu amor! Ele amava-a.

– Está bem.

– Nada de argumentos. Amo-te e não vou deixar-te escapar.

– Não estás a ouvir, querido. – Acariciou-lhe o contorno do rosto. – Eu disse que sim.

– Disseste que sim?

– Disse que sim.

– Sim, vais para Ohio, ou sim, casas comigo?

– Ambos. – Beijou-o levemente nos lábios. – Estou profundamente apaixonada por ti, Raymond Novak e já há muito tempo que é assim.

Ray pestanejou.

– Estás? Desde quando?

Helen colocou-lhe os braços em redor do pescoço e depositou-lhe uma série de beijos na face.

– Desde que tiraste flores do meu cabelo o ano passado, desde que me salvaste do acidente de bicicleta quando tinha dez anos, desde que jogaste damas comigo quando tinha poliomielite... é difícil dizer. Creio que deves ter sorrido para mim quando era bebé e deve ter começado nessa altura.

– Uau. Mal posso... mal posso acreditar.

– *Humm*. Parece-me que precisas de ser convencido. – Envolveu-o num beijo profundo e prolongado. – E agora, já acreditas em mim?

Ele mostrou-lhe o sorriso tonto que ela tanto adorava.

– Mais alguns beijos como este e poderás convencer-me.

Helen riu e Ray riu também, e beijou-a, e as suas gargalhadas e beijos misturaram-se como os pontos de um lenço de lã, atado em volta deles, unindo-os para sempre.

Ray escondeu a cara no pescoço dela.

– E quando queres casar?

Os beijos dele deixavam-na tonta.

– Em breve.

– Hoje, então. Ou amanhã, se insistires num noivado prolongado.

Helen soltou uma gargalhada.

– Conheço um pastor. Talvez ele esteja disponível.

Ele riu.

– Tenho alguma influência sobre ele. Talvez possa convencê-lo a desistir dos noivados longos que tanto defende.

– E o Jay-Jay? Talvez devêssemos esperar um pouco e dar-lhe tempo para se habituar à ideia.

– Sim, tens razão. E eu preciso de colocar alguma carne nestes ossos. Não vais querer casar com um espantalho.

– Não. – Passou-lhe os dedos pelos cabelos negros e macios. – Vou casar com Sir Raymond, o meu herói e o amor da minha vida.

Ele engoliu com força.

– Nunca pensei dizer isto, mas valeu a pena.

Helen encostou-se mais a ele e aspirou o seu aroma. A dor do ano anterior não se evaporava no calor do seu amor – e ela também não o desejava, pois era isso que tornava aquele amor possível.

– Sim, valeu a pena.

Antioch

Sábado, 8 de setembro de 1945

O pastor Novak pousou a mão no ombro de Ray.

– Tens a certeza que queres ser pastor?

Ray soltou um riso abafado e encheu duas chávenas com o ponche especial do casamento que a mãe preparara, uma para si e outra para a sua noiva.

– Sim, sempre tive.

– Não tens de ser, se não quiseres.

O avô Novak tirou uma maçã da fruteira que enfeitava a mesa da sala de jantar.

– Pelo amor de Deus, John. Primeiro queres que todos os teus filhos sejam pastores, agora não queres que nenhum...

– Só quero que ele faça o que gosta.

– Quero ser pastor. – Ray mirou o pai com um olhar ameaçador. – E não tentes impedir-me. Principalmente no dia do meu casamento.

O pai riu e deu uma palmada nas costas de Ray.

– Vai ter com a tua mulher.

– A minha mulher. – Saboreou as palavras, dirigiu-se para a sala de estar... e estacou.

– Sou um jato. Apanha-me. – Jay-Jay passou a correr à frente dele com os braços estendidos.

A pequena Judy Anello e Susie Wayne seguiam-no.

– Eh, lá. – Ray sorriu para o seu enteado. Para o seu filho. Não podia estar mais orgulhoso dele mesmo se fosse seu filho. Ray sentia-se satisfeito por Deus o ter chamado para uma igreja em Martinez, a menos de trinta quilómetros de distância, permitindo a Jay-Jay crescer perto da família.

A farda da Força Aérea do Exército assentava-lhe bem nos ombros, mas não iria sentir-lhe a falta assim que fosse dispensado. O que não tardaria a acontecer dada a rendição dos japoneses.

– Que pena não poderem ficar mais tempo. Acabaram de chegar de Ohio – dizia Betty Anello para Allie Novak sentada ao seu lado no sofá da sala.

Allie balançava Frankie no colo.

– A Boeing quer o Walt em Seattle.

– E precisamos de passar os últimos dias em Riverside. – Walt passou o braço por cima dos ombros da mulher. – Conheci finalmente os amigos da Allie. O Cressie e a Daisy... que personagens.

– E também consegui conhecer a Eileen Kilpatrick

Ray fez um aceno de cabeça para Walt.

– A viúva do teu amigo Frank, certo?

– Certo. Ela está bem. Trabalhava na linha de montagem do *Vega* da Lockheed e apaixonou-se pelo chefe. Vão casar no próximo mês.

Betty encostou o seu bebé ao ombro.

– Adoro estes finais felizes. Até com os pais de Allie.

Allie e Walt sorriram um para o outro.

– Não sei se lhe chamaria um final assim tão feliz – comentou Allie. – Mas foi um avanço.

Walt piscou o olho ao filho.

– Não precisamos de um ramo de oliveira quando temos o bebé mais querido do mundo.

Ray sorriu.

– Quem seria capaz de bater com a porta numa cara tão bonita?

– Nem mesmo os meus pais. – Allie limpou baba do queixo de Frankie. – Foi uma receção fria, mas fomos recebidos. É um bom começo.

Ouviram-se gargalhadas vindas da salinha.

– Desculpem – disse Ray. – Vou procurar a minha mulher.

– A tua mulher? – repetiu Walt. – A sério? Ela é a tua mulher? Só disseste essa palavra umas mil vezes hoje.

Ray fez uma careta ao irmão.

– O dia ainda é jovem e a minha *mulher* está à espera. – Transportou as chávenas de ponche até à salinha.

Jack encontrava-se sentado ao piano a tocar «Till the End of Time» e Ruth estava sentada ao lado no seu vestido de noiva. Uma vez que tanto Helen como Ruth queriam um casamento pequeno, haviam optado por uma cerimónia dupla para limitar a confusão.

– Ei, Ray – chamou Jack – Tens a certeza que não queres fazer carreira militar, vir para o deserto comigo e testar jatos?

Ray apoiou o cotovelo na mancha de tinta na tampa do piano que lhe tinha valido uma tarefa mas que lhe salvara a vida.

– Tens a certeza que não queres seguir o sacerdócio e escrever sermões comigo?

Jack deixou escapar uma gargalhada.

– Pois, logo vi que não.

Ruth encostou-se ao ombro do marido, agora decorado com águias prateadas.

– Vou ter de te manter na linha... coronel.

– Isso é certinho. Ainda não acredito que me promoveram apesar de não ter chegado a pilotar o B-29 em combate.

Ray fez estalar a língua.

– Maldita rendição... pôs um fim à guerra e acabou com a tua diversão.

– Oh, vou ter muito com que me divertir na Base Aérea de Muroc.

– O deserto do Mojave. Estou tão contente. Acham que ainda há por lá índios e cobóis? – A irmã mais nova de Ruth, Maggie, uma pernuda de treze anos, dançava com Jay-Jay. Uma vez que os outros irmãos de Ruth estavam de serviço ou em Chicago, apenas Maggie pudera representar a família Doherty.

– Aviadores sim, cobóis não – disse Ruth.

– Que pena. – Maggie não parava de falar em deixar Chicago para ir viver com Jack e Ruth. Abraçou Jay-Jay. – Podemos levá-lo connosco? Ele é tão querido.

– Lamento, mas ele vai comigo – declarou Ray. Contudo, o olhar adorador no rosto de Jay-Jay mostrava que ele preferia ir para o deserto californiano com Maggie. – Ei, não fiques com ideias,

rapaz. Dois casamentos num só dia é suficiente.

Jackriu.

– Ei, ele pode casar ao mesmo tempo que o Charlie e a May, em dezembro.

– Nem pensar. Recuso-me a consentir tal coisa antes do miúdo fazer cinco anos. – Ray olhou em redor. – E por falar em casamentos, alguém sabe da minha mulher?

Ruth sorriu.

– Já viste na cozinha?

– A mãe, a avó correram com ela, mas não foi fácil. – Ray deambulou para fora da saleta.

Apesar da provocação, Helen havia acabado por desenvolver um bonito equilíbrio entre a diligência de Marta e a fé de Maria. A sua nova igreja tinha um grupo de senhoras um pouco moribundo, mas isso não iria durar muito, pois Helen não tardaria a dar-lhe um nova vida.

A voz grossa do Dr. Jamison ressoava ao fundo do corredor e Ray seguiu-a até ao estúdio do pai.

– Que pena a tua amiga Esther não poder estar presente. Gostaria de a conhecer.

– Eu sei. Mas a sua última carta trazia boas notícias. A Marinha reduziu as sentenças dos homens para dois a três anos, com um ano já cumprido. Acreditamos que eles serão discretamente libertados em breve, agora que a guerra terminou. – No estúdio, Helen encontrava-se sentada no cadeirão do pastor Novak, mais bonita que nunca no seu fato creme e com a aliança no dedo.

Ray sentiu um nó na garganta. Desistira do sonho de ter uma mulher e filhos e uma igreja e agora a plenitude desse sonho estendia-se à sua frente, mais rico e mais vibrante uma vez que fora perdido e depois recuperado.

– Querida! – O rosto dela brilhou. – Estás aqui.

Podia o sorriso dele ser mais largo e mais apalermado? Provavelmente não.

– Trouxe-te ponche.

O ponche escorreu pelo braço do cadeirão e Helen pôs-se de pé de um pulo.

– Ups! Dá-me o teu lenço.

– A culpa foi minha. A beleza da minha noiva distraiu-me. – Colocou as chávenas na secretária do pai, tirou o lenço do bolso e limpou o líquido entornado. – Podias ter usado o teu lenço.

– Nem pensar. – Levou a mão ao bolso do peito que albergava o pano quadrado de para quedas que Ray planeara usar como bandeira branca, agora costurado e bordado com as iniciais do casal e a data do casamento.

Ray sentou-se no cadeirão e puxou Helen para o seu colo.

– É especial?

– Muito.

Ela mirou-o com um olhar tão sonhador que ele teve vontade de a beijar e carregar ao colo escada acima.

Mrs. Jamison levantou-se.

– Anda, Henry. Vamos dar alguma privacidade aos noivos.

O Dr. Jamison pegou na mão de Helen e cravou os olhos em Ray.

– Trata-a bem – disse num rugido.

– Vou amá-la por toda a minha vida.

A expressão dele suavizou-se.

– Eu sei que sim, filho. – Depois entregou a mão da filha a Ray, o seu coração e a sua vida.

A força de Helen ficou visível na posição do seu queixo, para Ray desfrutar, e a sua vulnerabilidade apareceu no brilho dos seus olhos, para Ray proteger.

Encostou-lhe a mão ao coração.

– Por toda a minha vida.

Quanto mais escrevo, mais compreendo que um romance é um projeto de grupo. Por razões que desconheço, é o meu nome que aparece na capa, mas muitos outros mereciam lá estar.

O meu marido, Dave, mantém o lado doméstico do negócio a funcionar e o seu amor é fonte de inspiração diária. Os nossos filhos, Stephen, Anna e Matthew adaptaram-se à esquisitice de terem uma autora em casa – restos à hora das refeições, ir buscá-los tarde à escola, e as mães dos amigos a pedirem-me autógrafos – que embaraçoso! Amo-vos.

Um agradecimento especial aos meus pais, Ronald e Nancy Stewart, e à minha irmã, Martha Groeber, por uma vida de encorajamento e amor. Escrever este romance fez-me apreciar ainda mais os meus maravilhosos sogros, Carl e Diane Sundin.

Pelo crescimento enquanto escritora, estou em dívida para com o corpo docente da Mount Hermon Christian Writers Conference, os membros da American Christian Fiction Writers, da Christian Authors Network e do Diablo Valley Christian Writers Group (Kathleen Casey, Ron Clelland, Carol Green, Cynthia Herrmann, Rebekah e Ruth Kronk, Susan Lawson, Marilyn Lindahl, Georgia Sue Massie, Paula Nunley, Evelyn Sanders e Linda Wright). O meu profundo agradecimento vai também para Judy Gann, Bonnie Leon, Marci Seither, Ann Shorey e Marcy Weydemuller. E um agradecimento especial a Marcy, a minha caixa de ressonância.

Estou profundamente grata ao pessoal da Biblioteca Pública de Antioch pela ajuda na pesquisa e pela forma paciente como me explicaram – mais que uma vez – a usar a máquina de microfilme para ler o *Ledger* de Antioch. Obrigada a Rick Acker e a Nicklas Akers pela ajuda com o sistema legal militar. Quaisquer erros são inteiramente culpa minha. E peço desculpa por denegrir a vossa nobre profissão. Um agradecimento especial a Sam Allen por me emprestar os seus conhecimentos de aviação militar e o seu olhar atento na revisão do manuscrito. Também gostaria de agradecer à Collings Foundation e à Experimental Aircraft Association. Sem a oportunidade de conhecer o interior de um *B-17* restaurado, as minhas histórias teriam ficado bem mais pobres.

O Teatro El Campanil aparece na capa deste livro. Pode saber mais sobre o seu restauro e sobre o programa em www.elcampaniltheatre.com.

Oração – a minha garrafa de oxigénio. Obrigada aos amigos da igreja e ao meu pequeno grupo por me ajudarem.

Ainda fico emocionada por usar as palavras «a minha agente» e «a minha editora» e não podia ter sido abençoada com pessoas melhores. A Rachel Kent da Books & Such Literary Agency tem-me guiado no processo de escrita e no desenvolvimento da minha carreira, e serei sempre grata a Vicki Crumpton na Revell por apostar numa autora desconhecida. A equipa da Revell transforma o processo de publicação numa alegria. Obrigada ao pessoal maravilhoso do *marketing*, da publicidade, do *design* e das vendas por apoiarem tão bem uma autora novata.

O maior de todos os agradecimentos vai para Deus, que me ajuda a deixar o medo para trás e a avançar com força e coragem. Que também vocês possam encontrar coragem na sua presença.

Agradeço a si, caro leitor, por se juntar a mim e aos irmãos Novak nesta aventura. Visite o meu *site* em www.sarah-sundin.com, deixe-me uma mensagem, assine a minha *newsletter* e veja o diagrama de um *B-17*. Adoraria saber o que tem para me dizer!

Table of Contents

Ficha Técnica

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[47](#)

[48](#)

[Agradecimientos](#)